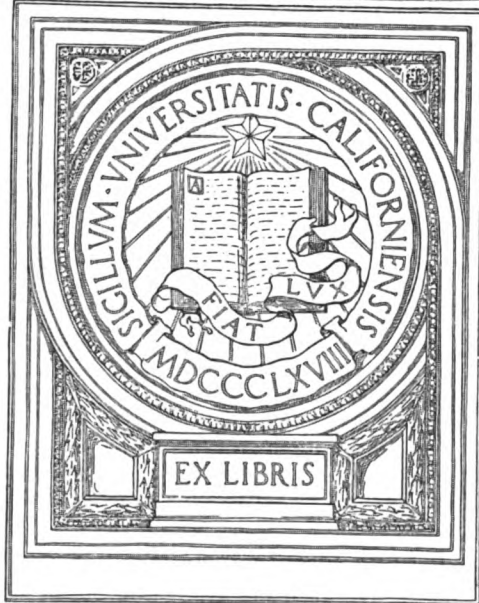


UC-NRLF



QB 55 196

GIFT OF
JANE K. SATHER



K. C. Pato



L,

CAPUCHINHOS EM TERRAS DE SANTA CRUZ



P. Fr. Fidelis M. de Primerio O. M. C.

CAPUCHINHOS **em Terras de Santa Cruz**

nos seculos XVII, XVIII e XIX



Apontamentos Historicos

SÃO PAULO, 1937
PRINTED IN BRAZIL

Digitized by Google

SATHER

Visto e aprovado

São Paulo, 22 de Outubro de 1936

FREI MANOEL DE SERENHANO, O. M. C.

Sup. Regular

COM LICENÇA da
Auctoridade Archidiocesana
São Paulo, 28-X-1936

Capuchinhos

EM TERRAS DE SANTA CRUZ

PROEMIO

O descobrimento do Brasil, que a historia humana classifica entre os acontecimentos devidos ao acaso — por se haver visado tão sómente o evitar as morosas e doentias calmarias da costa da Africa — foi obra da ineffavel Providencia de Deus, a qual houve por bem aproveitar-se dos homens destinados á defesa do commercio na India, e da propagação da fé naquella região, para, mediante os mesmos, lançar os primeiros clarões de luz evangelica ao grande paiz brasilico, havia tanto tempo sepultado nas trevas e nas sombras da morte.

Aos mil e tantos destemidos navegantes, que, junctamente com el-rei D. Manoel e toda a corte, no dia 8 de março de 1500, tinham ido á ermida de Belem, implorar as mercês de Deus e o amparo da Virgem do Rastêlo, Deus traçou habilmente o roteiro a seguirem, encarregando as correntes oceanicas, até então desconhecidas, de levar-os a terras não consignadas nos mappas humanos, mas que, havia seculos, estavam abrigadas paternalmente no immenso coração divino e delle reclamavam os communs beneficios da Redempção.

Pedro Alvares Cabral, a 21 de abril, advinhou a existencia de novas terras, que em seguida ponde afortunadamente ajunctar aos magnificos territorios da conquista portuguesa; no dia 26 do mesmo mez, uma santa missa celebrada pelos missionarios que acompanhavam a expedição, implantou em nossa terra o primeiro marco milliaro da conquista dessas gentes ao Evangelho e á Igreja de Christo.

Não podemos hesitar em dizer que maior gloria e felicidade trouxe ao Brasil a cruz dos missionarios, do que a bandeira dos conquistadores portuguezes. Nem nos é licito duvidar de que a religião tem sido na historia da civilisação brasileira, um dos optimos factores, si não quizermos dizel-o o optimo: a religião soube muito bem acarinhar em seu seio materno o elemento portuguez que nos mandava a metropole, o elemento negro que importavamos das terras africanas, e o elemento aborigine, os selvicolas, e dos tres formar-nos a gente da terra de S. Cruz.

Aos missionarios de Christo o Brasil deve immensamente.

Os missionarios capuchinhos demandaram nossas plagas varias vezes. No primeiro quartel do seculo XVII, tivemos um ensaio missionario dos capuchinhos parisienses. Na segunda metade do mesmo seculo, os bretões aportaram casualmente ao nosso litoral, e comnosco se detiveram até o fim do seculo. Simultaneamente, os capuchinhos italianos das missões congolezas faziam-nos frequentes e demoradas visitas, até que um dia, nos começos do seculo XVIII, assentaram suas tendas, definitivamente, em terras brasileiras e nellas se mantiveram vigorosos até o terceiro decennio do seculo seguinte. Quando estes nossos hospedes ameaçavam desaparecer, surge-nos a missão official dos capuchinhos — conseguida pelo governo imperial — que vae até o advento da republica, e alli recebe os novos enxertos das missões confiadas a varias provincias religiosas da Italia.

Este é o ligeiro esboço que pretendemos desenvolver, apoiado em documentos e obras que nos vieram ás mãos, depois da nossa collaboração em trabalho semelhante, publicado em 1929, trabalho que *aqui corrigimos e rectificamos em varios pontos.*

O Brasil missionado

MISSIONARIOS FRANCISCANOS

Os franciscanos que herdaram do Seraphim de Assis o espirito missionario (*) — aliás espirito inteira e fundamentalmente evangelico — foram os alviçareiros da Boa Nova nas paragens brasileiras.

Os discipulos de Francisco acompanharam os conquistadores ás Indias: de viagem para essas terras tiveram occasião de missionar os Açores, a Madeira, Marrócos, Cabo Verde, a Guiné, o Congo, Angola, a Ilha de S. Thomé, e Moçambique. O Brasil entrou na lista dessas missões franciscanas: os evangelizadores vieram de conserva com os colonizadores e donatarios das capitancias. Quando em 1500, Pedro Alvares Cabral, em sua viagem em redor da Africa, rumo para as Indias Orientaes, descobriu o Brasil, e delle tomou posse em nome de Portugal — vinham em sua companhia oito religiosos, Menores Reformados, da Provincia franciscana de S. Antonio de Portugal, sob a chefia do P. Frei Henrique de Coimbra. Este no dia de Paschoela, 26 de abril, celebrou a primeira missa, em sólo brasileiro, em Porto Seguro, e tornou a celebrar o santo Sacrificio, no dia 1.º de maio, ao pé de uma grande cruz, erguida no continente, a fim de se tomar posse da terra para a côroa de

(*) Vide: Encyclica "Rito expiatis" de S. S. Pio XI; e "Italia Francescana" anno 1927, pag. 93 e seg.

Portugal. Frei Henrique tivera alli deixado metade de seus irmãos de habito, si Cabral, em nome d'El-rei não dissentira. (*).

Em 1503 fundeou em Porto Seguro uma nau portugueza, em que vinham dous missionarios franciscanos; prégarão dous annos; chegaram a levantar uma igreja e a erguer duas pequenas casas. Morreram em 1505, num levante de Indios, e foram por estes devorados. Em 1515 outros dous frades franciscanos, estes italianos, teriam missionado em Porto Seguro, onde reedificarem a capellinha destruida; um delles morreu afogado em uma corrente de agua, a qual, por isso se teria chamado "Rio do Frade"; o outro voltou para a Italia. Em 1523 mais dous franciscanos, se estabeleceram em S. Vicente, e lá pregaram com muito fructo.

Segundo os chronistas, outros religiosos franciscanos teriam tocado estas paragens, durante a primeira metade do seculo XVI, em viagem para as Indias, e sobre tudo, quando de regresso das mesmas.

Mais alguns, em 1525, approaram na Bahia, com o Sousa, guiados por Diogo de Borba; estes catechisaram e baptisaram muitos selvagens. Muitos outros selviculas foram convertidos pelos franciscanos hespanhoes, que em 1538, sob a direcção do P. Bernardo Armenta, victimas de um naufragio, aterraram em S. Vicente, e mais tarde fundaram a missão do Rio da Prata.

Na segunda metade do seculo XVI, encontramos franciscanos a missionarem na Bahia, onde se estabeleceram em 1587; em Pernambuco haviam se estabelecido já em 1585.

As missões franciscanas, no Brasil começaram de modo estavel, em 1585, com a fundação da Custodia de S. Antonio do Brasil, pelos religiosos da Provincia de S. Antonio de Portugal. A Custodia foi elevada a Provincia em 1657; deoito annos depois, della desmembrou-se a Provincia da Immaculada Conceição, nas capitancias do Espirito Santo e do Rio de Janeiro. No Espirito Santo, salientou-se o irmão leigo, Frei Pedro de Palacios.

Pelos fins do seculo, os franciscanos tinham numerosas catecheses na Parahyba, enquanto os Menores Observantes portuguezes exerciam seu zelo apostolico no Pará e no Amazonas. Aqui se encontraram com os franciscanos hespanhões Diogo de Brieda e André de Toledo, os quaes em 1637, partidos de Quito (Equador), vieram descendo o Amazonas, e fundaram muitas estações missionarias.

A actividade missionaria dos franciscanos no Brasil, durante o seculo XVI, esporadica e isolada, não logrou muitos e estaveis resultados, por causa especialmente das crueldades dos portuguezes contra os indigenas, das perseguições dos hollandezes protestantes

(*) Frei Henrique, em 1505, foi elevado a bispo de Ceuta, e em 1528 a arcebispo de Lisboa; falleceu em Olivença a 4 de dezembro de 1530.

que infestavam os mares e a costa, e pelos desagradáveis attritos surgidos entre os religiosos das duas provincias.

Em particular, as invasões hollandezas nas conquistas portuguezas do Brasil e da Africa, em meados do seculo XVII, muito molestaram aos franciscanos, inflingindo-lhes não poucos vexames e âlguns o desterro e a morte nas mais afflictivas circumstancias — vexames que, como veremos, não foram poupados aos missionarios capuchinhos. Nestas conjuncturas, os franciscanos, como os demais religiosos, auxiliaram muitissimo as auctoridades civis da Bahia, de Olinda, do Recife, de Iguarassu e alhures, onde desenvolveram especial cuidado na assistencia aos enfermos e moribundos.

Reencetou-se essa actividade franciscana com maior fervor e com real exito, no fim do seculo XVII, em missões entre os indios e os pretos; notabilizou-se no decorrer do seculo XVIII.

Em 1733 a Provincia de S. Antonio do Brasil contava 15 conventos, 1 hospicio e 13 missões; a da Immaculada Conceição, do Rio, tinha 13 conventos, 1 hospicio e tres missões. As casas portuguezas no Brasil, por esse tempo, tinham: a Provincia de S. Antonio, de Portugal, um convento em Belem do Pará e sete missões; a da Immaculada Conceição de Portugal, um convento em S. Luiz do Maranhão, um hospicio no Grão Pará e uma missão; a Provincia de N. S. de Piedade, dois hospicios no Pará e dez missões. (*)

Infelizmente, com o numero dos religiosos não cresceu o espirito religioso e missionario, e por isto as missões franciscanas não puderam apresentar maiores resultados no campo da evangelisação.

Após a expulsão dos Jesuitas do Brasil, em força das leis pombalinas, muitas das missões cultivadas pelos heroicos filhos de S. Ignacio, foram confiadas aos franciscanos, os quaes, alem da assistencia ás proprias, desempenhavam ainda os cargos de capellães das fortalezas e dos navios.

O APOSTOLADO DOS JESUITAS

Grande e magnifico impulso receberam as missões brasilicas com a vinda dos Jesuitas. Com muita razão, e sem o menor favor, delles escreveu Alberto Lamego em a "Terra Goytacá": Os abnegados apostolos, com a conversão dos selvagens, com as escolas que estabeleceram em toda a parte, as unicas da colonia, com a pregação da verdade evangelica aos primeiros colonos perversos e criminosos

(*) Vide: "Boletim Mensal", organ da Ordem III, etc. Braga, anno XXIV (1931) pag. 341 e seg. O decreto de Joaquim Antonio de Aguiar, em 1834, que dissolveu as ordens religiosas em Portugal e seus dominios, vibrou golpe definitivo nas missões Franciscanas portuguezas.

foram os criadores da nossa civilização, e, mais ainda, os garantidores da integridade do nosso solo, quando ameaçado pela cobiça do estrangeiro ousado, sempre rechassado por elles, auxiliados pelos seus catechumenos e fieis. São admiraveis e cheios de ensinamentos os fastos da nossa vida colonial, escriptos por essa pequena phalange de religiosos". (*)

Chegaram os primeiros cinco com Thomé de Sousa, em 1549, sob as ordens do P. Manoel da Nobrega, o qual entre o mais interessou-se pela elevação da Bahia a diocese, independente da de Funchal (1551). Os indigenas merecem-lhe cuidados especiaes, paternaes, contra a ganancia e inclemencia dos colonisadores, que os queriam escravos. Em 1553 a missão constituiu provincia com estações na Bahia, S. Vicente, Porto Seguro, Espirito Santo, e depois Piratininga.

A situação já florescente dessa missão, estremeceu, quando, em 1570, quarenta jesuitas com o P. Ignacio de Azevedo, a bordo da nau "Santiago" foram aprisionados por uma esquadra franceza. commandada por um chefe huguenote, João Sorria, e lançados ao mar. Novo estremecimento, no anno seguinte: outros quatorze, depois de innumeradas peripecias maritimas, foram capturados por uma esquadrilha anglo-franceza, capitaneada pelo huguenote Capdeville, e depois foram condemnados á morte. Assim dos sessenta e quatro jesuitas recrutados pelo P. Azevedo, na Hespanha e Portugal, e que com elle haviam partido, só chegou a salvamento no Brasil, um que ficára em um dos portos visitados pela armada. (**)

No fim do seculo, porém, a missão estava em pleno florescimento. O apostolado do P. Anchieta (1553-1597), coincide com essa época.

Da relação annual 1602-1603, citada pelo P. Fernão Guerreiro, jesuita, (***) sabemos que a companhia tinha então: trez collegios e cinco casas entre brancos, e treze ou quatorze residencias em varias povoações e aldeias dos Brasis (indigenas). O collegio da Bahia com suas residencias, dispunha, de ordinario, de oitenta pessoas, entre Padres e Irmãos; no do Rio, com seus annexos, havia mais de cinquenta pessoas; no de Pernambuco, havia mais de trinta da Companhia. O escriptor acrescenta que durante trinta annos, não entraram no Brasil outros religiosos, fóra dos jesuitas.

Em 1622, os 180 jesuitas em missão no Brasil, assistiam a cerca de cem mil indigenas convertidos e a uns cem mil pre-

(*) Volume III, cap. VIII, (pag. 145).

(**) Cafanti. Compendio Hist. do Brasil. Vol. I, n. 225.

(***) Candido Mendes. Memorias do Maranhão. Vol. II Pag. 503.

tos baptisados, que trabalhavam nas fabricas, nos engenhos e na lavoura. (*)

Pouco antes da supressão pombalina, os jesuitas no Brasil contavam cerca de 450 religiosos, distribuidos, desde o Ceará até a Colonia do Sacramento, e em 9 collegios, 3 seminarios distinctos, 3 seminarios annexos aos collegios, 5 casas, 36 missões e 25 residencias. Avultavam entre as casas, o collegio de S. Salvador com cerca de 100 religiosos e o do Rio com 90. (**)

O P. Cabral, resenha os logares da missão dos jesuitas, "de cada um dos quaes irradiava, numa azafama de colmeia pujante, a pleiade de seus missionarios, nas varias epochas da historia de colonização portugueza no Brasil", e diz: "Bem podem o Brasil e Portugal ufanar-se da pleiade de religiosos, que desde 1549 até 1760, por espaço de dois seculos e um decennio, formaram a Provincia do Brasil, com a capital da Bahia; e a Vice Provincia do Maranhão, com a capital em S. Luiz.

Duas navegações celebres delimitaram a historia dos jesuitas portuguezes na America do Sul; a da armada, que em abril de 1549 aferrou á Bahia, dando-lhe o seu fundador e primeiro Governador Geral, Thomé de Souza, e com elle as primicias da Companhia no Brasil; e a das naus que largaram da Bahia em 1759 e 1760, em cujos porões, amontoados como rezes de açougue, ou fardos de mercadorias, seguiam para as enxovias de Lisbôa as victimas da tyrannia Pombalina, arrancadas ao campo de seus heroicos labores. Entre esses dois limites extremos, quantos nomes illustres enviados á grande empresa missionaria!" (***)

OUTRAS ORDENS MISSIONARIAS

Mais tarde encontrámos, a trabalharem no grande, immenso campo missionario da terra de S. Cruz, outras Ordens Religiosas. Em 1581 apparecem os Carmelitas, na Bahia. Ainda na Bahia, deparam-se-nos, depois de 1665, os Carmelitas Descalços (Theresios); em 1640, os Mercedarios no Pará; em 1662, os Oratorianos, ou congregados do Oratorio, a primeira congregação brasileira.

De envolta com esses missionarios, apparecem tambem os filhos de Francisco, pertencentes á Ordem dos Capuchinhos.

(*) Cf. J. Schmidlin. *Manuale di Storia Miss. Catt. Milano 1928* (versão) Vol. II, Pag. 130 e seg.

(**) Vide: Lamego, l. a.

(***) P. Cabral — *Jesuitas no Brasil*. S. Paulo. Pag. 73 e 84.

OS CAPUCHINHOS NO BRASIL

I.^a PARTE

TENTATIVA DE MISSÃO

As primeiras terras brasileiras missionadas pelos Capuchinhos — um dos grandes ramos da arvore franciscana, desabrochado em 1525 — foram as do Maranhão. Coube a sorte de iníciar, ou melhor tentar a evangelisação brasileira, a um grupo de religiosos da Provincia de Paris. Elles vieram de conserva com os conquistadores temporaes, mas com o nobre fito de conquistarem para o Evangelho de Christo, os selvagens das nossas regiões.

Aventureiros francezes, aportados á capitania de João de Barros, haviam conseguido grangear a benevolencia dos indios tupinambás; e, altamente encantados com as riquezas daquellas terras, foram apregoal-as ao monarcha francez, e propuzeram-lhe a fundação de uma colonia no Maranhão. O rei encarregou desta missão ao bravo capitão, de religião reformada, Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardiére, a quem prometeu o auxilio official, necessario para a empresa. (*)

O assassinio de Henrique IV, em 1610, privou a La Ravardiére do soccorro real; por isto, em 1612, apesar de protestante, fez sociedade com dois catholicos proeminentes, o almirante Francisco de Rasily, rico senhor e uma das antigas glorias de França, e o experimentado financeiro Nicolao de Harley.

Rasily, como excellente catholico que era, com toda a acquiescência de La Ravardiére, imprimiu á expedição um cunho abertamente religioso: em todas as praias onde desembarcassem, deviam com toda a solemnidade, levantar uma cruz, como tambem levariam consigo missionarios catholicos, para a propagação da fé entre os gentios.

A sociedade armou á propria custa trez navios: "Regente", "Carlota" e "Sant'Anna"; nelles embarcariam uns quinhentos homens, muitos delles protestantes.

Interessaram na empresa a Maria de Medici, então Regente do reino francez. Os trez socios foram nomeados Tenentes Generaes, em nome do Rei de França, nas Indias Occidentaes, e foi-lhes offercida pela Regente uma riquissima bandeira com as armas de França, em fundo azul celeste e, como divisa, um navio que

(*) Vide: *Ivo d'Evreux — Viagem ao Norte do Brasil* — traducção de Cesar Aug. Marques, Rio 1929. — *Viveiros de Castro*, em Revista do Instituto Hist. Geographico Brasileiro, vol. 150, pag. 254 a 285. *Galanti* — Compendio de Historia do Brasil, Tomo I, n. 287 e seg. *Southey* Historia do Brasil, Vol. II (Rio 1862).

levava a rainha no leme e o jovem rei na proa; este empunhava um ramo de oliveira, recebido das mãos daquella, com o mote: "Tanti dux femina facti".

A seus rogos, a Regente, em 20 de abril de 1611, escreveu ao Provincial dos Capuchinhos a Pariz, o P. Frei Leonardo de Paris, então residente no convento de S. Honorato, a pedir-lhe com muito empenho designasse quatro de seus religiosos para irem fundar, um convento da Ordem na Ilha do Maranhão. Interpellado o Geral, P. Frei Jeronymo de Castelferreti (*) sobre o pedido regio, este conferiu plenos poderes, para o caso, ao Provincial de Paris.

O P. Frei Leonardo leu a carta da Regente, aos seus frades reunidos no refeitório. Um santo enthusiasmo apoderou-se de todos elles: cincoenta e quatro offereceram-se de prompto para a difficil missão, dispostos para tudo. De accôrdo com o definitório, o Provincial, conforme o pedido real, só acceitou o nome de quatro religiosos, os quaes por serem escolhidos entre tantos, deviam ser varões de provada capacidade, alta virtude e acendrado zelo apostolico.

Foi nomeado superior, o P. Frei Ivo de Evreux; companheiros de trabalho, o P. Frei Claudio de Abbeville, o P. Frei Arsenio de Paris e o P. Frei Ambrosio de Amiens. "Ajoelharam-se os escolhidos diante do P. Frei Leonardo, e humildemente lhe agradeceram tal honra; foi-lhes annunciada a proximidade da viagem, e desde esse momento para ella se acharam promptos".

OS RELIGIOSOS ESCOLHIDOS

O superior foi o P. Frei Ivo de Evreux. Nasceu, ao que parece, em 1577, em Normanville, diocese de Evreux. No seculo, chamava-se Simon Michelet. Fez excellentes estudos litterarios, e optimos biblicos, como facilmente se releva de seus escriptos; conhecia o latim, o grego e o hebraico. Entrou para a Ordem em 18 de agosto de 1595. Foi bom pregador, e guardião do convento de Montfort-l'Amaury. No começo do seculo passára para o convento de S. Honorato em Paris, onde o encontrou o pedido da Regente. Bom escriptor e experto observador, deixou-nos a "*Continuação dos factos mais memoraveis succedidos no Maranhão em 1613 e 1614*".(**).

Segue-se o P. Fr. Claudio de Abbeville, no seculo Firmino Fullon. Entrou para o noviciado a 9 de junho de 1595. Escriptor illustrado e sabido nas sagradas letras, legou-nos a "*Historia*

(*) Governou a Ordem, a primeira vez, de 28 de maio de 1599 a 24 de maio de 1602; a segunda vez, de 24 de maio de 1608 a 24 de maio de 1613.

(**) Suite des-chooses plus mémorables, etc. Traducção de Cesar Aug. Marques, Rio 1929.

da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão. (*)
Em 1608 estava de guardião no convento de Abbeville.

Vem em terceiro lugar o P. Fr. Ambrosio de Amiens. Nasceu na capital da Picardia, de parentes abastados que lhe deram correspondente educação. Depois de haver cursado a Sorbona, quando já estava prestes a receber a carta de licenciado, abalado pelas predicas do P. Fr. Pacifico de S. Gervasio, entrou, em 1575, para o claustro; foi um dos primeiros frades do convento de S. Honorato, no qual varias vezes esteve de guardião. Foi bom pregador e grandemente caridoso; distinguio-se por suas caridades nos surtos epidemicos que assolaram Paris em 1584 e 1586; era conhecido pelo appellido de "Apostolo de França". Sua idade já avançada não lhe impediu que demandasse as missões; "queria converter todos os indios", diz uma nota a elle dedicada.

O ultimo é o P. Fr. Arsenio de Paris. Deve ter entrado para a Ordem em 1599. Apesar de não possuirmos noticias delle anteriores á missão do Maranhão, julgamos devia ser um homem illustre e virtuoso para hombrear com seus dignos companheiros de apostolado e para ser preferido entre tantos candidatos á missão.

A VIAGEM PARA A MISSÃO

A carta obediencial para a missão, concedida aos missionarios pelo Provincial, foi datada a 27 de agosto de 1611. No dia seguinte partiram para Concale, na Bretanha, onde fundeava a flotilha e onde se estava preparando a expedição. A 25 de janeiro de 1612, o bispo de S. Maló benzeu as armas e as bandeiras de Rasily, e quatro cruces que entregou aos missionarios; omittiu a benção das naus para não melindrar aos protestantes, e serviu-se para essa omissão, da desculpa do mau tempo.

Só puderam largar velas de Concale a 19 de março de 1612. Um forte temporal dispersou-lhes as naus, que conseguiram refugiar-se em varios portos inglezes, e depois reunir-se em Plymouth, de onde partiram novamente a 23 de abril, dia seguinte á Páscoa. No dia 7 de maio passaram entre Forte Ventura e a Grande Canaria; navegaram até o golfo de Guiné para tomarem os ventos. De lá viraram as proas para o oeste, até aportarem á Ilha de Fernão de Noronha, na noite de 23 para 24 de junho.

Aqui, onde se detiveram até 8 de julho, encontraram 17 ou 18 indios tapuyas, com um portuguez, escravos, e lá confinados pela gente de Pernambuco. Levantaram uma capella para celebração da santa missa; nella plantaram uma cruz; baptizaram cinco indios, e, após o baptismo, fizeram o casamento de um indio

(*) Reproduzida em 1922 por Paulo Prado.

com uma india. O grupo todo de indios acompanhou-os ao Maranhão e levaram comsigo algodão e outros generos que possuiam.

De lá ganharam a costa do Brasil e foram fundear no Cabo das Tartarugas, a 14 de julho. Após 15 dias de demora, proseguiram viagem, e no dia 26 puderam embocar a barra do Peria, indo surgir em frente a Ilha de Upaonmery, que, em attenção ao proximo dia de S. Anna, como tambem em homenagem á condesa de Soisson parenta de Rasily, denominaram "Ilha de S. Anna". Benzeram a ilha e levantaram solennemente um cruzeiro, carregado até o local pelo sr. Rasily e principaes da expedição. Ao pé da cruz enterraram um tanoeiro que vinha com elles e lá morrera. Demoraram-se aqui oito dias.

Nesse interim para avisarem os indios, foi despachado para a Ilha do Maranhão, distante umas 12 leguas, Carlos Des-Vaux, o qual se dirigiu á maior das aldeias existentes na ilha; notificou aos indios a chegada da expedição, e retornou aos companheiros. Seguiram para a ilha, Rasily, Des-Vaux e grande parte dos colonos, annunciando aos selvagens que haviam trazido comsigo seus pagés. (*) Recebidos amigavel e festivamente, mandaram buscar os Capuchinhos.

Os missionarios vestidos de seus habitos e revestidos de linda sobrepelliz, empunhando seus bastões, precedidos pela Cruz com o Crucificado, desceram do navio para uma canoa, tripulada de indios e de francezes. Muitos dos selvagens, para pvenirem a chegada, lançaram-se ao mar e seguiram nadando.

Assim conduzidos, os Capuchinhos chegaram a terra, no dia 6 de agosto. O sr. Rasily, com todos os francezes, lançaram-se de joelhos para recebê-los. O P. Fr. Claudio entoou o "Te-Deum" e foram proseguindo o caminho, em procissão, entre lagrimas de alegria dos francezes, e seguidos pelos indios que se mostravam cheios de admiração e contentamento. Assim tomaram posse, em nome de Jesus, dessa nesga de terra brasilica, na doce esperança de lá estabelecerem o suave reinado do Evangelho.

"Não é possivel descrever o grande contentamento, escreviam os missionarios, que mostraram esses pobres selvagens com a nosa vinda. E' um povo conquistado e ganho, povo grande, que na verdade nos ama e nos dedica affeição e chama-nos grandes prophetas de Deus e de Tupan, e em sua linguagem "padres Carbaim Matarata". (**)

Foram hospedados pelo capitão Manoir, francez estabelecido, havia tempo, na Ilha, e lá muito relacionado. Este lhes offereceu uma festa magnifica, á qual assistiram Rasily e Pezieux, e na qual foi permittida a entrada aos principaes selvagens.

(*) *Pagé, piága, coraiba*, era o representante da religião, sacerdote.

(**) Ivo d'Evreux, pag. 374.

Acommodaram-se provisoriamente em cabanas. Numa collina proxima a estas, construíram uma barraca, onde em altar portatil, trazido de França, celebraram no dia 12 de agosto, festa de S. Clara de Assis, as quatro primeiras missas rezadas naquellas paragens. Os selvagens assistiam maravilhados ás cerimoniaes do culto e admiravam os lindos paramentos dos celebrantes.

Os indios muito auxiliaram aos francezes na construcção dos edificios da futura cidade de S. Luiz. Esses aborigenes deviam ser muitos; na Ilha do Maranhão contavam-se 27 aldeias, cada uma dellas com 200, 300, 500 e 600 habitantes, dez para doze mil indios; em Tapuitapera, 9 aldeias, mais povoadas que as de Ilha; em Cuman, havia 11 aldeias e para dante, até Cayté, havia ainda mais de vinte.

TRABALHO NA SEA'RA

Pouco distante da povoação, num lugar ameno, na vizinhança do Rio Anil, os missionarios começaram a edificação de uma bôa casa que lhe serviria de conventinho, hospicio, "Convento de S. Francisco" e de uma capella para o serviço divino.

Durante mais de quatro mezes, celebraram os santos sacrificios numa tenda, no meio de arvores verdejantes; em seguida, edificaram uma capella — a capella de S. Francisco — num sitio muito aprazivel junto do mar e proximo a uma bella e inexgottavel fonte; alli perto, mais tarde, foram levantando para os religiosos o convento de S. Francisco.

A capella ficou prompta na vespera do Natal, o dia tão querido ao seraphico Patriarcha. Nessa capellinha, feita de madeira, coberta de folhas de palmeiras, mais semelhante ao presepio que aos grandes templos, naquella noite, os francezes cantaram matinas, e depois de "purificados pelo sacramento da penitencia, receberam o mesmo Filho de Deus no presepio de seus corações, envolvido nas faixas do Santissimo Sacramento do altar". Festejaram outrosim o dia de Natal; á noite pregaram, o que sempre fizeram depois, nas festas e nos domingos.

Os trabalhos apostolicos augmentaram, quando, no Forte, foi edificada a capella de S. Luiz; aqui celebravam missa, cantavam vesperas, pregavam e baptisavam aos catechumenos. A' tarde, tângido o sino, todos se reuniam nesta capella; cantavam a Ave Maria, e implorada a bençãa divina, cada um ia para onde queria.

O campo a arrotear-se pelos missionarios era mui favoravel e promissorio. Grande foi o contentamento dos selvagens á chegada dos padres. Escreviam estes: "Dão-nos bôa esperança de se converterem. Todo este povo, ainda que bruto e selvagem, mostrou-se contente com a nossa chegada; tem vindo ver-nos com mui-

ta alegria, manifestando grande desejo de instruir-se no christianismo. Creio que, quando soubermos a lingua delles, haverá muito que colher, com grande satisfação para os que tem zelo pelas cousas de Deus e pelas salvação das almas. Preparam todos os seus filhos, para nol-os trazerem, afim de serem por nós instruidos, e nos prometteram não comer mais carne humana.

São mui bonachões e não maliciosos. Por unica religião crêem em Deus que chamam "Tupan" e na immortalidade da alma". (*)

"Os indios do Pará — continúa o mesmo autor — outro povo, de um lado vizinho do Amazonas e do outro deste povo, onde existem sómente cem mil homens, desejam muito que vamos lá instruil-os".

Os padres estavam surpresos com a facilidade com que os Tupinambás se amoldavam á civilização dos colonos, e com a aptidão que tinham para as artes e officios mais necessarios, como o de ferreiro, carpinteiro, marceneiro, cordoeiro, alfaiate, sapateiro, tecelão, oleiro, ladrilhador e agricultor. Até mesmo mostravam propensão natural para a pintura, pois faziam diversas figuras e folhagens, com o auxilio de pequena lasca de madeira. Os missionarios tinham continuas occasiões de admirarem nesses indios intelligencia viva e memoria mui feliz.

A docilidade, a bondade e a natural aptidão dos selvagens promettiam aos nossos missionarios um fecundo e consolador apostolado. Nem elles ficavam contemplando a scára, de braços cruzados. Não conheciam a difficil lingua dos seus futuros catechumenos; serviam-se porem, de interpretes que os havia e bons, pois eram já annos que os francezes lá estavam e tractavam com os indios da terra.

O P. Fr. Ivo nos diz que nos "carbets" (**) não se fallava mais de outra cousa, sinão do conhecimento de Deus, contando cada um o que ouvira dos missionarios, quando os fôra visitar na residencia de S. Francisco, e terminavam essa especie de conferencias pela manifestação do grande desejo que tinham de verem a seus filhos baptizados e a elles tambem.

Não se limitavam ás palavras e aos desejos; vinham á pratica, porque foram entregues meninos ao P. Fr. Arsenio, residente em Juniparam como tambem ao P. Fr. Ivo. Este residia em S. Francisco, perto do Forte de S. Luiz, para acudir aos francezes e receber os indios de outros sitios, que, todos os dias, iam ver e conhecer, si era verdade o que dos missionarios se dizia em longes terras. Os dois padres haviam descriminado o campo de traba-

(*) Ivo d'Evreux, pag. 375.

(**) Carbet — casa grande, commum, erguida no meio das outras casas ou tabas, logar em que os indios faziam suas reuniões.

lho, para melhor attender ás exigencias do apostolado. Os selvagens traziam-lhes voluntaria e espontaneamente seus filhos para serem baptizados, e para isto os preparavam o melhor que podiam, isto é, vestidos com um pedaço de panno de algodão e já acompanhados de padrinhos, escolhidos geralmente de entre os francezes.

Os enfermos e os velhos mereciam-lhes cuidados especiaes para o santo baptismo; os outros, maximé os meninos, submettiam-nos ao catechumenato, antes de baptizal-os.

Dos adultos exigiam a aprendizagem da doutrina christã, e, si homens, conservassem de entre suas mulheres uma só. Para facilitarem o ensino da doutrina, compilaram um resumo de catecismo na lingua dos indios; comprehendia a oração dominical, a saudação angelica, o symbolo, os mandamentos de Deus e os da Igreja e os sacramentos.

O trabalho dos missionarios não se restringiu á Ilha; estendeu-se aos selvagens da terra firme de Tapuitapera (Alcantara e Guimarães) e Coman, de onde vinham ao Maranhão para ver e visitar os padres e aprender alguma cousa da santa fé. "Não havia um só dia, assegura o P. Fr. Ivo, em que não recebesse novos visitantes, e, ás vezes, chegavam a 100, e a 120; razão pela qual não podia deixar facilmente o Forte e ir ás aldeias a meu cargo, ministrar a parte espirital".

Era-lhes preciso difficultar e até negar a muitos o baptismo por falta de quem os cultivasse depois de baptizados; não deixavam contudo de trazel-os esperanças e aproveitavam a occasião de instruil-os no conhecimento e no amor de Deus, até a vinda dos novos padres, os quaes os acharam promptos para o baptismo.

Encontravam bons cooperadores nos indios baptizados, que, voltando para suas terras, iam apregoando a nossa religião, e despertavam nos outros o desejo do santo baptismo.

Entre os demais merece lembrado um tal Marentin, principal numa aldeia de Tapuitapera. Doente, quiz o trouxessem aos missionarios em S. Luiz, onde, após a preparação, foi baptizado com o nome de Martim Francisco. Restabelecido na saude e baptizado, voltou para sua aldeia e poz-se a catechizar sua gente; após seis mezes mandou um grupo dos mais instruidos ao Forte de S. Luiz ao P. Fr. Ivo, para serem baptizados. Como porém, augmentasse diariamente o numero de catechumenos em Tapuitapera, foi necessario que para lá seguisse o P. Fr. Arsenio, afim de dar-lhes o baptismo. O indio Martinho tinha erguido uma capella e construido uma casa para o padre. Assim foi facil formar alli uma pequena commuidade christã.

A PRIMEIRA VICTIMA

A missão devia ser sellada com o sacrificio. A victima foi o P. Fr. Ambrosio de Amiens. Desejára o martyrio; Deus accoitiou-lhe o desejo. Estava elle muito enfraquecido e sem forças, quando em 26 de setembro de 1612, cahiu doente, em sua pobre cabana de pindoba. Teve como unico assistente ao P. Fr. Ivo, porque os outros dois collegas estavam fóra em serviço religioso. Frei Ivo affirma que o Fr. Ambrosio “morreu de uma paralyisia, porque estando muito agitado a derrubar arvores grandes, e tendo o suor molhado seu habito, foi assim mesmo celebrar missa, e apenas sahiu da igreja, foi accommettido por uma febre, de que falleceu poucos dias depois”.

Apesar de devorado por ardente febre, conservou o pleno uso das faculdades mentaes, ainda depois de ter recebido a extrema-unção. “Cahindo sobre elle, escreve o P. Fr. Claudio, um pequeno painel da imagem de S. Pedro, pendurado por cima de sua cama, e a que dedicava profunda devoção, disse: “Vamos, grande Santo, partámos, já que vieste buscar-me!” Dizendo isto, olhou para o crucifixo, e após curta agonia, restituiu ao Creador sua alma tão boa, em 9 de outubro de 1612. Foi sepultado no lugar chamado S. Francisco, consagrado ao nosso Patriarcha, como primicias dos Capuchinhos francezes”.

LEVAM INDIOS Á FRANÇA

Na missão, tudo corria prosperamente, quer do lado religioso, quer do politico. Pelo fim do anno 1612, os expedicionarios concorriam em que Rasily fosse dar contas dos feitos á côrte de França e tractar dos interesses da nova colonia. Acompanhou-o o P. Fr. Claudio de Abbeville, que levava consigo seis selvagens, como embaixadores dos Tupinambás. Embarcaram a 1 de dezembro de 1612, em a nau “Regente”. Iniciaram a travessia com optimo tempo, mas em seguida este mudou e foi dar com elles na costa inglesa. Tiveram que parar em Falmouth e em Dartemuc. Chegaram ao Havre da Graça a 16 de março, onde os accommetteu uma grave tormenta. Seguiram para Ruão e dalli para Paris, onde chegaram a 12 de abril de 1613.

Na capital franceza, foram recebidos com imponentissimas festas. Tres dos indios succumbiram logo; por isso foi-lhes ministrado o baptismo ás pressas; os outros tres foram baptisados solennemente, servindo-lhes de padrinhos o jovem rei e a rainha regente. Foi celebrante o arcebispo de Paris, e deu-se-lhes os nomes de Luiz Maria, Luiz Henrique, e Luiz de S. João. A cerimonia foi celebrada no dia de S. João.

NOVOS MISSIONARIOS

Por entre a numerosa assistencia que em Paris attendia á chegada dos colonos e selvagens, estava tambem o conhecido "Capuchinho Escossez", o P. Fr. Archanjo de Pembrock, em companhia de mais de cem religiosos da sua ordem.

Fr. Archanjo nasceu na Escossia de familia calvinista; (*) abjurou a seita em Paris, e entrou para o convento em 4 de abril de 1587. Foi mestre de noviços, e, em 1613, foi eleito definidor provincial. Logo depois da partida do P. Fr. Ivo, foi nomeado "Director das Missões, nas Indias Orientaes e Occidentaes". A chegada dos selvagens brasilicos a Paris, talvez despertasse nelle o desejo e a vocação para as missões. Chefiou um novo grupo de missionarios, que iriam auxiliar seus confrades no Maranhão. *Compunham o grupo no momento, doze religiosos.*

O P. Marcelino de Piza (**) conta, como o Geral dos Capuchinhos, Paulo de Cesena (***) deu licença ao P. Honorato de Paris, então Provincial, de mandar á America uma segunda missão, e accrescenta que "elle, sem demora, escolheu *doze* frades idoneos para essa expedição, os quaes, embarcados para a India, foram recebidos gentilissimamente por aquella nação, já affeita aos placidissimos costumes dos Capuchinhos".

Na provisão que lhes deu o rei de França, Luiz XIII, datada de Paris em 1.º de fevereiro de 1614, lê-se: "Mandamos de presente á Nova França, *doze* Padres Capuchinhos, para nella instituirem a Santa Religião Christã, Catholica e Apostolica Romana... mandamos que os ditos Capuchinhos levem um baul de livros, baues de calices, Casulas e Paramentos e cousas de moveis de Igreja... requeremos a todos... por donde passarem os ditos *doze* Padres Capuchinhos, etc. etc... (*).

O "Breviarium Chronologicum Ord. Fratrum Min. S. Francisci Capucinatorum, fol. 122 (**)" dá o nome de onze companheiros do P. Fr. Archanjo: P. Fr. Claudio de Abbeville, P. Fr. Timotheo de Paris, P. Celestino de Bouteville, P. Graciano de

(*) Veja: Christovam de Almeida — Historia do Capuchinho Escossez. Lisboa 1667 — Domingos Carneiro.

(**) Citado por Ferdinand Diniz, nos commentarios ao trabalho do P. Ivo de Evreux.

(***) Governou a Ordem de 24 de maio de 1613 a 1 de junho de 1618.

(*) Candido Mendes — Memorias do Maranhão, Rio, 1874 — Vol. II, pag. 240.

(**) Manuscrito da Bibliot. Municipal de Ruão, n. 1361. O mesmo manuscrito elenca seis facultades, concedidas, por Paulo V, a 12 de setembro de 1613, aos missionarios capuchinhos vindos ao Maranhão em 1612 e aos que viriam em 1613.

Abeville, P. Francisco de Bourdemare, P. Tranquillo de Montevilliers, P. Paulino d'Amiens, P. Lamberto d'Epernay, P. Francisco de la Haye, P. Raphael de Rouen e P. Jeronymo de Auxerre.

Desses nomes, além do do P. Claudio, só conhecemos o do P. Fr. Francisco de Bourdemare. Rico gentil-homem, após ter enviuvado e ter legado seus bens aos filhos, retirou-se para a vida religiosa entre os Capuchinhos, a 2 de outubro de 1603. Passou pelos conventos de Orleans, de Ruão, e depois de Paris. Consta ter elle comprehendido duas viagens à America e haver-se encontrado em Madrid com o P. João "l'Eminence Grise" em 1618, e ter morrido, como um anjo, em Madrid. Publicou uma obra em latim: "Relatio de populis brasiliensibus". Madrid, 1617.

O P. Fr. Archanjo não quiz embarcar antes que lhe dessem boas esperanças de conseguir subsidios para a missão. Entre suas faculdades, havia a de admittir noviços em seu convento. Os missionarios eram portadores de magnificas alfaias, bordadas pela duquesa de Guise e outras damas francezas, e vinham cheios de presentes, dados pelos senhores da côrte de Luiz XIII.

Os missionarios embarcaram no Havre, num navio commandado pelo bravo Pratz, que com trezentos novos colonos e 12 canhões ia soccorrer a Ravardiére na difficil situação em que se achavam os francezes no Maranhão. Foram muito felizes na viagem, pois a fizeram em apenas dois mezes e meio, cousa, naquelles tempos, mui rara. Chegaram a 15 de junho de 1614, diante da nascente cidade de S. Luiz, e no dia 22 do mesmo mez, cantaram um "Te Deum" no rustico convento, começado a edificar pelos primeiros missionarios.

Apenas chegaram tiveram que constatar que a missão deiles não colheria fructo: "foram alguns soldados á terra, e acharam diversos obstaculos que nos pareceram mãos prognosticos, como fossem alguns portuguezes e um sacerdote secular que assolavam (açulavam) os gentios contra os francezes, e do Forte souberam os nossos soldados que os portuguezes projectavam tomar a costa do Maranhão, e della expellir os francezes, o que fez suspeitar aos Padres que poucos fructos aqui colheriam". (*)

Quando os nossos missionarios chegaram ao Maranhão, o governo do Brasil já tinha encarregado a Jeronymo de Albuquerque, da primeira expedição armada contra os francezes; por isso já previam os nossos o mau exito da sua missão. (**)

(*) Manuscripto citado por Fern. Diniz. Veja-se tambem: Southey — Hist. do Brasil, Rio 1862. Volume II, pag. 74.

(**) Vide — Galanti — I vol. pag. 288 e seg.

A situação difficil da colonia desanimou naturalmente os nosso padres; ainda mais por notarem a desunião “entre as cousas da colonia, augmentada com a chegada dos portuguezes que se assenhorearam do paiz”; por isso pouco poderiam fazer neste campo. Assim mesmo os auctores nos dizem que o novo superior da missão P. Fr. Archanjo chegou a baptisar 650 indios, no curto lapso de sua estadia no Maranhão; porém muitos desses indios não permaneceram fiéis á religião, certamente por não terem quem os cultivasse.

NUMERO DOS MISSIONARIOS

Surgem duvidas sobre o numero dos missionarios que compuzeram a segunda leva que, da França veio ao Maranhão. Consultando os auctores que fallam do grupo que partiu da França em 1914 com o P. Fr. Archanjo, sabemos que foram doze esses missionarios. Compulsando ao envez, aos que referem a estadia delles no Brasil e a partida do Maranhão, esse grupo ascende á dezoito missionarios.

Southey (***) diz: “Foram ao convento dos capuchinhos, que apesar de não acabado, podia já conter vinte missionarios, debaixo da obediencia de Fr. Archangelo de Pembrock, que chegado havia poucos mezes, com desassete irmãos...”

Depois do combate de Guaxinduva, disseram os prisioneiros francezes... “e dos Capuchos que chegavam a 20 *Frades*, os que começavam na ilha um Convento e Seminario de importancia (Cand. Mendes, pag. 226). Deste Seminario, lemos em Cand. Mendes (pag. 256): “O Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido para esta colonia, a despesa de um Seminario, como o dirá o P. Archangelo...”

Ravardiére diz a Jeronymo de Albuquerque (Cand. Mendes pag. 210): “Eu tomei posse... tendo tambem para este effeito *vinte capuchinhos*, guarnecidos de mui boas missões do Pará...”

No regimento a ser entregue ao embaixador da Hespanha em Paris, datado de 13 de dezembro de 1614, lemos: “Aqui nesta parte se forma uma nova França, ou está já formada *com vinte Capuchos*, de que hê commissario o P. Fr. Archangelo de Pembrock, etc. (Cand. Mendes pag. 255).

Em vista desses dados força nos é concluirmos, que na segunda leva, chefiada por Fr. Archanjo, vieram não doze, mas sim

(***) Vol. II pag. 108.

dezoito missionarios. Nossa conclusão encontra-se perfeitamente com as affirmações dos auctores seguintes.

Celebrado o armistício de 29 de Novembro de 1614, diz o P. Galanti, (*) Diogo de Campos e Fr. Manoel da Piedade, “foram ao convento dos capuchinhos, que apesar de não acabado ainda, podia já conter vinte missionarios sob a obediencia de Fr. Archanjo Pembrock, *chegado* havia poucos mezes, *com dezeseite irmãos.*”

Rocha Pombo (**) diz: “Alguns mezes depois da chegada daquelles primeiros, vinham ainda dezoito Religiosos trazendo como director Fr. Archanjo de Pembrock. Quasi todos esses missionarios convenceram-se logo que não tinham tarefa naquella terra, e voltaram mezes depois para a França”.

Podemos resolver a difficuldade, si dissermos que Fr. Archanjo havia reunido um grupo de 11 missionarios, como rezam as patentes e os biographos; mas, durante os mezes de preparativos para a partida, como o mesmo estivesse munido de muitas faculdades, entre outras, p. ex., a de admittir noviços, é muito provavel que nesses mezes, tenha admittido mais *seis* religiosos para virem com os *onze* já destinados officialmente, e assim elle chegou á missão com *dezeseite* companheiros, os quacs juntos com os dois que aqui já estavam: o P. Fr. Ivo, e o P. Fr. Arsenio, formaram o grupo de *vinte religiosos*, residentes no Convento de S. Francisco, em S. Luiz.

LUCTA E EXPULSÃO

Desde outubro de 1612 foram expedidas forças portuguezas para desalojarem os francezes do Maranhão. Em maio de 1613, essas forças foram reforçadas por Jeronymo de Albuquerque, vindo do Ceará, de combinação com Martins Soares. Pernambuco também enviou reforços. A 23 de agosto de 1614, começou o bloqueio contra as forças francezas; a 19 de novembro travou-se renhida lucta que terminou com a derrota dos francezes em Guaxinduva. Nella pereceu heroicamente Peieux, grande amigo do P. Fr. Ivo. Ravardiére aceitou o armistício, cujo desenlace seria terminado perante as côrtes de Madrid e Paris.

A derrota dos francezes marcou o fim das missões dos padres missionarios: só lhes restava voltar para a Patria.

No dia 16 de dezembro de 1614 partiu, de S. Luiz a náu “Regente” com Mons. du Pratz e o padre *Fr. Archanjo com deze-*

(*) Historia do Brasil, tomo I, pag. 388.

(**) Historia do Brasil, vol. V, pag. 27.

sete Religiosos de sua Ordem, ficando na colonia somente *dois Religiosos* francezes e um clérigo de Missa — estes ultimos ficaram junto com os padres portuguezes para cuidarem dos catholicos que ficaram e de mais de 20.000 indios christianizados (Mendes l. c. pag. 258).

Na mesma nau ia tambem Gregorio Fragoso em missão diplomatica á côrte de Paris.

Os dois padres portuguezes são o P. Fr. Cosme de S. Damião e o P. Fr. Manoel da Piedade, capuchos de Sto. Antonio; Fr. Manoel era brasileiro, nobre e versado na lingua tupy. Ambos vieram de Pernambuco com Jeronymo de Albuquerque, assistiram aos soldados durante a lucta; e na partida dos capuchinhos francezes, substituiram-n'os por algum tempo em S. Luiz.

Obtida a victoria e durante as tregoa, chegou a frota de Alexandre de Moura, na qual, além dos carmelitas Fr. Cosme da Annunciação, e Fr. André da Natividade, vinham tambem os jesuitas P. Manoel Gomes e P. Diogo Nunes. (*)

Quando se retiraram os francezes, Fr. Archanjo deixou dois dos seus padres, em S. Luiz; como ha uma tradição que diz que dois frades francezes se refugiaram no Porto Seguro, Estado da Bahia, talvez poderemos suspeitar que são os dois deixados por Fr. Archanjo.

O P. Fr. Archanjo foi a Paris para o seu Convento de S. Honorato, onde quasi em recompensa de seus labores, foi, em 1615, nomeado guardião, e onde labutou até a morte, occorrida a 29 de agosto de 1632, contando elle 47 annos de vida religiosa.

O Pe. Fr. Arsenio de Paris, deixou o Brasil, bastante doente. Parece que da França seguiu para o Canadá para pregar aos Hurões; alli foi superior por 5 annos, e foi morrer a Paris, a 20 de Junho de 1645 com 46 annos de habito religioso.

Mais doente que elle, estava o Pe. Fr. Ivo. Lemos em Candido Mendes, Pag. 264 (vol. II) falando das minas: “para isto fizeram vir da França na não “Regente” um Capucho, grande Mineiro, chamado Fr. Hivo, o qual adoeceu de sorte na ilha do Maranhão que não pôde ir ás minas; antes, para não perder a vida se tornou á França”. Ultimamente Fr. Ivo achava-se em inacção, victima duma paralyisia geral, consequencia provavel das fadigas a que diariamente se entregava no Forte. De volta á sua Patria, sustentou algumas polemicas com os protestantes de Ruão

(*) Vide: Macedo — Brasil Religioso, Bahia 1920, pag. 133.

em 1618-1620. Em 1620, estava em S. Eloy. Deve ter morrido antes de 1643.

ELOGIOS DOS MISSIONARIOS FRANCEZES

Apezar da breve estadia dos Capuchinhos francezes no Maranhão, houve tempo bastante para lhes reconhecer grandes virtudes e meritos e lhes merecer subidos elogios.

O P. José de Moraes na sua "Historia da Companhia de Jesus, na vice-Provincia do Maranhão e Pará," tece um bello encomio aos Capuchinhos francezes, quando delles testemunha: "Foram os religiosos Barbadinhos os primeiros religiosos que entraram na ilha do Maranhão e edificaram muito aos naturaes, mais com o exemplo e santas obras que com palavras, por não saberem ainda a lingua dos naturaes".

O Padre Manoel Gomes, jesuita escrevia ao seu padre Provincial: "Quando chegámos a este forte de S. Luiz, nos agasalhámos com os religiosos francezes de S. Francisco, que se tratavam com extraordinario rigor, caridade, humildade e zelo das almas, e representavam bem a perfeição de sua religião".

Do mesmo P. Moraes sabemos que a "ilha do Maranhão constava de 27 aldeias, no tempo que a possuiram os Francezes, umas de 400, outras de 500 e algumas de 600 almas — uns doze mil homens" — vasto campo para o zelo dos bons missionarios.

Que as intenções dos missionarios francezes eram inteiramente apostolicas e não bellicosas ou politicas, colhe-se das declarações feitas a Diogo de Campos, pelo Fr. Archanjo, por occasião da batalha de Guaxinduba: "Tratou largamente o dito padre da grande diligencia, que elle e os mais religiosos fizeram para que os Francezes não fossem fazer guerra aos Portuguezes á outra parte, e que elle em pessoa estivera em Itampari tres dias, para estorvar a Jornada; mas que não podendo mais, se tornara ao seu Convento tão desconsolado que logo dissera a seus Religiosos: — A nossa gente virá, ao que entendo, com a cabeça rota, pois commettem a quem não os busca, e não tomam o meu conselho. (C. Mendes, l. c. pag. 248)

Ainda em Candido Mendes (vol. II pag. 235), lemos: "A 28 do dito (de novembro de 1614), segundo estava accordado, veio á terra o Sr. de la Revardiére... em sua companhia trazia o padre commissario Fr. Archangelo de Pembré com dois religiosos da sua Ordem dos Capuchos, tão venerados e de taes mostras, que realmente pareciam santos, e como taes foram recebidos

dos Religiosos Portuguezes, entre os quaes sobre a benção houve cerimoniaes”.

PORQUE NÃO FICARAM NO BRASIL

Ocorre-nos aqui naturalmente a pergunta, porque os Capuchinhos francezes não se deixaram ficar neste campo de trabalhos apostolicos.

Uns nos repondem logo, que os capuchinhos *foram constrangidos*, em 1614, a se retirar do Maranhão, por se não agradar Portugal com Missionarios que não fossem os seus. Não podemos desposar este parecer, porque temos por certo que se elles retiraram espontaneamente, por acharem que não podiam mais continuar com proveito sua missão christianisadora, uma vez que estavam ligados aos conquistadores francezes, e estes deviam deixar uma terra que, por direito e por reconquista armada, pertencia aos portuguezes. Já frisámos que ao chegar a turma de Fr. Archanjo, já não havia mais esperança de os francezes poderem resistir aos ataques das forças portuguezas, auxiliadas pelos indios. O revés de 19 de novembro de 1614, a seguinte offensiva dos portuguezes e o armisticio, acabaram com as ultimas esperanças dos missionarios.

“Pelo que depois do successo (revez) — conta-nos Moraes — Frei Archanjo ficou tão desconsolado com a morte de tantos nobres, em particular a de Monsieur de Pisians... que realmente não via já a hora, em que deixar tal terra, donde todos vieram enganados a estar debaixo da mão de um hereje (Ravardiére)... Pelo que e pelas cousas que tinha visto, se partiria sem falta com o Sr. du Prat... e assim *determinava levar todos os seus frades*, dos quaes deixaria somente dous para remedio daquelles Catholicos que alli ficavam (ficavam os francezes que alli tinham lavoura e eram casados com brasileiras) e de mais 20.000 almas de Indios, que haviam feito christãos... com tal condições que... os Padres Portuguezes tomassem a cargo o favorecel-os, tendo-os conventualmente consigo, até lhos mandarem á França, porque a isto não ser, que os não deixaria...” (*)

Rocha Pombo (**) relata a chegada a S. Luiz de dois franciscanos e dois jesuitas e diz: “Foram todos igualmente recebidos pelos frades francezes com muitas provas de respeito, e talvez com alegria e desafogo, pois os pobres homens estavam ansiosos de renunciar alli o seu encargo. Parece mesmo que as condições

(*) Candido Mendes, l. c. pag. 249.

(**) Historia do Brasil, vol. V, pag. 28.

da conquista já não eram favoráveis desde aquelles dias, á acção dos padres; tanto assim que os Franciscanos logo se retiraram para o sul, e os Jesuitas só não fizeram o mesmo a empenho de Alexandre de Moura”.

Conclue-se que os missionarios Capuchinhos deixaram a ilha do Maranhão, por verem que sua missão não podia mais ser continuada em força dos acontecimentos desfavoráveis aos planos de conquista da França, e não por malquerenças dos portuguezes ou por artes de quem quer que fosse. Prova evidente disso, foi a acceitação que no Brasil tiveram os missionarios francezes, na segunda metade do seculo XVI, como veremos.

Capuchinhos bretões

DA GUINE' AO BRASIL

Mais uma vez no decurso da nossa historia, somos obrigados a reconhecer e admirar os altos designios de Deus no governo do mundo, e ao mesmo tempo o especial carinho que Nosso Senhor tem tido para com a terra de Santa Cruz. A volta dos capuchinhos francezes ao Brasil em metade do seculo XVI, assignala esse especial carinho de Deus, o qual, até de nossos inimigos, soube colher-nos proveito immenso.

OS HOLLANDEZES NO BRASIL

A Hollanda, a pequena mas valente republica, que, sob o bafejo do protestantismo, conseguiu subtrahir-se á Espanha e tornar-se independente na União de Utrecht em 1579, não tardou a lançar seus olhos cubiçosos á rica presa commercial que era o Brasil. Assitia-lhe demais a razão de que o Brasil e as demais conquistas portuguezas, juntamente com Portugal, haviam cahido sob o dominio da Espanha inimiga nada da Hollanda. (1580-1640)

Encarregou-se desta conquista a Companhia Hollandeza das Indias Occidentaes, fundada em 1621, mais como instrumento de guerra e de destruição do que sociedade mercantil. Os hollandezes já haviam apparecido em 1604 na Bahia e em 1612 no Amazonas; mas havia sido quasi de passagem. Foi em 1624 que começaram a realizar seu plano de conquista no Brasil. Conquistaram em 1624 a Bahia, que logo perderam no anno seguinte; em vez tomaram assento em Pernambuco no anno de 1630, conquistando Olinda e Recife. Muito aproveitaram á Hollanda as

perturbações politicas então existentes entre Portugal e Espanha. Olinda foi saqueada, seus templos profanados, seus sacerdotes perseguidos, foragidos ou mortos, e por fim incendiada, a 23 de novembro de 1631. Durante bastante tempo a Hollanda, na execução de seus planos, manteve a guerra em Pernambuco e corsarios no Oceano. (*)

Até mesmo após a restauração do dominio portuguez em 1640, a Hollanda occupou-lhe em 1641, o Sergipe, Angola, a Ilha de S. Thomé e o Maranhão. A guerra de conquista hollandeza no Brasil só terminou em janeiro de 1654, pela expulsão definitiva dos hollandezes.

Para muitos esta invasão era considerada como castigo do céu, irritado pelas maldades do paiz.

Rabello da Silva escreveu: (**) "O que facilitou mais que tudo a entrada do Brasil aos hollandezes, foram os erros do governo e o estado moral da colonia. São concordes as testemunhas, e são imparciaes as opiniões em o pintar com as mais sombrias côres. Em todas as capitancias, especialmente na da Bahia, a corrupção e o escandalo desenfreavam-se com insolencia. Os magistrados dobravam as varas ao peso de quatro ou seis caixas de assucar; o roubo e a fraude escarneciam a justiça como cousa vã; a rectidão e probidade como fraquezas senis. A lepra da escravidão corroia e envenenava aquella sociedade na juventude, inoculando-lhe vicios e costumes licenciosos. Os homicidios repetiam-se sem castigo, até nas egrejas, e os assassinos assalariados quasi que nem se encobriam, já para alçar o punhal ou disparar o mosquete. A alforria concedida pelo senhor ao servo que mostrava as mãos tintas no sangue da vingança encommendada, suspendia a morte repentina sobre a cabeça de todos. Nos templos e nos seios das familias era puramente externo o culto. Os religiosos viviam mais para o seculo que para o claustro; e o clero longe de dar exemplos de compostura e de magnanimidade, timbrava pelo contrario em competir na turbulencia e na cobiça com os habitantes mais pervertidos..." (***)

Não convem esquecer a alluvião de christãos novos ou judeus que, sahidos da Europa, demandavam o Brasil, sempre, como em toda a parte e em todos os tempos, em missão infesta á civilização christã.

(*) No anno de 1616 os Hollandezes apresaram 28 navios da carreira do Brasil e em 1623 o numero subiu a 70.

(**) Historia de Portugal, tomo III, pag. 338.

(***) Vide tambem Galanti, Compendio, vol. I. n. 309.

CAPUCHINHOS NA GUINÉ

Essa terra africana apresentava innumeradas difficuldades á evangelisação. A hostilidade do clima, o impaludismo e outras doencas, a ferocidade de suas tribus, a opposição quando não a perseguição aberta dos colonos europeus, a escassez dos meios de subsistencia, as difficuldades das viagens pela terra, eram outros tantos obstaculos á entrada dos missionarios. Accresce que os portuguezes, ao envez de a colonizarem, deram-se ao facil e lucrossissimo trafico dos escravos, exportando para outras regiões toneladas de negros indigenas.

Apezar de tudo isso os Capuchinhos francezes tentaram missionar aquellas paragens. Os Capuchinhos da provincia da Bretanha, apóz haverem explorado o campo por meio de dois confrades que lá foram com uns negociantes, demandaram a Guiné em 1634, sob a direcção do P. Fr. Angelico de Nantes, que lá falleceu em 1638. Foram seus companheiros o P. Fr. Samuel de Nantes, tambem lá fallecido no mesmo anno de 1638; o P. Fr. Fabiano de Nantes e outro, talvez o P. Fr. Colombino de Nantes.

Frei Colombino, que fizera parte de uma expedição de capuchinhos a Marrocos em 1629, foi para Guiné ao menos em 1637 e trabalhou com muito resultado no reino de Bisné. Em 1642 seguiu para lá o padre Fr. Raphael de Nantes, ex-provincial. Um dos missionarios capuchinhos, bretão, antes de maio de 1644, veio tratar-se ao Brasil de uma especie de verminose, proveniente do excessivo calor.

Tambem para a Guiné seguiram, em 1635, capuchinhos da Normandia; entre elles o P. Fr. Aleixo de Ló e o P. Fr. Bernardino de Renourd. Voltaram em maio de 1636, para retornarem á missão da Guiné em 1637, levando comsigo o P. Fr. Gervasio de Strasburgo e o P. Fr. André de Constancia.

TRANSPORTADOS PARA PERNAMBUCO

Neste ponto, tempos atraz tão discutido, seguimos hoje com segurança o que nos diz um "*Resumo das missões do Brasil*", copiado de documentos authenticos, esparsos nos volumes dos archivos da S. Congregação de Propaganda. Fide (*). Delle traduzimos largos trechos.

"Prodigiosa pode chamar-se a origem das missões apostolicas no Brasil, porquanto *pelo anno de 1641*, quando a melhor parte

(*) Veja-se "*L'Italia Francescana*" vol. VII, 1932, pag. 313.

daquella vastissima região tinha sido occupada pelos hollandezes hereges, os quaes mediante seus ministros procuravam espalhar a heresia entre aquelles povos, foram levados para lá pelos proprios hollandezes, alguns missionarios apostolicos capuchinhos, que pelo provincial da Bretanha na França estavam sendo euviados a Guiné (a antiga), em arcados em alguns galeões espanhões; os espanhões eram então senhores de Portugal e das suas conquistas. Apresados os galeões pelos hollandezes, e conduzidos juntamente com os sobreditos missionarios capuchinhos ao Brasil, e, precisamente á Recife, logar da provincia de Pernambuco, começaram estes a exercitar alli o seu ministerio e a preservar da corrupção aquelles povos que tiveram de ficar quasi abandonados pelos seus pastores, por causa da guerra que ardia entre os hollandezes e espanhões.”

O manuscripto citado nos põe na verdadeira pista nesta questão controvertida. Aliás outro manuscripto, conservado no archivo Geral dos Capuchinhos em Roma, um exemplar do “Breviario chronologico O. M. Cap.” do P. Claudio de Bourges, fala de cartas dos missionarios da Guiné — no anno de 1642 — que narram como os Capuchinhos francezes foram aprisionados pelos hollandezes e transportados para o Brasil.

A presa espanhola juntamente com os Capuchinhos, foi conduzida para Pernambuco. Estavamos no governo de Mauricio de Nassau (1637 a 1644) que muito interesse devia ter em recber bem uns missionarios catholicos, subditos de uma nação amiga, a França, para agradar ao povo pernambucano, irritado com as prescrições restrictivas, impostas pelo governador, em materia de religião, irritação manifestada na energica representação de Duarte Gomes da Silveira aos Estados Geraes, pedindo-lhes “não fossem os moradores obrigados a mais contribuições que antes, e rogando lhes dessem sacerdotes catholicos pagos; pois sem elles não podiam cumprir os deveres religiosos, nem gozar da liberdade que sobre isso lhes fôra afiançada”. (*).

O terem sido conduzidos para Recife, explica-se pelo facto de que os navios hollandezes que davam caça a navios inimigos, traziam as presas para Pernambuco, então séde do Governador. E vieram para bom lugar e em boa hora.

O historiador pernambucano, Dr. Pereira da Costa, num artigo inserto no “Diario de Pernambuco”, dá os nomes destes missionarios, isto é: Fr. Colombino de Nantes, Fr. Giosia, Fr. Bonissimo, Fr. Cyrillo de Mans e Fr. Anastacio de Audierne. Accrescenta que Mauricio de Nassau os mandou alojar na villa de Olinda,

(*) V. Galanti. Compendio, vol. II, n. 99.

naturalmente em algum dos abandonados e arruinados conventos de S. Francisco, do Carmo ou de S. Bento.

Frei Colombino na sua carta á Propaganda, em 25 de Agosto de 1643, diz que os Senhores da Congregação já tinham recebido communicação da chegada delles (missionarios) da Guiné ás regiões brasileiras, por vontade de Deus, "*nutu Dei*"; que por causa dos inimigos não tinham podido mandar noticias suas, pois estavam incertos e duvidosos, mas que agora já tinham firme esperança de se restabelecerem aqui definitivamente. No tocante á religião, nota, que desde a entrada alli da heresia, foram derribadas as egrejas, violados os mosteiros, expulsos os ecclesiasticos; reina toda sorte de maldade, nem se frequentam mais os sacramentos, nem sequer o baptismo (Arch. da S. C. Prop. Lettere, vol. 123. pag. 99-104).

Na mesma carta se diz que os missionarios cuidaram em apresentar ao Principe e aos Governadores deste paiz as cartas commendaticias do rei de França para serem bem recebidos; já funcionavam uma igreja que tinha juncto uma humilde casa; o povo, apesar da grande corrupção reinante, conservava fielmente a sua fé. Do principe de Nassau tece os maiores elogios, affirmando que só lhe fallecia a luz da fé para ser um homem absolutamente perfeito.

O P. Fr. Colombino acena a seus companheiros, então em Pernambuco, isto é, o P. Fr. Hugo de Ancenis, o P. Fr. Jorge de Comburgo e o irmão leigo, Fr. Bonicio de Quimper,

O P. Provincial da Bretanha, P. Fr. Severino de Morlais, pediu á Propaganda extendesse a esses missionarios do Brasil, as faculdades de que gozavam na Guiné. A Congregação não só annuiu, mas exhortou-os a que permanecessem no Brasil por haver delles muita necessidade espiritual. (*)

A Congregação de Propaganda tratou com o principe de Orange (**) para poder mandar para Pernambuco outros missionarios, isto é Capuchinhos, da mesma provincia da Bretanha, como se conseguiu fazer, visto que os hollandezes deixavam áquelles povos a liberdade de consciencia — assim reza o sobrecitado "*Resumo*".

O TRABALHO DOS MISSIONARIOS

O momento em que os Capuchinhos bretões chegaram a Pernambuco, era critico, difficil, perigoso, maximé do lado politico;

(*) Conf. Cesinale — *Missioni dei Cappuccini*, Roma 1873, Vol. III. pag. 697.

(**) Guilherme II, de 1626 a 1650, chefe do governo da Hollanda.

porem os nossos homens souberam haver-se com toda a prudencia para não magoar nem os hollandezes, nem os portuguezes; com o maximo zelo em fazer reviver o espirito christão entre o povo, e summa caridade acudindo pressurosos aos combatentes mediante os soccorros moraes e spirituaes.

Sua Magestade el-rei D. João IV abre a lista dos admiradores dos humildes Capuchinhos de Olinda, numa carta regia, expedida de Alcantara, aos 14 de julho de 1646, e dirigida ao governador geral em Pernambuco, Antonio Telles:

“Chegou-me a noticia de que aportaram em Olinda uns missionarios Capuchinhos francezes. Fiquei sabendo mais, que os portuguezes desta capitania, edificados pela vida e exemplos dos mesmos, os cercam de muita estima e consideração. Por esse motivo, e tambem porque são vassallos do christianismo, Rei das Gallias, te recommendo que os trates muito bem, que os auxilies, que os protejas em tudo aquillo que te fôr possível. Muito satisfeito ficarei, si cumprires quanto desejo. (*)

Vamos transcrever mais do sobrecitado artigo do Dr. Pereira da Costa: “Ao ser expedido esse diploma regio, (carta de recommendação de el-rei D. João IV, de 14 de julho de 1646), e desde o anno anterior, quando explodira a guerra contra a dominação hollandeza, estavam encorporados ao nosso exercito, prestando toda a sorte de serviços, quer inherentes á religião, quer mesmo nos campos de acção...

Dos serviços prestados pelos capuchinhos nesta prolongada campanha de nove annos, fazem menção varios documentos, dentre os quaes o seguinte attestado do P. Antonio Bezerra, vigario da parochia de S. Pedro, martyr, de Olinda, datado de 16 de Julho de 1649.

“Declaro que os Padres Capuchinhos francezes, Giosia e Buonissimo, com outros religiosos da mesma ordem, chegaram na capitania de Pernambuco, quando os hollandezes a tinham subjugado a força de armas, e nella chamaram ou confirmaram na fé de Jesus Christo, não só os naturaes e portuguezes, senão os de outras nações encorporados no exercito hollandez. Assim, percorriam por um e outro lado, administrando com zelo e sollicitude os sacramentos, manifestando-se sempre religiosos pobres e cuidadosos, sem nunca demonstrar sombra de interesse. Com as esmolas que os catholicos desta capitania lhes davam, por amor de Deus, construíram um hospicio nas proximidades de Olinda. E na actual guerra contra os hollandezes, acompanham sempre as pedestres milicias,

(*) Silva Lisboa — *Annaes do Rio de Janeiro*, 350 (Cosinale).

animando-as para que sejam constantes na defesa do estado e assistindo-as em quasi todos os conflitos. Por ultimo, assistindo elles á estancia do governador Henrique Dias, mostravam-se sempre possuidos de grande zelo pela fé e promptos na administração dos sacramentos, offerecendo assim tanto aos seculares como aos ecclesiasticos, exemplos de vida a mais santa, tornando-se portanto credores de todo o favor que sua magestade lhes quizer conferir”.

Terminada a campanha, firmada a restauração de Pernambuco, escrevia a D. João IV o mestre de campo, general Francisco de Figueiredo, uma carta em 20 de junho de 1654, em que dizia dos serviços prestados por esses padres:

“O zelo com que os Capuchinhos francezes serviram a Sua Magestade, a caridade com que assistiram nos hospitaes, o desvelo e promptidão com que se achavam presentes nos combates contra os inimigos, me obrigam a declarar, que em qualquer emergencia se manifestaram sollicitos e abrazados de um zelo particular, quer pela gloria de Deus, quer pelo serviço de S. Magestade, o que ainda mais luminosamente demonstraram pela restauração deste dominio, em que se distinguiram não sómente como piedosos religiosos, mas tambem como heroes insignes”.

O P. Fr. Martinho de Nantes, lembrando os serviços prestados pelos capuchinhos Francezes a Pernambuco diz, talvez com exagero, aliás explicavel: “Elles foram a principal causa de se recuperar Pernambuco dos Hollandezes que o possuiam havia vinte e quatro annos. Sua historia seria agradavel e gloriosa para os Capuchinhos”. (*)

Por taes serviços, e derogando D. João IV uma disposição de leis de 1620, prohibindo religiosos estrangeiros nas conquistas portuguezas, permittiu a permanencia dos Capuchinhos francezes em Pernambuco, e ainda mais, que erigissem um hospicio para sua residencia; e assim ficaram occupando o predio no bairro de Santo Antonio do Recife, doado em 1654 pelo General Francisco Barreto, onde celebravam os officios divinos, até que levantaram sua egreja e hospicio, no mesmo bairro, no logar chamado “Fôra das portas de Santo Antonio”.

A IMAGEM DE N. SENHORA DA PENHA

Os Capuchinhos no Recife tem muita ligação com a veneranda imagem de N. Senhora da Penha, que se cultua no grandioso templo homonymo.

(*) Histoire de la mission du P. Martin, pag. 77.

A versão geral acerca dessa prodigiosa imagem, é que ella foi trazida para Pernambuco por cinco missionarios capuchinhos, que se dirigiam para a Guiné, e foram, no littoral africano em 1641, atacados e presos pelos corsarios hollandezes, calvinistas que infestavam aquellas aguas. Os missionarios foram mui maltratados pelos corsarios e por fim entregues aos hollandezes que dominavam em Pernambuco. Esta a tradição geral, que bem se desposa com a historia dos novos missionarios, apresados nos galeões espanhões, quando rumavam para a Guiné. Explica-se facilmente porque os missionarios puderam conservar consigo o precioso thesouro, que intentavam levar ás tribus africanas, qual estrella de salvação, e ao envés veio para as terras pernambucanas. Os corsarios hollandezes apresavam para levar á séde, Pernambuco: o interesse exigia-lhes respeitassem a presa, ainda que não condissesse com suas crenças.

A preciosa imagem de N. Senhora, que fora respeitada pelos proprios hereges, tornou-se a santa de preferencia do povo pernambucano, que lhe ergueu magestoso templo. O culto da mesma Senhora, fez com que se obliterasse o titulo da capella que a acolheu em 1641, a qual estava dedicada ao Divino Espirito Santo, e que passou a chamar-se "capella" e depois, "egreja da Penha".

CAPUCHINHOS ENTRE OS PATRIOTAS

A entrada dos primeiros Capuchinhos no Brasil coincidiu com as ardorosas luctas empenhadas no Brasil contra a usurpação hollandeza. Nessa lucta que bem se pode appellidar de titanica, o cle-ro secular e regular concorreu com entusiasmo e sacrificios.

Os franciscanos acompanharam como capellães, os terços de Vidal de Negreiros, Martim Soares Moreno, Dias Cardoso, Henrique Dias e Philippe Camarão.

"Na victoria das Tabocas (3 de Agosto de 1645) distinguiram-se os padres Fr. João da Ressurreição (beneditino), Simão de Figueiredo, João Baptista Lobato, o padre convertido Manoel de Moraes e o irmão franciscano Fr. Luiz da Visitação, mais conhecido por Frei Luiz dos Arraiaes, que desceram do monte ao logar do conflicto, e sem se intimidarem das balas que choviam, acudiram a confessar e absolver os feridos, fazendo ao mesmo tempo o officio de sacerdotes e soldados.

A victoria de Casa-Forte (17 de Agosto de 1645) deve-se em grande parte ao P. Matheus de Souza Uchôa, capellão do engenho S. João da Varzea. No ataque a Itamaracá (Setembro de 1645) distinguiram-se os padres Fr. João da Ressurreição e os jesuitas

Francisco Avellar e João de Mendonça, ora combatendo, ora confessando e absolvendo os moribundos” (*).

Entre os vultos assignalados da reacção pernambucana contra o dominio dos hollandezes, encontramos um humilde irmão leigo capuchinho. Sua acção foi modesta, quasi occulta; si não foram algumas linhas de antigos historiadores, seus feitos houveram sido sepultados no completo olvido.

Estamos no inicio da reacção de 1645. Os factos de Ipojuca, os do engenho do Covas; a refrega do Monte das Tabocas, a 3 de Agosto, onde auxilios do alto vieram encorajar a fé dos patriotas; á victoria da Casa Forte, a 17 de Agosto, preludio da victoria final. E' aqui que surge o nosso frade.

Henrion na sua “Storia Universale delle Missioni Cattoliche”, (trad. ital. Napoli 1857) II, pag. 573, cita a Urbano Cerri na sua obra “Stato della Religione Cattolica in tutto il mondo, 1677” (Cerri foi secretario da Congregação de Propaganda, e escreveu seu livro, em italiano, em 1677, para uso do Papa Innocencio XI). Nessa citação diz-se “Un frate laico cappuccino si distinse assai in questa occasione, siccome, egli conosceva il mestiere della guerra, diedde i mezzi all'armata portoghese di ripigliare il forte”.

Cerri é muito vago. O Dr. Pereira da Costa insigne historiador pernambucano, num artigo inserto no “Diario de Pernambuco” (não podemos precisar o n.º. da folha) diz: “Consta que no combate da Casa Forte, ferido a 17 de Agosto de 1645, um frade leigo capuchinho, entendido na arte militar, dirigiu o assalto ao ultimo reducto dos hollandezes, entricheirados na casa de vivenda do engenho de D. Anna Paes, e com tanta pericia e valor, que venceu o inimigo”.

Os autores sobrecitados, no laconismo de suas notas, não souberam declinar o nome do valoroso frade leigo. Quem seria elle? Si os sobrecitados autores se não equivocaram, attribuindo a um *leigo capuchinho* feitos bellicos obrados por um *leigo capucho*, como seria, p. ex. o tal Frei Luiz dos Arraiacs, de que falámos acima poderíamos adjudicar o famoso assalto a um irmão leigo dos *capuchinhos bretões*, p. ex. a Frei Bonicio de Quimper, companheiro do P. Fr. Colombino de Nantes, ou então a um irmão leigo dos *capuchinhos italianos*, de passagem para as missões de Angola.

Tempo atraz tractámos desse glorioso frade-militar, em “Annaes Franciscanos”, 1936, pag. 25-28, e tentámos cingir dessa gloria ao famoso *Frei Francisco de Pamplona*, antes afamado

(*) Conego Baratta, Hist. Eccles. de Pernambuco (1922), pag. 35 e seg.

guerreiro de Hespanha, e depois humilde frade leigo capuchinho, membro da primeira leva de missionarios que demandaram Angola em 1645. Nos começos de junho do mesmo anno Frei Francisco estava de volta, rumo da Europa, assim podia elle muito bem estar em terras brasilicas — escala forçada das náus que, de Angola, repatriavam — no mez de agosto e tomar parte no combate de Casa Forte e alli renovar os enthusiasmos mostrados no “impeto em voar ao assalto á ilha de S. Martinho, occupada e presidada pelos hollandezes. Como visse a lentidão com que lá se moviam os catholicos, elle, pelo primeiro, armado de couraça, avançou e escalou o muro do reducto e nelle hasteou a bandeira de Castella”. (*) Não teria elle renovado semelhante gesto na lucta pernambucana?

Elle cavalheiro, guerreiro, feroso, perante os insultos e os estragos dos hollandezes protestantes, tendo em vista o exemplo de um bispo D. Marcos Teixeira, que “cingiu a espada em defesa da religião e da patria”, certamente sentiria renascer a coragem e o animo juvenil, e num desejo sagrado de vingar o nome christão, Fr. Francisco de Pamplona, emprestaria seu concurso aos patriotas na lucta de Casa forte, a 17 de Agosto de 1645. Dahi seguiria sua viagem para Bretanha, e para Roma, onde chegou a 24 de Junho do anno seguinte.

Outrora opinámos por Frei Francisco de Pamplona; hoje propendemos para um irmão leigo bretão. Os elogios que, após a lucta patriótica foram dispensados aos capuchinhos bretões de Olinda, e que enumerámos no titulo antecedente justificam nossa propensão pelo leigo francez. Aliás o P. Fr. Martinho de Nantes nos diz que os Capuchinhos da Bretanha, em Olinda “foram a principal causa de se recuperar Pernambuco dos Hollandezes, que o possuíam havia vinte e quatro annos”.

Em qualquer hypothese, “o frade leigo, entendido na arte militar” e enviado providencialmente por Deus ao campo da lucta, contra o dominio dos herejes, veiu salientar a nota innegavel de clara intervenção superior, que bafejou, quer physica, quer moralmente a campanha da restauração de Pernambuco. O episodio do leigo capuchinho de Casa Forte figura muito bem entre os demais auxilios providenciaes que a fé dos patriotas mereceu do alto, na lucta pela patria e pela religião. (**).

UMA DOAÇÃO AOS MISSIONARIOS

Havia bem pouco tempo que os Capuchinhos labutavam na vinha do Senhor em Pernambuco, quando a piedade dos fiéis lhes

(*) Veja Covazzi, L. III, c. VI Cesinale, Vol. III, pag. 527 e seg.

(**) Conf.: Rocha Pomba, Vol. IV, pag. 522. Galanti, Tomo II, pag. 253.

deu uma prova evidente do apreço em que eram tidos os pobres arautos do evangelho. O casal Belchior Alves e D. Joanna Bezerra doou-lhes um terreno que possuia no Recife, no "areal que vae desta povoação de Sto. Antonio para Cinco Pontas, correndo para a estrada que vae para Afogados".

A escriptura de doação foi feita pelo morgado das Alagoas; foi tal-ellião Domingos Dias Timbó, e foi assignada pelos acceitantes, Fr. Cyrillo de Mans, (Mayenne?) Fr. Jorge, Fr. Fabiano e Fr. Antonio dos Martyres (de Nantes?); testemunhas, Gaspar Fagundes, Manoel Gonçalves Barroso e Antonio Ribeiro Varenno. Foi passada aos 19 de Abril de 1656. E' a seguinte:

Doamos 40 braças de terreno que começarão da cerca que hoje (19 de abril de 1656) tem os ditos frades da banda do norte, correndo para a fronteira da rua que vae á fortaleza da rua das Cinco Pontas, até encherem ditas 40 braças, a qual terra assim lhes dão com todas as arvores de fructas e coqueiros que dentro da dita terra assim confrontada estão, e casa e todas as mais befeitorias que na dita terra estiverem, e de presente estão, cercando-a os ditos Reverendissimos Frades façam, dentro della, um mosteirinho conforme as suas posses e esmolas que lhes derem para o fazer: do qual mosteiro, elle dito Belchior Alves e a dita sua mulher Joanna Bezerra, se obrigam a fazer a capella mór, toda de pedra e cal, que possa durar, e serão tambem obrigados os ditos Reverendissimos Padres a ajudal-os a fazer, pedindo para isto pedras e o mais que fôr necessario, aos fiéis christãos que lhes quizerem dar, e pedindo os ditos Reverendissimos Padres, de sua parte, quanto puderem; e o dito mosteiro que assim fizerem na dita terra se chamará da invocação do Espirito Santo, e na dita Capella Mór que elles, ditos Belchior Alves e sua mulher Joanna Bezerra, fizerem, porão á sua custa um retabulo muito formoso do Espirito Santo, o qual ornarão com toda a decencia que convier ao culto divino...

Aqui temos a origem da capella do Espirito Santo, dos Pescadores, que mais tarde se chamou de N. Senhora da Penha de França, como tambem do hospicio, que mais tarde se tornou o convento da Penha.

VARIOS TRABALHOS DOS MISSIONARIOS

"Muitissimo fructo foi colhido por esses missionarios capuchinhos, quer mantendo illibada a fé catholica nos que já estavam convertidos, quer espalhando a semente evangelica nos logares do interior de Pernambuco, habitados pelos indios infieis e barbaros, visto que sómente o littoral do Brasil é possuido pelos europeus e no interior só ha barbaros". Assim o "Resumo" sobrecitado.

O trabalho missionario dos nossos Capuchinhos bretões, como tambem o dos futuros missionarios capuchinhos no Brasil, foi semelhante, mais ou menos, ao dos jesuitas.

Um delles o P. Fernão Guerreiro, nol-o descreve, em sua relação annual de 1602: "Com tres sortes de gente exercita a Companhia nesta Provincia seus ministerios: com os portuguezes, com os escravos de Guiné e com os naturaes da terra. Com os portuguezes, pregando, confessando, ensinando e fazendo o que em todas as outras partes costuma conforme o seu instituto; de que se colhe muito fructo e salvação de muitas almas, conversões e moções maravilhosas com que Deus, por meio das pregações, as toca apartando-se de graves peccados, em que havia muitos annos andavam...

A segunda sorte de gente com que os padres faziam muito fructos, são os negros de Angola e Guiné, por haver grande numero delles nesta terra, e muitos são boçaes que quasi se lhes não encherjava uso de razão. Estes estão espalhados pelos engenhos e fazendas de seus senhores; e, porque não é possivel virem ás villas e cidades, ha alguns padres, que ordinariamente correm estas fazendas, confessando-os, cazando-os, ensinando-lhes a doutrina...

A terceira sorte de gente com que os padres exercitam seus ministerios são os proprios Brasis. naturaes da terra, a quem faziam missões no sertão ou os traziam para junto do mar". (*)

O TRABALHO DE CATECHESE

Como os nossos Capuchinhos se occuparam tambem da catechese dos indios, vamos referir o que escreveu sobre os mesmos, o P. Fernão Guerreiro, em seguida ao sobredito.

"Naquelles primeiros vinte annos depois que os nossos (Jesuitas) entraram no Brasil, 1549, havia junto do mar tão grande multidão de gente, que dizia Thomé de Souza, que foi governador daquellas partes, a el-rei D. João III, que ainda que os cortassem em açogue, nunca faltariam, e assim nos primeiros quarenta annos, eram infinitos os que se convertiam, e as egrejas eram muitas. Porém como os brancos portuguezes iam povoando a terra e fazendo engenhos de assucar e fazendas; e para isso tinham necessidade de muitos trabalhadores, começaram a lançar mão dos naturaes da terra, e o que peor é, captival-os e fazel-os escravos, fermando-os e vendendo-os para diversas partes da mesma Provincia.

Pelo que os pobres Brasis, como de sua natureza são tristes e coitados, entraram em tamanha melanconia, que os mais delles morreram e se consumiram; outros fugiram pelas terras a dentro e não pararam senão dalli a cento ou duzentas legua, e deixaram a fralda do mar despovoada.

(*) Candido Mendes, II vol. pag. 513.

Para ir buscal-os os padres faziam jornadas, em que gastam seis mezes, e um anno, e as vezes um anno e meio, caminhando a pé, rompendo matos. padecendo grandes fomes, sêdes, perigos e trabalhos.

Desta maneira se tornam a trazer poucos e poucos; os quaes não vem mais que confiados nas palavras e amor dos padres que os defenderão dos brancos para que os não captivem e tratem mal. E comtudo isso ainda depois que os padres os trazem do sertão, os brancos os andam a saltar e furtar, sem os Padres lhos poderem defender; e algumas vezes os mesmos brancos se fingem e vestem em trages de Padres até fazem corôas nas cabeças, para que o pareçam de todo, e se vão ao sertão, ás aldeias dos Brasis, dizendo-lhes que são Padres para os enganarem, e a virem com elles, como por vezes vieram, cuidando que vinham com Padres, e depois que os tem junto do mar, os amarram e repartem entre si, e levam cada um para seus engenhos e fazendas.

...Outra cousa que muito difficulta a conversão e culturação desta gente, é a muita boçalidade e pouca capacidade que de sua natureza tem, que não sabemos outra mais boçal no mundo. Pelo que custa muito aos Padres domestical-os e fazel-os capazes das cousas de Deus..."

O P. Martinho de Nantes enumera as difficultades que encontrou na catechese dos indios do Rio S. Francisco: 1.º, Cobiça e interesse material de alguns que preferiam o augmento dos proprios lucros á conversão dos indios; 2.º, a preguiça e inveja de outros que obstaculavam os trabalhos do missionario; 3.º, o falso zelo de muitos, quer portuguezes, quer indios, a quem a paixão tanto cegara que chegaram a interessar o Estado da expulsão dos missionarios, por meio de calumnias maliciosas, vehiculadas até á corte de Portugal, que faziam recear da fidelidade dos mesmos, por serem francezes. Da parte dos indios, o esforçado catechizador lembra a indocilidade e a perversidade de alguns delles, o apego ás tradições selvagens e ás ceremonias pagans, o costume da polygamia e a proclividade assas pronunciada para a sensualidade. (*)

Não obstante todas estas difficultades, os nossos missionarios tentaram e conseguiram, com bom exito, catechisar varios nucleos de indigenas daquella Provincia.

DE OLINDA PARA O RECIFE

Quando os missionarios francezes chegaram a Pernambuco, foram residir em Olinda, e lá ficaram, parece, até 1654.

(*) Histoire de la Mission — pag. 74 e seguintes.

Em 1652, conforme escreve Cesinale, citando o Bullario da Ordem, o rei de Portugal em vista das optimas referencias que os missionarios francezes haviam obtido, derogou uma disposição de 1620, que prohibia a quaesquer missionarios estrangeiros a entrada nas conquistas de alem mar, e decretou que pudessem levantar um hospicio, assim que entrassem no Recife. Este foi tomado em 1654: no mesmo anno o general Francisco Barreto doou-lhes em Recife, no bairro de S. Antonio, um edificio, onde celebravam os santos officios até levantarem sua igreja. (**)

Mais adeante, (***) o mesmo auctor nos diz, que assim que puderam, os missionarios, de accordo com o Rei e a Propaganda, transferiram-se para o Recife; aqui tiveram, durante dois annos, um casebre e uma capella dedicada ao Divino Espirito Santo; depois, no mesmo sitio, um hospicio e uma egreja, com o titulo de Nossa Senhora da Penha. Nesse hospicio estavam os missionarios Fr. Cyrillo de Mans, superior, Fr. Antonio de Nantes, Fr. Fabiano de Nantes e Fr. Jorge de Nantes, mais o P. Fr. Colombino de Nantes, vice-prefeito da missão. (*)

Até 1676, anno em que foi creado o bispado de Pernambuco, occupavam-se de preferencia do ministerio sacerdotal entre os colonos; depois, tiveram maior vagar para attender á redução e catechese dos indios no interior da Provincia, o que já haviam começado depois de 1670.

NAS ALDEIAS DOS INDIOS

O auctor de "Os sertões" diz: "A solicitude acalentada do jesuita e a rara abnegação dos capuchinhos e franciscanos incorporavam as tribus á nossa vida nacional; e quando no alvorecer do seculo XVIII, os paulistas irromperam em Pambu e na Jacobina, deram de vista, surpresos, nas parochias que, alli, centralisavam cabildas. O primeiro daquelles logares... desde 1682 se incorporara á administração da metropole. Um capuchinho o dominava, desfazendo as dissensões tribaes, e imperando humillimo sobre os morubichabas mansos..." O preto que o mavioso escriptor rende aos nossos catechizadores, é muito justo.

Rocha Pombo consigna algures: "A obra da evangelização da Parahyba, em que se immolaram os jesuitas e os franciscanos, foi continuada pelos capuchinhos. Chegaram estes a contar quatorze missões nas capitancias de Pernambuco e da Parahyba". (**)

(**) Cesinale Vol. III, pag. 700.

(***) Cesinale, Vol. III, pag. 702.

(*) O. P. Fr. Dionysio de Placencia, de viagem para o Congo, esteve em 1667 hospede dos Capuchinhos; diz que havia no hospicio de Recife, cinco missionarios.

(**) Historia do Brasil, Tomo III pag. 419.

Entre os demais, destaca-se o P. Fr. Martinho de Nantes, de cujos trabalhos temos noticias, especialmente pela sua "Histoire de la mission du P. Martin de Nantes... chez les Cariris, (1671-1688)". (***)

Iniciou sua missão entre os Cariris, umas 50 leguas da villa da Parahyba, em 1671, juntamente com o P. Fr. Theodoro de Lucé. Retirando-se para o Rio de S. Francisco, lá deixou o P. Anastacio de Audierne.

As tribus selvagens do rio S. Francisco foi o campo fecundo desses catechistas; lá sustentavam seis missões. As de Uracapa e Cavallo, de indios cariris, entregues ao P. Martin; a dos Aramurús, ao cuidado do P. Anastacio e, depois do P. Boaventura de Bacherel; a de Rodellas, oito dias distante da precedente e longe vinte e duas leguas de Varapá, confiada ao P. Francisco Domfront; a de Pambú, vinte e duas leguas acima desta, catechizada em 1685 por Fr. Martin e Fr. Francisco Domfront; uma, a duas leguas acima destas, onde residia o P. José Chateaugontier, outra em Pochim, entregou ao P. José de Ploermel.

O jesuita João de Barros e religiosos de outras Ordens, vindo em 1685, de setenta leguas distante, visitar as missões que o P. Martinho dirigia, testemunharem perante a auctoridade da Bahia, a edificante disciplina que nellas reinava, comparando-as á de comunidade regular mais observante e á obediencia contente de filhos doces e attentos á voz de um pae querido e venerado. Mais de uma vez o P. Martin, á frente das tribus aldeadas, com graves incommodos, perigos e sacrificios, prestou mão forte á defesa dos bens ou da vida dos colonos, atacados por selvícolas bravios ou sublevados (*).

Os nossos missionarios, nessas aldeias além do trabalho inherente naturalmente á catecheze, maxime entre gente tão atrazada, tiveram que enfrentar muitas outras difficuldades, como por exemplo, nos aldeamentos do rio S. Francisco, o P. Fr. Martinho foi vexado pelas pretenções injustas do Coronel Dias d'Avila, pelas accusações que contra elle foram feitas por o missionario defender os direitos dos aldeados contra a prepotencia desses tyranetes. Nada porém soube detêr a esses bravos, que só tinham em vista a dilatação do reino de Christo.

CARAVELLAS NA BAHIA — Segundo Pizarro, tomo 4w. pag. 20, havia aqui um grupo de colonos portuguezes fugidos de Porto Seguro; aqui estiveram até 1681 sem cuidado espirital; nesse anno, muitos adultos foram baptizados por um Capuchinho francez que atravessava o sertão, e por diligencia desse missionario, levan-

(***) Edição de Roma, 1884, de uma de Quimper de 1706.

(*) Os Religiosos Capuchinhos da Bahia, pag. 25.

tou-se alli o primeiro templo sob a invocação de S. Antonio (hoje Coqueiros de S. Antonio). Outros dizem que, envez de portuguezes, eram indios. O P. Anchieta tambem esteve em Caravellas.

CAPUCHINHOS FRANCEZES NO RIO

Um antigo livro do tombo dos Capuchinhos do Rio (*) diz no seu começo, que a ordem dos Capuchinhos foi sempre sollicita, em attenção aos pedidos da Propaganda Fide, em despachar missionarios até ás mais remotas partes do mundo; e, que desde o anno de 1619 (crêmos seja 1649) mais ou meos, depois da Restauração de Portugal, por requerimento do augustissimo rei D. João IV, despacharam-se misionarios para esta America Meridional, chamada Brasil (como consta do nosso Bullario) e trabalhando na conversão dos peccadores, ensinando-os, animando-os na conservação da fé da Egreja Catholica Romana, penetraram nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no anno de 1659 com universal acceitação do prelado e ministros regios.

Em vista disso, e mais por sabermos que D. João muito havia estimado os trabalhos dos Capuchinhos bretões em Olinda, como consta da carta delle de 14 de Julho de 1646, crêmo-nos autorisados a pensar que os Capuchinhos francezes vieram para o Rio a pedido de D. João IV. Pizarro, em "Memorias historicas do Rio de Janeiro" (**) affirma que os primeiros Capuchinhos que aportaram no Rio, foram alguns missionarios francezes da Provincia da Bretanha, em 1650. Entre elles ha um P. Fr. João Baptista de le Croisic. No Rio tiveram a melhor acceitação. Por acto lavrado em 30 de Junho de 1653, D. Martha Borges, esposa do governador Duarte Correa Vasqueanes, doou aos Capuchinhos bretões a ermida de N. Senhora da Lapa, uma legua fóra da cidade. A distancia da ermida talvez não tenha permittido que os missionarios della se utilisassem.

Seis annos depois, o Prelado administrador do Rio, expedia o seguinte officio, datado de 9 de Junho de 1659: "Fazemos notar que julgamos necessaria nestas partes a obra apostolica do R. P. João Baptista, Capuchinho da Provincia da Bretanha. Por isso tendo em vista assim a caridade com que ouve as confissões, prega a palavra de Deus e assiste nos hospitaes, como tambem as esperanças que nos dá da maior gloria de Deus, e mais ainda ao amor que todos desta cidade lhe consagram; considerando outrosim

(*) Foi editado em Genova em 1929, sob o titulo: "Compendiosa noticia historica do Hospicio dos Religiosos Capuchinhos na Cidade do Rio de Janeiro".

(**) Tomo VII, 17, 243, citado por Castrogiovanni em "Notizie storiche della Missione Cap. di Rio de Janeiro". Catania 1910.

que o dito padre pretende partir daqui pela razão que, sem companheiros de religião não pode continuar a missão que lhe impuzeram os superiores: achamos opportuno dar-lhe licença, como com a presente lha damos, de construir um hospicio junto da igreja da B. V. Immaculada no outeiro adjacente a esta cidade, semelhante ao que os Capuchinhos tem em Pernambuco, onde elle e mais dois ou tres de sua ordem podem retirar-se e ter morada. Em tanto, até que não houver informado a seus superiores, permitimos-lhe, porquanto podemos e nossa jurisdição o permite, que adopte a sobredicta ermida da B. V. sob o titulo da Conceição como igreja do seu hospicio, abra nella portas, e faça tudo o mais que julgar necessario. Etc. Dr. Manuel de Souza e Almada (*).

O governador e a camara deferiram o pedido; dois religiosos no começo, depois mais, installaram-se no hospicio que levantaram com esmola, e lá foram desempenhando seu ministerio sagrado.

Assim temos hoje o "Morro da Conceição" e o Paço da Conceição, que não é sinão aquelle primitivo hospicio, transformado em palacio.

Ao P. Fr. João Baptista, diz Castrogiovanni, succedeu como superior no novo hospicio do Rio, o P. Fr. Matheus de N. S. da Conceição com mais seis companheiros, cujos nomes infelizmente não nos foram conservados, como tambem ignoramos os dos companheiros do P. Fr. João Baptista de le Croisic. Encontramos aqui trabalhando o P. Fr. Luiz de Tissanga e o P. Fr. Anselmo, que, doente, em 1677 foi para Lisboa.

Aqui no Rio como em Pernambuco o trabalho dos nossos missionarios desdobrava-se no munus pastoral, auxiliando os parochos, e na catechese dos selvagens, aldeando-os.

NA EDUCAÇÃO DOS SELVAGENS

A catechese dos indios, parece, devia ser a esperanza principal que acariciavam os que haviam convidado os missionarios. Os nossos não quizeram illudir tal esperanza. Encontramol-os entre os indios para aggreml-os e instruil-os.

Attribue-se lhes a fundação de varias aldeias. A mais importante é a de S. Antonio dos Guarulhos.

Santo Antonio dos Guarulhos — freguezia hoje do bispado de Campos no Rio, quasi fronteira á cidade de Campos, della separada pelo rio Parahyba, tem sua origem numa aldeia de indios, fundada por Capuchinhos francezes. Estes indios eram os Guarús

(*) Cesinale, Vol. III, pag. 704. O prelado governou a diocese do Rio de 1659 a 1670.

ou Guarulhos, que com os Purys e Goytacazes habitavam as terras entre Macahé e o rio Itabapoana, os quaes tinham as suas aldeias pelo campo e de preferencia construíram as suas choças sobre esteios na agua: razão pela qual essas terras se chamavam "Campos dos Goytacazes..." (*).

A catechização desses indios foi começada em meados do seculo XVII, em coincidência mais ou menos com o principio da futura cidade de Campos, 1652, e da capella de S. Pedro de Campo Limpo, erecta pelos jesuitas em 1648.

"Pelo anno de 1659, alguns missionarios Capuchinhos francezes penetraram nos sertões do Parahyba e Muriahé, pondo-se em contacto com os Guarulhos. Os indios acolheram-n'os com humanidade e o seu labor foi proficou. Treze annos depois, isto é, em 1672, foram rendidos no trabalho apostolico por outros da mesma ordem, mas italianos. Estes — os auctores referem os nomes de Fr. Thiago e Fr. Paulo — conseguiram arrebanhar grande numero de indios, e em 1683 mais ou menos "fundaram a primeira aldeia neste pais com a invocação de S. Antonio". Ficava esta aldeia no primeiro alto, abaixo da fóz do Muriahé".

"Os missionarios Capuchinhos trabalhavam denodadamente na sua aldeia, e todos os auctores que pudemos consultar, são accordes em dizer que grangearam a confiança e a sympathia de seus tutelados... Pelo espaço de 16 annos os Capuchinhos haviam administrado a aldeia de S. Antonio, quando el-rei D. Pedro II lhes ordenou sahisses de seus dominio do Brasil... Então foi a missão entregue á Provincia Franciscana da Immaculada Conceição, cujos padres com não menos zelo do que os Capuchinhos, se incumbiram do arduo ministerio. (**).

Estes auctores querem que os ditos Fr. Thiago e Fr. Paulo sejam italianos, e uns pretendem que sejam ex-missionarios capuchinhos do Congo ou Angola. Não cremos; a) porque não consta que a S. Congregação de Propaganda tivesse facultado tal digressão a missionarios italianos do Congo, antes do começo do seculo XVIII; b) porque o primeiro Fr. Paulo, toscano, missionario italiano no Congo, seguiu para lá em 1667, e lá morreu na missão de Sonho; o primeiro Fr. Thiago de Pavia lá chegou em 1680; c) porque encontramos no antigo livro de tombo de S. Fidelis — conservado no archivo dos capuchinhos do Rio e publicado em "Annaes franciscanos, 1935 — 1936", uma versão que nos parece muito mais autorizada do que as que nos são dadas pelos sobre-dictos auctores, diz ella:

(*) Veja-se a excellente monographia do P. Fr. B. Rower O. F. M. "Os Franciscanos nos Campos dos Goytacazes", Petropolin, 1934.

(**) Fr. Rower — Os Franciscanos nos C. G. pag. 4. Veja-se tambem — Revista do Instituto Hist. Geographico, Tomo XVII, pag. 223.

“Na era de 1672, dois annos antes que se erigisse em villa a actual S. Salvador de Campos, tão florecida e famosa pela continua negociação especialmente dos assucares, vieram para cá dois missionarios capuchinhos francezes: Fr. Joaquim (não seria antes Fr. Jacques ou Thiago?) e Fr. Paulo, e aldearam uma nação que então havia, de indios Guarulhos e os aldearam á beira deste mesmo rio (Parahyba), para a banda do sul, pouco mais de uma legua para cima da villa de S. Salvador; até se acha noticia nos livros da camara da dita villa, que estiveram trabalhando na vinha do Senhor por espaço de vinte annos nos quaes, nos ultimos tres, por uns requerimentos que ouviram contra o P. Paulo, vigario da dita villa, foi encarregado pelo Sr. Bispo da Freguezia da dita villa ao mencionado Fr. Paulo; do que succedeu depois, não pude alcançar documento algum authenticico; é certo porém que aquella paragem onde os Missionarios aldearam os indios, tem ainda o nome de “Aldeia Velha”, e com effeito ainda apparecem os alicerces da igreja, dormitorio, e que são de pedregulhos, etc.”

A carta regia de 27 de Janeiro de 1687, informa sobre as queixas dos Capuchinhos missionarios assistentes no Rio e fundadores de uma aldeia de Indios na Parahyba do Sul, queixas contra o vigario. Alberto Lamego, e m“*A Terra Goytacá*” (*) diz: “Após 25 de Outubro de 1689, com a retirada do Vigario Sardinha, a parochia de Campos, foi entregue provisoriamente a Fr. Paulo”.

Entre os Capuchinhos francezes, temos o *P. Fr. Thiago de Bretanha*, que deu missões nos arredores de Campos de 1672 a 1692. O “Jacques” dos francezes, deu talvez o “Joaquim” do manuscrito de S. Fidelis. A carta regia de 1 de Fevereiro de 1694, diz-nos que o vice-rei mandou embarcar para a Europa a *Fr. Paulo* e a mais dois religiosos francezes. Ora, a lei de expulsão, então só attingia os Capuchinhos francezes. Concluimos que a aldeia foi fundada pelos francezes.

Mais tarde outro capuchinho, este italiano, Fr. Francisco de Todi, conseguiu aldear alguns desses indios guarulhos na aldeia de Ipuca. Os auctores attribuem aos Capuchinhos francezes do Rio a fundação de mais duas aldeias: *a de S. Miguel*, na freguezia de S. João dos Campos, e *a de Mogy*, caminho das Minas.

Cesinale e outros falam numa aldeia de *Campo Novo*, fundada por um Fr. Thiago em 1672, e outra em *Guaitacazes*, fundada pelos Capuchinhos francezes em 1687 — está claro que os taes escriptores se equivocaram; uma e outra não são sinão a mesma que S. Antonio dos Guarulhos.

Outro equivoco bastante grande commetteram Cesinale e quem o seguiram, dando como missionario heróe do Brasil ao P. Fr.

(*) Livro II, Cap. II, Pag. 163.

Florentino de Bourges, que nunca foi missionario no Brasil. Deram-n'o como pertencente aos Capuchinhos francezes do Rio. Nada disso. Fr. Florentino, destinado ás Indias Orientaes, embarcou na França em 1711, foi parar em Buenos Ayres, e dahi partiu para o outro lado da America para tomar um navio que o levasse á India; na viagem porém de S. Fé a Cordova, perdeu-se; e, depois de muito caminhar, chegou ás missões dos jesuitas no Paraguay, onde foi optimamente recebido. O P. Florentino relata por extenso essa viagem, em que não chegou ao Brasil; descreve as maravilhas que vira, *com bastantes exaggeros*, e louva justamente de N. S. conceda licença de receber noviços". (*)).

A acta da Congregação da Propaganda de 18 de Dezembro de 1662, (Act. Eccl. Vol. 68, pag. 316.), diz: "O P. Antonio de Nantes, vice-prefeito da missão dos Capuchinhos no Brasil, faz notar que, de vinte annos para cá, aquella missão é desempenhada pelos Capuchinhos da Provincia da Bretanha, não havendo chegado mais nenhum outro religioso, dêz que lá penetraram os hollandezes; e como todos foram expulsos ha nove annos pelos portuguezes, conseguiram os missionarios edificar aqui um hospicio. Como porém hoje alguns ministros daquella côrte estão impedindo que não passe mais nenhum religioso para cá, supplica a Santidade procurados e convidados pelos ordinarios (**).

EXTENDEM A ZONA DE TRABALHO

Segundo o "Resumo" os Capuchinhos francezes, de Pernambuco, em 1664, instaram junto da Propaganda para poderem extender sua missão a todo o Brasil. A Congregação antes de lhes conceder tal licença, informou-se muito bem sobre as cousas do Brasil e sobre as missões existentes no paiz; e, sabedora de que as exerciam os Jesuitas, os Agostinhos, os Carmelitas calçados e descalços, os Menores Observantes de S. Francisco, e que existiam bispos e pastores, pois que os portuguezes, sacudindo já o jugo dos espanhóes e vencidos os hollandezes no Brasil, tinham retomado a posse daquelle paiz, estabeleceu que poderiam tambem os Capuchinhos extender-se com suas missões, em todos os pontos, porém, só onde actualmente não houvese outras missões, e onde fossem procurados e convidados pelos ordinarios (***)).

Lembra aqui o "Resumo" que as sobreditas missões dos varios regulares não eram apostolicas, mas sob a direcção dos or-

(*) Veja: "Analecta Ord. Cap. Vol. XXII, 1906; e "Annaes Franciscanos 1934, pag. 283.

(**) Citado por Cesinale, vol. III, pag. 708.

(***) Archivo Vatic. Missioni, 41, fol. 17.

dinarios, sem serem autorizadas pela S. Sé e pela Propaganda. “Até, esta sagrada Congregação nunca quiz dar missões no Brasil a outros senão aos Capuchinhos, apesar das muitas instancias que muitas vezes lhe tem sido feitas por regulares e por padres seculares, até mesmo recomendados por aquelles bispos, só exceptuados os Philippinos de Olinda (Cong. do Oratorio). Diffundiram-se portanto os Capuchinhos e fundaram hospicios e missões em muitos logares do Brasil, sobretudo no rio de S. Francisco e na Bahia de Todos os Santos, ou cidade de S. Salvador, metropole do Brasil, onde uma piedosa senhora lhes deixou por testamento um hospicio”.

Em força desta concessão nós os temos em 1667 em S. Pedro do Rio Grande do Sul — missão que Cesinale e outros arrolam entre as aldeias fundadas pelos Capuchinhos! Foi a mesma cidade que os pediu ao rei em 1667; e, como foi deferido o pedido, a mesma se apressou em agradecer o favor — 16 de Julho de 1668: “Os Religiosos Missionarios que V. M. houve por bem enviar a esta cidade a nosso pedido, os collocámos no sitio de N. S. da Conceição, para que alli tenham a egreja já feita e o que fôr preciso para o seu hospicio: agora pedimos a V. M. queira confirmal-os em dito sitio e egreja, e assim, com a assistencia delles, vos promettemos muita felicidade”. (*)

NA CIDADE DE S. SALVADOR

“Já antes de estarem aqui estabelecidos os Capuchinhos italianos, escreve Macedo em “O Brasil Religioso” pag. 139, vinham de vez em quando á Bahia, os Capuchinhos francezes da prefeitura de Pernambuco, que dirigiam as missões do rio S. Francisco, a se proverem do necessario, a pedirem providencias ao Governo, a consultarem o Prelado aqui residente, em ordem ao bom andamento das missões. Hospedavam-se então, na falta de convento proprio, nos conventos religiosos de outra ordem”. Era então mui natural que pensassem numa casa de hospedagem e cuidassem de ter tambem alli um hospicio, como os tinham em Pernambuco, no Rio e até em Lisboa, e todos elles com o beneplacido real.

O P. Fr. Martinho de Nantes em sua primeira vinda da Missão de Uracapa á Bahia, fim de 1677 ou começo de 1678, havia accedido na capital um terreno que lhe fôra offerecido para um hospicio e escrevera nesse intento aos Capuchinhos de Lisboa. (**).

Podiam elles avançar confiantemente seus pedidos ao rei, porque o mesmo rei, por alvará de 11 de Novembro de 1676, havia

(*) Silva Lisboa, par. 80, pag. 364. Citado por Cesinale.

(**) Histoire de la mission, pag. 138.

declarado que os tomava sob a sua protecção (***) . Tinham mais uma circumstancia muito a seu favor; a Rainha Maria Francisca Izabel de Saboia, condessa de Nemours — casada primeiro, em 1666 com Affonso VI e depois, annullado o casamento, desposada em 1668 a seu cunhado D. Pedro II — era franceza e amiga dos francezes. Facilmente conseguiriam seus intentos.

Dirigiram seu pedido á camara da Bahia, a qual por sua vez o encaminhou a Lisboa, expondo a virtude, o zelo, a prudencia com que elles (os Capuchinhos francezes) tinham trabalhado incessantemente, pregando o S. Evangelho; e mostrando ao regente (D. Affonso) a grande multidão dos indios selvagens que com suas evangelicas instrucções se haviam convertido á fé de Jesus Christo, os quaes depois aggremiados e formando aqui e acolá aldeias, parochias e villas, occupavam-se nos trabalhos dos campos, trazendo com isto grande utilidade ao Estado, augmentando-lhe a população e multiplicando as rendas dos productos da agricultura, (*). A Carta da Camara era de 24 de Março de 1678.

O principe regente respondeu:

Roque da Costa Barreto — amigo — Eu, o Principe vos envio muito saudar.

Havendo mandado considerar o que me representavão os officiaes da Camara desta Cidade (S. Salvador) por carta de 24 de Março do anno passado de 678 sobre o procedimento dos Religiosos Capuchinhos Francezes, e o zelo com que se empregam nas missões de todos os Certões, reduzindo com o seu exemplo, virtude e doutrina a muitos dos gentios á luz da Igreja; fui servido conceder-lhes que podessem fazer um hospicio nessa cidade, para se recolherem os que viessem do Certão, não passando nunca o numero que nelle assistissem, de seis até oito religiosos e que com esta condição o podessem fabricar. E visto o que obram na conversão daquellas almas e o serviço que fazem a Deus nesta applicação; Me pareceo encommendar-vos (como por esta faço) que lhe assineis sitio conveniente em que possam edificar o dito hospicio pelo bem que se pode seguir a esses moradores e pelo que resultaria ao Serviço de Deus. Espero do zelo com que me servis, que assim o executeis e nesta forma o mando tambem aos officiaes da Camara desta cidade.

Escrepta em Lisboa, a 29 de Fevereiro de 680. Principe Conde de Val de Reis — para o Me. de Campo General do Estado do Brasil — Bernardo Vieira Ravasco". (**)

Macedo, pag. 140, diz que o rei, por alvará de 11 de Dezembro de 1679, lhes permittiu fundarem hospicio na Bahia. Cesi-

(***) Vide Galanti — Compendio, Vol. III n.º 33.

(*) Silva Lisboa, cit. por Cesinale, 767.

(**) C. R. da Bibliotheca Nacional do Rio, doc. 730, pag. 712 e 712 v.

nale, fundando-se no "Bullario" da Ordem 219, diz que a sobrecitada carta regia foi datada de 25 de Agosto de 1679. Em qualquer caso, os Capuchinhos francezes, *em começo de 1680, estavam com licença de fundarem um hospicio na Bahia.*

Para se dar execução ao que determinava a carta regia supra, é ainda Macedo que falla, foi nomeado presidente do hospicio capuchinho da Bahia, em 1682, o P. Martin de Nantes, que então dirigia as missões do rio S. Francisco. Partiram de Lisboa a trazer-lhe as precisas auctorizações e a auxiliá-lo nessa empreza os capuchinhos de le Croisic: P. Basilio de Faonet, P. Luis Baptista e P. Luis de Tissanga, o qual enviando Fr. Bernardo de Nantes a substituir o P. Martin no aldeamento que estava a sua conta, esperou pela vinda deste para seguir para o Rio de Janeiro. O P. Fr. Jeronymo de Sorrento, de viagem para o Congo, esteve em 1682 hospede dos Capuchinhos francezes no hospicio delles. Diz que estava de superior o P. Fr. Martinho, o qual estava no Brasil havia 14 annos, e gastara quatro para aprender a lingua dos indios, entre os quaes estivera sempre, e dos quaes muitos convertera. Passou novamente no hospicio, doente, para tratar-se.

O P. Fr. Martinho occupou-se do seu novo encargo até o anno de 1687, em que, extenuado pelos serviços e pela idade e talvez mais pelos effeitos da peste que o attingira no anno antes, se retirou para a Europa.

O HOSPICIO DOS FRANCEZES NA BAHIA

Macedo, citado o alvará com que o rei permittia aos Capuchinhos francezes a fundação de um hospicio na Bahia, accrescenta que logo em seguida o rei os auctorizou a se aproveitarem do que os capuchinhos italianos occupavam. O de Cesinale affirma que o hospicio dos francezes foi o mesmo dos italianos que partiram, porém, foi augmentado; a igreja, a dedicada a N. S. da Piedade.

Consta como certo que, em 1679, os dois Capuchinhos italianos, Fr. João Romano e Fr. Thomaz de Sora, ao repartirem, após um septennio de missionarios no Congo, impellido o navio pela tempestade, vieram dar na Bahia. Como aqui se entregassem ardentemente ao trabalho apostolico, agradaram muito o povo, que desejoso de os ter comsigo, lhes offereceu de prompto recursos pecuniarios e lhes assegurou meios, para, na cidade, levantarem um hospicio que lhes servisse de residencia.

Mais: Piedosa senhora, admiradora dos dois capuchinhos, legou-lhes por morte, sob a condição de tantas missas annuaes, a casa em que habitava desde 1660, com uma capella, contigua e terreno annexo, numa extensão de 150 braças de frente por 300

de fundo. A casa resumia-se num pequeno aposento com tres cubiculos, que no edificio de hoje são os que se vêm á direita de quem entra, foi o *hospicio* desses abnegados missionarios! Em meado do mesmo anno de 1679, receberam, mediante doação publica, um bom terreno para nelle edificarem um hospicio mais conveniente. Mas não lhes foi possivel levar avante o traçado. (*)

Macedo, a pag. 140, diz que pelo passamento da rainha D. Maria mudaram-se as boas disposições do governo para os capuchinhos francezes, o qual deu providencias para elles se incorporarem aos capuchinhos italianos. Assim é que occuparam o pequeno hospicio utilizado pelos italianos e, em seguida, ergueram mais — para sua residencia — uma casa a par do conventinho dos italianos — augmentando este com um andar superior e outros dois braços que formam um claustro com entrada, pelo lado direito, para a pequena igreja.

Nos primeiros mezes do anno de 1682 chegou á Bahia, vindo das missões do rio S. Francisco, o P. Fr. Martinho de Nantes, nomeado superior da residencia da Bahia e com o fim de lá levantar um hospicio ou convento. “Lá não havia ainda senão pequenas celinhas de simples terrapleno, no terreno do qual se havia tomado posse, e uma igreja da mesma sorte, que se havia construido provisoriamente até que se levantasse um convento perfeito. O Rei de Portugal houve por bem dar quinhentas libras annuaes, durante dez annos, para auxiliar esta construcção”. (**).

Para esses melhoramentos, soccorreram-se das esmolas dos fiéis, de contribuições annuaes do rei, e da somma de duzentas libras que lhes deu o arcebispo D. Fr. João da Madre de Deus (***), o qual em seguida lhes foi emprestando dinheiro, até lhe ficarem devendo, quando da sua morte, a quantia de dois mil francos. Não tractaram da construcção de igreja; esse trabalho estava reservado aos cuidados dos Capuchinhos italianos. A data da remodelação do hospicio pode ser fixada no anno de 1689, conforme lapide commemorativa alli existente.

O JURAMENTO DE FIDELIDADE

O “Resumo” nota que em 1687 começaram graves disturbios com a côrte de Portugal, porque esta não queria mais permittir o accesso ás suas conquistas aos missionarios apostolicos, si antes não houvessem prestado o juramento de fidelidade, que não de-

(*) Deixamos para outra parte do nosso trabalho a debatida questão do Hospicio dos Capuchinhos na Bahia.

(**) *Histoire de la mission*, pag. 145.

(***) Chegou á Bahia a 20 de Maio de 1683; falleceu a 13 de Junho de 1686.

pendiam da Congregação de Propaganda Fide, para só reconhecerem os direitos do rei.

Déra occasião a esta lucta, o facto da Santa Sé haver nomeado numerosos vigarios apostolicos nas Indias, com caracter e direitos episcopaes. Portugal não gostou; allegou o *direito do padroado*, em virtude do qual, além da apresentação dos bispos para as sédes existentes e o consentimento em caso de novas, achou que era necessaria a sua licença para que um missionario europeu ou um delegado de Roma, pudesse ir ás Indias; necessaria sua approvação para terem força de lei as bullas e os breves pontificios: Portugal pretendia um verdadeiro monopolio das missões das Indias, e este perpetuo.

O rei deu ordem que fossem presos e levados para Lisboa todos os que lá fossem por outras vias. Houve prisões e expulsões. O clero em parte se passou para o rei. Confusão e desordens! (*)

A's reclamações de Roma contra o juramento, os de Lisboa respondiam que o rei só tratava de defender-se e de conservar o jus e os direitos de sua Corôa, como era sua obrigação; e havendo sido apresentada por S. M., com a maior attenção, a materia a theologos e canonistas tementes a Deus, estes haviam affirmado que não podia nem devia desistir da sobredita pretensão, que julgava inteiramente fundada. (Carta do Nuncio em Lisboa ao secretario de Estado em Roma, 6 de Dezembro de 1688).

O juramento sem o qual se não deixavam passar missionarios além de Lisboa, esteve em foco entre 1687 a 1689. Recrutou-se muito em 1800.

Podemos transcrever um modelo do juramento (de 1781) exigido de "todos os missionarios que vão aos dominios ou conquistas de Portugal, na Asia, Africa e America, quer sejam italianos ou francezes ou de qualquer outra nação. Segue: — Apareceu mediante (perante?) o Ilmo. e Exmo. Sr. Martinho de Mello, Secretario de estado, o P. Fr. N. N. missionario apostolico no reino de... prometeu e jurou *tacto pectore*, de observar as ordens de S. M. Fidelissima, não encontrando os direitos do real padroado. (ass.) Fr. N. N. (**)

Estas exigencias da metropole tiveram seus echos tristes na missão do Brasil. Na "Acta" da Congregação, 13 de Março de 1690, se lê que "Os padres Capuchinhos francezes, missionarios no Brasil recorreram á S. Santidade o Papa representando-lhe como pelos reis de Portugal Affonso e João IV, havia perto de 49 annos, lhes haviam sido concedidos tres hospicios no Brasil e um em Lisboa, para o exercicio das missões; mas porque o rei pretende um juramento de fidelidade dos sobreditos missionarios, a mis-

(*) V. Cesinalo, Vol. III, pag. 310.

(**) Archivo Vat. Nnc. Portug. 122 A.

são do Brasil está privada de operarios, havendo apenas um em cada hospicio, e não podem nem acudir ás necessidades das conversões dos infieis nem cultivar os convertidos, de que ha grande numero”.

“A Côrte, como affirma o ”Resumo”, ante as recusas dos missionarios ameaçava que teria ella mesma provido de missionarios a Africa e as Indias, sem dependencia da S. Congregação de Propaganda Fide. Taes disturbios foram em parte sopitados pela connivencia da S. Sé, que admittiu o direito de patronato do rei de Portugal, primeiro sobre os bispados de Cochim e Granganor, e depois sobre os demais bispados das Indias. Foi porém conveniente mudar a nação que até então tinha fornecido os missionarios, enviados ao Brasil. Até aqui era a França que os fornecia; ora, Portugal, por razões de estado, não quiz mais toleral-os no Brasil; permittiu porém que, em lugar delles, se enviassem missionarios da mesma ordem dos Capuchinhos, todos porém da Provincia da Italia”.

O Nuncio Ap. em Lisboa, numa carta ao Secretario de Estado, de 28 de Janeiro de 1689, diz-lhe que, como em Lisboa, não agradavam as missões do Oriente e do Brasil, entregues a religiosos que não fossem subditos ou naturaes destes reinos, queriam encontrar algum especioso pretexto para excluil-os, sem apparencias de parcialidade, e dahi o juramento de fidelidade. O mesmo Nuncio, noutra carta de 22 de Novembro de 1688, dizia ao Secretario de Estado de Roma que era desejo dos homens politicos de Lisboa de que os religiosos mostrassem difficuldade para prestarem um tal juramento, e assim podesse ser-lhes negada a licença de irem ás colonias portuguezas, ou as abandonassem, si a ellas já tivessem ido; e isto affirmava, porque tinha podido colher que “em vez de Capuchinhos francezes, que são destinados ao Brasil, tencionavam enviar para lá outros religiosos portuguezes”, e esta exclusão visava não somente os francezes, mas tambem outros religiosos. (Archivo Vatic. Nunc. Portug. 44) .

Foram feitas varias tentativas para se eliminar uma ordem real, tão offensiva á dignidade da igreja. O P. Fr. Paulo de Varazze empenhou-se para isso, como tambem a diplomacia pontificia acreditada junto de el-Rei; mas pouco ou nada conseguiram. El-rei estava muito contente com o portamento e com as virtudes dos capuchinhos italianos, (o Nuncio ao Secret. de Estado, 25 de Abril de 1689) todavia se elle mostrava irremovivel no proposito de exigir o juramento, ainda que dissesse que dava ao mesmo um valor meramente formal, que não desligava os missionarios da obediencia á Congregação Romana e á Santa Sé.

Outro missionário que muito se empenhou nessa questão foi o P. Fr. José Maria de Busetto, missionário durante 22 annos em Angola: foi ao rei e mostrou-lhe a fidelidade incondicionada á Corôa, mostrada pelos missionários no meio das difficuldades e doenças das missões; mas nada conseguiu acerca da abolição do juramento.

Essa questão nunca foi soluccionada de modo definitivo; a intransigencia do Soberano era sustentada pelo supremo Conselho das Indias e pelos theologos da Universidade de Salamanca. Apezar disso, pelos bons officios de alguns missionários ou de outras pessoas, chegou-se a um modo de viver que deixava liberdade de acção aos missionários italianos.

OS FRANCEZES DEIXAM O BRASIL

Diz-nos o "Resumo" que Portugal *por razões de estado* não quiz mais tolerar missionários francezes no Brasil. A principal razão de estado, crêmos, é a lembrada pelo Nuncio Apostolico em Lisboa, na carta ao Secretario de Estado do Papa, a 28 de Janeiro de 1689: "*Como em Lisboa não agradam as missões do Oriente e do Brasil, entregues a religiosos que não sejam subditos ou naturaes deste reino...*" Esse "desagrado" não era tão recente. Já em 1662, os Capuchinhos missionários bretões, no Brasil, communicavam a Roma os impedimentos que os portuguezes punham á sua passagem para aquellas missões. (*)

Nas Actas da Congregação de Propaganda — 12 de dezembro de 1662 — Frei Antonio de Nantes já se queixava que alguns Ministros da Côte de Portugal impediam a vinda de novos missionários, sob pretexto de que os estatutos do Reino não permittiam o ingresso de estrangeiros naquellas terras, o que era falso, e implorava por isso licença para receber noviços; accrescentava que naquella data só havia ainda tres religiosos, e estes eram muito velhos.

Silva Lisboa em "Annaes do Rio", I.^o — VIII § 34, diz — "Em 1705 entrou na mesma villa (de S. Salvador dos Campos) em character de missionário, Fr. Antonio de Madureira, attentas as recommendações Reaes ao Provincial do Carmo, pela carta regia de 25 de Janeiro de 1695, de que os seus religiosos fizessem missões, afim de que ficassem entendendo os Religiosos estrangeiros, de que se não carecia delles para o fim de pregar e converter indios..."

Accresce a circumstancia do passamento, occorrido em 1683, da rainha D. Maria Izabel de Saboya, de origem franceza, com o que os missionários francezes perderam um poderoso amparo.

(*) Archivo Vatic. Missioni, 41 f. 17.

Tambem advieram novos interesses ao governo portuguez, com os novos tratados e allianças politicas que o mesmo celebrou no ultimo quartel do seculo XVII.

A' infelicidade ajuntou-se a calumnia e a injustiça. "Afinal (Macedo — "O Brasil Religioso", pag. 141) o governo portuguez, offendido das presas feitas pelos armadores francezes, nos navios portuguezes, envolveu tambem, não com sobrada justiça, os Capuchinhos dessa nacionalidade na suspeição de conspiradores e contrarios... Os religiosos da nação franceza eram completamente extranhos a tudo quanto fosse atraioar os portuguezes para favorecer os designios de seus compatriotas. A severa disciplina que reina entre os religiosos, não se compadece com semelhantes processos."

Quanto porém se achavam elles a cavalleiro de tal suspeita (*) mostrara-o já uma vez o P. Martim de Nantes, na ultima resposta que, em sua viagem á Bahia, em principios de 1678, déra magoado, ao mestre de campo Alvaro de Azevedo. Louvando este os serviços que o capuchinho e seus companheiros prestaram á religião e ao estado, manifestava, entretanto, o receio de que, sendo estrangeiros, se servissem do prestigio que tinham sobre os indios em favor de sua nação. O P. Martin protestou: "Senhor, o rei da França não precisa de trahidores, e quando quizesse servir-se delles, não os procuraria entre os Capuchinhos, porque os tem em melhor conta!"

Houve accusações contra elles, mas não são de molde de infirmarem os muitos e reaes meritos dos esforçados missionarios. Veja-se, por exemplo, o que dizia João Fernandes Vieira. (**) "Fernandes Vieira não via com bons olhos nem estrangeiros, nem os "frades capuchos barbados". Catechizavam o gentio com muitas liberdades de linguagem. Tinham tido a ousadia de collocar as armas de França no seu recolhimento de Santo Antonio. Cumpria que os frades capuchos se retirassem, cautelosamente, por ordem do bispo, "pois elles nas suas terras tinham bem nellas que fazer", ou se estabelecessem onde não pudessem prejudicar os interesses do Estado."

As razões de Estado — nós diriamos, a permissão divina — decretaram a repatriação dos benemeritos pioneiros do evangelho e da civilização. O Brasil devolveu-os á Bretanha.

A carta régia de 1 de Fevereiro de 1694, avisa-nos que o vice-rei mandou embarcar a Fr. Paulo e mais dois religiosos francezes; a de 28 de Janeiro de 1695, mandou remover para o sertão os Capuchinhos francezes que estavam no littoral; a de 18 de Janeiro de 1696 permittia ficar, no hospicio do Rio, a Fr. Matheus com seus

(*) Os Religiosos Capuchinhos da Bahia, pag. 20.

(**) D'Escragnonle Doria, na "Revista do Inst. Hist. Geograph. de S. Paulo, Vol. XVI, pag. 383.

donatos; os mais Capuchinhos deviam entregar as aldeias aos capuchos de S. António; dois capuchinhos que tinham vindo sem autorização, foram reenviados para a Pátria; o Aviso de 12 de Janeiro de 1698, declara que o Governo da Metropole ficou inteirado de que, na capitania do Rio, existia um só capuchinho francez, que era o P. Fr. Matheus.

Em Dezembro de 1695, apresentou-se ao Rio de Janeiro o francez De Gennes á frente de cinco vasos de guerra; tres naus puderam entrar no porto, onde se demoraram um mez, para se proverem de agua e mantimentos. Nessa occasião os francezes assaltaram a cadeia publica, afim de lá tirarem á força dois patricios, presos por crimes. Talvez fosse em consequencia desta visita de Gennes que a metropole pouco depois ordenou aos Capuchinhos francezes se retirassem daquella cidade. (*)

O P. Martinho de Nantes diz, em 1687, que não voltaria mais ao Brasil, “porque não se deixavam mais lá ficarem Capuchinhos francezes, por causa de uma questão surgida entre a côrte de Roma e a de Portugal attinente aos missionarios. A côrte de Portugal exigia de todos os missionarios estrangeiros um juramento de fidelidade, que, no começo, era mui legitimo na sua forma, e até devido por direito natural e divino. Em seguida, foram-se interpondo delongas em se o fazer; a côrte de Portugal concebeu disto desconfiança e lhe ajunctou circumstancias tão onerosas que a Sagrada Congregação prohibiu se prestasse. Por isso, todos os nossos missionarios, que tinham ido da França, em numero de oito, foram obrigados, como eu, a voltarem a seu paiz. A obediencia me chamou como primeiro; os outros vieram em seguida.” (**)

Uma testemunha daquelles tempos conta, em “Memor. de M. Nadreau de Rochefort” (***) “Estando a esquadra de naus do rei, commandada pelo Sr. De Gennes, em descanso no Brasil, em 1695, encontrámos, no hospicio do Rio de Janeiro, o P. José de Saumur, com um irmão; naquelle da Bahia, tres padres e dois conversos, os quaes nos disseram que os Portuguezes não queriam mais supportal-os, que os obrigavam a sahir do Brasil, o que depois fizeram e deram os hospicios aos seus bispos”.

Por amor á verdade, convem ajuntar, como affirma o Livro do Tombo, citado por Silva Lisboa, que o governo deu aos missionarios francezes os meios opportunos para se repatriarem e os tratou com muita decencia.

Guennes, em “Ligeiros Traços”, pag. 56, diz que os Capuchinhos francezes desterrados do Brasil, ao chegarem a Lisboa, “consegundo deitar por terra o castello da iniquidade e justificar-se plenamente das arguições que lhes eram feitas, continuaram a re-

(*) Galanti. Tomo III, n.º 79.

(**) Histoire de la Mission, pag. 166.

(***) Manuscrito do Archivo da Marinha, Paris, citado por Cosinale.

aidir no convento da Esperança em Lisboa, para onde haviam sido retirados em obediência ao que lhes impuzera o seu superior de Borgonha, não obstante haver el-rei ordenado que voltassem para sua provincia.”

Imaginemos como devia ser triste a despedida desses abnegados missionarios, que haviam enterrado no solo brasileiro os seus maiores thesouros da intelligencia e do coração. Guennes da Silva diz ser tradição que um desses heroicos missionarios, ao deixar Pernambuco, ajoelhou na praia, pediu perdão ao povo e predisse os graves acontecimentos que assolaram Pernambuco durante o triennio 1709-1711 (*)

“Da longa estadia desses religiosos era conservada como lembrança, ainda ha annos, junto a um poço, grossa pedra em plano inclinado. Era sobre ella que os catechistas, expulsos pelo rei D. Pedro II, lavavam a propria roupa.” (**)

Com a sahida dos Capuchinhos francezes no Rio, o hospicio foi entregue ao bispo; as missões, aos padres capuchos de S. Antonio; na Bahia e em Pernambuco, os hospicios e as aldeias de indios passaram para os Capuchinhos italianos.

Quando os ultimos capuchinhos repatriados aportaram a Lisboa, o rei queria que voltassem para o Brasil, mas elles lhe responderam que tal cousa não dependia delles.

O HOSPICIO DOS FRANCEZES EM LISBOA

Os Capuchinhos bretões conseguiram abrir em Lisboa um conventinho, hospicio, destinado a agazalhar os missionarios francezes que viajavam para o Brasil e Guiné e deviam aguardar as monções para a travessia. Foi-lhes concedido o hospicio por aviso da Secretaria do Estado de 11 de Agosto de 1647, e foi fundado em 25 de Agosto de 1648, sob a invocação de N. Senhora da Porciuncula. Segundo Silva Lisboa (***) para tal fim a duqueza de Avieiro, D. Maria de Guadalupe, deu suas proprias casas, defronte do mosteiro da Esperança, das quaes tomou posse o P. Fr. Cyrillo de Mayenne.

Motivos que levaram D. João IV a conceder aos francezes tal hospicio — sito, como escreve o P. Fr. André de Pavia, que nelle se hospedou, justamente onde a gente desembarca á margem do Tejo — adduzem-se varios. Teria sido uma recompensa dos optimos serviços que os Capuchinhos bretões haviam prestado no Brasil; segundo outros, recompensa pelos serviços que vinham prestando a Portugal, junto das tropas que a França mandára em favor de Portugal contra a Hespanha.

(*) Guennes da Silva Mello — “Ligeiros traços sobre os Capuchinhos”. Recife, 1871. Pag. 52.

(**) Dr. Vieira Fazenda, em “Revista do Inst. Hist. Brasil. 1919.

(***) Memorias, § 77, pag. 351. (cit. por Cesinalo).

O sobrecitado P. André de Pavia, dá também sua explicação. Isto é: quando, em 1640, os lusitanos se levantaram contra os hespanhões para conquistarem a independencia, o governo francez mandou reforços por terra e por mar em soccorro dos portuguezes. Entre os sacerdotes encarregados do cuidado espirital dos soldados francezes, havia varios frades Menores Capuchinhos de França. Durante 28 annos os ministros Richelieu e sobretudo Mazarino, sob Luiz XIV, auxiliaram tão poderosamente o levante, que no tratado de 1668 com a Espanha, foi consolidado o reino de Portugal. Para que a amizade entre a França e Portugal se perpetuas-se, a princeza franceza Maria Izabel Francisca de Nemours, filha de Carlos Amadeu de Saboya e de Izabel de Vendôme, foi dada em casamento a Affonso Henrique, que succedeu, no throno de Portugal, a D. João IV.

A nova rainha, é ainda o P. André que fala, substituiu os Capuchinhos francezes aos capuchinhos italianos, que no tempo da dominação espanhola, haviam erguido em Lisboa um hospicio para utilidade dos missionarios da Africa. Maria Izabel construiu um novo hospicio, que podia agazalhar quarenta religiosos, e construiu uma nova igreja, aberta em 1677. No anno de 1692, moravam nesse hospicio vinte e dois Capuchinhos. O P. Paulo de Bourges cita um decreto da S. Congregação de Propaganda, de 6 de Fevereiro de 1652, que concede faculdade aos padres desse hospicio, de ouvirem de confissão aos seculares e regulares que a elles recorressem (*)

Esse hospicio, como o da Bahia, tornaram-se afamados nas chronicas contenciosas da Ordem, como veremos de caminho, mais adiante.

Vamos concluir o capitulo dos missionarios capuchinhos, filhos da Brethanha, com um trecho do P. Roque de Cesinale: (**) “Sopitada um pouco a questão do juramento de fidelidade, o rei havia mostrado desejo que fosse fundada uma missão de Capuchinhos italianos no Maranhão. Já se haviam dado os passos para isto, quando por questões de fronteiras, no mesmo rio Maranhão, nasceu uma guerra entre França e Portugal, e os nossos, reus tão somente de serem francezes, foram obrigados a abandonar o campo dos seus suores por motivos a que eram inteiramente extranhos. A’ chegada delles, o littoral pertencia aos europeus; o resto do paiz, do Amazonas ao Prata, estava no dominio dos selvagens; e elles, servos do dever, e da energia propria da nação, emprehendedora de tudo o que é arduo, entraram no meio delles, delles se circundaram em o nome de Deus, e a uns presentearam a civilização, e a outros doaram territorios.

(*) Veja-se: “Analecta Ordin. Cap. Vol. 41; pag. 122-126.

(**) Missioni dei Cappuccini. Vol. III, pag. 708.

Tudo isso, porém, nada valeu; D. Pedro II só olhou para um capricho político, e poz novamente em vigor a lei de 1620, derogada outróra pelo rei seu pae. A politica, sempre cruel, muitas vezes tornou-se suicida. Homens calculadores não encontraram melhor expediente para resolver a questão dos selvícolas, do que o recorrerem ás missões; os Capuchinhos nisso têm sido sempre preferidos pela facilidade de aprenderem as linguas selvagens, por aquelle mixto de amor e de respeito que, postos á prova, souberam ganhar, e porque, finalmente, se contentam com pouca cousa. Então não foi assim; veio a ordem e foi forçoso partir (1699). Com elles partiram tambem os papeis da Missão, que se não viram mais; daqui nasce a nossa brevidade historica, insufficiente a dar uma idéa da vida, e das vantagens daquella vasta e importante missão. Para nós foi uma perda e para os indios uma infelicidade.”

Entre os documentos conservados no Archivo da Congr. de Propaganda, ha, entre os mais, um de 11 de julho de 1642, em que se pedem facultades para os Capuchinhos aprisionados pelos heresjes hollandezes e conduzidos a Pernambuco; outro, de 2 de Janciro de 1643, em que a Congregação decide que os taes missionarios fiquem no Brasil. Estes documentos confirmam a data da vinda dos missionarios bretões em 1641.

A 3 de Dezembro de 1657, o Provincial da Bretanha pedia á Congregação a facultade de dispensar, no casamento, parentesco em segundo grau simples, pela facilidade com que os indios se casavam entre parentes.

Uma relação, de 7 de Agosto de 1662, diz que os Capuchinhos, vindos da Guiné, trabalharam em vencer a heresia, não só, “mas que *quatro Capuchinhos foram tambem a causa de que aquella vastissima provincia, occupada pelos hollandezes, voltasse para o dominio de um Principe Catholico.*”

II PARTE

Capuchinhos Italianos

Capitulo I

AS MISSÕES CONGUEZAS

As missões dos Capuchinhos italianos no Brasil fazem como que um só corpo com as missões dos mesmos no Congo ou Angola. As do Brasil são ramos frondosos e pujantes daquellas, ramo que chegou a superar o vigor e a fructuosidade da arvore mãe. Historiando-se os labores apostolicos dos missionarios italianos na difficilima, mas ubertosa seára do Congo, projecta-se um feixe de luz sobre os trabalhos que os mesmos, no lapso de quasi dois seculos, realizaram em terras de Santa Cruz.

O paiz do Congo foi descoberto em 1482 pelo explorador portuguez Diogo Cão, que nelle, pelo primeiro, plantou uma cruz. Em 1491 já chegaram em Pinda para penetrarem no negro paiz os missionarios franciscanos. Em seguida para lá foram os Jesuitas, 1544; os Dominicanos, 1570; os Carmelitas, em 1584; os Padres Terciaris de S. Francisco, 1604; os Recollectos em 1674. Os Dominicanos introduziram entre aquelles povos a *irmandade de N. Senhora do Rosario*, na qual se inscreveram o rei e o povo; irmandade que foi muito accepta naquelle paiz e de lá os missionarios a transportaram para o Brasil.

Após um seculo de glorias destas missões, começou a decadencia das mesmas. Veiu a vez dos Capuchinhos. D. Alvaro III ouvira muito falar dos Capuchinhos; implorou de Paulo V (1605-1621) uma missão delle. Foi em 1618. Encarregaram-se da missão as provincias hespanholas, porque então as conquistas portuguezas, como tambem Portugal, estavam sob o dominio hespanhol (1580-1640). O custodio da Provincia de Aragão devia chefiar a missão. Consumiram-se tres annos em preparativos, e quando sete missionarios estavam promptos para partirem, deu-se a morte de Philippe III (1570-1621), com o que tudo ficou paralyzado.

Após 19 annos de espera e de reiterados pedidos dos reis do Congo, tractou-se de nova expedição. Desta vez foram escolhidos Capuchinhos italianos, porque em 1640, Portugal havia-se declarado independente da Hespanha, com D. João IV no throno, e por isso havia lucta contra a ultima. Deviam partir em 1640; mas as contendas entre os dois reinos retardaram-n'os. Nesse interim os

hollandezes, ferozes protestantes, conseguem apoderar-se do parte do Brasil e de Loanda, a metropole de Angola; os missionarios, si lá fossem, cahiriam nas mãos delles; por isso a léva de Capuchinhos, que de Liorne havia chegado a Lisboa para embarcar para o Congo, em vista das difficuldades, voltou para a Italia.

Em 1643 foi tentada nova expedição, estando nella empenhado o famoso Fr. Francisco de Pamplona, antes illustre homem de armas e particular amigo do rei de Castella. Partiu a expedição, composta de doze missionarios, seis italianos e seis hespanhóes, no dia 4 de Fevereiro de 1645, do porto de S. Lucar, num navio genovêz de João Bernardo Falconi, tendo como piloto ao praticissimo Balthazar Lopes, portuguez. Após varias peripecias, chegaram ao Congo em fins de Maio, e começaram logo seus labores apostolicos — bastante obstaculados pelos hollandezes. (*)

Deixemol-os trabalhar, enquanto vamos lembrar algumas difficuldades dessas missões, especialmente a das viagens.

ENTHUSIASMO, TRABALHO E DIFFICULDADES

Assim que a Congregação de Propaganda confiou aos Capuchinhos as missões do Congo, nada menos que 400 religiosos se promptificaram para demandar ás inclementes terras da Africa. Em 1649, ao convite do P. Fr. João de Romano, offereceram-se 45 missionarios que foram embarcar na Espanha, na Andaluzia; como lá rompesse a peste e elles se occupassem em servir os empestados, muitos succumbiram, e só 18 conseguiram aportar a Angola em 1651.

De 1645 a 1805 conseguimos resenhar 453 missionarios que seguiram para as missões conguezas — num seculo e meio apenas!

Par ao enthusiasmo dos missionarios foi o apostolado exercido nessas regiões. No Congo, os missionarios desenvolveram uma actividade tão intensa, fecunda e gloriosa, que mereceu ser registada por todos os historiadores.

As missões dos Capuchinhos, no segundo meiado do seculo XVII, haviam tomado tal incremento e preludiavam taes successos, que, em toda a christandade, maximé entre os da Ordem, chamavam a attenção e o desejo de seguil-as. Ferviam os pedidos de admissão. Até a noticia da morte tragica delles, era um chamado para essas missões — que aliás foram appellidadas, e com razão, *sepulcro dos missionarios*.

De um grupo de vinte misionarios que demandaram o Congo em 1651 e 1652, dez delles morreram nos dois primeiros annos. De outra expedição de dezeseite religiosos, partidos de Roma em 1660, só seis chegaram ao destino; e, dos seis superstites, tres lá

(*) Veja-se: P. João Antonio Cavazzi — *Descrizione Storica dei tre Regni, Congo, Matamba e Angola*. Tivoli, 1931. Del.e muito respigamos.

morreram antes do sexto mez. De uma feita chegaram a Angola onze missionarios; numa só semana morreram tres delles a caminho do Congo. De uma expedição de sete ao Benin, cinco delles falleceram nos seis primeiros mezes. De um grupo de dez, seis pereceram por insolação nos desertos de Bamba, um foi devorado pelas feras, dois ficaram gravemente feridos, e, em consequencia disso, succumbiram.

Era que o *amor de Christo os urgia*, e lhes não permittia siquer medir as mil difficuldades que eriçavam o apostolado naquellas regiões.

As primeiras difficuldades que deviam arrostar eram: 1.º) Um clima equatorial intoleravel aos europeus, fecundo de gravissimas molestias, e muitas dellas fataes; 2.º) *o perigo de longas viagens*, quer costeando, quer tocando o Brasil, com as insupportaveis calmarias equatoriaes e as terriveis tempestades; 3.º) A surpresa de pilhar-se a luctar com náus de *piratas* ou de hollandezes, protectantes infensissimos aos catholicos e mais ainda aos missionarios; 4.º) Um *territorio vastissimo*, sulcado de montes impérvios, ou cortado de rios numerosos, lagôas e pantanos, sem meios de communicação; 5.) as difficuldades de apprender as *varias linguas* dos catechizando e a desconfiança que lhes mereciam muitos interpretes; 6.º) os obstaculos oppostos á prégação pelos *regulos do paiz*, pelo proprio *governo portuguez*, pelos ministros do culto idolatrico, pelos numerosos *feiticeiros*; 7.º) O triste isolamento a que se expunham, longe dos collegas; 8.º) As difficuldades que já encontravam em Lisboa por parte de ministros, por questões de politica, por causa de luctas entre a Espanha e Portugal, entre estas nações e a Hollanda e França; 9.º) O terror que lhes devia inspirar a mortandade dos missionarios, muitos delles mortos nas viagens, outros victimados por molestias, logo no começo do apostolado.

Nada, porém, de tudo isso podia demover a esses ardorosos pioneiros da fé, de se alistarem entre os candidatos, de pleitearem sua ida para a missão, e de se apressarem para seu campo de apostolado, eriçado de difficuldades, coberto de perigos, juncado de cadaveres dos obreiros evangelicos, mortos naquella vasta seara!

A caridade de Christo os animava, os impellia, urgia-os!

A LEI DO SETENNIO — Os missionarios Capuchinhos, que sahiam das Provincias para irem ás missões, salvo casos de força maior ou de chamados dos superiores, não podiam voltar á Provincia, sinão depois de completo o setimo anno de apostolado, excluido o tempo empregado nas viagens. Terminado o setennio, podiam repatriar-se ou permanecer nas missões. Muitos, após breve permanencia nas provincias, partiam de novo para as missões.

AO CONGO E ANGOLA PELO BRASIL

A partida para as missões conguezas era de Lisboa. Podiam seguir rumo directo, costeando a Africa — mas este era muito difficil e moroso, pois em o seguindo, deviam, para evitar as calmarias e tempestades do equador, descer até o grau 28, 30, 34 ou 35, além do tropico do Capricornio, até as alturas do cabo da Boa Esperança — quando Angola, estava a 8 ou 10 apenas além do equador; de lá depois voltavam até o grau 10; augmento de cerca de 2.800 milhas de viagem. Aportavam em Loanda ou então em Pinda. Como, porém, o costear a Africa era tão difficil e moroso, o caminho geral para a ida ao Congo, era o de buscar as costas do Brasil, para de lá rumar a Loanda. Na ida, era este o caminho preferido; na volta, a viagem Angola-Brasil era, digamos, o unico (*); assim o exigiam os ventos e tambem os carregamentos das naus, as quaes na volta deviam ir comboiadas pela frota para defender-se dos piratas e das naus inimigas. Na ida, como iam fazer carregamento nas ilhas, os navios podiam sahir sem serem comboiados.

“A ida a Lisboa dos missionarios, destinados ás missões congolezas, era indispensavel, não só porque de lá partiam cada seis mezes as frotas, mas tambem porque era preciso primeiro aportar no Brasil, e do Brasil passar ao Congo. Motivos principaes desta digressão eram: evitar com isto as calmarias equatoriales e os tempestuosissimos promontorios da Africa, aproveitar a altura dos ventos; e por se não poder ter abrigo na Guiné, em caso de necessidade, pois nessas paragens os portuguezes não possuiam estações, pela asperzeza do lugar e pela barbarie dos indigenas.” (*)

“La Pratique Missionaire” (***) attribuida ao P. Fr. Jacintho de Bologna, missionario no Congo de 1741 a 1754, no cap. II, n.º 1, diz: “Nossos missionarios enviados de Roma ás missões do Congo e de Angola, devem passar por Lisboa, de onde se embarcam para as ditas missões, quando partem as frotas do fidelissimo rei de Portugal. Estas frotas que se fazem de vela para o Brasil, são, por via ordinaria, tres cada anno, a saber: uma para Pernambuco, uma para Bahia de Todos os Santos, que é a capital de todo o Brasil, outra para o Rio de Janeiro. Em cada uma dessas frotas ha, por via de regra, uma ou mais náus, que demandam directamente Angola, estas são escoltadas e acompanhadas pela frota até as alturas de Cabo Verde, afim de serem defendidas, contra as correrias dos piratas mouros de Salé; dalli em deante continuam sós a derrota para Angola, sem mais perigos de corsarios. Si os missionarios,

(*) A travessia da Africa ao Brasil, rumo directo de Loanda — Brasil, fazia-se em 28-30 dias, no maximo 35. Veja-se: “Un morto che cammina”, cap. VII, n.º 4.

(*) Cavazzi — Descrizione Storica. Libro III, cap. I, n.º 3.

(**) Edição de E. Deebax. Louvain, 1931.

em chegando a Lisboa, não encontrassem passagem directa para Angola, poderiam nesse caso, sem difficuldade, embarcar para o Brasil em qualquer das frotas; de lá encontra-se continuamente passagem em navios mercantes que viajam para Loanda, cidade capital do reino de Angola; pois todo o capitão de navio portuguez, julga boa sorte a de obter como capellão ou ainda como simples passageiro, a um missionario capuchinho. Em vista da especial veneração que a nação portugueza dedica ao nosso habito e á nossa Ordem, o capitão colhe sempre alguma vantagem; com effeito, assim que se sabe que um capuchinho deve embarcar numa nau, nem que fosse um simples irmão leigo, isso é sufficiente para fazer affluir para lá as mercadorias e os passageiros, na confiança de que onde viaja um capuchinho, não acontecerá nenhuma desgraça. Além disso, por ordem de el-rei, nenhum capitão póde recusar-se a dar passagem aos missionarios.

Apenas chegados a Lisboa, no nosso convento real, chamado dos Capuchinhos italianos, serão informados pelo padre Superior do dito convento, de que uma esmola de 40 mil réis, isto é, equivalente a 40 escudos, é posta á disposição de cada missionario pelo rei de Portugal, pelas despesas das provisões necessarias...

No Cap. 12, n.º 23, o auctor diz que alguns dos missionarios do Congo foram obrigados a passar para o Brasil por causa de doenças, por serem as missões do Brasil mais commodas e mais salubres.

Vantagem immensa para os nossos missionarios, quando de passagem no Brasil, era o saberem já a *lingua portugueza*. “La Pratique Missionaire”, Cap. VIII, exige que todo o missionario, destinado ao Congo, aprenda a lingua portugueza, não somente porque é necessaria durante as longas travessias, para doutrinar, para confessar, e para prégár aos portuguezes nos navios, como tambem na cidade de Loanda, antes de serem enviados para uma estação missionaria; outrosim para converter os Conguezes e Angolenses. Porque em cada missão ha mestres que só conhecem o portuguez e sabem traduzir na sua lingua congueza ou angolana as pregações do missionario. Deve por isso cada missionario cuidar, ao chegar a Lisboa, de aprender o portuguez, que aliás é facilmente aprendido por um italiano; e assim poderá conversar com os portuguezes na viagem, e logo que chegue ao destino.

Assim chegavam ao Brasil já aparelhados para o trabalho espirital.

VIAGENS CHEIAS DE DIFFICULDADES

Si arduas e numerosas eram as difficuldades que os nossos strenuos obreiros da seara evangelica encontravam no campo e no desempenho de sua sagrada missão civilizadora christã, não

menos arduas e numerosas eram as que aos bravos apóstolos se deparavam na viagem para as terras de missão.

As viagens, que hoje se fazem em poucos dias nos confortáveis transatlânticos, nos tempos das nossas missões, duravam mezes e até annos, quando as náus tinham a ventura de escapar ás sanhas do naufragio — cousa naquelles tempos mui commum, ou ás terríveis garras dos piratas.

De uma carta do Nuncio Ap. em Lisboa ao Crd. Secretario em Roma, em 1869, deprehende-se que os navios, nos quaes viajam os missionarios, em geral partiam de Lisboa em setembro ou em março, impondo-se por isso largas demoras naquella capital. O P. Fr. Antonio de Florença, que ia para o Congo, partiu de Genova no dia 27 de outubro de 1695; chegou a Bahia a 30 de abril do anno seguinte; alli esperou pelo navio uns 70 dias; quando ia embarcar adoece-lhe um companheiro, o P. Fr. João Baptista de Barletta, o que o obrigou a aguardar novo navio; até 10 de julho...

Naquelles tempos, aventurar-se a uma viagem do oceano em demanda de outros continentes, era um atrevimento ou uma santa ousadia, um heroismo.

No tempo dos nossos missionarios vigorava a organização introduzida por D. João IV no serviço de navegação entre o reino e colonias. Estavamos num periodo em que, excluido o commercio legitimo, a pirataria e a flibustagem, passaram a depredar os mares. O risco do salteio em alto mar não permittia navegar sem escoltas de forças de guerra. As phrases dos escriptores: “a frota chegou a salvamento, chegar com perdas e trabalhos, desencontrar com piratas; o navio capitanea, o almirante, navegar de conserva, navios mercantes, armados com peças de artilharia, etc., revelam difficuldades de navegação e perigos que a acompanhavam. (*)

Para termos uma pallida idéa das innumeradas difficuldades e perigos com que deviam arrostar esses homens invictos, resumimos uma carta do P. Fr. Crysostomo de Genova, em que narra um trecho da viagem por elle emprehendida de Angola a Roma, onde ia tratar interesses da missão congoleza, por ordem do Prefeito, P. Fr. João de Pavia, em 1663.

O nosso viajante havia chegado na missão em 1654. Teve como companheiro na volta o irmão Fr. João de Piperno, que repatriava por motivo de molestia, após onze annos de trabalhos.

Encontraram um navio, a partir directamente para a Italia, sem demandar as costas brasileiras, cousa mais que rara, pois toda a embarcação procurava evitar as costas da Africa e tocava as costas do Brasil, para subtrahir-se ás tempestades e aos ventos contrarios.

A viagem foi muito tormentosa, desde o começo: navio e passageiros estavam muitissimo maltratados. Haviam chegado ás

(*) Veja-se: Rocha Pombo — Historia do Brasil, Vol. V, cap. VI.

ilhas Açores, ou, como diziam elles, ás Terceiras. Aqui começam as peripecias mais terríveis, apesar de haverem tomado lugar numa nau maior, mais forte e resistente.

No dia 3 de Outubro partiram de conserva com outras três náus. Na mesma tarde levantou-se uma tempestade que durou 4 dias. Em menos de 24 horas perderam o leme, partiram-se-lhes as velas e o mastreu do traquete, ainda que este fosse logo concertado. Ao mesmo tempo tiveram que alijar ao mar o escaler e o fogão, e cuidar com duas bombas e dois gamellotes, em esvasiar a agua que penetrava no navio, trabalho que occupava dezeseis pessoas.

No começo, os marinheiros não ligaram a menor importancia; mas em seguida, como a nau começou a fazer agua de toda a parte, e a tormenta mugia e se assanhava sem cessar, tornaram-se serios, preocupados e começaram a desanimar. Foi quando se julgaram perdidos. Os sacerdotes ouviam de continuo as confissões dos pobres penitentes, que, naquellas tristes occorrencias, estavam sinceramente dispostos. Assim que houve um momento de bonança, aproveitaram para celebrar a missa, na qual todos os catholicos commungaram como viatico, porque a nau estava toda desconjuntada e ninguem mais nutria esperanças de chegar ao porto.

Entrementes foram transportados pela tormenta a mais de duzentas leguas, sem saber aonde; finalmente, a 16 do mesmo mez, lobrigaram um navio inglez que vinha das Canarias, com carregamento de vinho. Chamaram-n'o com triplice descarga de artilharia; mandou-lhes o seu escaler, o qual por ser demais pequeno não poudo trazer senão pregos e sebo para concertar um leme, que resistiu umas sete horas e depois de novo se partiu, e no acto de partir-se fez tamanha fenda que a agua começou a entrar mais abundante que no começo. Todos recorriam a Deus. O P. Chrysostomo dirigiu-lhes palavras de compunção e penitencia; todos estavam commovidos até as lagrimas.

A 24 do mez descortinaram ao longe uma pequena embarcação. Suspcitaram serem piratas, mas encurtada a distancia, reconheceram serem inglezes, os quaes haviam trabalhado toda o noite em soccorrer outros navios que se debatiam nas angustias daquella tempestade. Tentaram abordar aquella nau; como porém não conseguissem pelo impeto das ondas, dois marujos se lançaram ao mar, e a nado, demandaram a nau ingleza, para implorar o necessario no momento. Em vista da noite, só prometteram soccorro para o dia seguinte. Os nossos passaram toda a noite reavivando o fogo a bordo, para não serem perdidos de vista pela outra nau; amiudavam tambem os signaes de costume. A' manhã, os marujos nadaaram de novo para os inglezes; mas estes nada poderam valer-lhes pelo agitado do mar. No emtanto approximava-se outro navio. Na mesma tarde daquelle dia, abonçado um pouco o mar, alguns

marinheiros com o capitão abordaram o ultimo navio e contractaram, mediante uma avultada somma, o transporte dos passageiros para este navio, sem porém precisarem o numero.

Começaram a transferencia com o seu escaler, mas quando souberam que os passageiros eram cincoenta e quatro, começaram a dizer que era impossivel transbordal-os todos.

“Mas, o meu companheiro, Fr. João de Piperno, visto que havia o perigo de lá ficar presa das ondas, agarrado um cabo que pendia da nossa nau, desceu-se rapidamente ao escaler e se salvou. Eu, vendo isso da popa, dei-tei-lhe o saquinho com os meus manuscritos e cartas, para que fossem salvos tão preciosos documentos da missão. Enquanto o escaler regressava a nós, eu, segurando a corda, perscrutava si era possivel salvar-me tambem, quando ouço gritar : Fogo ! Fogo ! Havia-se declarado fogo a bordo !

Um tal que estava a meu lado, agarrado á minha corda, deslizou a salvamento no escaler. Vendo então que a minima tardança podia me custar a vida, agarro tambem eu aquella corda e me lanço abaixo. Como porém nesse intervallo o escalér se houvesse afastado um tanto do logar onde estava, precipitei nagua com espanto de todos.

O que succedeu depois nada sei. Contaram-me porém que dois marinheiros do escalér, lançando-se após mim e agarrando-me pelo habito, conseguiram salvar-me, enquanto Fr. João, que estava em a nau ingleza, me chorava por morto.

Foi a caridade daquelles generosos que me salvou e a confiança que eu depuzera na doce Virgem do Carmo, sob cujo manto me havia collocado com minhas preces. Entrementes, quando chegou ao navio o segundo escaler, cheio de gente, o capitão deliberou de não acceitar mais nenhum, porque dizia, havia perigo de sossobrar e os marujos já se amotinavam. Os infelizes que ficaram na outra nau gritavam e promettiam que tudo dariam, só que podessem salvar a vida. Choravam em lagrimas e lançavam gemidos que enterneciam até os rochedos; mas debalde, porque a nossa nau fez-se de vela e se afastou!”

A 29 de outubro avistaram terra, mas por causa da tempestade só poderam aproar a 7 de novembro, em Tanger, Marrocos. O padre pregou áquella gente, “porque muitos falavam o portuguez, especialmente os soldados do presidio inglez, que é de cerca de tres mil homens”. No dia 12 embarcaram numa fragata; em dois dias estavam em Lago, Algarves, e de lá a pé, seguiram para Lisboa, aonde chegaram em oito dias.

A sorte da outra nau é contada por um frade carmelita que embarcara em Loanda com o P. Fr. Chrysostomo. Os poucos que nella ficaram abandonados, trataram de trabalhar para a salvação

commum. Distribuíram-se os varios logares. Tiveram que lutar logo contra uma nau de piratas marroquinos.

Conseguiram afugental-a, mas enquanto combatiam, a agua inundava o pobre navio, e os homens foram obrigados a se entregar aos piratas em troca da vida! Passaram para o navio corsario, mas logo foram algemados, depois foram desembarcados em Argel, e lá como animalias, vendidos em publico mercado como escravos!

* * *

O mesmo missionario, nomeado prefeito da missão, embarcou em Genova em junho de 1665, para Lisboa. Foi mais uma viagem desastrosa.

Já antes da partida, uma tempestade lançou o navio fóra do porto e foram parar a Tabarca na costa africana, onde pararam algumas semanas para concertar a nau. No estreito de Gibraltar foram cercados por onze naus hollandezas, ás quaes se subtraíram buscando as costas hespanholas; mas não poderam aproar, porque os habitantes impediam o desembarque, receiosos que fosse gente empastada. Nesse interim rebenta nova borrasca; a nau é despedaçada nos escolhos, apoz 8 dias de lucta contra as ondas. Abandonados na praia, alimentaram-se com o resto de viveres que sobrenadavam e eram lançados á praia pelas aguas. Varias peripecias acompanharam esses infelizes naufragos, antes que podessem chegar á Lisboa!

Um navio portuguez os transportou a Cadiz, onde descançaram 20 dias no convento dos Capuchinhos. Como as relações entre Espanha e Portugal não eram boas, tentaram o caminho de Lisboa occultamente numa pequena embarcação, sahida de Cadiz á tardesinha. De noite surprehendeu-os grave tormenta que os metten em horrendo perigo, pois a agua que invadira a nau lhes chegava aos joelhos! Com extrema difficuldade poderam attingir o porto de Villanova, onde se hospedaram com os Padres Observantes. Deste porto conseguiram, por terra, chegar á Lisboa.

E esses esforçados missionarios ainda estavam no inicio da viagem; ainda os aguardava com sua sanha o oceano Atlantico, e antes deste, as mil e umas difficuldades que soiam levantar em Lisboa os ministros de el-rei de Portugal, sempre que se tratava da expedição de missionarios ás terras da Corôa! (*)

APOSTOLADO NAS VIAGENS

Religiosos e missionarios, os nossos homens, a começar nas proprias viagens, desenvolviam seu programma religioso-apostolico: religioso, com a observancia das praxes piedosas proprias do

(*) Veja: Cultrera — Missionario al Congo, pag. 129 e seg.

instituto religioso a que pertenciam; apostolico, occupando-se com o bem espirital de seus companheiros de viagem, tripulantes e passageiros. Transformavam o navio ao mesmo tempo em convento e igreja parochial.

O P. Fr. Seraphim de Cortona viajou de Cadiz a 4 de outubro de 1647, com 13 companheiros, 7 italianos e 6 espanhões e chegou a Pinda no começo de março do anno seguinte. Esses missionarios consolavam-se por poderem a bordo, durante a longa viagem, em que soffreram fome, fazer quasi todos os exercicios da vida religiosa, pois a nau era grande e tinham muito espaço. Rezavam todas as manhãs o rosario com os marinheiros; depois celebravam 4 missas, os mais religiosos commungavam na primeira. Depois disso passavam para a camara de popa, e estudavam em silencio até o almoço. A' mesa liam. A's Ave-Marias iam á Capella, aonde intervinhão todos os marinheiros, cantavam as Ladainhas e a Salve-Rainha. Faziam tres vezes por semana a penitencia da disciplina, no que foram em parte imitados pelos marinheiros.

Duas vezes por semana um delles pregava a todos, e uma vez se fazia a doutrina. Era tamanha a frequencia dos sacramentos, que o navio parecia um convento. Dois hereges inglezes se converteram. Celebraram a Candelaria com missa solemne, procissão no navio com doze tiros de artilharia. (*)

A morosidade da viagem, fez com que lhes faltasse a comida; tiveram que usar pão podre, e para alimentar o fogo foi-lhes preciso queimar alguns barris ou toneis.

O P. Fr. Antonio de Gaeta, que, com 14 confrades, viajou de Cadiz de 11 de julho a 11 de novembro de 1654, descreve este regimen: Os missionarios seguiam as praticas quasi como no convento; rezavam o officio nas horas de costume; iam á capella a horas determinadas; á mesa faziam a leitura espirital, e as segundas, quartas e sextas tomavam a disciplina como no convento. Cada manhã se celebravam duas missas para a communião da equipagem e dos passageiros; ao meio dia cantavam as ladainhas dos Santos, e á tarde, ás de N. Senhora. Tres vezes por semana reuniam os marinheiros separadamente, e após a recitação do terço, faziam-lhes uma instrução particular. Nos domingos e nas festas, pregavam a todos. na Assumpção. na Natividade, e na festa de S. Francisco, todo o pessoal de bordo confessou e commungou.

Temos mais o P. Fr. Dionysio de Placencia que nos descreve a vida levada a bordo na travessia de Lisboa a Pernambuco em 1667.

“De manhã dado com os tambores o signal de levantar, e com o sino das Ave-Marias, os marujos, eram doze, de conserva iam visitar ao capitão. Depois começava a celebração das missas, quando se podia, e todos a ellas intervinhão. com o rosario nas mãos.

(*) Cavazzi — Livro IV, cap. V, n.º 2.

pois os portuguezes são mui devotos. Findas as missas, tomava-se a consoada, e depois cada um ia tratar de seus affazeres. Muitos tinham guitarras e bandolins e passavam grande parte do dia a tocarem. Outros tratavam de trabalhos de sapateiro, de carpinteiro ou de alfaiate. Uns pescavam, uns dormiam, outros jogavam.

A' hora do almoço, tangia-se o sino. Após o almoço davam-se graças a Deus, em commum, no que todos se descobriam.

Ao anoitecer, dava-se com o sino o signal da oração, e todos vinham rezar as Ladainhas de N. Senhora com outras preces. Todos os sabbados, e na vigilia dos santos, fazia-se um sermão em portuguez, exhortando-se a todos a permanecerem na graça de Deus. Muitas vezes confessavam e recebiam a Communhão. A' noite, após o jantar, como de costume, rezava-se attentamente o rosario da Virgem bendicta, com silencio, compostura e devoção".

Antes de desembarcar em Angola, celebrou a bordo com muita solemnidade o Natal; na primeira missa fez um sermão em portuguez; na segunda deu a Communhão, inclusivé ao Capitão, e na terceira fez o agradecimento. (*) Na volta de Angola instruiu varios pretos escravos e os baptizou.

Estes homens que, ainda na viagem maritima, num meio tão improprio, sabiam desempenhar um apostolado religioso tão intenso e ardoroso, que não teriam feito quando, mesmo temporariamente se achavam em nossas terras, na Bahia, em Pernambuco e alhures? Mais adiante veremos o zelo de alguns delles, quando se achavam em terras brasileiras, ainda mesmo de passagem.

O APOSTOLADO ENTRE OS ESCRAVOS

Os missionarios Capuchinhos não só exerciam sua actividade apostolica entre os pretos nos reinos de Angola e Congo; exerciam-n'o tambem com grande fructo, nas longas e enfadonhas viagens pelo mar, de volta de Angola, caminho para o Brasil, rumo indispensavel, quando deixavam suas missões para se repatriarem.

Cumpre-nos aqui tocar de leve o triste e deshumano facta da escravidão.

O P. Fr. Jacintho de Vetralla, que missionou no Congo de 1651 a 1654, numa relação inedita (***) escreve que, antes de ser descoberto, o Congo estava cheio de gente; mas, introduzido pelos portuguezes e espanhóes o commercio dos escravos para levar-os á America, quer ás Indias quer ao Brasil, afim de empregal-os nas minas de ouro ou de prata, e na fabricação do assucar e do fumo, a gente começou a faltar por atacado, naquellas regiões, e, com tal contagio, a população ficou muito reduzida. Cada anno embarcavam cinco ou seis mil escravos, e nos tempos anteriores, muitos

(*) Cultrera — Un morto che cammina. Parma, 1926, pag. 12.

(**) Vide: "Italia Franciscana", Anno IV, pag. 531.

mais; e, porque geralmente os escravos eram prisioneiros de guerra, por isso guerreava-se para esse lucro mais do que por motivos políticos. A's vezes eram os criminosos que se vendiam. Os entrepostos principaes de carne negra, no começo, eram as ilhas de S. Thomé, do Príncipe e outras do Golfo de Guiné. Depois, para os negreiros e traficantes de escravos estarem livres de revoltas, estabeleceram-se na costa, desde Senegal até Angola. Os traficantes de negros tinham o cuidado de fazerem baptizar os miseraveis, porque assim pagavam menos imposto de exportação. (Os baptizados que vinham para o Brasil, pagavam 3\$000 por cabeça). Em Loanda havia grande concentramento de negros; não só para as vendas, mas também para serem summarimente instruidos e baptizados (*)

Só depois do seculo XVI é que se estabeleceu em larga escala a importação de negros para o Brasil, e essa exploração assumiu maiores proporções em meados do seculo XVII, até quasi meado do seculo XIX. Os dois maiores entrepostos ou emporios no Brasil, foram a Bahia e o Rio de Janeiro.

Nos navios, aquella massa humana era amontoada no porão promiscuamente; as vezes vinham individuos de varias regiões e de tribus diversas. Os carregamentos eram mui desfalcados pelas epidemias, pela sede, pela fome, pela lueta de desespero dos negros, e até pelos castigos que elles proprios se infligiam para se subtrahirem aos traficantes.

Cavazzi, l. I, n.º 329, diz-nos que os negros tinham concebido uma profundissima suspeita de que, conduzidos para o Brasil ou para a nova Espanha, seriam mortos pelos compradores, para dos ossos delles se tirar carvão para a polvora dos mosquetes; e do resto do corpo se expremper o oleo que da America era levado para a Ethiopia delles. Por isso, assim que atinavam que iam ser transportados para a America, entregavam-se a verdadeiras loucuras; e si podiam, fugiam e se homisiavam nas mais ermas e solitarias florestas.

Chegada a hora do embarque, alguns se deixavam carregar de bordoadas, e após incrível resistencia, antes que ceder, matavam-se por si mesmos ou se afogavam no mar. Algumas vezes, afastados da praia se amotinaram e mataram todos os brancos, excepto o piloto, para poderem voltar ás suas terras. Outras vezes arrancaram as taboas do fundo do navio, e se resignaram a morrer submersos nas ondas, antes que passar á America.

Um dos missionarios do Congo, talvez fosse o P. Fr. Lourenço de Luca, escreveu: "Parti no dia 7 de Julho de 1708 da ilha de Loanda, na nau "N. Senhora do Cabo", com perto de 800

(*) Confira: Rocha Pombo, vol. II, pag. 515 e seg.

peessoas, das quaes 724 eram pretos. O mar estava muito agitado; a nau tornou-se um hospital. Os pretos estavam no chão, envoltos nas suas sujeiras e immundicies; uns berravam de um lado, outros de outro; uns choravam, uns se lastimavam, uns se riam: tudo, uma babel: não era possível mover-se pela multidão dos pretos. O mau cheiro era intoleravel... (*)

Os Papas clamavam contra esse deshumano e cruel trafego; os missionarios, sempre que podiam, se insurgiam contra o mesmo, ao menos procuravam tornal-o mais humano. Mas debalde. A "auri sacra fames" era mais forte que a voz da consciencia e da religião e da propria humanidade!

Conta-nos um missionario: em 1647, o rei Philippe IV da Espanha deu amplas faculdades a quem quizessem levar ao Congo um grupo de 14 Capuchinhos — de comprar na Africa quantos escravos quizessem e revendel-os nos portos da America. Era este o lucro mais relevante de quem navega para a Africa occidental. Muitos se offereceram. Alguns cavalleiros de Navarra, residentes em Sevilha, fretaram um navio de 36 peças de artilharia, e embarcaram comsigo os missionarios.

O missionario adianta uma desculpa: "Que os nossos missionarios fossem indirectamente causa daquelle trafico de escravos, não era certamente cousa que fosse do agrado daquelles religiosos; infelizmente porém a escravidão era de uso universal, e ainda que os nossos não tivessem embarcado, a mesma se teria effectuado de egual fórma, como se haviam effectuado muitas e muitas outras" (**).

O P. Fr. João de Sant'Iago, em fins de abril de 1648 partiu do Congo para a Europa em uma nau cheia de escravos, comprados nas diversas ilhas. Para esquivarem-se perigos rumaram para a America. Como na viagem morreu um capellão, um agostiniano irlandez, o padre o substituiu e converteu 200 escravos.

Passaram na ilha de Anno Bom; aqui elle baptisou umas 200 pessoas e confessou muita gente. Seguiu para Carthagená na America espanhola. Houve grande tempestade que fez sossobrar duas naus que iam de conserva, e fez affundar a do missionario, dando porem tempo de por a salvo os passageiros. Na travessia eram mortos 450 escravos e cerca de 50 brancos. (***)

CAPUCHINHOS ITALIANOS NO BRASIL

J. Schmidlin em "Missioni Catoliche" falando das do Congo, diz que sob Alvaro IV (1631-1636) e seu filho Antonio a religião

(*) Missionari Toscani. Vol. II, pag. 337.

(**) Cavazzi — Livro III, cap. VII, n.º 2.

(***) Idem — n.º 3.

foi perseguida pelas intrigas dos hollandezes; diz mais, que em 1635 o P. Boaventura de Taggia com numerosos companheiros, passando por Lisboa e pelo Brasil, chegou a Chambo e Capoledo (**); mas após breve tempo cahiu nas mãos dos hollandezes. Seria esta a primeira leva de capuchinhos italo-hispanos que tocou no Brasil, de viagem para Angola.

Creemos porém que o illustre historiador das missões tenha sido enganado em sua narração. O engano provem certamente da leitura errada de uma relação inedita, conservada no archivo da Propaganda Fide (Africa e Congo, vol. 247, folha 131 e seg.). e da qual conseguimos copia.

A relação lembra uma tentativa de expedição missionaria ao Congo, feita pela propria Propaganda; reproduz a data do relativo decreto de expedição — 7 de dezembro de 1633, decreto que o P. Fr. Boaventura de Taggia, superior eleito da Nova Missão, recebeu no dia de S. Thomé apostolo, (21 de dezembro); regista os cordiaes acolhimentos feitos pela côrte aos missionarios e nota as manobras do franciscano P. Fr. Christovam mais tarde nomeado bispo de Angola e do Secretario da Côrte Antonio Pais Vega, os quaes puzeram obstaculos ás boas disposições do rei e da rainha. Refere mais que a morte prematura do Secretario tornou possível após interminaveis conciliabulos com o Conselho Ultramarino, a partida dos bravos missionarios que se deu a 23 de junho de 1645 e não 1635, como leu alguém.

No resto, a relação concorda com a narração que nos dá Cavazzi, Liv. III, Cap. IV, da expedição missionaria chefiada por Fr. Boaventura de Taggia.

A data de 1633 da relação de Propaganda, não pode ser exacta, porque entram em campo o rei e a rainha de Portugal; ora não ha quem não saiba que isto só pode ter acontecido depois da Restauração de Portugal em 1640.

A data pois da relação deve ser modificada parece-nos, para 1643, e com ella tambem a narração de J. Schmädlin. Tambem não passa de cochilo historico o que o proprio Cavazzi diz no Liv. II cap. V n. 4, isto é que os Capuchinhos foram para o Congo em 1636 pelas instancias feitas ao Papa Urbano VIII, pelo rei Alvaro VI. Outro cochilo é a asserção do P. Fr. André de Paiva no seu "Viaggio apostolico alle missioni dell'Africa", de que os Capuchinhos iniciaram suas missões no principado de Sonho (Congo) desde 1642.

Os primeiros missionarios capuchinhos italianos de viagem para o Congo, que aportaram ao Brasil, foram os da segunda leva, isto é o P. Fr. Boaventura de Taggia com o titulo de vice-pre-

(**) A "Relação" diz: "Zchicombo" ou "Chicombon"; de Chicombo ~~nomaram~~ para "Capoledo", que deve ser Cabo Ledo, perto de Benguella.

feito, o P. Fr. Francisco de Ventimiglia, o P. Fr. Salvador de Genova e o Irmão Frei Pedro de Dulcedo. Cremos que partiram de Genova a 15 de fevereiro de 1644. Viajaram para Marselha. Uma tempestade os obrigou a parar em Savona algum tempo. Foram a Paris e a Nantes, onde embarcaram para Lisboa. Nessa travessia em que de ordinario bastavam dez dias, empregaram por causa das tormentas, 26 dias; terminaram as provisões alimenticias e foram obrigados a mendigal-as do capitão, um herege, que lhes passou sete onças de pão "biscoito" ao dia, a cada um!

Os incommodos daquella travessia foram taes, que muitos adoeceram; foram tambem assaltados por uma nau de piratas, dos quaes a custo se defenderam.

Em Lisboa foram bem recebidos pelo rei D. João IV e pela rainha D. Luiza de Gusmão, que lhes passaram uma quantia diaria para o sustento, deram-lhes para officiar o oratorio de S. Amaro, lugar de muita devoção e como hospicio (conventinho) uma casa contigua ao oratorio, a qual teria servido dahi em diante para abrigo de todos os missionarios capuchinhos. Fôra fixada a partida para o dia 4 de outubro; mas innumerados empecilhos a retardaram de muito.

"Em Lisboa, observa Cavazzi, não obstante as recommendações do rei da França e talvez tambem as boas disposições do soberano de Portugal e da rainha, esbarra-se contra o infallivel escolho: as cavillações e teimosia dos ministros do rei que não são capazes de despachar os papeis da partida. Em vão os missionarios conseguem uma audiencia publica do monarcha, em vão supplicam e deixam um memorial correspondente; obtem-se o effeito contrario. A segurança do estado, respondem — *não permite, se dê passaporte para o Congo a religiosos estrangeiros e de um estado amigo dos inimigos de Portugal*, Referiam-se á Italia, amiga da Espanha.

A relação, acima citada, precisa as manobras do franciscano P. Fr. Christovam (*) e do Secretario da côrte Antonio Paes

(*) Esse P. Fr. Christovam, franciscano, cremos seja o P. Fr. Christovam de Lisboa que veio ao Brasil em 1624, em companhia do 1.º governador do Pará — Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho. Era religioso capucho; entrára na Provincia da Piedade que depois trocou pela de S. Antonio. Foi qualificador do S. Officio; Commissario da Provincia de Portugal e primeiro Custodio da Provincia do Maranhão. Andou percorrendo, como Commissario do S. Officio e visitador ecclesiastico, o norte do Brasil, envolvido em questões de liberdades de indios contra os colonizadores e em luctas com os Jesuítas. Veja-se: "Dictionario Historico" de Esteves Freire e Guilherme Rodrigues; mais, Rocha Pombo, Vol. V, pag. 35 e seg.; Galanti, Tomo I, n. 307. O rei o escolhera Bispo de Angola; mas não chegou a tomar posse, porque a S. Sé não quiz confirmal-o, por apresentado pelo rei. Falleceu em Lisboa a 14 de abril de 1652 — Antonio Paes Viegas, foi secretario muito acatado de D. João IV; aconselhou-lhe aceita-se a corôa de Portugal contra Castella. Falleceu em 1650. Confira-se: Dictionario Historico.

Viegas, os quaes puzeram obstaculos ás boas disposições do rei e da rainha. O Secretario de estado D. João Vieira tambem confessou a elles que "*não é o rei que nos põe obstaculos ou retira a palavra; mas são as occultas manobras de algum interessado*".

Interviu tambem a rainha, mas de balde. Só depois de muitos mezes de delongas, conseguiram partir de Lisboa para a Bahia, a 23 de junho de 1645. Uma senhora portugueza deu-lhes uma imagem de N. Senhora da Conceição para ser collocada na igreja principal da missão. Embarcaram numa velha caravella; durante 33 dias tiveram um mar tão inquieto e ventos tão contrarios, que ficaram quasi todos doentes, pelos vomitos violentos e frequentes, pelo fastio, pelas tonturas e febres. O impeto das ondas abalou bastante a nau que fazia agua de toda a parte ameaçando sossobrar. Elles oravam dia e noite. As falhas eram largas e numerosas e exigiam passassem os dias em obtural-as. Tantas e tamanhas fadigas só lhes permittiam um escasso descanso. O vomito, o medo prolongado, a fadiga pesada, a privação de somno, a escassez dos viveres, haviam feito delles uns como esqueletos.

Felizmente como a Deus approveu, após 63 dias de penosa viagem, chegou-se milagrosamente á Bahia. Aqui os missionarios preferiram hospedar-se com os Menores Observantes a acceitar a hospedagem que lhes havia offerecido em sua casa, o governador João Telles da Silva (*). Permaneceram na Bahia uns quatro mezes; nem ficaram ociosos.

Como os hollandezes houvessem occupado a cidade de Pernambuco (**), com bastante terreno circunstante e como ameaçassem assaltar a Bahia, o povo estava altamente alarmado e receioso de cahir sob a escravidão dos hereges.

Invocou-se por todos a proteção do céu. Os nossos missionarios tomaram parte. Todo o clero se poz em movimento. Os nossos, a pedido do governador, organizaram uma procissão de penitencia; intervieram á mesma o clero secular e regular, todo o povo, e até os proprios Jesuitas, não obstantes seus privilegios que os isentavam. Ao entrar da mesma, pregou com muita eloquencia e commoção o P. Fr. Francisco de Ventimiglia.

Os Menores Observantes, ou como lhes chamavam Antonianos, organizaram tambem uma procissão em honra da SS. Virgem e de S. Antonio; nella tomaram parte o clero, os religiosos, o vice-rei com a côrte; ao regresso da procissão á igreja, exposto

(*) Governador de 1642 a 1647. Delle diz a Relação da Propaganda: "foi outrora General da frota da Hespanha, que levou consigo o P. Marcello Mastrilli, — Napolitano, para Gôa — mais tarde martyr glorioso no Japão.

(**) Era desde 1630 que Pernambuco estava em poder dos hollandezes. A "Relação" da Propaganda diz que "os hollandezes havia 16 annos que occupavam muito territorio, portos e fortalezas dos portuguezes".

o SS. Sacramento, e celebrada missa cantada, pregou novamente o sobredito capuchinho, mostrando, com estupenda energia, que o actual progresso dos hereges era devido a má vida dos catholicos, os quaes por isso deviam voltar ao bom caminho. Tivera razão o missionario, porque, assim que voltou o fervor, Deus confortou aquelles fieis arrependidos, com uma grande victoria inesperada sobre os hollandezes.

Disse, inesperada, porque os portuguezes, além de estarem sem pagamento desde alguns mezes, por uma caravella pelo enfurecimento do mar, ter ficado presa perto de cabo de S. Agostinho, faltavam de victualhas e de forragem. Ora aconteceu que, no dia precedente á batalha, appareceu um mysterioso franciscano na praia, e foi visto pelos da caravella a quem exhortou que se apressassem. Como respondesse o capitão que não podiam pelo máu estado do mar, disse-lhe o religioso: “Então dêem a mim o dinheiro para os pagamentos, eu mesmo o levarei, porque os portuguezes estão para se revoltar e entregar-se aos hollandezes por não terem sido pagos. O outro por uma interna inspiração, deu-lhe o dinheiro, e na mesma hora, como depois se poud averiguar, aquelle mesmo frade prodigioso foi visto no meio dos portuguezes a pagar-lhes o soldo. Animados com isto, combateram como valerosos e derrotaram inimigos mais numerosos que elles. Um padre jesuita annunciou o facto do pulpito, como muito conhecido e certissimo (*).

Após quatro mezes de estada na Bahia, os missionarios, a 2 de dezembro de 1645, partiram para Angola; lá chegados após tres mezes de viagem, cahiram nas mãos dos hollandezes e soffreram horrores, durante um mez, mais ou menos. Passado o mez pelos hollandezes foram recnviados á Pernambuco, numa velha carcassa com tres marinheiros e um piloto; para alimentação tiveram apenas cincoenta libras de arroz, uma pouca de carne salgada e tres toneis de agua e isto para vencer 2.600 milhas no mar! Ao nono dia partiu-se num flanco a proa; depois de outra semana, partiu-se por completo a vella, e, não puderam concertal-a nem substituil-a. Apóz 22 dias, abriu-se uma fenda no fundo da nau, por onde a agua entrava estrondosa e violentamente. Os missionarios que não esperavam mais chegar a salvamento, haviam com duas taboas improvisado uma cruz, ante a qual oravam frequentemente. Quando ouviram estalar a fenda, deram-se mutuamente a absolvição e tentaram auxiliar os marinheiros. Afinal conseguiram pregar umas taboas sobre a falha e, desfeita uma corda em filamentos, fecharam o buraco e assim quebraram um pouco o impeto das aguas. Dest'arte, mercê de Deus, conseguiram fazer por

(*) Cavazzi — Descrizione storica. Livro III, Cap. IV, n.º 6 e seg. — P. S. Cultrera — Eroismo ed avventure di Miss. al Congo. Torino pag. 306-320.

milagre a travessia de Angola a Pernambuco em 28 dias, sempre ameaçados de ficarem presa das ondas.

Quando chegaram a Pernambuco, encontraram grande carestia, pois havia oito mezes que ella estava sendo sitiada pelos portuguezes, para retomal-a aos hollandezes (**).

Havia na cidade, entre as poucas pessoas catholicas toleradas pelos invasores, dois negociantes francezes, protegidos de Luiz XIV: João Ultrini e Ludovico Heyns de S. Maló. Este ultimo foi quem destemidamente hospedou dois mezes, os pobres missionarios, não obstante as iras dos hereges, os quaes intentaram varias vezes vingar-se delle; mas, ante uma ameaça de sublevação de muitos descontentes da cidade, que poderiam fazer causa commum com os sitiantes, desistiram de perseguir ao francez e a seus hospedes.

A providencial hospedaria do Sr. Heyns tornou-se um centro de religião, para onde convergiam os catholicos da cidade: os missionarios aproveitaram aquelles lazeres para beneficio espirital daquela população crente, já tão provada pelas tribulações, dispensando-lhe a pregação e os santos sacramentos. Infelizmente, pessoas que visitavam os missionarios, planejavam entender-se com os portuguezes sitiadores e manifestar-lhes os fracos da defesa e assim conseguir a libertação da cidade. Os mais avisados tentaram dissuadir o plano; mas seu auctor, confiado na sua sabedoria, despachou occultamente um mensageiro para o campo sitiante, com uma carta para o general dos portuguezes. Este de volta entregou a carta aos hollandezes, os quaes, suspeitando que os Capuchinhos tivessem parte no conluio, correram á casa do Sr. Heyn, prenderam a todos e os mandaram encarcerar incommunicaveis, para se instruir o processo.

Do processo resultou o auctor da traição e foi constatada a innocencia do Sr. Heyn, que foi posto em liberdade. Os Capuchinhos por causa do odio implacavel dos hereges, foram condemnados a viajar para a Hollanda para lá serem julgados. Não obstante terem adoecido dois delles, foram obrigados a embarcar numa nau que ia fazer a vela para a Hollanda. No embarque foram soccorridos largamente por um catholico de Amsterdam, certo Bartholomeu de Lana que lhes deu carta de recommendação junto de sua esposa, assim que chegassem ao destino.

Nas vizinhanças das ilhas Terceiras, aggravou-se o estado do P. Fr. Salvador de Genova, e em poucos dias falleceu, e seu

(**) O oitavo mez do cerco seria mais ou menos abril de 1646. A 22 de junho de 1646 chegaram em auxilio aos hollandezes as naus "Falcão" e "Iabel": em principios de agosto chegaram 6 naus de alto bordo. Os nossos devem ter embarcado numa destas, quando ellas voltaram, pois só permaneceram no Recife dois para trez mezes.

cadaver foi deitado ao mar (*) Os mais chegaram a Roma a 18 de Maio de 1647. Foram estes os primeiros Capuchinhos italianos que trabalharam no Brasil, casualmente, na sua viagem para a missão do Congo. Como elles, muitissimos outros, de passagem pelo Brasil, desempenharam o ministerio apostolico em nosso paiz, o que aliás lhes era muito facil, porque conheciam o portuguez, lingua, digamos, official do Congo, e aqui tratavam, como lá, com gente portugueza e com pretos. Nas mesmas viagens da Africa para o Brasil, esses dedicados missionarios occupavam-se, com muito proveito da catechese dos negros escravos, seus companheiros de viagem, e os baptisavam.

O proprio missionamento do Brasil pelos Capuchinhos italianos, foi como que uma continuação ou melhor uma expansão das missões delles no Congo, até tornar-se, no primeiro quartel do seculo XVIII, uma missão independente da Congueza, com suas prefeituras proprias, seus missionarios proprios e hospícios proprios.

O PRIMEIRO CAPUCHINHO BRASILEIRO

Foi o P. Fr. José de Pernambuco, apesar que não tenha estado no Brasil como capuchinho. Nasceu, como diz o seu nome de religião, em Pernambuco, e seus paes enviaram-no a Salamanca para fazer os estudos; e aqui se decidiu a entrar na Ordem dos Capuchinhos. (*).

Em 1644 foi nomeado mestre de grammatica no convento de Toro, pertencente á provincia de Castella (**), e em 1647 uniu-se á terceira leva de missionarios que partiam para Angola sob a prefeitura do P. Fr. Dionysio de Placencia; embarcou com os companheiros em Cadiz, aos 14 de outubro de 1647 e chegou á fóz do Zaire a 6 de Março de 1648.

O P. José ficou trabalhando, no começo, em S. Salvador, e depois passou para Incussu', em seguida para a provincia de Zambo. Em pouco tempo elle aprendeu a lingua do paiz, e poudo dispensar os interpretes. Morreu santamente em Pemba. Sua morte foi em 1653.

QUANTOS E QUAES OS NOSSOS HOSPEDES

De um catalogo compilado pelo P. Fr. Agostinho de Bohna (que missionou no Congo de 20 de novembro de 1705 até 18 de outubro de 1713 e depois se deteve em Lisboa) deprehende-se que de 1645 a 1722 foram missionar ao Congo 285 capuchinhos

(*) Cavazzi, Livro III, cap. IV.

(*) Cavazzi, Livro III, cap. VII, e seg.

(**) Veja: "Annaes Franciscanos", anno 1934 pag. 245.

italianos, delles 238 sacerdotes e 47 irmãos leigos (*). Outro catalogo elenca, de 1720 a 1805, 153 sacerdotes e 16 irmãos leigos, missionarios naquellas regiões (**).

Muitissimos delles tocaram o Brasil na ida, ou na volta; muitos aqui vieram temporariamente por motivo de saude; não poucos passaram pelo Brasil e aqui morreram. Todos elles, quem mais, quem menos trabalharam no campo evangelico do nosso paiz, deixando nelle rastros de seus labores apostolicos.

Em principios de fevereiro de 1647, o P. Fr. Angelo de Valença e o P. Fr. João Francisco de Roma partiram de Loanda, viagem para a Italia, como enviados do rei do Congo ao Summo Pontifice. Depois de quarenta dias, no meio de tempestades, chegaram a Pernambuco, e foram hospedados pelo mesmo sr. Ludovico Heyns, que hospedara os padres genovezes. Aqui, graças à influencia do francez João Voltrin, puderam exercitar com grande concurso de crentes e com grande fructo o sagrado ministerio. Apenas houve navio, seguiram para a Hollanda, e depois para Roma, aonde chegaram a 19 de março de 1648.

Em fins de dezembro de 1649 o P. Fr. Boaventura de Sorrento embarcara em Loanda numa caravella que vinha ao Brasil, com novecentos escravos; por causa da agglomeração delles, desenvolveu-se uma epidemia que matou 250 dos mesmos. O capitão queria suicidar-se por isso, mas foi dissuadido pelo P. Boaventura. Chegou ao Brasil a 30 de janeiro de 1650 e depois de poucos dias partiu para Lisbôa.

O P. Fr. Boaventura de Correglia e o P. Fr. Antonio de Tervelli que foram ao Congo em 1648, voltaram em 1655, de Loanda, 28 de abril, para o Brasil; em 30 dias chegaram á "Bahia de Todos os Santos, porto principalissimo daquelle região, hospedados durante dois mezes no convento de S. Antonio dos Padres Recoletos, que tem provincia distincta da de Portugal". Da Bahia partiram para Lisbôa em a náu em que ia o vice-rei, armada com 60 peças de artilharia e commandada por Antonio Fernandes. A náu foi assaltada mais vezes por navios corsarios hollandezes. (*)

Em 1650 passaram pela Bahia e Pernambuco para Lisboa, o P. Fr. Antonio de Monte Prandone e o irmão Fr. Felix de Villari, ambos doentes. De Pernambuco em diante viajaram com o capitão geral D. Pedro Jannes. O P. Fr. Roque de Genova e o P. Clemente de Moenza, Roma, passaram pelo Brasil em 1661, de volta para suas terras: o P. Roque morreu em Lisboa, o P. Clemente cahiu prisioneiro dos Turcos.

O P. Fr. Benedicto de Lusignano, Genova, durante o seu setennio preparou em Massangano clerigos, que depois se ordenaram

(*) Zaverio — I Cappuccini Genovesi, Vol. IV, cap. I.

(**) Analecta Ordin. Capuc. Vol. XXI e XXII.

(*) Cavazzi. Livro IV, cap. IV, n.º 4.

em Lisboa; após o setennio partiu para a Bahia, mas como viesse a fallecer durante a travessia, seu cadaver foi deitado ao mar; no mesmo dia e hora, o cadaver surgiu na praia da Bahia, onde foi recolhido pelos monges de S. Bento em sua igreja e alli inhumado. Tambem o P. Fr. Marcellino de Galliano, foi para Angola em 1652; após o setennio, de volta para a Italia, morreu no mar, perto de Pernambuco.

O P. Fr. Estevam de Ravenna, após um trabalhoso e fructuoso apostolado de treze annos, em que baptisou 18 mil gentios, de volta para a Italia em 1663, demorou-se 26 mezes em Pernambuco; auxiliado por D. Francisco Barretto Ferreira, governador da cidade e almirante da frota portugueza, partiu para Lisboa; a viagem até lá durou 80 dias; nella sossobraram cinco naus e outras tiveram os mastros quebrados.

O P. Fr. Luis de Pistoia, doente, voltou para a Italia em 1663; aggravando-se a molestia teve que ficar seis mezes no hospicio dos nossos francezes em Pernambuco. Durante seu apostolado havia baptisado oito mil almas. Em 1672 demandou de novo o Congo.

O P. Fr. Angelo de Ajaccio (Corsega) esteve doente na Bahia nos primeiros mezes de 1669. Tambem esteve na Bahia em 1685, todo entrevado, o P. Fr. Bernardino de Empoli. Estiveram na Capital bahiana, na ida para o Congo, de 31 de abril a 10 de julho de 1696, o P. Fr. Antonio Maria de Florença e o P. Fr. João Maria de Barletta, toscano. O P. Fr. Luiz de Firenzola, lombardo, foi ao Congo em 1697; mas por estar doente, voltou e falleceu na Bahia.

O P. Fr. Domingos de Jacis chegou a Angola em 1694; depois de dois annos, 1696, foi doente para Lisboa, onde ficou um anno; voltou para o Congo e fez o setennio; terminado, veiu para a Bahia, onde falleceu no novo hospicio em 1712.

O P. Fr. Marcelino de Atri (Abrucos) (Miss. 1690) passou em 1703 doente na Bahia, em viagem á Italia. O P. Fr. Bernardo de Mazarino (Miss. 1690) após 16 annos de trabalho, veiu em 1706 para a Bahia com carta obediencial para ficar neste hospicio; mas, como não podesse ficar, voltou para a Provincia onde falleceu em 1711.

No dia 21 de setembro de 1712 partiram de Lisboa para Angola, aonde chegaram a 25 de maio de 1713 — passando uma temporada no Brasil — os P. Fr. Angelo de Parma, P. Fr. Jeronymo de Bolonha, P. Fr. Miguel delle Noci e Fr. Mario de Castenedolo. O P. Fr. Miguel esteve na Bahia, tambem em 1720.

Frei Venancio de Condino (Veneza) (Miss. 1705) doente dos olhos, voltou para a Europa passando pelo Brasil em 1706 e falleceu em Mantua em 1724. Tambem Frei Adão Chiozza (Veneza) (Miss. 1715) veiu em 1718 doente para o Brasil. O P. Fr. Angelo

de Belvedere (Cozenza) (Miss. 1715) veio terminar o setennio no Brasil.

O P. Fr. Francisco de Massafra (Otranto), miss. em 1719, de volta, morreu na Bahia, cerca de 1730. Pela mesma epocha morreu na Bahia o P. Fr. Francisco de Arezzo, miss. em 1720. Na mesma cidade falleceu em 1733 o P. Fr. Jesualdo de Mistretta, (Messina) que estivera em Angola. Esteve um tempo em 1731, na Bahia, o P. Fr. Pacifico de Pezzo (Umbria), que em 1728 fora para a ilha de S. Thomé, para a qual voltou em 1732.

Em fins de 1695 partiram 25 capuchinhos para o Congo. Embarcaram em Liorne para Genova e d'aqui para Alicante, de lá para Carthagená e Cadiz e Lisbôa. Em Cadiz pararam de 26 de novembro até 25 de janeiro de 1696. De Lisbôa sahiram para a Bahia. Aqui se detiveram um anno inteiro, aguardando navio para Angola, aonde chegaram em 1697. Entre elles estava o P. Fr. Thomaz de Anghiari, (Umbria) que succumbiu na missão de Sonho, seis mezes apoz a sua chegada. Dos companheiros alguns morreram na viagem, e outros, pouco depois de lá chegados. (*).

Nos ultimos annos do seculo XVII tornam-se mais frequentes as visitas e as estadias dos missionarios capuchinhos italianos no Brasil; até podemos dizer o Brasil tornou-se a estação forçada das viagens dos mesmos a Angola e de retorno, ainda mais depois que os Capuchinhos italianos conseguiram os hospícios que foram dos francezes. Assim por exemplo, em 1719 estavam na Bahia o P. Fr. Raphael de Milão, o P. Fr. Angelo Francisco de Carpi, o P. Fr. Gregorio de Vignola, o P. Fr. Matheus delle Grotte, o P. Fr. Domingos de Panicocolo, o P. Fr. Francisco de Massafra e o P. Fr. Jeronymo de Matera, todos missionarios de Angola. A 18 de novembro de 1720 aportaram na Bahia, no mesmo navio em que veio o vice-rei Vasco Gonçalves Fernandes, os missionarios para Loanda; P. Fr. Seraphim de Cuneo, P. Anselmo de Castelvetro, P. Alexandre de Puppi, P. João Francisco de Puppi, P. Francisco de Arezzo e P. Luis de Siena.

O Brasil tornara-se a parada forçada desses missionarios, parada porém que constituiu uma missão mui proveitosa para o nosso Paiz e que foi o feliz inicio da grande missão dos Capuchinhos italianos no Brasil.

Deparam-se-nos alguns missionarios italianos das missões congezas que merecem especial menção, pelo que escreveram sobre • nosso Paiz, ou por alguma circumstancia especial.

(*) Da Vicenza — I Missionari Cappuccini della Provincia Seraphica, 1911. Pag. 295.

VIAGEM TRAGICA

Muito trabalhou em Loanda, onde chegou em 1649, o P. Fr. Seraphim de Cortona. Entre seus trabalhos apostolicos, cumpre destacar a fundação de duas irmandades para os pretos: a de N. S. do Rosario e a de S. Boaventura; e mais a Ordem dos Terceiros Franciscanos. A irmandade de S. Boaventura contava entre os seus exercicios a meditação dos Passos do Redemptor, nas sextas-feiras e nos dias santos. Para esse fim, foram encommendadas na Bahia, Brasil, algumas estatuas de madeira, representantes os ditos passos; cada uma dellas custou cem escudos.

Em 1658 voltou á Europa, com o encargo, dado a elle pela rainha de Matamba, de trazer novos missionarios. Embarcou em julho desse anno em uma náu ingleza, juntamente com Fr. Jeronymo de Puebla, da provincia aragoneza e missionario desde 1645; mais D. Martinho Luis de Souza, governador de Angola. Sendo-lhes prosperos os ventos, em apenas um mez avistaram as costas do Brasil, e as tiveram de buscar por causa de ventos contrarios e de tempestades.

Foi porém um desastre que culminou numa tragedia. A Hollanda nessa epocha andava em lucta contra a Inglaterra. Nas costas americanas, foi avistado um navio hollandez, e ao envez de vital-o, vista a inferioridade da náu ingleza, o piloto dirigiu a proa para o inimigo. Travou-se um breve mas mortal combate; o alvo dos hollandezes, ainda inimigos implacaveis dos portuguezes, era certo, não errava; o da náu ingleza, pelo contrario, era tão desacertado, que nenhum tiro colhia o alvo. Seria uma trahição? Havia quem assim cuidasse, si com razão, ou não, não se sabe. O certo é que os portuguezes eram de muito inferiores.

O Souza, como valente, enfrentou o perigo, e sahido da camara de popa, postou-se armado, com dois sobrinhos, ao centro da náu, defendendo-se bravamente, e animando a resistencia. Em breve começou o esparramo ao derredor d'elle, e ficaram feridos ou machucados, soldados, passageiros, e o proprio heroico governador, com uma mosquetada no peito, emquanto os dois sobrinhos lhe cahiram ao lado cobertos de sangue. Seis soldados ficaram mortos, e Fr. Jeronymo recebeu duas balas, uma na mão e outra no joelho. O inimigo conseguiu atracar, subiu a bordo, e apossou-se da náu ingleza.

Os que permaneceram com vida foram feitos transportar para a náu hollandeza; o Souza quasi despido, com os dois sobrinhos, foi trancado na camara de popa; os dois capuchinhos foram deitados no fundo da sentina, onde já estavam cinco Franciscanos e dois Jesuitas, capturados o dia antecedente.

Neste carcere fetido e escuro, confortavam-se pela commum desgraça, emquanto D. Martinho Luiz, apesar de medicado dili-

gentemente pelos hollandezes, por sentir que as forças o iam abandonar, pediu e obteve a assistencia religiosa do P. Fr. Seraphim, o qual, desde então admirado pelo inimigo, teve licença para, quasi livre, percorrer a náu; mais conseguiu tirar do fundo da náu ao Fr. Jeronymo.

Que fazer dos prisioneiros inuteis e dos feridos graves como o Souza? Os pareceres eram discrepantes; uns alvitavam em deital-os ao mar, outros queriam desfazer-se delles de outra forma. O frade interveiu e pediu medidas mais humanas, e após dois dias de consultas, determinou-se desembarcal-os na ilha despovoadá, "A Bahia da Trahição", provendo-os de uma porção de biscoitos, apenas sufficiente para durante dois dias mantel-os com vida, capaz de lhes prolongar uma vida penosa e de inedia. O bom Deus provisionou-os diversamente, fazendo-lhes descobrir grande quantidade de caranguejos.

Ao terceiro dia o Souza expirou como optimo christão e foi deposto numa valla, onde em menos de 48 horas ficou reduzido ao simples esqueleto descarnado pelos caranguejos que conseguiram encontrar o cadaver.

O continente não distava muito; tinham na frente a embocadura do rio Parahyba, com o forte portuguez homonymo. Difficil porém era o accesso ás terras, pois lhes era necessario transpôr o estuario desse caudaloso rio. Mas a Providencia foi em soccorro delles, inspirando a um marujo corajoso, que com elles ficara, a enfrentar a nado a correnteza pelo bem commum; e sahiu-se bem. O governador da Fortaleza despachou logo navio para conduzil-os, e com regosijo indescriptivel de todos viram-se finalmente salvos.

O povo todo compareceu á praia para recebêl-os, como se recebem os redivivos. Dos dois capuchinhos, só o irmão leigo tinha sido ferido na mão e no joelho, durante o combate. Apenas melhoraram, os religiosos quizeram seguir, por terra, da Parahyba até Pernambuco, e na viagem foram acompanhados por escolta armada do residente geral daquella costa.

Em Pernambuco, por ordem do presidente do governo, D. André Vidal de Negreiros, foram feitas solemnes exequias ao de Souza; nellas pronunciou o elogio funebre o proprio P. Fr. Seraphim, que em seguida viajou para Lisbôa e de lá para a Italia. Falleceu em Florença em 1660.

O P. Seraphim foi de uma actividade extraordinaria; consta que no espaço de só onze dias, uma feita, chegou a baptisar 1846 pessoas. (*).

(*) Cavazzi, Livro IV, cap. V, n.º 10 e seg.

O HISTORIADOR DAS MISSÕES CONGUEZAS

E' o P. Fr. João Antonio de Montecucoli, sacerdote da provincia de Bolonha, que fez parte de uma leva de missionarios, dotados de especial virtude, chegados a Angola em 1654. Pertencia á familia Cavazzi. Missionario na ilha de Massangano, entre outras occupações tinha a da escola ás crianças.

Delle se conta, que havia na villa um preto velho, cego, o qual muito desejava vêr os padres capuchinhos. Um dia foi á portaria do hospicio, com muita gente. Chamaram ao P. João Antonio; este estendeu a mão para a do cego, e assim que o preto pegou na mão do missionario, recuperou a vista perfeitamente e a conservou ainda por muitos annos.

Findo o setennio de missão, em 1667, repatriou-se, já por doente, já para tratar negocios da missão. Foi caminho do Brasil. Partiu de Loanda em a náu "S. Pedro de Alcantara", em que, das Indias, vinha D. Antonio de Mello, vice-rei das Indias; com elle veiu tambem o irmão Fr. Ignacio de Valsasno. Chegaram á Bahia, após uma viagem de 35 dias. Foram-se hospedar com os frades Menores Observantes. Como tivesse de permanecer bastante no Brasil, resolveu dirigir-se a Pernambuco, onde os Capuchinhos francezes já tinham um hospicio. Com dez dias de viagem lá estava elle com seu companheiro, hospede dos Capuchinhos francezes, desde o dia 30 de outubro de 1668.

Já doente, aqui apanhou erysipella e cinco vezes esteve com as pernas inchadas. Assim mesmo para não viver ocioso, ia missionando nas vizinhanças, "para satisfazer a devoção do povo, que de boa vontade confiam suas consciencias aos nossos".

Visitou em Pernambuco a um insigne bemfeitor, João Pereira, armador que sempre dava guarida em sua náu aos capuchinhos e que forneceu aos nossos padres todo o necessario para a viagem. Diz, que igualmente deve muitas finezas ao Sr. D. André Vidal Negreiro e a D. João Fernando Vieira, que já haviam sido, um depois do outro, governadores em Loanda e nas conquistas; como tambem ao Sr. João Ultrini, francez e ao Sr. Ludovico Heyns, hollandez. "Numa palavra todos os portuguezes porfiavam em nos soccorrer, dando a conhecer quanto lhes é natural a generosidade e quanto affecto cordial professam aos Capuchinhos".

O frade, que é auctor duma das melhores relações sobre as missões de Angola e do Congo (*), aqui nos dá uns lindos numeros sobre varios especimens da fauna brasileira e mais uns pequenos episodios interessantes. Descreve em seguida sua viagem de volta,

(*) Cavazzi — "Storica descrizione de' tre regni, Congo, Matamba e Angola, etc.". Varias edições; a ultima, ainda incompleta, está sendo publicada pela revista "Il Massaia", Roma.

sahindo de Pernambuco a 11 de outubro de 1669. Narra varias peripecias da viagem, sua chegada a Lisboa, ao hospicio dos Capuchinhos francezes. Chegou a Genova a 3 de abril de 1669. Em 1670 foi novamente para o Congo, onde foi nomeado prefeito.

UM ESQUELETO AMBULANTE

O P. Fr. Dionysio Carli de Placencia, da Provincia religiosa da Bolonha, tomou parte numa leva de missionarios capuchinhos que demandaram Angola em 1667 (*)

Partiu de Genova a 2 de abril de 1667 e aportou a Lisboa a 22 de abril; aqui foi hospedar-se no "conventinho" dos seus Religiosos, durante dois mezes. Aproveitando a sahida da frota para o Brasil, embarcaram numa náu de mesma, o P. Fr. Pedro de Barchi, o P. Fr. Philipe de Galesio, o P. Fr. Boaventura de Cento, o P. Fr. Miguelanjo de Reggio, o P. Fr. Dionysio de Placencia e Frei Miguel de Orvieto. Sahiram em 19 de junho de 1667.

A travessia, que durou tres mezes, foi para elles tempo de verdadeiro apostolado entre a maruja e os viajantes; missas, predicas, terços, confissões e communhões. Apóz 5 dias passaram perto da ilha da Madeira; depois costearam as Canarias e as ilhas do Cabo Verde. Divertiam-se com a caça de peixes e muito mais na festa da passagem do equador. Na viagem morreram dois viajantes.

La pelos 20 de setembro estavam em Pernambuco, no convento dos Capuchinhos. Admiraram immenso a presença de pretos e muito mais de indios, estes apenas vestidos de tangas, com arcos e flexas, e com cintas de pennas e cocares vistosos. Impressionou-os o preço das cebolas e a procura que dellas lá se faziam! O P. Fr. Philippe e o P. Fr. Boaventura partiram primeiros. Os outros sahiram na náu. "Navio das almas", a 2 de novembro de 1667, após uma demora, em Pernambuco, de setenta dias.

Rumavam para Angola, mas a tempestade, acompanhada de trombas marinhas, os impeliu até perto do estreito de Magalhães; voltando para a altura do cabo da Boa Esperança, passaram perto das ilhas de Tristão da Cunha e de Gonçalo Alvares. Festaram o Natal em aguas do Congo, em Benguela. Chegaram a Loanda, em janeiro de 1658.

O apostolado do P. Fr. Dionysio de Placencia foi breve; as mortíferas molestias do paiz o assaltaram; foi obrigado a tratar de seu regresso. Foi acceto numa náu que singrava para o Brasil. Era dezembro de 1668.

(*) Veja: "Viaggio del P. Dinizio Carli e del P. Michel Angelo Guatini, Reggio 1671 (Na Bibliotheca Estense).

O navio estava cheio, repleto de marfim e 630 escravos. “Era um espectáculo tristissimo o de vêr como estavam amontoados lá dentro aquelles pobres infelizes. Os homens estavam collocados no fundo, fechados atraz de uma cerca mais cerrada de medo que se amotinasse e matasse os brancos. As mulheres estavam acima dos homens, e as que estavam grávidas, jaziam na camara de popa. As crianças, umas poucas em cada canto. Estavam apertados como sardinhas em lata, pelo que, para dormirem, deitavam-se uns sobre os outros”. Para não perderem seus logares, nem os deixavam, quando deviam tratar de suas necessidades!

A viagem de Angola ao Brasil podia ser feita no prazo de um mez ou de 35 dias no maximo, porque não era necessario buscar o cabo da Boa Esperança para de lá aproveitar o tempo. Atraves-sava-se directamente de Loanda ao Brasil. Porém, pela falta de vento, o noesso frade levou 50 dias, durante os quaes estiveram ameaçados de morrerem de fome e sede. Felizmente, superaram tudo e conseguiram chegar á Bahia, fevereiro de 1669. Dos 630 escravos, morreram na viagem 33 sómente!

Como na Bahia não houvesse convento dos Capuchinhos, o P. Fr. Dionysio resolveu pedir hospedagem no convento dos padres franciscanos. O frade não podia nem manter-se em pé, e o convento distava muito. Uma bôa senhora mandou dois escravos que o carregassem num rede, até o convento dos Franciscanos, onde foi tratado com todo o carinho por aquelles religiosos, e por outras pessoas amigas. O medico continuou a fazer-lhe sangrias.

Na Bahia teve occasião de estar varias vezes com o P. Fr. Angelo Maria de Ajaccio. Este fôra para Angola em 1651 e trabalhou 6 annos com grande proveito; passou depois para a ilha de S. Tomé, onde trabalhou 10 annos, e, contrahida grave molestia, foi pelo Governador que ia para Lisboa, trazido á Bahia, contemporaneamente á viagem do P. Fr. Dionysio. Foi morrer em Lisboa.

No dia de Paschoa de 1669 embarcou para Lisboa. O navio, além dos passageiros, trazia muitos animaes; mais: mil e tantas caixas de assucar, tres mil caixas de fumo, grande quantidade de madeiras preciosas, marfim, lenha para queimar, duzentos saccoes de carvão, centenas de pipas de agua, e de vinho, dez de aguardente; além disto e das bagagens dos passageiros, trazia cincoenta canhões, vinte e quatro pedreiros de bronze, espinguardas, lanças, espadas e cimitarras.

O navio, em que havia portuguezes, inglezes, hollandezes, hespanhões e escravos indios, tocou Pernambuco, onde se deteve dois dias.

A viagem teve seus episodios: confusão medonha a bordo por ter cahido ao mar uma prancha, brigas de marinheiros, calmarias,

proezas de um alcoolizado, ameaças de piratas. Após tres mezes de viagem, chegaram a Lisboa. O frade foi hospedar-se no hospicio dos Capuchinhos, após dois annos apenas de ausencia. Varias peripecias o acompanharam até sua chegada, á sua terra natal, Bolonha, a 25 de janeiro de 1671. Restabelecendo-se, foi para as missões da Georgia e da Persia, e foi fallecer em Veneza a 21 de abril de 1685, cheio de trabalhos e merecimentos (*).

O FUNDADOR DO HOSPICIO DA BAHIA

O P. Fr. João de Romano que encontrámos entre os primeiros missionarios capuchinhos italianos que visitaram o Brasil, era da Provincia Religiosa de Brescia; em 1670 partiu para as missões de Angola, aonde chegou em janeiro de 1672. Completo o setennio, voltou para a Italia, detendo-se uns mezes, de passagem, na Bahia. Chegou á Italia na primavera de 1680. Em 1683 partiu novamente para as missões, com o titulo de Prefeito das missões de Angola; morreu em 1685, pouco depois de ter chegado a Loanda.

Escreveu suas memorias, consignadas num manuscripto, conservado no Archivo geral da Ordem, em Roma (**). São umas 900 paginas, repartidas em tres titulos. Na primeira parte (pag. 1-136) conta as peripecias da ida á missão; na segunda (pags. 137-670) os trabalhos apostolicos feitos no Congo; na terceira (pags. 671-844) sua volta para a Italia.

Zarpou de Liorne, na vespera de Natal de 1670, numa náu franceza, em companhia do P. Fr. Thomaz de Sestola e do P. Fr. Mathias de Saló. A viagem foi mui penosa pela falta de conforto em a náu e pelas varias tempestades que os colheram. Tocaram em Toulon na França, onde foram acolhidos pelos capuchinhos. Fizeram escala em Alicante, Malaga, Cadiz e Lisboa.

Em Lisboa foram ao Hospicio dos "nossos Capuchinhos, que antes era dos Italianos, logar que lhe fôra dado pela piedade dos senhores duques de Aveiro, e depois passou para os padres francezes que nelle residem actualmente". Alli se reuniram os varios missionarios que demandavam a missão do Congo.

Embarcou para o Brasil, pois não havia navio directo para Angola, com o P. Fr. André de Buti e o P. Fr. Thomaz de Sestola. O navio era dos senhores Gherzi, genovezes, tinha por commandante André Papagianopolis, e partiram a 26 de Setembro de 1671.

"Como soprassem ventos favoraveis, em tres dias estavamos á vista da famosa e deliciosa ilha da Madeira...; em seis dias passamos além das Canarias..."

(*) Veja: Cultrera — Un morto che cammina. 1936.

(**) "Le Giornate Apostoliche, ecc. descritte dal P. Fr. Giovanni Bellotti da Romano, ecc.

Aportaram á Bahia, “metropole de todo o vasto paiz do Brasil, onde começa a America Oriental. Possui um bellissimo porto, feito pela natureza, onde abicam muitas náus, não só aquellas que pertencem ás frotas de Portugal, mas tambem outras. Cidade collocada no alto, bem municionada de armas e de soldados, além das muitas riquezas, que encerra, possui nobreza e cavalheiros. O que porém a assignala mais, são as muitas egrejas e conventos dos Religiosos Carmelitas Descalços e Calçados, dos padres Benedictinos, Jesuitas e Franciscanos. Tem muita gente e muita mercadoria”.

“Desembarcados naquella cidade, fomos nos hospedar com os pãdres de S. Francisco, lá chamados de Antoninhos, pelos quaes, durante oito dias de permanecia, fomos tratados com muita benignidade. Tomado lugar, fomos logo visitar o Sr. Governador, um cavalheiro portuguez, homem mui piedoso que nos recebeu com nobre cortezia, apezar de pobres e de italianos, e nos mostrou sua affeição mandando-nos varios comestiveis, e assim que soube da nossa partida, nos deu uma carta de recommendação para o Governador de Angola e deu ordens ao Capitão que breve ia partir, nos levasse consigo, ainda que essa ordem não fosse necessaria, pois o capitão estava prompto a fazer-nos esta caridade”.

“Tudo o que procuramos naquella cidade, nos foi dado com presteza e liberdade, porque todos nos estimavam por demandarmos as missões. O que mais se distinguio connosco pelo affecto, respeito e christã fieldade, foi o Sr. Jeronymo Ruggiere, genovez, que, havia muitos annos, morava naquella cidade. Offereceu-nos muitas cousas para a viagem, e, como lhe observassemos que de nada necessitavamos por contentarmo-nos da nossa pobreza, cheio de admiração ia dizendo entre o povo: — Que cousa! Estes religiosos nada tem, e assim mesmo recusam qualquer cousa! — Com isto mais despertavam nos animos daquella gente o amor e o respeito para connosco, mal apenas conhecidos naquelles momentos. Em seguida, sem nada nos communicar, mandou para a náu muito pão fresco e bacalhau, que nos serviu até nas missões...”

Partiram da Bahia, no patacho do capitão Manoel Soares, a 28 de Novembro, e chegaram a Loanda no dia 26 de Janeiro de 1672.

Em 142 capitulos descreve a vida apostolica levada naquella missão, durante o septennio regulamentar. Passa a narrar na terceira parte, a volta.

Findo o tempo marcado da missão, elle e o P. Fr. Thomaz de Sestola, correndo o anno do Senhor de 1679, num sabbado, a 7 de Janeiro partem para o Brasil, em a náu do Sr. Francisco de Tavora, ex-governador de Angola. “A distancia do Congo ao Brasil é de 900 leguas francezas, que dão 2.700 milhas italianas; por

isso faz-se a viagem num tempo menor que um mez; uns a fizeram em 20 dias; nós empregamos 27 dias." Chegaram á Bahia a 7 de Fevereiro de 1679. A viagem foi mui penosa. Ao desembarcar, foi victima de uma queda desastrada; além disso, lhe roubaram quasi tudo o que trazia.

Foram primeiro hospedes de um senhor francez, Matheus Miguel; em seguida arranjaram uma casa para morada, até a partida para Portugal.

Uma viuva muito rica e piedosa, D. Francisca, promptificou-se a dar-lhes o alimento necessario todo tempo que alli estivessem, e assim dispensaram o que lhes havia offerecido o Sr. Antonio de Castro de Souza, Mestre de Campo nos Reinos de Angola. Trabalharam para ter algum proveito e poder sustentar-se com seus trabalhos. "Até, algumas vezes ao andarmos pela cidade, alguns devotos nos offereciam dinheiro, para que lhes celebrassem missas; mas lha recusavamos sempre, respondendo-lhes que lhes teriamos celebrado missas, mas que nossa profissão não permittia tocar no dinheiro; com a qual resposta cada qual ficava muito edificado, e assim se tornavam todos nossos devotos naquella cidade famosa, appellidada pelos portuguezes de "segunda Lisboa".

Recolhidos numa pobre casa, sustentados pela sobredita senhora e pelas esmolae de outros devotos, faziamos nossas praticas espirituaes quasi como num convento regular, dispostos os dois a nos occuparmos, emquanto nos fosse possivel, em beneficiar aquellas almas, não só com um porte religioso, mas tambem com o trabalho de pregações, confissões e cousas semelhantes, e não passou muito tempo, que se nos offereceu o ensejo.

O P. Prefeito da missão do Congo, tinha instado varias vezes commigo para que prégasse na cidade da Bahia, afim de mais ganhar o animo daquelles cidadãos ao affecto da nossa seraphica religião, e maximé dos coitados de missionarios, sendo aquelle porto, o ponto ordinario demandado por aquelles religiosos capuchinhos que retornam ou se encaminham para as ditas missões; e permittiu o ceu que attingisse tal intento na proxima Quaresma, na igreja parochial de S. Pedro Apostolo, onde na primeira pratica, disse do pulpito, que eu e o meu companheiro, como estavamos de volta dos trabalhos das missões, estavamos dispostos a trabalhar naquella cidade em beneficio espiritual de todos.

Animados por aquelle caridoso offerecimento, começaram a frequentar não tanto as praticas fructuosas, quanto as confissões, com tal assiduidade, que estivemos quasi tres mezes continuos occupados naquelle exercicio. A maior parte das confissões, eram geraes; vinha para isto gente distante, ás vezes, mais de quatrocentas milhas".

Nos domingos de manhã, o P. João pregava na cidade; de tarde, ia ao rio Vermelho, distante umas cinco milhas; alli ficava tambem segunda-feira até meio dia, para ouvir as confissões.

A função mais fructuosa foi o exercicio das 40 horas, effectuado na igreja de S. Bento, onde estava de abbade D. João de Souza, mui nobre portuguez; com ella colheram-se fructos maravilhosos, por ser função imponente, por ser nova e por ter a bençãam de Deus e pela dramatização com que os missionarios a executaram.

Um delle trazia na cabeça uma corôa de agudos espinhos e carregava ao hombro uma grande cruz; adeante delle ia alguém que sopesava uma salva em que havia uma caveira, ornada com uma corôa real; preso á salva ia um cartaz em que estavam pintadas duas corôas, uma de pungentes espinhos e outra de rosas vermelhas; prendia-as um laço com o letreiro: "Não sem a outra"! Após o sermão, o missionario tomava publicamente uma disciplina.

Nesse exercicio piedoso, entre os demais sermões houve um, todo singular; o da morte. A igreja estava apinhada de ouvintes; era uma hora da madrugada. Precedeu-o um motete musical: Aparece no palco o missionario que traz uma grossa corda ao pescoço e larga coroa de espinhos na cabeça, e nas mãos segura, bem visivel uma grande caveira. Assim começa o sermão sobre a morte. A certa altura para maior effeito oratorio, o P. Fr. João joga com força a caveira sobre o povo...!

Aqui o escripto diz que a caveira, quasi intelligente, deixada a direcção que elle lhe imprimira para o lado da porta, tomou a esquerda e foi procurar um grupo de tres mulheres de má fama que lá estavam e foi cahir sobre o peito da peor das tres!...

UM HOSPICIO NA BAHIA

A paginas 703-706, o P. Fr. João conta a iniciativa da fundação de um hospicio (pequeno convento) na Bahia. Traduzo litteralmente:

"A cidade da Bahia de Todos os Santos, metropole do grande paiz do Brasil, é o porto em que toca a maior parte dos missionarios Capuchinhos, destinados ao reino do Congo, na ida áquellas apostolicas missões, quando em Portugal não ha navios directos para Angola. Muito mais na volta daquellas missões por se ir á Bahia esperar navegação propicia para a Europa. Muitas vezes é preciso lá esperar alguns mezes e até um anno.

Ora, como nós pobres Religiosos não tivéssemos naquella cidade logar idoneo para, conforme nosso estado, vivermos recolhidos, tinhamos muita necessidade de um hospicio. Accrescia a necessidade de transmittir de lá a Angola e ao Congo, algumas remessas de vinho para as missas e farinha para as hostias, como tambem a de mandar para lá algum missionario doente, a quem

se tornava incompatível o clima nocivo da Baixa Ethiopia, para tratar-se das molestias, por ser o clima do Brasil mais mitigado e fresco. Havia mais outras razões que impunham a fundação de um hospício na Bahia.

Em vista disso, alguns prefeitos das dictas missões, e outros religiosos, conscios daquella grave necessidade, tentaram semelhante fundação, mas sempre debalde. Agora, por continuar a mesma necessidade, o novo Prefeito, P. Fr. Paulo de Porto Mauricio, insistiu muito com nós dois, de viagem para a Europa, para que nos empenhassemos pela dicta fundação em que estavamos de accordo pelas citadas razões.

Assim, consideradas as fadigas religiosas que sustentámos em pról espirital daquella cidade, não foi difficil conseguir dos mesmos cidadãos o nosso intento, tanto mais que anhelavam pela nossa permanencia entre elles. Com auxilio especial dos padres Benedictinos, maximé do Revmo. Abbade D. João de Souza, homem de notavel credito no logar, e como tambem concorresse o consentimento do Sr. governador, conseguimos o que pretendiamos da camara da cidade, a qual em seguida escreveu relativas cartas ao Snr. Principe D. Pedro, regente de Portugal, para que concedesse tal fundação a nós missionarios Italianos; outras cartas mandou aos em Snrs. Cardeaes da Propaganda Fide, e tambem ao procurador Geral da nossa Seraphica Religião em Roma, e nellas pedia quatro ou seis missionarios Capuchinhos Italianos, para morarem naquella cidade para a sua consolação espirital. Eu mesmo fui portador dessas cartas.

Estando as cousas neste ponto, accitamos o logar, tomando posse publicamente do sitio que nos offereceu gratuitamente Manuel Dantes Pereira, de cuja doação foi lavrada authentica escriptura.

Afim de começar o traçado edificio, á minha partida ficou o nosso companheiro, P. Thomaz de Sestola, optimo religioso, o qual teria mais edificado aquelle povo com os raros exemplos da sua vida, do que erigido a casa material do Hospício com pedras e cal.

Não obstante porém taes premissas e justas disposições, o Altissimo Dominador do mundo, por seus secretos juizos e conselhos, outra cousa permittiu, por quanto os nosso Capuchinhos francezes pretendentes da missão do Brasil, como já tinham hospícios em Pernambuco e R'o de Janeiro, assistidos pelo favor e pelo braço da rainha de Portugal, quizeram, então, tambem a Bahia, onde antes não lhes havia sido concedido o logar. Assim o P. Fr. Thomaz, nosso companheiro, após haver deixado edificadissima com seu religioso portamento aquella gente, como attestam as cartas

publicas mandadas de lá a Roma, partiu para a Europa e com os gloriosos tropheus de um verdadeiro missionario, chegou á Italia.”

O P. de Romano, para aproveitar o tempo em que devia aguardar a partida, foi missionar no Reconcavo, na redondeza, onde conseguiu bastante fructo especialmente com as confissões

O missionario lamenta abusos e superstições, constadas no Reconcavo da Bahia, devido em grande partes aos escravos africanos; fala da caça das baleias; lastima a inclemencia do bicho dos pés, que tanto o fez soffrer, na Bahia e na viagem, a ponto de lhe impedir por muitos dias e celebração da missa, e até chegou a ser unguido por um carmelita.

Partiram da Bahia para Portugal a 2 de Agosto de 1679. A frota era commandada pelo cap. João Martins Samamede, e constava de 68 navios, todos carregados de assucar, fumo, madeiras preciosas e especiarias. Ao partir da Bahia, todos confessaram e commungaram; durante a viagem, em todos os navios se cantava o Rosario de Maria.

Foram surprehendidos por varias tempestades; perderam-se dois navios. Fr. João, em chegando a Portugal, vae ter com o Principe D. Pedro e lhe expõe as necessidades das missões. D. Pedro mui cortezmente respondeu: “Meu padre, já soubemos do grande fructo que vossas Paternidades estão fazendo nas missões, do que muito folgamos. Ora tendo tambem essas cartas, daremos com as respostas, as resoluções que julgamos mais accertadas pelo bem da christandade.”

Procurou a D. Pedro em Alcantara e mais uma vez lhe pediu deferimento de seus pedidos; o principe gentilmente lhe prometeu que lhos definiria, que redigisse para isso um memorial. O missionario apromptou o memorial, mas como não conseguisse entregal-o ao Regente, por dever partir, encarregou disso o P. Fr. Cherubim de Milão, que estava em Lisboa, de viagem para Angola. Assim sem ter conseguido seus intentos junto do Principe Regente, no dia 26 de Dezembro de 1679, de Portugal parte para a Italia. Toca em Almeria na Hespanha, depois na Corsega, Marselha, Genova, Liorne. Chegaram a Roma no dia 20 de Maio de 1680.

Foi admittido a audiencias das Congregações e do Summo Pontifice. A este, entre outras cousas, falou sobre a necessidade de hospicios em Lisboa, na Madeira e na Bahia e deu algumas informações correspondentes. Perguntando-lhe S. Santidade, si elle estava disposto a voltar ás missões, respondeu que já tinha feito sua parte; mas era muito esperado em Angola, especialmente na Bahia por ter deixado promettido que para lá voltaria; estava inteiramente ao dispor do Sr. Papa.

O P. de Romano, pelo que se vê não conseguiu nada; só obteve promessa acerca do hospício que pretendia erguer na Bahia.

Em 1684 estava elle de novo em Angola, com o titulo de prefeito, mas lá o acolheu em breve a morte.

UM ESCRIPTOR E UM SANTO

Em 1682, com destino a Angola, passaram com outros companheiros, na Bahia os padres Fr. Jeronymo de Sorrento da Corsega, e o P. Fr. João de Belluno, de Veneza. O primeiro que esteve na Bahia, tambem em 1690, para se tratar, deixou uma relação de seus trabalhos: (*) Nella descreve costumes do nosso paiz, climas, varios casos no ministerio apostolico etc. Foram hospedes dos Capuchinhos francezes, no hospício havia pouco edificado. Foram muito bem tratados. Estava de superior o P. Martinho, o qual lhe contou que havia 14 annos que estava ahi, que a gente do lugar (coboclos) apezar de não saberem lêr, assim mesmo cantavam com os religiosos as missas e as vespervas... falou-lhes da devoção e attenção que tinham os indios convertidos, na egreja e nas funções religiosas, do mal que entre elles faziam os feiticeiros... do commercio dos indios com os portuguezes... Falleceu em Loanda em 1697.

O seu companheiro o P. Fr. João de Belluno, esteve na Bahia, na ida para Angola em 1682, doente veio ao Brasil, onde se restabeleceu depois de alguns mezes: seguiu para Angola em 1687, mas adoecendo novamente, de novo buscou o Brasil, e como aqui não melhorasse, dirigiu-se a Lisboa. Na capital melhorou, e, terceira vez, foi a Angola, e mais uma vez, todo entrevado, foi obrigado a voltar, caminho do Brasil, para Lisboa, mas falleceu na travessia, antes da aportar á Metropole.

Delle se conta que antes de os marinheiros lançarem seu cadaver ao mar, lavaram-no, e então, com summa surpresa, descobriram que estava estigmatizado, a guisa do Pae S. Francisco, nos pés, nas mãos e no lado.

Em chegando a náu a Lisboa, narraram o facto a el-rei D. Pedro, que muito sentiu o que haviam feito os marujos e chegou a mandar enforcar o capitão por ter permittido que se deitasse ao mar o cadaver do santo missionario. Intervieram porém os capuchinhos que assistiam no hospital de Lisboa e conseguiram que ao capitão se commutasse a pena de morte na do carcere, para escarmemento dos demais, afim de que, "acontecendo casos semelhantes, os demais trouxessem os cadaveres dos padres missionarios capuchinhos a Lisboa, para que os visse S. Magestade el-rei, o qual era muito amigo e devotado a nós missionarios capuchinhos italianos,

(*) Ha uma edição de Napoles, de 1692: "Breve e succinta relazione del viaggio nel regno del Congo, eec." P. Girolamo da Sorrento (Merolla)

appellidando-nos seus fidelissimos vassallos das suas terras de conquista na Africa Meridional, e dos reinos do Congo, Zinca e Angola". (*)

OUTRO LIGADO AO HOSPICIO DA BAHIA

Foi o P. Fr. Francisco de Monteleone, da Provincia seraphica de Sassari Sardenha, o incansavel apostolo de Guiné, no anno de 1682.

Após varias peripecias, chegou com alguns companheiros a Lisboa, de onde partiram para o Brasil em náus de guerra. Teve que esperar na capital portugueza tres mezes. Partiram afinal. Fr. Francisco seguiu na almiranta, equipada com 260 soldados, além dos marujos e dos passageiros. O missionario ia mui desconsolado, pois estava só no meio daquella gente extranha, e por sobre isto, acabrunhado por varias dores phisicas. Assim mesmo ponde aproveitar o tempo utilmente, repartindo-o entre a oração, o estudo e o apostolado.

Reunia diariamente soldados e passageiros para entretel-os com praticas moraes, usando "textos escripturaes á hespanhola". A peroração de taes sermões, feitos á luz das tochas, despertava não raro nos ouvintes o pranto, acompanhado dos brados de "Misericordia, Perdão!..."

Após dois longos mezes, a náu aprou a Pernambuco e aqui ficou aguardando navio que fosse para Angola. Aproveitou esse lapso para pregar. Pregou em varias egrejas da cidade; na egreja matriz, pregou durante o laus perenne das quarenta horas, com muito fructo dos assistentes.

Conseguiu retomar a náu e ir até a Bahia, onde foi hospede do Arcebispo D. Frei José da Madre de Deus, desde fins de novembro até o dia de Natal de 1683. Aqui entrou a pregar com muito fructo e muito agrado dos fieis, que insistaram para que ficasse ahi, para lhes pregar a quaresma do proximo anno. Não accitou o pedido e partiu rumo de Angola. Chegou a S. Paulo de Loanda no dia 23 de Fevereiro de 1684. No mesmo anno, foi destinado á ilha de S. Thomé, que missionou durante um decennio. Sua morte deu-se em dezembro de 1695.

UM MISSIONARIO INCANSAVEL

Existia na Bibliotheca Nacional de Madrid, sob o n.º 3.165 um manuscripto com titulo: "Viaggio Apostolico alle Missione dell'Africa del P. Andrea da Pavia, Predicatore cappucino, 1685". E' um diario de viagem do dito padre, a começar de dezembro de 1685 até

(*) Zaverio — I Cappuccini Genovesi, vol. IV, pag. 13.

fins de 1701. O P. Fr. André esteve no Congo, Provincia do Sonho, de 1687 até 1691. Voltou para a Italia e em 1709 foi mandado para a Bahia, onde falleceu em 12 de agosto de 1709.

Partiu de Lisboa a 31 de dezembro de 1686 com o P. Fr. Leopoldo de Milão e o P. Fr. Miguelanjo de Rivoli, missionario este da Ilha de S. Thomé e auxiliar do P. Fr. Francisco de Monteleão. No dia 27 de janeiro transpuzeram o equador, e pelos fins de fevereiro de 1687 aportaram á Bahia, onde foram acolhidos fraternalmente no hospicio dos capuchinhos francezes.

No dia 15 de março embarcou na Bahia para o Congo, em companhia do P. Fr. Leopoldo e do P. Fr. João de Belluno, que do Congo viera passar uma temporada na Bahia, por motivo de doença. Chegaram a Loanda após uma viagem de tres mezes e uma semana.

Em 1691, o P. Fr. André, que muito trabalhara no Congo, obrigado pelas molestias, deixou a missão e partindo de Loanda veio para a Bahia. Descreve o estado da escravatura no Brasil, e dá uma copiosa descripção da fauna e da floresta desta immensa região. Deixou a Bahia a 20 de junho de 1691. Mais tarde foi encarregado de fundar um hospicio na Madeira, que não conseguiu effectuar.

Em 1705 foi pelo mesmo Nuncio em Portugal proposto para superior do novo hospicio dos capuchinhos italianos na Bahia. No anno seguinte, depois de julho, Fr. André foi para a Bahia, occupar seu cargo. Em 1709, cansado pedira á Congregação licença para voltar para a Provincia, allegando seus 24 annos de trabalhos missionarios. A congregação respondeu, parece que em 7 de maio do mesmo anno: "Que se guardasse o que de costume, conforme os decretos". (*)

— Acerca do hospicio na Madeira, sabemos que o P. Fr. Pedro de Ferni (Umbria) que fôra para Angola, de Lisboa, em 20 de março de 1669, foi quem ideou esse hospicio para os missionarios que iam a Angola, como logar de parada, e de abastecimento, de vinho e de farinha para as missões. Escreveu nesse sentido á Propaganda, a 10 de março de 1668.

O projecto foi em parte realizado pelo P. Fr. Victorio de Pistoia que foi ao Congo em 1660. (Archivo de Propaganda. Acta, pag. 485)

ENTRE OS NOSSOS SANTOS

Entre os numerosos servos de Deus que, cheios de meritos apostolicos, dormem o somno dos justos na cidade do Salvador, Bahia, está o irmão leigo capuchinho, Fr. Clemente de Pavia.

(*) Veja-se: "Analecta Ordinis Miss. Cap." Vol. 41; pag. 121-126; e "Annaes Franciscanos", 1936, pag. 143 e seg.

Fr. Clemente da provincia milaneza, fez parte da leva de missionarios capuchinhos que demandaram as terras de Angola e do Congo em 1680. Viveu alguns annos, na cidade de S. Paulo de Loanda, em Angola, uma vida summamente exemplar e toda entregue á santa oração. Alquebrado pela idade, tentou repatriar-se; mas ao chegar á Bahia, adoeceu gravemente e falleceu na mesma cidade, com fama de santidade, aos 18 de maio de 1688.

Quando este santo religioso vivia no hospicio de S. Antonio de Loanda, deram-se factos prodigiosos, attribuidos á sua santidade. (*)

A par de um humilde irmão leigo encontramos o P. Fr. Joaquim de Florença, distincto pregador, que conhecia bem o portuguez, o hespanhol e o hebraico. Foi ao Congo em 1687; no anno seguinte estava paralytico, na Bahia; em 1694 voltou da Italia para sua missão de Angola, mas, após ter passado o Equador, enfermou novamente, e, tendo chegado ao hospicio dos capuchinhos na Bahia, falleceu dentro de poucos dias, no meio de dores lancinantes que supportou "com paciencia e resignação á vontade divina, com grande exemplo de espirito seraphico e com summo pezar daquelles capuchinhos francezes". (**)

Entre as cousas admiraveis de nossos abnegados homens apostolicos, colloquemos tambem esta.

Com os numerosos missionarios que demandaram o Congo, encontramos o P. Fr. Francisco Maria de Cortonada, Provincia de Toscana. Fôra antes capellão militar na armada dos Medici contra os turcos e os piratas. Tentou ir ao Congo, missionario, em 1693. Na sua passagem por Lisboa foi tomado por pirata, e por pouco não foi apedrajado como tal.

Chegou ao Brasil, para seguir dalli para o Congo; mas foi assaltado de molestia com syncopes, e assim obrigado a voltar para Lisboa. Ao defrontar a Barra deste Porto, a náu foi a pique. Todos sossobraram com ella. Havia na mesma mais de 60 pessoas; entre estas, a P. Fr. Francisco, quatro padres jesuitas, quatro donzellas que se dirigiam para Lisboa, afim de ingressar na vida religiosa, um religioso Franciscano Menor (socolante) e outros passageiros.

Todos foram presas das ondas. O padre Francisco, conseguira salvar-se num escolho, e lá estava ouvindo de confissão um naufrago, quando foi arrebatado juntamente com seu penitente por uma onda, e desapareceu no mar. Isto se deu no dia 29 de janeiro de 1696. (***)

(*) Veja-se: Zaverio — Volume IV, pag. 10; e "Annaes Franciscanos", 1936, pag. 146.

(**) "Italia Francescana" Vol. VI, pag. 88.

(***) "Ital. Francescana", Vol. VI, pag. 87; e "Da Porreta — Memoriale dei Fr. Capp. della Toscana," pag. 251.

NO FIM DO SECULO XVII

Entre os missionarios capuchinhos que de viagem ao Congo, aportaram na Bahia, ha tambem o P. Fr. Antonio Zucchelli de Gradisca, que esteve na cidade de Salvador em 1699 e em 1703. Este merece uma menção especial, porque nos deixou uma ampla relação de suas viagens; nellas encontramos referencias ao Brasil. E' uma obra impressa em Veneza em 1712: "Relazioni del Viaggio e Missione di Congo nell'Etiopia Inferiore Occidentale del P. Antonio Zucchelli da Gradisca", etc.

Partiu de sua Provincia, Styria, em 1696, e de Genova a 29 de outubro de 1697, para chegar a Lisboa aos 23 de fevereiro do anno seguinte. "Deu-se o nosso desembarque em Lisboa aos 23 de fevereiro, no segundo domingo de Quaresma, e eu me dirigi ao nosso Hospicio dos Padres Missionarios Capuchinhos Italianos, perto de Sta. Apollonia, onde encontrei só tres dos nossos missionarios, os outros, poucos dias antes da nossa chegada, haviam embarcado para o Brasil em duas náus que demandavam aquella paragem". Aos 8 de março de 1698 deixaram Lisboa; após 68 dias de navegação desembarcou com os companheiros, dois capuchinhos e um jesuita, provavelmente o P. Fr. Thomaz de Angiari, da Prov. Seraphica, e o P. Fr. Bernardo de Castel San Giovanni Lombardo — desembarcou" na America Meridional, chamada Novo Mundo e India Occidental, cidade de S. Salvador, communmente chamada a Bahia de Todos os Santos, que é a metropole do Brasil; na mesma tarde fui ter ao hospicio da Piedade, habitado pelos nossos Padres Capuchinhos Francezes, que dirigiam a missão do Brasil; por elles fomos caridosamente acolhidos". Era o dia 14 de maio, após o meio-dia.

Os missionarios ficaram na Bahia até os dias 3 de setembro. Em sua relação o P. Antonio, aqui, occupa umas 24 paginas, descrevendo ritos costumes, qualidade, etc., da nossa gente. Não pode terminar seu septennio, porque a doença o obrigou a repatriar-se em fins de 1702. De volta, chegou á Bahia, aos 3 de janeiro de 1703, sendo então governador geral D. Rodrigo da Costa, "cavalheiro purissimo de Portugal."

"Como por ciumes politicos e por varias sombras e suspeitas concebidas nas delicadas materias de interesse de Estado, poucos mezes antes S. Magestade El-rei de Portugal havia removido das Missões do Brasil os nossos Padres Francezes, em cujos Hospicios os Missionarios Italianos, de passagem para a Ethiopia, soiam, nos annos passados, hospedar-se; não sabendo eu por isso, nesta minha segunda vinda ao Brasil, onde iria encontrar abrigo, durante os mezes que teria de ficar naquella cidade, achei conveniente ir visitar pessoalmente ao sobredito Senhor Governador e pedir-lhe houvesse por bem que eu me hospedasse no Hospicio da Piedade,

da qual pouco antes tinham sido tirados os Padres Francezes, até que obtidas algumas melhoras, pudesse aproveitar alguma náu que zarpassse para Lisboa”.

“Acolheu-nos com singulares demonstrações de benignidade e amorosidade, e, com raras finezas de affecto, fez todo o possível para que eu ficasse comsigo no Paço Real, todo o tempo que houvesse de permanecer na Bahia, e mostrou muita resistencia á minha ida para o Hospicio da Piedade, exactamente porque, estando aquelle hospicio já, havia alguns mezes, deshabitado, e eu estava precisando de um bom tratamento, para enfrentar os incommodos das molestias habituaes trazidas da Ethiopia e por estar quasi sem força, não poderia alli encontrar a assistencia e a alimentação de que necessitava. Eu, porém, considerando que minha demora no Brasil devia prolongar-se alguns mezes e parecendo-me inconveniente dar áquelle cavalheiro, durante tanto tempo, incommodo tão grandes, insistia para que não exigisse dispensar-me tantos cuidados, pois eu tinha toda confiança de que Deus Clementissimo teria inspirado aos corações daquelles nossos antigos amigos sentimentos de caridade com que me offereceriam tudo o que me fosse necessario”.

“Vendo que eu persistia em meu pedido, não quiz mais obstar a meus desejos e accedeu a meu pedido, promptificando-se porém, a me fornecer tudo o que me fosse necessario, emquanto estivesse naquella cidade. Após ter-lhe agradecido suas finezas, delle me despedi e demandei o sobredito Hospicio da Piedade”.

Durante todo o tempo que estive na Bahia, foram seis mezes, foi tractado por duas irmãs, casadas com ricos negociantes, que lhe forneciam todo o necessario. Chegada a Quaresma, para, como diz, ganhar o pão que comia, prestava-se a ouvir os fieis em confissão, de dia e de noite; e como pessoas importantes instassem para que tambem pregasse, accitou e pregou todos os sabbados da Quaresma, com muita concorrencia de povo, avido de ouvir a palavra de Deus e curioso por vêr um italiano a pregar com estilo e accionado muito differente dos usados pelos portuguezes.

Deixou a Bahia em a nau “A Princeza” no dia ultimo de junho de 1703, num sabbado, e chegou a Lisboa a 26 de setembro do mesmo anno; de novo foi hospedar-se com os Capuchinhos italianos, no bairro velho dos Sanctos, perto de santa Apollonia. No anno seguinte, seguiu para sua terra natal, onde foi feito guardião. Falleceu a 13 de julho de 1716.

No curto lapso que estive missionando no Congo, diz ter baptizado 7.630 pessoas e ter assistido a 3.032 casamentos.

EM COMEÇOS DO SECULO XVIII

O P. Fr. José de Modena, da provincia religiosa de Parma candidatou-se para a missão de Angola: partiu em novembro de

1711 e lá chegou sómente em fevereiro em 1713. Escreveu boa monographia de sua viagem e trabalhos apostolicos. (*)

Na ida á missão não aportou ao Brasil; na volta, pelo contrario, se deteve algum tempo na Bahia. Sahi de Loanda com o prefeito P. Fr. Lourenço de Lucca, a 17 de maio de 1720, após haver completado o septennio de estilo. Fizeram-se de vela a 20 daquelle mez, e a 24 de junho entravam na Bahia. No navio em que viajavam vinham 789 pretos, dos quaes 80 morreram durante a travessia.

Hospedou-se com os capuchinhos no hospicio da Piedade; alli estava de vice-prefeito o P. Fr. Francisco de Torre, napolitano, e o P. Fr. Raphael de Varazze, genovez. O P. Fr. Vicente de Parma e o P. Fr. Thomaz de Conversano estavam missionando.

O P. José se estende em a narração dos costumes, tradições, religião, etc. dos indios. Falla da fauna e malsina o pobre "bicho dos pés". Descreve pescas, os engenhos de canna, etc.

Emquanto aguardava a chegada da frota para Lisboa, foi pregar uma missão em "Tapagippe", onde colheu bastante fructo. Esteve tambem em Itaparica. Estavam por esse tempo na Bahia mais dois missionarios de Angola o P. Fr. Miguelanjo de Noci e o P. Fr. Raphael Maria de Milão, este doente. Por essa occasião o P. vice-prefeito, P. Francisco da Torre, foi nomeado prefeito.

No dia 18 de novembro chegou a frota de Lisboa e nella vinham mais cinco missionarios capuchinhos destinados a Angola.

No anno seguinte, pregou na Piedade, na Quaresma, que foi seguida de uma grande missão, na qual tomaram parte seis ou oito pregadores. Os fructos da mesma foram copiosos. Durante a Quaresma chegou á Bahia o P. Fr. Jeronymo de Matera que deixara, pela inclemencia do clima, Angola, e vinha com destino de Pernambuco. Distante umas trinta leguas da Bahia, o navio em que o P. Jeronymo embarcara, foi encalhar entre dois escolhos. Os passageiros tentaram salvar-se numa lancha. O missionario e o piloto, que haviam ficado no barco, amarraram algumas taboas, deitaram-nas ao mar e áquellas se agarraram, deixando-se á mercê de Deus.

Após dois dias de navegação aportaram a uma paragem deserta, habitada de feras. Internaram-se pela costa e foram dar a um grupo de choças. Foram bem acolhidos pelos moradores, os quaes depois os levaram, numa barca, á Bahia.

Embarcou no dia 2 de abril; no dia 3 partiram, e ao cabo de 23 dias, estavam em Pernambuco, onde tinha havido pouco antes, uma desastrosa lucta civil. Permaneceram em Pernambuco cinco dias. Retomaram a viagem no primeiro de maio. A frota compunha-se de 160 navios, dos quaes 65 eram da Bahia e o resto, parte

(*) "Viaggio al Congo fatto da me Fra Giuseppe da Modena". (Fra Giuseppe Monari) — manuscripto da Bibliotheca Estense em Modena.

do Rio, e parte de Pernambuco. Levaram 140 dias para chegar a Lisboa, onde chegaram a 20 de agosto de 1721.

Foram ao hospício dos capuchinhos; alli encontraram 23 missionarios destinados ás missões de Angola, S. Thomaz e Pernambuco. Na Capital recebeu a obediencia de voltar para Angola, como Prefeito da missão. Sem chegar á Italia, o Padre voltou para Angola; lá morreu em dezembro de 1725, com a idade de 49 annos.

O padre de Modena refere-nos pormenores interessantes sobre a Bahia e as frotas. O porto da Bahia pode conter mais de mil naus, e todas as que vem da India aportam ahi. A cidade é mui povoada e em continuo augmento. Todos os habitantes são brancos e são portuguezes, a excepção de algum negociante de outras nacionalidades. De toda a parte corre gente para lá, para se occuparem nas minas; e da Africa cada anno chegam ao porto naus cheias de negros que são empregados na extração do ouro e na lavoura do assucar e do fumo...

Tanto os nossos capuchinhos italianos quanto os missionarios portuguezes de outras Ordens e Congregações trabalham todos para trazer á fé os selvagens e conservar os convertidos; mas sua missão é extremamente difficil por causa da ferocidade innata e barbaria desta gente...

A frota mercante portugueza, composta ordinariamente de 100 náus, chega cada anno á Bahia, com vinho, aguardente, comestiveis, galanterias e mercadorias da Europa, e volta carregada de ouro, prata, assucar, fumo e outras cousas preciosas.

A frota, ordinariamente, da Bahia a Lisboa leva 110 dias. A em que foi para Lisboa o P. Fr. José levou 140 dias. Essa frota levava oito mil contos em varas, dobras e areias de ouro; cinco mil iam a bordo da capitanea e tres mil com a almiranta. As outras naus transportavam 24.000 caixas de assucar, 30.000 rolos de fumo, 60.000 fardos de couro e muitas outras mercadorias.

OS DOIS HOSPICIOS EM LISBOA

A quem, mesmo de leve, acompanhe a historia dos missionarios capuchinhos, occorre logo um cuidado todo especial, quasi instinctivo, dos mesmos, de se edificarem onde quer que pousem, um conventinho, que na linguagem fradesca e ecclesiastica se appellida "hospício". E' que em toda parte levam o desejo de um remanso, para melhor exercerem as praticas que lhes são impostas pelas suas regras e estatutos.

Na historia dos nossos missionarios tornaram-se afamados os hospícios de Lisboa e da Bahia. Em Lisboa havia dois; o dos francezes e o dos italianos.

O dos francezes que estava situado, como diz o P. André de Pavia, "justamente onde a gente desembarca no Tejo", pertencia,

ou era occupado pelos mesmos capuchinhos que missionaram no Brasil, os da Provincia da Bretanha.

Dera-lhes, em 1647, o rei de Portugal D. João IV a licença de fundarem um hospicio em Lisboa, em recompensa dos optimos serviços que tinham prestado no Brasil e, segundo outros, pelos serviços que vinham prestando a Portugal junto das tropas que a França mandara em favor de Portugal, contra a Espanha.

Este hospicio serviria tambem para receber os capuchinhos francezes que viajassem para o Brasil. Tiveram uma grande padroeira em D. Maria Isabel de Saboia, duqueza de Nemours, casada em 1666 com D. João IV e mais tarde com D. Pedro II. Ella muito concorreu para a edificação do hospicio, e para a da igreja annexa ao mesmo e aberta em 1677.

O hospicio dos francezes era o da Esperança. O convento da Esperança (*) fôra fundado em 1530 e habitado por freiras franciscanas. Nelle estiveram provisoriamente, em 1667, as quatro monjas, fundadoras do convento das francezinhas — capuchinhas francezas da Bretanha — trazidas de Paris para Lisboa em 1666 por D. Maria Isabel. Estas depois foram residir no seu convento, o da Porciuncula, sendo dirigidas pelos capuchinhos francezes até 1714, epocha em que estes deixaram o hospicio da Esperança; mais tarde as monjas, em 1749, passaram sob a directa jurisdicção do arcebispo de Lisboa.

Os Capuchinhos italianos que demandavam o Congo, começaram a passar por Lisboa em 1652; e, como era natural, se hospedavam com os francezes. Essa camaradagem não tardou muito a entibiar-se; appareceram queixas e accusações mutuas.

Já no anno 1670 o P. Victor de Pistoia, (**) que fôra ao Congo em 1660, escrevia á Sag. Congregação, queixando-se do mau tratamento que davam aos missionarios italianos os capuchinhos francezes de Lisboa; desde então os italianos trabalham para terem um hospicio proprio na Madeira. Parece que os francezes se oppuzeram a essa fundação, ao menos a Côrte de Portugal se oppoz durante muito tempo, fundando-se este hospicio somente, e com pequena duração, em começos do seculo XVIII, especialmente por obra do P. Fr. André de Pavia, que depois foi o primeiro superior do hospicio italiano da Bahia (1705).

Entretanto os Capuchinhos italianos, vendo que não podiam fundar o hospicio da Madeira, pensaram em fundar um na Bahia. Os francezes porém, se oppõem e até occupam por ordem do rei, a casa em que os italianos tencionavam habitar; aliás a missão do Brasil nesse tempo estava confiada aos francezes, era pois natural que assim difficultassem os planos dos italianos na Bahia.

(*) Veja: Pinto Leal — Portugal, vol. IV

(**) Archivo da Propaganda — Scritture riferite nei Congressi, vol. I Congo, fols. 232, 238-239, 242.

O P. Fr. André de Pavia em seu "Viaggio Apostolico" nos conta da fundação do hospício dos francezes em Lisboa, e de como elle mesmo lá se hospedou varios mezes, quer na ida ao Congo, quer na volta. Na ida em 1686, elle lá encontrou varios missionarios italianos que aguardavam navios para as missões ou para a Italia. Referindo-se ao P. Paulo de Varazze, que nesse anno havia sido nomeado Procurador das missões conguezas, com residencia em Lisboa, o P. André, acrescenta: "o que não foi de muito agrado aos padres francezes".

Como o P. Fr. Paulo de Varazze não fosse muito do agrado dos Capuchinhos francezes, deixou o hospício delles, e pelo anno de 1690, alugou algumas casas ao pé do mosteiro das monjas dos Santos, e as transformou em hospício para os Missionarios Capuchinhos italianos; neste hospício em 1692, moravam cinco missionarios. E' o que nos diz o P. Fr. André de Pavia.

Sabemos mais que neste intento, o P. Fr. Paulo Francisco de Porto Mauricio, que no seu septennio de prefeitura no Congo, havia reedificado o hospício de S. Paulo em Loanda, escreveu muitas cartas á Propaganda (*), pelos annos de 1684-1686. Os Capuchinhos francezes se oppõem, quanto podem; ha discussões mutuaes, queixas, etc. especialmente após a intromissão do P. Fr. Paulo de Varazze (1686) procurador das missões do Congo. O P. Paulo tenta debalde a fundação de uma missão e de um hospício no Maranhão. Afinal os italianos conseguem ter seu hospício em Lisboa, que lhes foi concedido, em 1693, por D. Pedro II, o qual mandou se passassem cada anno 40 mil reis ao Procurador dos Capuchinhos, para o aluguel de algumas casas — para hospício — nas quaes habitariam só tres religiosos: o procurador das missões, um missionario que tivesse estado nas missões de Loanda, e um dos que tivesse vindo das de S. Thomé. Cada anno passariam alli doze missionarios: oito pelas missões do Congo e Angola e quatro para as de S. Thomé. O hospício teria o titulo de S. Apollonia.

O P. de Varazze foi, nesta fundação, ajudado por alguns negociantes genovezes, que com isto adquiriram uma especie de patronato, impondo-lhe, entre as outras exigencias, a de ser o hospício governado por um presidente genovez e ter alem disso ao menos quatro frades genovezes. Causa esta de muitas difficuldades surgidas em seguida, como veremos ao fallar da Prefeitura da Bahia em 1765.

Alma dessa empreza foi o P. Fr. Paulo de Varazze, que foi superior do mesmo, e lá falleceu a 13 de março de 1692. O hospício esteve com os genovezes de 1690 a 1782; nesse anno passou para os capuchinhos italianos, que nelle residiram até 1834, data em que, em Portugal, foram supprimidas as corporações religiosas.

(*) Archivo de Propaganda, log. citado, fols. 802, 804; vol. II Africa e Congo, fol. 6.

A igreja do hospício passou a ser sede da parochia de S. Engracia; o hospício foi utilizado para quartel da Guarda nacional; mais tarde mudou-se em casa parochial. Antes que houvesse este hospício, os missionarios se hospedavam na pequena ermida de N. Senhora do Paraiso, que foi depois destruida. O hospício de 1689, surgiu na parochia de S. Engracia, na parte da cidade chamada S. Apollonia; foi dedicado a N. S. da Conceição da Porciuncula (P. Zaverio).

FUNDAÇÃO PROJECTADA

Foi o que os capuchinhos italianos tentaram no Maranhão, mas não conseguiram. Tractava-se de abrir alli uma missão e fundar um hospício.

A fundação de uma e de outro foi tratada com a Côrte de Lisboa, em 1691, pelo P. Paulo de Varazze, procurador das Missões dos capuchinhos, residente em Lisboa, e anteriormente, desde 1678, missionario no Congo. Em Lisboa, elle obteve de D. Pedro II o hospício de S. Apollonia para os Capuchinhos italianos, os quaes antes se hospedavam com os capuchinhos francezes no hospício da Esperança. Morreu em Lisboa a 13 de março de 1698, victima de uma queda, que levou a descer uma escada.

A missão foi approvada pela Propaganda Fide em 1692. A Côrte comprometteu-se a sustentar nella os missionarios, como tambem a lhes custear as viagens desde a Provincia até Lisboa, (Arch. Vatic.). A mesma Côrte concedeu aos capuchinhos italianos, em 1705, o hospício dos capuchinhos francezes na Bahia, e em 1709, o de Pernambuco.

Temos uma carta da Secretaria do Estado, Roma, ao nuncio em Portugal, com data em 9 de novembro de 1692, referente á missão do Maranhão:

“A S. Congregação de Prop. Fide, a quem communiquei a carta de V. S. I. tocante a fundação do novo hospício, que estão fabricando ahi os padres Capuchinhos italianos, foi de parecer que, visto como S. Magestade el-rei se exprimiu comsigo, em termos que denotavam seu agrado e fez revogar a prohibição que contra os mesmos havia sido expedida, por persuasão e instancias dos padres Capuchinhos Francezes, V. S. I. queira ir secundando as inclinações benignas de S. Magestade, cujos zelosos e finissimos sentimentos, nisso podem muito bem servir como regra para auxiliar o maior servtço de Deus e a tranquillidade dos preditos religiosos...”

O HOSPICIO DA BAHIA

A versão geralmente seguida acerca da origem do hospício da Bahia — hoje o grande e conhecido convento da Piedade — era que seus fundadores haviam sido o P. Fr. João de Romano e o P. Fr.

Thomaz de Sestola, missionarios que de Angola regressavam á Italia em 1677.

Detiveram-se na Bahia algum tempo, hospedes dos Benedictinos, trabalhando no campo do Sefhor. Receberam como legado de uma piedosa senhora, sob a condição de 52 missas annuaes perpetuas, uma casa e uma capella com terrenos annexos. Foi alli que erigiram o primeiro hospicio, do qual porem pouco aproveitaram, porque, seguindo elles sua viagem, o dicto hospicio passou para os Capuchinhos francezes que missionavam naquellas paragens.

A versão geral deve ser abandonada hoje; os auctores antigos que fallam dos sobredictos missionarios, recordando o que fizeram na missão, nada dizem sobre essa fundação, p. ex. o P. Fr. Agostinho de Bolonha e o P. Fr. Antonio Maria de Florença, contemporaneos (*). Ao envez o P. Fr. João de Romano na sua relação historica é mui claro, como vimos atraz, ao dizer-nos que elles tinham conseguido na Bahia *um terreno* para edificação do projectado hospicio, mas que infelizmente não puderam effectuar, quer pela opposição dos Capuchinhos francezes, quer por não terem as necessarias licenças, especialmente a da Côte.

O P. de Varazze, em suas contendas com os francezes pelo hospicio de Lisboa, diz: "O que aconteceu em Lisboa, o mesmo aconteceu na Bahia, onde (é o P. de Varazze que o diz) *o terreno tinha sido dado aos Capuchinhos italianos*, e depois os *Capuchinhos francezes*, por meio da rainha, D. Maria Isabel, conseguiram tomar posse delle (**).

Crêmos que as asserções do P. Paulo Varazze resolvam de vez a nossa questão, e assim possamos affirmar que o hospicio da Piedade, não foi erguido pelos padres Fr. João e Fr. Thomé, apesar de muita vontade dos mesmos e até do povo. O livro do Tombo da Bahia (capuchinhos) dizia; João e Thomé, obrigados a esperar, começaram a "pregar e fazer missões na cidade, e o povo gostou immenso da sua doutrina, e foi tal e tamanho o apreço e a estima que delles conceberam, que com as maneiras mais vivas e obrigantes impuzeram-lhes que não partissem mais da cidade; como realmente fizeram, especialmente em força das muitas instantes do Bispo".

A "Acta" da Congregação de 1 de Julho de 1680, cita os pedidos de P. Fr. João Romano, o qual allega "para estabelecer o hospicio no Brasil, que é desejo e pedido da mesma cidade da Bahia para instrucção daquelles povos e pedem 6 capuchinhos italianos. E' a escola das missões, ás quaes facilmente se podem enviar soc-

(*) Vide: "Annaes Franciscanos" 1935, pag. 84 e seg.

(**) Archivo da Propaganda — Scritture riferite nei Congressi, vol. I, Congo, pag. 245-285.

corros na Africa; que agora se podiam mandar para lá os frades enfermos (do Congo) para se tratarem. Já está começada a fabrica" (*).

Um que rompeu lanças pela fundação do hospicio da Bahia, pelos italianos, foi o P. Fr. Francisco de Monteleone, missionario em Angola em 1684 e depois na ilha de S. Thomé. D. Pedro II em data de 22 de dezembro de 1694, escreveu ao governador da Bahia, D. João de Lencastro:

"Eu, el-rei vos envio muito saudar.

O P. Fr. Francisco de Monteleão, missionario existente em S. Thomé me escreveu carta, cuja copia se vos envia, em que pede lhe conceda um hospicio nessa cidade. Ordeno-vos me informeis com o vosso parecer neste negocio do Hospicio que pedem os religiosos Capuchos italianos, ouvindo aos officiaes dessa cidade. Escripta em Lisboa".

As difficuldades das viagens aconselharam ao P. Fr. Francisco um alvitre, em que foi de encontro á opinião do P. Paulo de Varazze, então procurador das Missões em Lisboa. A Procuradoria das Missões Africanas, junto da Côrte de Portugal, tinha por fim facilitar os passaportes aos capuchinhos italianos que demandavam as colonias portuguezas. Parece ter sido uma iniciativa do P. Fr. Jacinto de Vitrallo, em 1656. Em 1685 a Cong. de Propaganda Fide reconheceu esse officio e o confiou ao então vice-prefeito do Congo, P. Fr. Paulo de Varazze. Este falleceu em Lisboa, aos 25 de março de 1698, em consequencia de uma queda levada numa escada, no dia 9 do mesmo mez.

O P. Fr. Francisco de Monteleone opinava por tûm logar de descanso para os missionarios que provinham da Europa, afim de que ahi podessem refazer-se dos incommodos soffridos durante a viagem, e, ao mesmo tempo, tomassem conhecimento da lingua africana e dos costumes daquellas terras, antes de metter hombros á penosa tarefa, e esse logar seria a Bahia. Outrosim achava que o procurador das missões, ao envez de estar em Lisboa, devia estar na Bahia, como logar mais central e mais indicado para as necessidades dos missionarios, no que não concordava o P. Paulo, o qual preferia centralisar todos em Lisboa.

A cordura das opiniões do P. Monteleone levou a Congregação a examinar a proposta e, tendo-a achado muito razoavel, realizou-a expedindo o decreto de 30 de janeiro de 1695, com que se autorizava a fundação do hospicio da Bahia.

Apezar de tantas vontades e de tantos esforços e empenhos os Capuchinhos italianos não levantaram o hospicio na Bahia; mas puderam, depois de levantado pelos Capuchinhos francezes, tomar posse delle e nelle se installar.

(*) Citado por Cesinale.

CAPITULO II

Missionarios do Brasil

Já havia meio seculo que os Capuchinhos italianos visitavam terras brasílicas; mas eram simples hospedes que aqui aportavam, para depois seguirem rumo ás missões conguesas, ou para destas — após pousada forçada entre nós—revêr a patria saudosa. Elles já se tinham acostumado com o Brasil e o Brasil delles tinha saudade. De simples hospedes, facilmente passaram a missionarios officiaes na terra de S. Cruz.

Como entre parenthesis, diremos que esses Capuchinhos, missionarios do Congo ou do Brasil, em geral se impunham a todos pelas suas virtudes e pelo espirito de sacrificio e de trabalho. A propria Côrte tinha-os em grande apreço. O Nuncio em Portugal escrevia á Secretaria de Estado de Roma, aos 25 de Abril de 1689: “Eu conhecia muito bem a satisfação que S. M. el-Rei declarára ter tido pelo portamento e pelas virtudes dos padres capuchinhos italianos.”

Os Capuchinhos francezes haviam abandonado completamente o solo brasileiro com a sahida, em 1701, do ultimo missionario que havia ficado no Rio com dois irmãos terceiros portuguezes (donatos).

Vimos que Portugal, por motivo de estado, não quiz mais que os Capuchinhos francezes permanecessem no Brasil; permittiu porem que, em logar delles, se enviassem missionarios da mesma Ordem, todos porem das provincias da Italia. Resultado primeiro dessa permissão, foi a tentativa de uma missão de Capuchinhos italianos no Maranhão em 1692. A missão decretada com o beneplacito e favor do rei de Portugal e com licença da S. Congregação de Propaganda, não logrou o exito desejado.

Mais bem succedida foi a missão da Bahia; aqui os Capuchinhos italianos conseguiram substituir perfectamente os francezes, a começar pela posse do hospicio da Bahia. O Livro de Tombo resa que “cinco annos após a partida dos Capuchinhos Francezes, os Capuchinhos Italianos, vendo o hospicio fechado e deshabitado (os Padres Thomaz e João estavam, havia varios annos, entre os selvagens do interior (??) pediram mediante o conselho das missões em Lisbôa, o hospicio para os missionarios que iam a Angola e S. Thomé em naus portuguezas, para hospedar os do logar que estavam missionando no interior e para alojar os novos que haviam sido pedidos e eram esperados da Italia”.

Um decreto de 26 de janeiro de 1705, expedido pela regente D. Catharina de Bretanha, ordenou ao governador D. Rodrigo Costa que entregasse aos Capuchinhos italianos o hospicio em que haviam habitado os banidos, e juntamente com o hospicio lhes fosse

confiada a administração das aldeias de índios ou missões do rio S. Francisco, que estavam a cargo dos francezes e que estes, ao sahirem, entregaram aos Carmelitas Descalços de S. Thereza. Esse acto foi confirmado pelo rei D. João V, em rescripto de 1.º de dezembro de 1709.

Foram tomar posse do hospicio da Bahia, em 1705, o P. Fr. André de Pavia e o irmão Fr. Julio de Orta. O primeiro que fôra para Angola em 1686, estivera na Bahia com os francezes na ida e na volta em 1691; foi a Roma e dahi foi mandado á Madeira para alli fundar um hospicio; demorou-se lá tres annos e voltou para Lisboa; de Lisboa em 1705 foi para a Bahia como superior “no hospicio que nos foi dado pelo rei de Portugal, D. Pedro II, onde estavam antes os francezes.” Tambem o compa-
nheiro delle, o Fr. Julio de Orta fôra a Angola em 1687; voltou, parando em Lisboa, em 1704; no anno seguinte, seguiu com o P. Fr. André para a Bahia, onde morreu em 1708; o P. Fr. André tambem morreu na Bahia, a 12 de agosto de 1709.

Durante esse quinquennio passaram por lá uns vinte missionarios que demandavam Angola.

Sucedeu ao P. André de Pavia, o P. Fr. Miguelanjo de Napoles. Este foi a Angola em 1693; findo o setennio, de volta á Italia, parou em Lisboa em 1703, e de lá, em 1705, dirigiu-se á Bahia, onde, após a morte do P. Fr. André, foi feito prefeito das missões do rio S. Francisco.

NOTAS SOBRE DOCUMENTOS

No concernente a obra missionaria dos Capuchinhos no Brasil, além da renomada humildade e simplicidade dos mesmos — que lhes tolheram de alardear seus feitos ou de transmittil-os aos pósteros — temos a lamentar a perda desastrada de numerosos documentos que deveriam fundamentar uma historia dos Capuchinhos Missionarios em nossa terra.

O P. Frei Pelino de Castro Valva, em “Un Missionario nel Brasile”, a pagina 18, conta-nos que poucos annos antes de 1870, o P. Frei Roque Cocchia de Cesinale — futuro Internuncio junto do Governo imperial — pedira aos superiores do Brasil, todos os documentos relativos ás missões, existentes no archivo do Paiz, para a historia das Missões.

Os superiores obedeceram; e, de Pernambuco, despacharam um caixão (grande cassa), de escriptos e documentos preciosos de todo o Brasil. O caixão foi entregue, em Pernambuco, a um religioso que ia para Roma, e que lá o entregaria aos destinatarios. O tal religioso chegou a Roma; mas, interpellado sobre os documentos que lhe haviam sido entregues, respondeu simplesmente que o dito caixão havia sido perdido durante a viagem maritima.

O P. de Terzorio em "Manuale Historicum" lembra tambem a perda dos ditos documentos, dizendo que ella se deu, mais ou menos, em 1867. O P. Frei Innocencio de Apiro, escrevendo da Bahia ao P. Prefeito do Rio, em data de 30 de Maio de 1864, communica-lhe que transmittira ao P. Procurador de Roma, todos os escriptos mais importantes dos Missionarios da Bahia.

Esta ultima informação nos autoriza a concluir que os preciosos documentos foram perdidos em 1864.

O P. Frei Samuel de Lodi, quando prefeito na Bahia, transcreveu em 1843, o que ainda restava do Livro do Tombo daquelle Hospicio; ao dar-nos o necrologio dos numerosos Capuchinhos mortos naquella residencia, queixa-se de que uns 15 ou 20 nomes de religiosos estavam indecifráveis pelo mau estado do manuscrito. O estado do livro deve ter sido a causa de que o P. Samuel, na transcripção tresllesse varios nomes que tentámos corrigir em nosso elenco.

Além dessa perda, devemos recordar que tambem o P. Frei Alexandre de Genova, quando, em 1931 pela extinção dos religiosos, deixou o Brasil e se retirou para a sua provincia na Italia. levou consigo os documentos que existiam na residencia dos Capuchinhos no Rio de Janeiro.

A esses infortunios acresce o lembrado pelo P. de Terzorio, isto é, que o Archivo romano dos Capuchinhos foi devastado na occasião da invasão e saque napoleonicos de Roma, ficando no mesmo apenas isoladamente, alguns nomes. O elenco dos Missionarios Capuchinhos enviados ao Brasil, que a nossa instancia, nos remetteu o Secretario Geral das Missões, na sua extrema deficiencia, veio confirmar-nos a summa pobreza do nosso Archivo romano.

CRIARAM-SE TRES PREFEITURAS

Tratando dos Capuchinhos francezes, vimos que o encarregado da missão era o P. Provincial, de Paris, ou da Bretanha: o superior dos missionarios que aqui trabalhavam, tinha o titulo de Vice-prefeito. Ao assumirem os italianos a missão do Brasil, deixou-se a praxe dos francezes, e seguiu-se a usada com os missionarios de Angola. Para esse reino a Propaganda nomeava um superior de missionarios com o titulo de Prefeito, que não dependia mais do seu provincial no tocante a missão, mas unicamente da Propaganda. Com elles iam religiosos missionarios, não de uma unica provincia, mas de varias; missionarios que se haviam offerecido á Propaganda, e esta lhes determinára a missão a seguir.

A primeira leva de missionarias de Angola, em 1645, era composta de missionarios das provincias de Napoles — 3; Roma — 2; Andaluzia — 1; Castella — 3; Aragão — 2; Toscana — 1; ao todo

doze missionarios, com o P. Frei Boaventura de Alessano como Prefeito.

O mesmo systema foi seguido pelos Capuchinhos italianos no Brasil. O Procurador geral da Ordem apresentava á Propaganda Fide os individuos que se haviam candidatado ás missões; esta os escolhia, os nomeava, concedia-lhes faculdades, dava-lhes o Prefeito. Tinhamos os missionarios apostolicos.

A primeira Prefeitura, creada pela Propaganda no Brasil, foi a da Bahia, com decreto de 29 de fevereiro de 1712; foi nomeado seu primeiro Prefeito o P. Frei Miguel Anjo de Napoles, que estava na metropole do Brasil desde 1705, e desde 1709 estava como superior do Hospicio da Piedade: regeu a missão pelo espaço de dez annos.

A nossa "Relação" authentica, diz que "os italianos felizmente se applicaram ao ministerio apostolico naquellas vastas regiões, e nellas fundaram hospicios em numero maior que o dos francezes seus antecessores. Só nas margens do rio S. Francisco, em pouco tempo haviam estabelecido mais de oito missões."

Todas estas missões, continua a "Relação" estavam no começo sujeitas a uma unica prefeitura; mas, para se obviar a muitas desordens, a S. Congregação achou conveniente dividil-a em duas: uma em Pernambuco e a outra na Bahia. Em 1723 o Procurador Geral dos Capuchinhos propoz á S. Congregação, a reunião das duas prefeituras, e entre outros motivos, adduziu o de contentar um certo senhor da Torre, bemfeitor dos missionarios, proprietario e mandante das localidades do rio S. Francisco, onde havia muitas missões; mas a S. Congregação achou melhor que continuassem separadas como dantes. Até foi decretada, em 1737, uma terceira, a prefeitura do Rio de Janeiro.

PREFEITURA DA BAHIA

Em 1712 a missão da Bahia foi erecta em Prefeitura com o nome de Missão da Bahia ou do Rio de S. Francisco. Com o estabelecimento definitivo da missão italiana (*), que data de 1712, tem servido no hospicio da Bahia 18 prefeitos, e, sob a direcção destes, cerca de 159 religiosos, sacerdotes e leigos que, exceptuadas as occasiões em que foi preciso maior numero para se distribuirem pelas aldeias dos indios, vinham da Europa em turmas de menos de 12, dos quaes um terço se destinava ás missões no interior, e os outros ficavam no hospicio para o serviço do culto e soccorros espirituas á população da Capital.

Dos missionarios dessa prefeitura, escreveu o auctor da "Historia da America Portuguesa, (**): "Aquelle Hospicio é frequen-

(*) Os religiosos Capuchinhos na Bahia, pag. 28.

(**) Citado em "Os Religiosos C. na Bahia, pag. 36.

tadissimo, assim dos moradores da cidade, como dos peregrinos e dos forasteiros, concorrendo uns e outros com votos e com esmolas. Os seus Religiosos, assim os francezes que o habitavam, como os italianos que o possuem, tiveram e teem na Bahia acceitação igual, sendo observantissimos dos apertados Institutos da sua estreita Regra, administrando com maior promptidão na sua egreja os sacramentos, e exercendo com os enfermos e moribundos a mais fervorosa caridade. Todo o seu cuidado é encaminhar almas ao céu, não só na cidade, mas nos sertões, onde tem a seu cargo muitas missões e Aldeias de gentios, constantissimos nos sagrados ritos e preceitos da Egreja Catholica.”

Um manuscripto do Archivo Geral dos Capuchinhos, referente aos missionarios e missões capuchinhas do seculo XVIII (**), cita-nos os hospicios e os prefeitos dessa missão.

Esta missão da Bahia, ou do Rio São Francisco possui os seguintes hospicios, situados nas seguintes localidades ou, como lá se diz, Aldeias, isto é: Irapoá, ilha de S. Felix ou Cavallo, Pambú, Vargem, Araxá, Rhodellas, S. Pedro, Varacapá, Pacatuba, Rio das Contas (esta desde 1745). Em 1733 a S. Congregação ajuntou-lhe Rio de Janeiro (erecto em Prefeitura em 1737).

A missão foi governada pelos seguintes Prefeitos: 1712, P. Frei Miguelanjo de Napoles; 1722, P. Fr. Anselmo de Adorno; 1725, o P. Fr. Possidonio della Mirandola; 1733, P. Fr. Francisco de S. João; 1739, P. Fr. Romualdo de Borgo S. Donnino; 1747, P. Fr. Anselmo de Adorno; 1754, P. Fr. Bernabé de Tedaldi; 1762, P. Fr. José de Monticelli; 1765, P. Fr. Eleutherio de Milão; 1777, o P. Fr. Bernabé de Tedaldi (interino); 1779, P. Fr. Luiz de Savignano; 1785, o P. Fr. Lourenço de Montalboddo; 1792, o mesmo confirmado; 1795, P. Fr. Clemente de Adorno; 1802 — 1839, P. Fr. Ambrosio de Rocca.

MISSIONARIOS ENVIADOS A' BAHIA

A maior parte dos Capuchinhos italianos que aqui missionaram, vieram, enviados directamente para esta missão, pela S. Congregação; algumas porém, nos vieram de outras missões, como por ex. de Angola, ou de outras prefeituras.

Seguimos o manuscripto do Archivo das Missões. (*)

No começo da Prefeitura, isto é de 1712 a 1720 foram mandados para a Bahia, — em 1714, o P. Fr. Apollinario de Brescia; de Angola veiu o P. Fr. Carlos de Spezia; em 1716: o P. Possidonio da Mirandola. P. Fr. Francisco da Torre del Grecco, P. Raphael de Varazze, P. Vicente de Parma, P. Bernardino de Milão, P. José

(**) Transcripto em “Analecta Ord. Cap. vol. XXI e XXII.

(*) Analecta Ord. vol. XXI, pag. 182 e seg.; vol. XXII, pag. 113.

de Summariva, P. Thomaz de Conversano, P. Francisco de Collevocchio; — 1718, P. Domingos de Panicocolo; — 1720, P. Antonio de Ceretto, P. Vitaliano de Milão e Fr. Miguel de Montone.

No decennio de 1720 a 1730, temos: 1722, P. Jeronymo de Matera, P. Domingos Antonio de Brescia e Fr. Desiderio de S. Salvador; — 1725, P. Feliciano de Foligno; 1726, P. Simpliciano de Borgia, P. Domingos de Cesena (*); 1728 P. Angelo Maria Romano, P. Gregorio de Busto; — 1729, P. Anselmo de Andorno, P. Jacintho Francisco de Genova, P. Angelo Francisco de Chiavari, P. Bernardino de Scurcola.

No seguinte decennio: 1733, P. Francisco de S. João, Fr. Carlos de Milão e Frei José de Castelferretti; — 1734, P. João Francisco de Gubbio P. Luiz Maria de Foligno, P. João Maria de Todi e P. Romualdo de Borgo S. Donnino; — 1739, P. Francisco Amadeu de Turim, P. Seraphim de Pinarolo, P. Boaventura de Ociamo, P. João Baptista de Caramanico, P. Barnabé de Tedaldi, P. Alberto Maria de Pisa, P. João de Nove (ficou em Lisboa), P. Felix Maria de Casalmaggiore.

De 1740 a 1750 encontramos: — 1741, Fr. Lourenço de Placencia; — 1742, P. Boaventura de Pontremoli, P. Venancio de Bagnacavallo; — 1743, P. Benedicto de Rovigo, P. Xavier Maria de Genova, P. Thimoteu da Pieve, P. Francisco Maria de Borgo S. Donnino, e Fr. Paschoal de Vergato; — 1744, P. Boaventura Maria de Ferrara, P. Francisco Maria de Varese, P. Francisco Maria de Todi, e Fr. Caetano de Parma; — 1746, P. Antonio de Perusa, P. Felix Maria de Cremona; — 1747, P. João Pedro de Placencia, P. Feliciano de Foligno, P. José de Monticelli; — 1749, Fr. Felix de Brescia; — 1750, P. Bernardino Ignacio de Asti, Frei Pacifico de Assis.

Nos tres decennios 1750 e 1780, vieram: 1751, P. Thiago de Levante; — 1752, P. Jeronymo de Fermo, P. Eleutherio de Milão, P. Angelo de Oneglia, P. Miguelanjo de Mondovi, — 1753, P. André de Malta, P. Paulo de Sermide (não chegou), P. Sigismundo de Palermo, e Fr. Paulo de Malta — 1754, P. José Antonio de Mondovi; 1755, P. Antonio de Livorno, P. Nicolau de Bagnara; — 1756, P. Nicolau Maria de Napoles (não seguiu); — 1757, P. Carlos de S. Secondo, P. Bernardino de Reggio, — 1765, P. Agostinho de Varese e P. Francisco Antonio de Nonio, Fr. Fortunato de Carnia e Frei Bernardo de Marano, (os quatro tiveram que voltar de Lisboa, por intrigas de capuchinhos residentes no Hospicio de Lisboa).

(*) Deixou um precioso manuscrito: "Viaggio al Brasile, libri tre: 1.º Viaggio; 2.º piante e animali; 3.º norme pel viaggio". Falleceu em Bolonha em 1740.

Nos decennios de 1760-1780 encontramos lacunas nas expedições de missionarios, por causa das difficuldades que encontraram em Lisboa, como diremos adiante.

Mais tarde vieram: — 1777, P. Raymundo de Venezia; — 1778, P. Clemente de Andorno, P. Gelasio de Moretta, P. Isidoro de Vignale; — 1779, P. Luiz de Savignano, P. José de Barbarolo; — 1780, P. Fidelis de Pistoia, P. Philippe de Metelica, Fr. João Maria de Cesena, Fr. Domingos de Arrone e Fr. Christovam de Riolo; — 1781, P. José Maria de Spoleto; — 1782, P. Apollonio de Todi, P. Lourenço de Montalboddo, P. Felix de Brisighella; — 1794, P. Ambrosio de Rocca, P. Benedicto de Gualdo, e P. Luiz de Monturano; — 1797, P. Alberto de Fontana, P. Miguel de Montalboddo, P. Arcanjo de Ancona, P. Marcello de Carmagnola, P. João de Nocera, e Fr. Arcanjo de Sicignano.

O TRABALHO DE CATECHESE

Banidos os Capuchinhos francezes, as aldeias por elles dirigidas passaram, por algum tempo, ao cuidado dos Carmelitas Descalços de S. Thereza. Em 1705 foram entregues aos Capuchinhos italianos. Segundo varios auctores, por esse tempo, os religiosos do Hospicio da Bahia zelavam pelas aldeias seguintes: a) de indios Cariris: 1.º, as de Irapuá, sob o patrocínio de S. Antonio e de S. Felix de Cantalicio; 2.º, a de Varacapá, dedicada a S. Francisco; 3.º, Pambu, a N. S. da Conceição; b) de indios Procazes: 1.º, a de Araxá, sob a invocação de N. S. de Belém; 2.º, a de Rodellas, sob a de S. João Baptista; c) da tribu Portacazes, a de Vargem, cujo orago era o B. Seraphim de Monte Granario; d) da tribu Oromarais, a de S. Pedro, sob os auspicios do mesmo santo; e) da tribu Ciocó, a de Pacatuba, com igreja sob a invocação do Espirito Santo; f) dos Guerens, a do rio das Contas, dedicada a N. S. dos Remedios.

Pelos meados do seculo XVIII, sob a prefectura do P. Fr. Romualdo de Borgo, os Capuchinhos da Piedade cultivavam nove colonias de indios, a saber: a de Irapuá, distante umas 60 leguas da capital, com uns 200 indios; a de S. Felix, cinco leguas alem de Irapuá, com 200 indios; a de Aracapá, com 260 indios, ao cuidado de Fr. Simpliciano de Borgia; a de Pambú, com 360 indios, guiados por Fr. Angelo Maria de Chiavari; a da Vargem, confiada a Fr. Vitaliano de Milão, com 320 indios; esta distava 15 leguas de Pambú; a de Araxá, distante 16 leguas da Vargem; nella Fr. Domingos de Cesena cuidava de 260 indios; a de Rodellas, 24 leguas alem de Axará, com uns 600 indios, estava entregue ao P. Bernardino de Scurcola; a de S. Pedro com 320 indios teve um tempo como cathechista o P. Fr. Francisco Maria de Todi, que em 1734 pas-

sou, no Rio, a catechisar os indios Guarús, no Ipuca; na do rio das Contas, com uns 360 indios, trabalhava o P. Bernardino de Milão.

Adivinha-se facilmente o immenso bem que faziam esses obreiros apostolicos num campo evangelico, em que se reuniam cerca de 3.000 selvagens. Pôr essas aldeias começaram muitas das actuaes povoações; por ex.: a aldeia de Pambú deu a Parochia do Bom Conselho; da de S. Pedro e mais algumas, formou-se Curral dos Bois; de outras, a de Capim Grosso.

Os religiosos que serviam na catechese dos indios, dedicavam-se tão inteiramente a essa tarefa, que por assim dizer, não se desprendiam dellas nem um instante; Fr. Ludovico de Livorno, nos 31 annos que viveu entre os seus aldeados, passou tão sómente dois mezes no hospicio da Bahia; o P. Fr. Clemente de Andorno, chamado a occupar a prefeitura, ao cabo de quatro annos de exercicio, renunciou e veiu de novo para o meio de seus indios do Rio Pardo, com os quaes se conservou até morrer, deixando entre elles memoria tão venerada e tão altos creditos, que, em seu tumulo, como si fora um altar, accendem cirios. (*)

O MISSIONARIO DO RIO PARDO

O P. Fr. Clemente de Andorno, piemontez, chegou á Bahia pelo anno 1778; alem de missões, occupou-se de modo especial, da catechese dos indios do Rio Pardo, nordeste de Minas Geraes. Catechizou-os durante 23 annos. Em 1795 foi eleito prefeito da missão da Bahia, mas só permaneceu no cargo quatro annos, para em 1799 voltar para seus indios.

Apesar de sua catechese e do apego a ella, Fr. Clemente achou tempo para missionar, e deu missões em grande parte do Norte de Minas: deixou lembranças de sua missão em Guaicuhy e em Minas Novas. Aqui depois de ter pregado missões, visitou as Recolhidas da Casa da Oração do Valle das Lagrimas, a umas quatro leguas do noroeste de Minas Novas, e vista a miséria em que viviam, promoveu a transferencia dellas para S. Cruz da Chapada, onde se lhes construiu ás pressas um convento. (**)

Fr. Clemente veiu a fallecer na villa do Rio Pardo, onde seu sepulcro, na mátriz do Rio Pardo, foi e é venerado como o de um santo. Sua morte anda ligada a uma tradição muito interessante. Encontra-se consignada em o "Anuario de Minas Geraes" sob o titulo de "Fr. Clemente o missionario". (***)

(*) Os Religiosos Capuchinhos da Bahia, pag. 44.

(**) "Pão em pedacinhos", 1915.

(***) Anno VI, tomo II (1918) pag. 1540-41.

Por aquelles tempos (1793-1806) veiu da metropole bahiana ao Tremedal (Boa Vista do Tremedal), pregando missão, o mais famoso dos missionarios, que tem andado por aquelles sertões: frei Clemente.

Segundo a lenda popular esse celebre pregador, do pulpito de Tremedal verberara ampuadamente, com a vibrante palavra de que era dotado, os torpes e maus costumes da epoca, e notavelmente da terra devassa que desbravava, semeando nella a palavra divina...

Maria Rosaria, mulher luxuriosa e pessoa influentissima, e a cuja cabeça assentaram tantas "carapuças" que lhe talhara o P. Mestre, resentiu-se profundamente da linguagem eloquente, persuasiva, declamatoriamente mesclada de anathemas, estigmatizando vehementemente aos reveis infractores dos preceituamentos catholicos, e que encerrava, todavia, salutaes conselhos...

Acabada a missão, o monge famosissimo encaminhou-se para o Rio Pardo, sendo acompanhado por dezenas e dezenas de pessoas solicitas, que não cansavam de lhe ouvir a palavra, ora meiga, ora tempestuosa, arrebatando as gentes, entre as quaes Maria Rosaria, possuidora de fazendas pela estrada.

Essa mulher para vingar-se terrivel e impenetravelmente do missionario, que a magoara tão profundamente no seu amor proprio, envenenou-lhe o vinho da missa.

Num sitio em que pernoitaram, caminho do Rio Pardo, frei Clemente teve de celebrar, como de costume, ao romper d'alva... levando o calix aos labios, percebeu que o conteudo estava empoalhado. E voltando-se, o olhar do cordeiro que vac ser empoalhado, com lagrimas na voz, para os assistentes, fallou: — Envenenaram o meu vinho da consagração... Vou morrer!... Aquelle que commigo bebesse deste calix consagrado, iria para onde vou — para o ceu!...

Da turba ajoelhada, ouvindo attonita o frade que fallava de modo tão singular, uma moça se ergueu, num impeto sublime, transfigurada pela fé, e estende as mãos supplices, exclamando:

— Dá-me padre mestre, um pouco desse vinho, eu quero tambem morrer, para ir para o céu!...

"Mas, ai! agora com a voz potente que abalava os corações, lançando um anathema terrivel, continuou o grande sertanejo — mas, ai! do vil envenenador e da terra que habita!... um dia ella se subverterá, desapparecendo da face do mundo, tornando-se um lago, onde sobrenadará, até o final dos seculos, transformada numa serpente, aquella alma malaventurada!...

Nesse mesmo dia, o grande pregador italiano deixava de pertencer ao mundo dos vivos. Seu corpo foi piedosamente conduzido, por uma multidão lacrimosa, para a Matriz do Rio Pardo.

— Morreu frei Clemente, o santo missionario! — era o grito doloroso, tocante, que se ouvia pelas estradas, num movimento inusitado.

Antonino da Silva Neves escreveu (*): Não ha ninguem pelo Norte de Minas e pelo Sul da Bahia que não saiba a historia de frei Clemente, o heroico caçador das almas, e a sua secular propheta: o afundamento do Tremedal, transformando-se num lago...

ENTRE OS MISSIONARIOS

Os nossos missionarios deixavam o hospicio e iam pregar sermões nas cidades, villas, povoados; acompanhavam muitas vezes aos Prelados em visitas pastoraes.

Onde missionavam, seu primeiro cuidado era o bem das almas, maximé a conversão dos peccadores, o restabelecimento da paz entre individuos, e familias; nem se descuidavam do bem, digamos, material da religião: tinham empenhos especiaes em levantar ou reformar ou concertar egrejas, construir cemiterios.

Não raro os nossos homens se interessavam até da abertura de estradas, da conducção de aguas, etc., tudo em vista do bem dos seus missionados.

Entre estes esforçados apóstolos do bem, devemos lembrar o *P. Fr. Apollonio de Todi*. Havia sido destinado em 1779 para as missões da Ilha de S. Thomé; mas, como aportou á Bahia, conseguiu aqui ficar. Começou por missionar Iguape, na Bahia. Em 1782 acompanhou, por espaço de dois annos, ao Visitador diocesano em trinta e uma freguesias.

Em 1785 sahio a missionar: visitou as localidades de Abrantes, Maçarondopio, Carmo, Jeremoabo, Agua Azeda, Japarutuba, Pacatuba, Collegio, S. Pedro, Pão de Assucar, Curral dos Bois, Rodella, Massacará, Sacco de Morcegos, Cannabrava, Natuba, Saude. Jerú, Una, Santarem, Barcellos, Olivença e Almada, alem de outros logares menores. Restaurou varias egrejas, como a da villa do Lagarto, a de Itabaiuna, e a de Urubu de Baixo, de Rodella, destruida por dois raios.

Onde o nosso missionario poz parte de sua alma, foi no que se chamou "Monte Santo", depois que Fr. Apollonio o transformou num Calvario, com as capellinhas dos Passos a bordar-lhe a subida. Trabalho este que mereceu umas bellas paginas em "Os Sertões" de Euclides da Cunha. (pag 144).

No ultimo decennio do seculo, passou a missionar no sul da Bahia; nessas missões interessou-se pela construcção das matrizes da villa do Peixe e da villa de Valença, como tambem, da do

(*) "Correio Paulistano", 5 de fevereiro de 1918.

bairro do Coração de Jesus do Padrão. Reconstruiu as de Itaparocas, de Massarandopio, de Tocam e de Mirandellas. Estavamos em 1812.

Suas missões beneficiaram, nos ultimos annos, toda a costa da Bahia, e, no interior, a margem do rio S. Francisco, até a serra Jacobina. Só cessou de trabalhar quando a morte o veiu colher em Monte Alegre, na Bahia, em 1820, estando elle com 72 annos.

A EGREJA E O HOSPICIO DA PIEDADE

Os capuchinhos italianos obtiveram o hospicio que na Bahia haviam construido os Capuchinhos bretões; com o hospicio, passou para elles tambem a annexa igreja, dedicada a N. Senhora da Piedade. Um e outra foram melhorados pelos missionarios italianos. As primeiras melhorias relevantes foram introduzidas pelo P. Fr. Anselmo de Adorno, que foi prefeito de 1722 a 1725, e mais tarde de 1747 a 1754.

O mesmo prefeito, dil-o Accioli (*) em suas "Memorias", no interesse do hospicio e da igreja, teve de sustentar duas fortes campanhas. Um projecto official visava construir quartéis nas vizinhanças da morada dos missionarios; o P. Anselmo empenhou-se contra o projecto, e conseguiu não se realisasse.

A segunda campanha partia de donatarios de terras, largamente aquinhoados pelo soberano, que allegavam direitos sobre os terrenos, que a sua legitima e reconhecida possuidora legara aos dois capuchinhos, Fr. João e Fr. Thomaz, para alli se estabelecerem. Temos, a esse respeito, o que nos diz o "Libro Mastro" da Bahia. (**).

"Em 1722, morrendo o P. Fr. Miguelanjo de Napoles, prefeito, succedeu-lhe o P. Fr. Anselmo de Andorno. Este melhorou a igreja do Hospicio e sustentou uma demanda movida pelos Benedictinos, que affirmavam ser delles o terreno em que estavam edificados o hospicio e a igreja da Piedade".

Aqui nos diz o "Libro Mastro" de 1843 pag. 41 e 42, que pelos annos de 1660 os Benedictinos obtiveram do Rei de Portugal Carta de doação dos terrenos circumstantes a seu convento, fóra os que já estivessem em posse de outros; tal era o terreno atraz do Hospicio, dado aos Capuchinhos Italianos, possuido anteriormente pela dita Senhora (a que fizera o legado). Houve duvidas e demandas. O tribunal da Bahia decidiu pelos Capuchinhos contra os Benedictinos. Estes appellaram para o Tribunal Superior

(*) Citado por "Os Religiosos Capuchinhos da Bahia", pag. 53.

(**) Manucripto existente no convento da Piedade, transcripto em 1843 do antigo Livro do Tombo daquelle hospicio, pelo então Prefeito P. Fr. Samuel de Lodi.

de Lisboa que lhes deu causa vencida, declarando os Benedictinos senhores do terreno (não do hospício e da igreja) em que estavam edificadas. Os Benedictinos então passaram para os Capuchinhos as 52 missas annuaes perpetuas— condição do legado como pagamento ou aforamento. As 52 missas mais tarde foram reduzidas a 10.

“Os Capuchinhos da Bahia” diz que no litigio sobre a propriedade do terreno doado, os Capuchinhos tiveram da justiça local sentença favoravel; porem, não tendo acompanhado o recurso que a parte adversa fez para os Tribunaes do reino, foram por estes condemnados á revelia, ficando como simples foreiros e sob o onus do legado.

O hospício teve mais uma ala, pelo que parece, após a vinda do rei D. João VI, ao Brasil, de 1807 a 1821, sob a prefectura de Fr. Ambrosio de Rocca; mais tarde foi augmentado o numero de cellas.

Como igreja annexa, por bastante tempo, conservou-se a capella que, juntamente com a casa, fôra doada aos dois missionarios, aportados na Bahia em 1679. Os Capuchinhos francezes contentaram-se em conservá-la qual a encontraram, apesar que desde o começo tivessem tratado do augmento do hospício. Não teve reformas importantes, ao menos até o começo do seculo XIX. Nos primeiros annos porem desse seculo, como a igreja começara a arruinar-se, o prefeito P. Frei Ambrosio de Rocca, auctorizado por um aviso regio de 18 de janeiro de 1809, derribou-a totalmente, para começar uma outra mais vasta e mais artistica, valendo-se para isto da habilidade que tinha nesse ramo, o religioso Frei Archanjo de Ancona. Ao desmontar a antiga, deu-se um horrivel desastre: uma trave cahiu sobre o irmão leigo Frei Bernardino de Cingoli, victimando-o quasi no momento. Deu-se isto em 1811.

A nova igreja foi levantada em quinze annos. Tinha tres naves: a do centro de 44 metros de comprimento com 8.60 de largura e 16 de altura; as lateraes com 4.50 metros de largura. Mais tarde passou por varias reformas e recebeu importantes melhorias e ornamentação.

MISSIONARIOS VALOROSOS

Um é o Fr. *Ambrosio de Rocca*, ou de Arcevia, que exerceu a prefectura dessa missão durante 37 annos, em tempos mui difficeis pelo espirito de perseguição que os animava, e pelo fermento politico e revolucionario que perturbou a ordem publica.

Veiu para o Brasil em 1749. Um dos seus primeiros trabalhos, como prefeito, eleito para esse cargo em 1802, foi o da re-

edificação do magestoso templo da Piedade, trabalho que custou uns quinze annos. Teve dias amargos na questão da expulsão de religiosos estrangeiros, na qual se mostrou destemido defensor dos religiosos.

Cançado de trabalhos e carregado de meritos, fechou os olhos, á sombra de seu amado templo da Piedade, em 1843, quando a atmospheria religiosa já entrara em bonança e os Capuchinhos affluíam novamente ás plagas brasileiras, bafejados do favor imperial.

Ao lado do P. Fr. Ambrosio collocamos outro valente missionario: o P. *Frei Ludovico de Liorne ou Livorno*: este labutava nas selvas, emquanto aquelle batalhava na cidade.

O P. Fr. Ludovico de Liorne chegou ao Brasil em 1816. Dois annos apenas depois, demandou a catechése de Ilhéos, dos indios Camacans e Mongoios. Reorganizou a parochia de S. Pedro de Alcantara; adiantou-se mais umas quatro leguas, e mediante alguns camacans já domesticados, poz-se em contacto com os camacans bravios e com alguns mongoios. Conseguiu formar um aldeamento; os indios fugiram varias vezes; uma vez por causa de uma grave epidemia que lhe furtou grande numero delles; mas elle conseguiu reunil-os novamente e aos poucos civilisal-os.

Após 26 annos de trabalho, foi-lhe dado como auxiliar, pelo então prefeito P. Samuel de Lodi, o P. Frei Francisco Antonio de Falcina, a quem elle Fr. Ludovico, mais tarde enviou para as tribus dos Botecudos e Mongoios, no termo da Imperial Villa de Victoria, margem do rio Pardo. (Notas do "Libro Mastro").

Fr. Ludovico mereceu o titulo de apostolo dos Camacans; Accioli o chama de extraordinario evangelizador dos Pataxós e Camacans, acerca dos quaes escreveu largas relações conservadas na Bibliotheca Nacional.

Foi descançar seus ultimos annos no hospicio da Bahia, após uma pequena estada no Rio de Janeiro. Lá na Bahia, em 1849, assaltou-o a febre amarella, á qual succumbiu, em 27 de dezembro do mesmo anno, com a idade de 77 annos.

Frei Luiz de Sarravezza, em 1851, escreveu da Bahia ao P. Commissario do Rio, P. de Scandiano, que o P. Ludovico de Liorne fora catechisar com muito successo os barbaros que enfestavam o engenho, comprado pelo Marquez de Barbacena, na comarca de Ilhéos. A Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, vol. III, pag. 293. traz um interessante episodio da vida missionaria do P. Ludovico.

O Aldeamento de S. Pedro. Esse aldeamento, sito numa ilha do rio S. Francisco, ilha de S. Pedro, freguesia do Porto da Folha, foi cultivado pelo P. Fr. Alberto de Fontana, da provincia de Bologonha, que por lá foi em 1797, onde morreu, após 29 annos de tra-

balhos, em 1825. O P. Fr. Dorotheu de Loreto proseguiu o trabalho durante mais 28 annos; em 1850 chegou a levantar ahi um pequeno hospicio. A ilha de S. Pedro era o ponto central das missões do norte da Bahia e de Sergipe.

O CAFE' NA BAHIA. — Sampaio Vianna (em "Breve noticia da primeira planta"... 1842) diz que o introductor da planta do café, cultivado na Bahia, desde o anno de 1809, Manoel Fernandes Novinho, recebeu dos capuchinhos italianos Fr. Pedro de Serravezza e Fr. Marcello de Carmagnola, os grãos de café, que lhe surtiram grande e valiosa colheita.

A MISSÃO EM FINS DO SECULO XVIII

O nosso "Resumo" nos diz que, em fins do seculo XVIII, a missão dos Capuchinhos na Bahia se extendia por toda a provincia da Bahia. Não recebia subsidios da S. Congregação ou de outrem; os missionarios viviam de esmolas.

O numero de missionarios era de oito; estava de prefeito o P. Fr. Lourenço de Montalboddo. (*).

A missão possuia tres residencias, nas aldeias de Pacatuba, de Rodellas e de S. Pedro, em cada uma das quaes residia um missionario; os outros cinco, permaneciam no hospicio da capital.

"Os missionarios usam o proprio habito de Capuchinhos, e dependem immediatamente do arcebispo da Bahia. Ouvem de confissão aos seculares e ás freiras em toda a diocese; pregam retiro espirital aos ordenandos, e dois delles, sob a dependencia e com auctorisação do arcebispo, administram, nos logares distantes, o sacramento do Crisma. Os missionarios precisam aprender a lingua do paiz. Não podem admittir ninguem á profissão e ao habito dos capuchinhos".

A prefeitura se extendia tanto quanto o arcebispado. Era arcebispo D. José de S. Escholastica, monge benedictino. (1803-1814).

OS CAPUCHINHOS DE LISBOA

Já vimos que os Capuchinhos italianos haviam conseguido erguer em Lisboa, um hospicio. Como nessa construcção tivessem sido auxiliados por alguns negociantes genovezes lá residentes, estes impuzeram aos destinatarios algumas condicções que, com o correr dos tempos, engendraram serios disturbios na communiidade que compunha o dicto hospicio, dando logar á formação de *um partido genovez*, o qual não admittia, que outros religiosos

(*) Ha equivoco: era Prefeito o P. Fr. Ambrosio de Rocca; o P. Lourenço já estava em Pernambuco.

italianos tivessem direitos sobre aquelle hospicio, por isso não queriam lá sinão genovezes.

O litigio accentuou-se no tempo em que foi superior do hospicio o P. Fr. João Chrysostomo de Genova, um tempo missionario em Pernambuco, e que chegou a Lisboa, transferido a 23 de Setembro de 1747, e, cremos tenha regido o hospicio até 1758, anno em que lhe succedeu o P. Fr. Francisco Maria de Alassio. Este fora substituido em 1765 pelo P. Francisco de Ponassio; mas não quiz entregar-lhe o governo, que manteve até a morte, em 1772.

O P. João Chrysostomo publicou uma defesa, em latim — Apologetica Responsio — contra os religiosos italianos de outras provincias; o opusculo foi prohibido pelo Rei de Portugal, com decreto de 6 de setembro de 1754. Ao mesmo opusculo respondeu um anonymo em 1760.

Pelo anno 1748, por ordem do P. Procurador Geral das Missões, P. Ludovico de Turim, seguiu para Lisboa, para pôr cobro a esses disturbios, o P. Fr. Illuminato de Burgo S. Sepulchro, da Umbria, illustre e santo religioso, em companhia do P. Fr. Felix de Perusa seu companheiro, P. Fr. Clemente de Nizza, P. Fr. Archanjo de Frascati e P. Fr. Felix de Moncaliéri.

Seguiram para lá; não puderam entrar nos Capuchinhos genovezes, por isso acolheram-se aos francezes que os trataram com summa cordialidade. Durante oito annos os genovezes os intrigaram junto de Roma, do Nuncio em Lisboa, dos Superiores dos francezes, do governo francez e, sobretudo, junto do governo portuguez; nada conseguiram. Fr. Illuminato começou a tornar-se conhecido e procurado até pela Familia Real. Incorreu por isso nas iras de Pombal, o qual o mandou prender junctamente com o P. Fr. Clemente de Nizza a 26 de junho de 1756; com elles foram presos muitos ecclesiasticos e civis. Passaram quasi 21 annos de prisão horrenda, e só conseguiram liberdade em 1777 com a queda do infame Pombal. (*)

As intrigas desses genovezes tiveram repercussão nas missões. As do Brasil tambem soffreram. Entre outros damnos, tivemos em 1765 o embargo de quatro missionarios destinados á Bahia: o P. Fr. Agostinho de Varese, de Milão; o P. Fr. Francisco Antonio de Nonio, da provincia de S. José; Fr. Fortunato de Carnia, de Veneza e P. Bernardo de Marano, da pr. de S. José — haviam chegado a Lisboa, mas as intrigas dos genovezes os obrigaram a voltar para suas provincias. E' durante este periodo de intrigas, que se nota a lacuna na vinda de missionarios para o Brasil, — de 1757 a 1777.

Parece que em 1780 o dissidio teve fim.

(*) Leia-se essa triste e negra odysseia, em "Analecta Ordin. Capuc." vol. XI.

DIAS AMARGOS PARA OS MISSIONARIOS

O Prefeito P. Ambrosio de Rocca tinha quasi terminado o grandioso templo da Piedade, quando um triste facto veio amargurar-lhe o coração de missionario.

Era o anno de 1823. O facto da independencia do Brasil exaltara um pouco demais certos animos que se deixaram levar a uma especie de jacobinismo ou xenophobia exaltada.

Na Bahia concorreram bastante para esta xenophobia os desmandos do Brigadeiro Madeira de Mello, que despertaram grande irritação, contra os portuguezes de modo especial. Dahi a sanha contra os Carmelitas, em que predominava o elemento portuguez, e, por sectaria maldade, a extensão desse furor contra os Capuchinhos italianos da Piedade.

A tal ponto esse sentimento exasperou os patriotas, que numa acta, lavrada em Conselho na Bahia, aos 27 de dezembro de 1823, assentaram "pedir instantaneamente a S. Magestade Imperial que fizesse retirar para a Europa as Communidades religiosas dos Carmelitas descalços e dos Missionarios Apostolicos, vulgo Barbadinhos, (*) porque eram estrangeiros e se tinham mostrado inimigos no campo de batalha, no pulpito e no confessionario". Para documentarem seus pedidos, allegaram accusações odiosas contra aquelles religiosos.

O P. Ambrosio, acceso de zelo da justiça, a 25 de janeiro de 1824 dirigiu ao governo imperial uma representação, ponderada, calma, mas energica, em que provou, á evidencia, a falsidade das accusações assacadas pelo dicto Conselho contra seus missionarios.

O prefeito começava resenhando a "legião" de missionarios da Piedade: na capital tres sacerdotes e tres leigos; no interior, tres missionarios occupados na catechese. Não recusavam retirar-se, si fosse preciso para a paz e tranquillidade do paiz; o que não podia soffrer em silencio, era a gratuita infamação. Resenhou a longa lista das accusações, e uma por uma as rebateu sobranceiramente, e terminava assignalando que nesses dias mesmos os Capuchinhos recebiam do povo bahiano os mais evidentes testemunhos de estima e respeito na concorrência crescente á sua igreja, nas esmolas que não cessavam para o culto, e nos protestos publicos e particulares que se faziam contra os accusadores.

(*) Os Capuchinhos, no Brasil, eram conhecidos tambem pelo nome de Barbadinhos, Barboneos ou Borboneos; o nome de Capuchos era usado em geral para indicar os Franciscanos Observantes — então numerosos no paiz; raras vezes depara-se-nos o nome de Capuchos Francezes em lugar de Capuchinhos Francezes.

A representação do P. Ambrosio fez moessa; foi respondida a 27 de novembro, pelo ministro João Severino Maciel da Costa, reconhecendo “provada a innocencia delles, pela devassa a que se procedeu em observancia das Imperiaes Ordens”, e accrescentava-se que “tinha S. M. I. todo o prazer por apparecer no publico illibada a reputação dos dictos Padres Missionarios, e esperava que continuassem com todo o zelo a ensinar a doutrina evangelica que tão perfeitamente se conforma com a felicidade do Estado” (*).

Terminado satisfactoriamente o grave incidente, o Prefeito concluiu a reforma do templo da Piedade que estava prompto em 1825. Esse trabalho pareceu um milagre, pois foi levantado em tempos tão difficeis, quaes foram os da dominação do turbulento Madeira de Mello, quando era preciso andar por entre a furia das tropas que invadiram o convento da Lapa e assassinaram Sor Joanna Angelica, e a exaltação furiosa de patriotas loucos, a ponto de pedirem o banimento de religiosos innocuos; mais ainda, o templo foi reformado a poder de esmo-las amealhadas na epocha mais desastrada da Bahia, durante a occupação das tropas portuguezas.

Serenados os tempos, o P. Fr. Ambrosio, com officio de 12 de fevereiro de 1825, pediu a permissão ao Governo Imperial, da vinda de seis missionarios e tres irmãos leigos. A Secretaria do Estado deferiu o pedido, a 30 de março de 1825, e mandou ao Encarregado de negocios juncto da S. Sé, que auxiliasse a vinda dos mesmos.

UM CAPUCHINHO ABOLICIONISTA

O Dr. José Vieira Fazenda, escrevia em 6 de janeiro de 1903: “E’ de justiça lembrar: foi um Capuchinho italiano quem primeiro, nos sertões da Bahia, advogou a causa da emancipação dos escravos. Como verdadeiro apostolo soffreu perseguições e desterro. Em 1794 — era muito cedo ainda para a definitiva victoria, felizmente ganha em 13 de maio de 1888” (**).

“No á margem da historia da abolição no Brasil, escreveu Escragnonle Doria, grato é ao estudioso escrever o nome de quantos isoladamente, em hostilidade ao seu meio, se declaram em favor dos escravos, repitamos, vendidos seus a homens sem escrupulos de raça eterna. A esses soldados isolados, ajuntamos um religioso, o frade Capuchinho italiano, Fr. José de Bologha, com direito de figurar no ról dos abolicionistas” (***) .

(*) Os Religiosos Capuchinhos da Bahia”, pag. 68.

(**) Revista do Instituto Hist. Brasileiro, 1919.

(***) “Revista da Semana”, Rio, 18 de maio de 1929.

O Capuchinho mencionado pelos dois escriptores, é o P. Fr. José de Barbarolo, da provincia de Bolonha, enviado a Bahia em 1779, onde missionou varios annos.

O governador da Bahia, D. Fernando José de Portugal, aos 18 de junho de 1794, informou ao ministro Martinho de Mello Castro, na Côrte, o que corria na Bahia a respeito das doutrinas expendidas por Fr. José de Bolonha, accusado de perturbador da ordem e da paz.

Fez-lhe saber, segundo soubera do duodecimo Arcebispo da Bahia, D. Antonio Correa, que Fr. José "tivera o desaccordo e indiscripção de seguir uma opinião, a respeito da escravidão, a qual si se propagasse e abraçasse, inquietaria as consciencias dos habitantes desta cidade e traria comsigo para o futuro, consequencias funestas á conservação e subsistencia desta colonia".

Quem era Fr. José de Bolonha? Responde-nos o Governador: "Depois deste religioso viver neste Paiz quatorze annos, com procedimento exemplar, cumprindo com as obrigações de seu ministerio, apesar de algumas imprudencias e extravagancias em que rompia, e de que se abstinha quando dellas advertido pelos seus superiores, merecendo o conceito de homem virtuoso e zeloso para o serviço de Deus, se persuadiu que a escravidão era illegitima e contraria á Religião ou ao menos, que sendo esta umas vezes legitimas, outras illegitimas, se devia fazer a distincção e differença de escravos tomados em guerra justa ou injusta, chegando a tal ponto a persuasão que, confessando pela festa do Espirito Santo a varias pessoas, pôz em pratica essa doutrina, obrigando-se a que entrassem na indagação desta materia tão difficultosa".

Examinada a origem da opinião de Fr. José da Bolonha se veiu ao conhecimento daquella, segundo o Governador. Tinham dado causa á opinião algumas praticas do frade capuchinho com missionarios lazaristas recém vindos da Missão de Goa, transportados em a nau "Belem" e provisoriamente hospedados no Hospicio da Piedade.

Naturalmente foram tomadas as providências que o caso exigia. O Arcebispo suspendeu Fr. José de confessar; deram-lhe ordem de viagem; o reitor dos Missionarios de Goa, foi chamado á presença do Governador, que, vivamente, lhe extranhou a indiscreção. Procurou justificar-se o Superior. Consultado, respondera a Fr. José que havia a escravidão legitima ou illegitima, mas a isso se limitara. Participando-a ao Ministro, dizia o Governador: "mas sem embargo dessa defesa que não me satisfaz, por maior cautela ordenei ao commandante da nau "Belem" fizesse recolher para bordo os ditos Missionarios e os não deixasse sahir para terra, sem ordem positiva minha". (*)

(*) Veja: Revista Inst. Hist. Geogr., Tomo 60, parte II, pag. 157.

PREFEITURA DE PERNAMBUCO

Partidos os Capuchinhos francezes, do Recife, o Vigario Geral de então, mandou inventariar todos os bens do hospicio e da igreja, e de tudo tomou posse. De 1701 a 1710 esteve o hospicio sem Missionarios; nelle, porém, residiram, de 1704 a 1710, os Padres Congregados do Oratorio (*).

O cardeal Conti, em data de 8 de novembro de 1709, communicava de Lisboa, á Secretaria do Estado de Roma, que estavam para partir de Lisboa para Pernambuco os P. Fr. Bernardino de Saracena (Napoles) e o P. Fr. Phelippe de Altetta (Marcas), missionarios capuchinhos, destinados pelos seus superiores para tomarem posse do hospicio da Penha, que S. Magestada havia concedido aos Capuchinhos italianos; que o Conselho das Missões pretendia que elles tambem prestassem o juramento de fidelidade ao Rei; que elle se havia dirigido ao Rei, o qual, visto que não havia exemplos de tal juramento por parte dos missionarios italianos, permittiu partissem sem outras formalidades. (Arch. Vatic. Nunc. Port. 67).

Os Capuchinhos italianos embarcaram em Lisboa, em 30 de novembro de 1709, na frota, composta de cem naus, que partia para a America, e chegaram a Pernambuco, em agosto de 1710. No mesmo mez, o então governador da provincia, Sebastião de Castro, mandou se lhes entregassem a igreja, o hospicio e a horta com tudo o mais que havia pertencido aos Capuchinhos francezes (**).

Fr. Bernardino de Saracena era homem de letras e virtudes, lente e mestre de noviços em sua provincia de Napoles; fôra durante 14 annos prefeito da Missão de S. Thomé (*) e foi o primeiro superior do hospicio de Pernambuco. Seguiu-o como superior o P. F. Domingos de Cesena e depois o P. F. Angelo Francisco de Carpi. Tiveram como companheiros de trabalhos, em 1716, o P. Fr. Carlos José de Spezia, vindo do Congo, e o P. Felix Maria de Modena.

Em 1725 a Propaganda constituiu a Prefeitura de Pernambuco, desmembrando-a da Bahia. Foi nomeado seu primeiro prefeito o P. Fr. André de Mornico, que veiu de S. Thomé, em 1725; foi por pouco tempo, porque em 1728, partindo para S. Thomé, após seis mezes de viagem, foi morrer no Castello de S. Jorge da Mina (**), terra então dos holandezes; consta que sua morte lhe fôra

(*) A Congregação do Oratorio, fundada por dois padres seculares em Olinda, sob o molde dos Oratorianos de Roma, foi approvada pela S. Sé em 1671, e tinha como fim missionar os selvagens. Tinha seu hospicio em Olinda, e mais tarde, outro no Recife. (Vide: "Italia Francescana", 1932, pag. 406).

(**) Veja-se: J. Gueenes da Silva Mello: "Ligeiros traços sobre os Capuchinhos", Recife, 1871, pag. 56.

(*) Foi para lá em 1697, ou pouco antes.

(**) Na antiga Costa de Minas (hoje Costa de Oiro — Guiné Septentrional) descoberta pelos portuguezes em 1471.

revelada, pois se preparou para a mesma com nove horas de orações. Após dois annos conseguiu-se resgatar dos holandezes, seu corpo, que foi encontrado incorrupto; e, transportado para Pernambuco, foi recebido com grandes solemnidades pelo bispo D. José Fialho, clero secular e regular e grande multidão de fieis. Foi sepultado na igreja de N. S. da Penha. Tudo isto consta de cartas escriptas de Pernambuco a 20 de julho de 1729 e 7 de janeiro de 1731.

Os Capuchinhos de Pernambuco trabalharam com zelo verdadeiramente apostolico na reconstituição moral do espirito evangelico entre os fieis, e no cultivo das aldeias de indios. Couberam-lhes, como campo de trabalho, além do hospicio de Recife com a igreja da Penha, as aldeias de: Taipú (antes Boldrine), dedicada a N. S. do Pilar; a de Araripe; a de Piancó no Boqueirão; a da Serra Branca, no Rio do Peixe; a do Brejo do rio Parahyba; a de Miranda, no Ceará; a de Apodi e a de Mepibú, no Rio Grande do Norte.

Governaram a Prefeitura; depois do breve governo do P. Fr. André de Mornico: 1729 — P. F. Carlos de Spezia; 1733 — P. Fr. Boaventura de Pontremoli; 1740 — P. Fr. Felix de Modena; 1745 — P. Fr. Carlos de Spezia; 1751 — P. Fr. Carlos de Ferrara; 1753 — P. Fr. Juvenal de Albano; 1762 — P. Fr. Paulo de Burgo; 1777 — P. Fr. Benedicto de Rovigo; 1779 — P. Fr. Constantino de Parma; 1782; — P. Fr. Joaquim de Cento e P. Fr. Francisco de Gradisca. O P. Fr. Joaquim de Cento foi reeleito em 1794 e em 1804 e continuou até 1815; governou todo esse tempo, até a morte, 4 de agosto de 1815, em razão das perturbações da igreja e prisão do Papa, levado violentamente para a França.

De 1815 a 1821, foi prefeito o P. Fr. Agostinho de Mentone, que fez algumas reformas na igreja da Penha. De 1825 a 1828 foi prefeito interino o P. Fr. Joaquim de Afragola; seguiu-se-lhe o P. Fr. Paulo de Genova, que governou de 1829 a 1831 (*).

A "Relação authentica" diz que, pelo anno de 1808, a missão de Pernambuco se extendia por toda a vasta diocese de Pernambuco, da qual era bispo D. José de Maria de Oranjo (Araujo); era prefeito da missão o P. Fr. Lourenço de Monte Alboddo; além do hospicio dos Capuchinhos havia tres conventos de outros regulares; existiam parochias de até 60 leguas de extensão. "Os sacerdotes, que moram em Pernambuco e em Olinda, são sufficientemente instruidos, mas aquelles das localidades fóra da cidade, são tão ignorantes que nem sabem ler a Missa. Nos tempos idos, a santidade dos missionarios produzia maior fructo na missão. Via-se nos povos maior docilidade; mas agora entrou a dominar o espirito dos libertinos, e reina principalmente a usura, tambem entre os ecclesiasticos".

(*) Vide: "Excelsa", fasciculo publicado no Recife em 1929, em homenagem á Senhora da Penha.

MISSIONARIOS DA PENHA

Além dos já nomeados, em 1725, veio para essa prefeitura, o P. Fr. Boaventura de Pontremoli, que reconstruiu, ampliando-a, a capella da Penha, a qual ultimada em 1734, foi a 7 de março do mesmo anno benta ou sagrada por D. José Fialho. A capella mór desta corresponde á antiga capella. No mesmo anno em companhia do irmão Fr. Mario de Carpenedolo, chegou o P. Fr. Antonio Maria de Modena, o qual concluiu a igreja de S. João Baptista, em Taipú, começada pelo P. Fr. Felix Maria de Modena; ao lado da igreja ergueu um hospicio e a torre; assentou o sino, o órgão e outros ornamentos; arruou a aldeia e civilisou os indios.

O P. Fr. Carlos de Spezia que viera em 1716, trocou a antiga imagem de N. S. da Penha, a dos francezes, por uma nova, feita em Genova; a antiga a remetteu para a aldeia de Miranda em Cariris Novos.

Em 1729, veio o irmão Domingos de Agliano. Em 1734, o P. Fr. Prospero de Milão, o P. Fr. José de Calvatone, o P. Fr. Archanjo de Soligo e o irmão Fr. Pacifico de Leinate. O P. Fr. Prospero de Milão no Apodi, reconstruiu a igreja de S. João Baptista, fez o cemiterio e outras obras necessarias á igreja e á aldeia. O P. José de Calvatone, em Piancó, construiu, em 1742, a igreja de N. S. da Conceição.

Em 1735 veio o P. Fr. João Antonio de Tagliuno; este em 1737 levantou com pedra e cal o hospicio de Piancó. (*) Em 1736, o P. Fr. Carlos Maria de Ferrara, que mais tarde passou para o Rio, e o irmão Fr. Felix de Romano. O P. Fr. Carlos missionou nos Cariris Novos de 1740 a 1750. Em 1740 temos o P. Fr. Benedicto Maria de Orta, o P. Fr. Mauro de Lessano, o P. Fr. João Pedro de Placencia e o irmão Fr. Felix de Brescia.

Em 1741, o P. Fr. Felix Maria de Casalmaggiore, que fôra antes a Angola. Em 1742, o P. Fr. João Chrisostomo de Genova; (**) este em 1746 foi nomeado superior do hospicio de Lisboa, onde tomou parte saliente nos litigios dos genovezes; mais o P. João Baptista de Ferrara, vindo de Angola, e o irmão Fr. Bernardo de Mornese.

Foi destinado para Pernambuco em 1743 o P. Antonio de Alba. Em 1744, o P. Fr. Fidelis de Viterbo e o P. Fr. Juvenal de Albano. Este acabou em Mipibu, a igreja alli começada por Fr. Mauro de Lessano e Fr. João Chrysostomo de Genova. Alli tambem foi erguido um hospicio, começado por Fr. Boaventura de Pontremoli, e continuado pelos seus successores.

Em 1747 temos: o P. Fr. João Francisco de Palermo que substituiu ao P. Carlos de Ferrara nos Cariris Novos em 1750; o P.

(*) Guennes lhe chama de Fr. Antonio da Julianni (!).

(**) Guennes diz: Fr. Christovam de Genova (!).

Fr. Paulo Maria de Burgio; o P. Fr. Pacifico de Genova, e o irmão Fr. Carlos de Milão. No 1748, o P. Fr. Lourenço de S. Marcos; o P. Fr. João Pedro de Placencia e o P. Fr. Francisco de Brisighella. Em 1751, o P. Fr. Venancio de Bagnacavallo, e o P. Fr. Joaquim de Veneza; este catechizou em Cariris Novos. Em 1752 o P. Fr. Romualdo de Borgo S. Donnino, e o P. Fr. Fidelis de Partanna; este, no Apodi, fez uma egreja nova de abobada, que ornou com tres imagens grandes.

No anno de 1754, veiu o P. Fr. José Antonio de Mandovi. Em 1757, o P. Fr. Annibal de Genova; o P. Fr. Fortunato de Tuso e o irmão Fr. Lourenço de Remedello. Em 1761, o irmão F. André de Pisogno. Em 1765, o P. Fr. André de Palermo. Segue-se uma lacuna até 1777.

Em 1777 veiu da Bahia o P. Fr. Benedicto de Rovigo. Em 1778, o P. Fr. Constantino de Parma; o P. Fr. Clemente de Moretto; o P. Fr. Pedro de Borgolesia; o P. Fr. Pedro Lourenço de Loazzolo e o P. Valentim de Bassano. Em 1779, O P. Fr. Joaquim de Cento e o P. Fr. Mariano de Imola.

No 1780, temos o P. Fr. Francisco de Gradisca e o P. Fr. Vidal de Frascarolo. Fr. Vidal catechizou umas nações de indios que desde 1743 haviam abandonado o rio S. Francisco e viviam commettendo roubos e violencias. Fr. Vidal, chamou-os e formou com elles as aldeias "Gamelleira, e Jacaré" ambas com suas egrejas e com um povo assaz instruido na religião. Em seguida foi para Cabrobó, onde pregou com grande ardor e fructo. Ao P. Fr. Vidal succedeu um irmão de habito, o P. Fr. Angelo Mauricio de Nizza, que o substituiu em novembro de 1803, e tomou conta da aldeia como parochos dos indios (*).

Em 1782, o P. Fr. Felix de Bresighella; em 1794 o P. Fr. Agostinho de Mentone; em 1796, o P. Fr. Angelo Mauricio de Nizza, o P. Fr. Ambrosio de Mirabella, e o irmão Fr. Elias de Turim. Em 1804 foi transferido da Bahia para o Recife, o P. Fr. Lourenço de Montalboddo, e de S. Thomé para o Recife o P. Fr. João Baptista d'Acqui; veiu mais o P. Fr. José de Codroiano, que depois passou para o Rio.

(*) O Bispo de Pernambuco, D. Fr. Luiz de S. Thereza, na sua relação enviada a Roma, por occasião da visita "ad limina" em 1746, tece um bello elogio dos Missionarios Capuchinhos residentes naquellas paragens, quando delles diz: *Capuccinorum Itolorum unum solummodo Hospitium reperitur, ubi in varias Indorum missiones profecturi passim recipiuntur, qui populi solatio et aedificationi sunt*".

Este sobrio elogio do prelado pernambucano vem muito a proposito desfazer os negros alevos que contra alguns Capuchinhos Italianos de Pernambuco se consignaram em "Parallelo do Missionario Capuchinho e Jesuita do Bispado e Capitania de Pernambuco — sobre vexame de indios" Bahia, 1761".

Devem ter chegado pelo anno 1820, o P. Fr. Joaquim de Afragola, o P. Fr. Gabriel de Malta e o Irmão Fr. Joaquim de Veneza, pelo anno 1826, o P. Fr. Paulo de Genova. (*).

MISSIONARIOS ILLUSTRES

Tambem a prefeitura de Pernambuco teve entre seus obreiros evangelicos, os que se distinguiram pelo zelo e pela actividade apostolica. Infelizmente não possuímos sinão fragmentos da historia desses homens admiraveis e por isso não nos é possível reconstruir a galeria gloriosa em que deveriam ser collocados. Vamos lembrar uns apenas que nos deixaram algumas notas de seus trabalhos.

O primeiro que apresentamos, é o *P. Fr. Carlos José de Spezia* da provincia de Genova. Foi um dos mais illustres missionarios do seculo XVIII, a ponto de ser appellidado, por algum tempo, de "Apostolo de Pernambuco".

Frei Carlos ingressou na ordem a 19 de março de 1702. Era religioso de alta virtude, todo enflammado do amor de Jesus Crucificado, e do amor pelo proximo, rasão porque optou pela vida missionaria e isto nas mortíferas regiões de Angola.

Elle mesmo chama sua viagem de dolorosa e longa. "Parti a 11 de fevereiro de 1713 de Genova para Marselha, aonde cheguei em cinco dias; após haver-me detido na França mais de dois mezes, parti com outra nau para Barcelona, após muitas partidas iniciadas com a primeira nau e sempre obrigados a voltar para traz com evidente perigo de naufragio. De Barcelona passei a Alicante e de lá a Malaga. Durante a viagem, por pouco não fiquei escravo dos Turcos. Chegado a Malaga, por não haver alli navios para Lisboa, emprehendi a viagem por terra, caminho de Sevilha, aonde cheguei são e salvo a Lisboa. Nesta viagem padeci muito, mas tudo tolerava por amor de Deus...

De Lisboa viajou para Angola, e chegou a Loanda a 2 de junho de 1715. Foi destinado á missão de Bengo. Alli, após um mez foi assaltado por uma gravissima febre, e foi levado a Loanda. O medico fez-lhe 32 sangrias, e nas primeiras seis lhe tirou mais de doze libras de sangue (mais de cinco kilos)! Esteve á morte e foi sacramentado. Em seguida a febre degenerou em terrivel dysenteria. Tractou-o um medico irlandez que o poz fóra de perigo. O superior o mandou para o clima mais mitigado do Brasil. Seguiu logo para lá e chegou á Bahia, seriam começos de junho de 1716, após uma viagem de 38 dias.

Aqui trabalhou até 1725, anno em que, como prefeito, foi a Roma para tractar negocios da missão da Bahia. Renunciou ao cargo; mas em 1729 a Propaganda, em vista das insistencias do

(*) Veja: "Analecta Ordinis", Vol. XXI pag. 246 e XXII.

povo de Pernambuco, reenviou-o ao Brasil, como prefeito em Pernambuco. Aqui trabalhou mais dez annos. Em 1740 voltou á Italia; mas a 22 de setembro de 1742 tornou a embarcar para o Brasil.

Como especimen de seus trabalhos apostolicos e tambem dos seus collegas, temos uma carta que o P. Carlos escreveu a seu irmão, P. João Baptista, com data, de Pernambuco, 8 de maio de 1746.

“A 6 de outubro de 1744 embarquei, em quinze dias cheguei, graças a Deus, ao porto chamado Camocim (Ceará). Chegado que fui ao Camocim, após tres ou quatro dias de caminho por terra, dei principio á missão em um logar chamado Hiassú, onde a concorrência foi muito grande e o fructo me pareceu copioso, pelas demonstrações que davam aquelles pobres penitentes.

Finda esta, cheguei, depois de seis dias de viagem atravez de matas e desertos, a um outro logar, chamado Pará; do Pará com o meu companheiro fui fazer missão num logar chamado Serra de Ibiapaba, a uma aldeia de caboclos e tapuias, gente natural do Brasil; a aldeia era governada na parte espirital e na economica pelos Padres Jesuitas. Estes, em numero de tres, fizeram-me instancias para que pregasse uma missão; para secundar-lhes o pedido, lá me entretive doze dias.

Findos os quaes, me provisionaram do farnel, que consistia em carne secca e farinha, o que devia servir para as pessoas da comitiva, porque para nós, por ser tempo de quaresma, bastavam alguns ovos com farinha. Mais dez dias de viagem e attingimos a Serra dos Côcos. Aqui experimentámos bem a fome, porque aquella pobre gente não tinha nem carne, nem farinha, e o seu sustento eram côcos selvagens, producto daquellas terras, pois distavam de suas casas quarenta e mais leguas, e não podiam ter alli sinão côcos. Porém, si o corpo padecia, consolava-se o espirito em vendo o fervor que mostravam aquelles pobresinhos; o tempo era escasso para poder ouvir as confissões geraes, attender ás procissões de penitencia e aos outros actos de mortificação, que nos causavam não pequena consolação.

Da Serra dos Côcos descemos á planicie, e após oito dias de penosa jornada, chegámos ao logar denominado Riacho. Alli encontrei uma grande multidão de gente, reunida havia tempo por ter corrido a noticia de que chegaríamos no tal dia para dar começo á missão, a qual me trouxe muita consolação pelo muito fructo, que, mercê de Deus, se obteve.

Terminada a missão no Riacho, passei para outra capella, de S. José; como, porém, esta distava da anterior apenas tres dias de caminho e a maior parte do auditorio era o mesmo que o antecedente, entretive-me lá só seis dias; depois, para contentar a todos,

passei a outro lugar, distante do nosso só quatro dias de caminho; e, por isso, só dei alli uma missão de cinco dias.

Daqui nos encaminhámos para uma aldeia duma nação de Tapuias, chamados Strambembé; o missionario delles, um Sacerdote, com outros graudos da redondeza, vieram para nos guiar e acompanhar. Estes Tapuias são gente muito inepta e preguiçosa para o trabalho; vivem ordinariamente da pesca. Fincam no mar uma arvore em forma de cruz; trepam na mesma, e postam os pés nos dois braços da cruz; seguram no braço direito uma corda de mais de sessenta palmos, terminada por um arpão; assim, de pé, naquelle madeiro passam muitas horas, ás vezes mais de meio dia, á espera que venha algum peixe, ao qual arpoam ao passar por elles; depois saltam toda a corda, lançam-se ao mar e, a nado, o seguem, até que, exgottado de forças, o alcançam e o trazem á praia.

Da dita aldeia do Strambembé, depois de cinco dias de caminho muito aspero, chegámos a Tairé; aqui tambem dei uma missão de apenas cinco dias; depois passei ao Chopé, onde pelo grande concurso de povo, tive que dar uma missão para satisfazer as muitas instancias delle, ainda que não fosse da minha vontade alli entreter-me, pela pequena distancia que havia da villa principal. Si, porém, fui renitente no começo, esta minha resistencia se me transformou em consolação, pelo grande fructo que nella colhemos.

Concluida esta, passei á villa do Ceará, capital desta Capitania; o capitão, nobre portuguez, fez-nos optima recepção e nos usou muita caridade.

Dalli passei a outra villa, chamada Aquirá, onde os Jesuitas têm um hospicio com oito ou dez religiosos, todos auxiliados pelo Rei de Portugal, para assistirem ás Missões, ensinar á mocidade que lá acode e que não é muita, confessar e pregar. Estes Padrea, assim que chegámos vieram nos visitar e nos fizeram grandes offerecimentos, que, restituída a visita, recusámos com humilde agradecimento.

Terminada a missão, que foi de minha grande consolação, partimos para o outro lugar, denominado Cascavel. Aqui o trabalho foi excessivo, porque não havendo Sacerdotes que ouvissem as confissões, e o povo sendo numerosissimo, foi-me preciso arcar com o peso de dia e de noite; mas para tudo Deus nos deu força e animo.

Daqui, após oito dias de dolorosa viagem, porque pela grande secco não se encontrava agua para beber, chegámos a outro lugar, chamado Varacabí; de lá, com cinco dias de viagem, passámos á parochia. O lugar da parochia chama-se Rossa; finda a missão, fomos ao Banaboyhu

Estando em Banaboyhu, vieram gente de Quixeramobin e de outro lugar para nos levarem ás suas terras; como, porém, não podia ir aos dois logares por distarem ambos muito, resolvi ir ao segundo lugar. isto é, a S. João. Aqui um religioso de Santa Thereza me

escreveu uma carta mui delicada, com pedido de eu ir missionar sua aldeia. Respondi-lhe que estava ás suas ordens; e elle mandou tudo o que era necessario para a viagem e antes que eu terminasse a missão em S. João, veiu em pessoa buscar-nos e levar-nos; viajámos uns oito ou dez dias e chegámos á sua aldeia. Lá nos hospedámos na casa d'elle, e nos tratou todo o tempo com muita caridade e delicadeza. Finda a missão, preparou-nos o viatico e nos deu o necessario para irmos á parochia do Vassu, cujo parochio viera buscar-nos, e aonde chegámos com sete dias de viagem, através de logares desertos. Aqui nos hospedámos, eu, meus companheiros e dois indios que viajavam connosco, numa casa adrede preparada para os missionarios. Terminada a missão, passei a um logar chamado Vacari; aqui tambem, como em toda a parte, recebi muitas finezas.

Retomámos o caminho para proseguirmos nossa peregrinação, e após nove dias de dolorosa viagem — porque sempre entre montes alpestres, êrmos, entre rochedos, matas e fragas, sem allivio corporal, e, o que mais nos molestava, a grande penuria de agua, pois esta era a nossa bebida ordinaria, porque vinho só o tinha para a S. Missa, e a agua ainda que estivessemos muitissimas leguas retirados do mar, era salobre, pelos grandes calores que fazia nestas alturas. — Mas de tantos desastres nos livrou a misericordia divina, e finalmente chegámos á aldeia do Mepibu (R. G. do N.) onde assiste o P. João Chrysostomo, na qualidade de “Seu Reitor”. Aqui permanecemos quinze dias, para descansar a alma e o corpo, apesar que não se passasse bem acerca do corpo, como havia supposto, porque o coitado do “Seu Reitor” foi surprehendido por uma erysipela numa perna que o fez acamar, e eu soffri uma ferida no pé. Graças a Deus, porém, nos restabelecemos, e passado o sobre-dicto tempo, despedi-me, sem dar ahi missão, ainda que houvesse muitos pedidos, porque não era ainda passado um mez que o Bispo havia missionado aquelle logar.

Da aldeia Mepibu nos dirigimos para a aldeia dos Carirys, onde assiste o P. Antonio Maria de Modena, meu Prefeito, e depois de cinco dias de caminho sob a chuva, mais intensa no ultimo dia, chegámos á aldeia: aqui tudo serenou pelos carinhos que nos dispensaram o P. Prefeito e Frei Bernardo de Mornese, que estava em companhia do Prefeito. Aqui fiz longa estadta, pois me entretive mais de quarenta dias, com minha summa consolação. Nesse lapso, pelas instancias do P. Prefeito, dei uma missão, a que acudiu muitissimo povo: depois expedi proprio a Pernambuco, para ver si havia cartas...

Passado o dicto tempo nesta aldeia, despedi-me do Prefeito com a bençam, abracei a Frei Bernardo e tomei o caminho rumo da cidade de Para Gyba, onde estava o Bispo, para fazer-lhe uma visita, porque, desde minha vinda ao Brasil, não o tinha ainda

visto nêem lhe havia falado, sinão por carta. A' metade do caminho, por muitas instancias, fui obrigado a fazer uma missão no lugar chamado Poixá; concluida esta com meu summo prazer, passei a Para Gyba. Aqui recebi muitas honras, quer do Governador, quer do Bispo, porque o Governador, o qual é meu especial amigo desde o anno 1723, vendo-me passar, mandou logo avisar ao Bispo, e ambos vieram ao meu encontro, honra essa que para mim era mais uma confusão do que uma consolação, por ver a um pobre capuchinho rodeado de taes personagens: de tudo seja gloria a Deus. Foram-se alguns dias em retribuir visitas só ao Bispo e ao Governador, mas tambem aos Regulares, os quaes todos nos honraram com suas visitas: depois o Bispo me obrigou a pregar missão naquella mesma cidade, a qual se fez e se terminou com grande fructo: de tudo se dê louvor a N. Senhor.

Terminada a missão na Para Gyba, o Bispo, com prementes instancias, até pedir-me pelo amor de Deus, pediu-me dêsse uma missão na villa de Goayana. Desculpei-me, e pedi me dispensasse, porque não eram ainda passado tres mezes, que lá missionara um religioso da Ordem Terceira do P. S. Francisco, e não me parecia conveniente, depois de tão pouco tempo, no mesmo lugar, dar nova missão; o Bispo, porém, não acceitou minhas razões, e mesmo depois que me havia despedido d'elle, mandou-me, ao deixar eu a cidade, uma carta muito amorosa, renovando a instancia, e pedindo-me que, pelo serviço de Deus, fosse dar missão aonde me tinha pedido. Confesso que não tive mais coragem de resistir ao Prelado, ainda mais que temia contrariar a vontade de N. Senhor; porém, como o meu companheiro sentia-se doente e necessitava retirar-se ao hospicio de Pernambuco, ainda que distasse 16 leguas da dita villa de Goayana, para não deixal-o ir sósinho, quiz acompanhal-o até o Hospicio, e depois voltei só á sobredicta villa. A missão me custou bastante, porque, tendo perdido a voz, quiz esforçal-a; mas N. Senhor, por sua misericordia, me deu força com que estive melhor no fim do que no começo. Terminada a missão, passei a outra localidade, chamada Caricé, onde, por não haver muito povo, só me detive cinco dias e depois passei á villa de Igarassú. Aqui houve muita gente, porque, pregando ao ar aberto, como tenho feito quasi sempre nas Missões passadas, preguei num largo todo repleto de ouvintes.

Dalli passei á Ilha de Itamaracá, de onde, finda a pregação, me recolhi ao Hospicio, havendo gasto, em todo esse periodo, sómente quinze mezes. "Lá pelo mez de setembro, por ser tempo mais commodo, pretendo partir a visitar as nossas missões, viagem em que me hei de entreter mais do que quinze mezes, por estarem as Missões muito longe deste Hospicio, e muito distantes umas das outras".

O P. Fr. Carlos, diz que foi substituído contra a vontade ao P. Antonio Maria de Modena, na prefeitura, mas que já implorou de Roma sua demissão.

Numa carta de 15 de janeiro de 1749, endereçada a seu irmão, escreve, cousa interessante, que havia remetido a quantia de cem mil reis — que deviam equivaler a 600 libras genovezas — para serem celebradas quatrocentas e dezeseite missas por alma de uma defuncta.

Numa outra, de abril de 1749, explica ao irmão a difficuldade da expedição de cartas, que dependia das armadas, as quaes não tinham termo fixo, zarpando em geral uma vez cada anno, e, ás vezes, nem isso. Na mesma data diz, que, por estarem todos os seus irmãos doentes, devia ao mesmo tempo ser prefeito, sacristão, porteiro, refeitoreiro, cosinheiro e enfermeiro.

Descreve as festas triumphaes que naquelle anno se fizeram no Recife pela canonisação de S. Fidelis de Sigmaringa e de S. José de Lionissa, da Ordem dos Capuchinhos. Houve um triduo solenne: no primeiro dia pontificou o abbade de S. Bento, orando um lente dos franciscanos; no segundo, foi celebrante o prior dos Carmelitas e orador um franciscano; no terceiro, celebrou um Jesuita e orou o Reitor dos Jesuitas. Houve procissão: precederam o estandarte e o andor do Salvador; vinham em seguida os irmãos terceiros franciscanos junctamente com os do Carmo; após estes, um carro triumphal com S. Fidelis, outro com S. José, um terceiro com o P. S. Francisco e por ultimo o de N. Senhora da Penha. Após os carros, o clero numeroso. Fechava o prestito uma multidão incalculavel de fieis, vindos até de muito longe, para assistirem á procissão, que foi saudada pelas artilharias de todas as fortalezas.

“Este Governador, continúa o P. Carlos, que é das principaes familias de Portugal e verdadeiro devoto, pediu-me dêsse uma missão nesta cidade de Pernambuco; assim esta é a terceira vez. Custou-me bastante, porque as forças não são mais as de trinta annos atraz; assim mesmo a divina Providencia dignou-se me auxiliar com a sua divina graça, e houve uma concorrência extraordinaria de povo, computada em mais de vinte mil pessoas...”

Como fôra escolhido pelo Governador para seu confessor, o P. Carlos, não podia sahir a visitar as missões; “ora, porém, que o mesmo vae governar as minas de ouro, e dos diamantes, (queria levar-me junto, mas eu me desculpei de não ir) fico livre, e com a ajuda de Deus farei o que não pude fazer no passado...”

Na manhã do dia 4 de março de 1752, o P. Fr. Carlos, após a missa, accusou um mal-estar que foi se accentuando durante o dia; assim mesmo, á tarde tentou pregar ao povo, mas desmaiou. A molestia accelerou a marcha; a 6 do mesmo mez, recebeu com uma devoção de santo, o Viatico e a extrema unção. No dia 11, ás 4 horas, pronunciando as palavras: “Nas tuas mãos, Senhor, en-

commendo meu espirito, Pae, Filho e Espirito Santo, tres pessoas e um só Deus”, — expirou, os braços cruzados sobre o peito.

Seu cadaver foi levado á igreja e guardado pelos soldados para impedir-se ao povo que retalhasse seu habito e lhe arrancassem os fios da barba, quaes reliquias. Os religiosos de S. Francisco cantaram o officio dos mortos e os do Carmo a missa funebre. Foi preciso fechar as portas do templo para poder sepultal-o, tal a devoção que lhe consagrava o povo do Recife.

O P. Fr. Carlos Maria de Ferrara, na relação que deu da morte do P. Carlos José de Spezia, diz que tinha 69 annos, 50 de religião e quasi 40 de missionario em varias partes, especialmente em Pernambuco, onde viveu com tamanha exemplaridade e zelo pelas almas, que, até nos ultimos dias de sua existencia quiz pregar, isto é, no dai 4 de março, quando, já febricitante, respondendo protestos amigaveis, disse: “Desejo morrer pregando”; e assim foi, porque subiu ao pulpito, fez o exordio e, ao começar a introdução, como lhe faltassem as forças, disse ao povo: “Deus não quer mais que eu vos pregue!” Do pulpito foi levado ao leito, onde o surpreendeu a morte dos justos.

Na occasião da morte d'elle, estavam no hospicio, o prefeito, P. Fr. Venancio de Bagnacucoli e o P. Fr. Carlos Maria de Ferrara.

O P. Fr. Carlos José de Spezia foi um dos grandes missionarios capuchinhos no Brasil (*).

* * *

Acompanha-o um religioso da mesma provincia, isto é, o P. Fr. *Annibal de Genova*.

O P. Fr. Annibal nasceu em 1723; entrou para a ordem em 1740. Sacerdote, trabalhou algum tempo na Liguria; mais tarde pediu para ser mandado ás missões. Coube-lhe a Ilha de S. Thomé, na Africa portugueza.

Embarcou a 22 de maio de 1751 e conseguiu chegar á Bahia a 6 de janeiro do anno seguinte. Demorou-se aqui, hospede dos Capuchinhos, cerca de tres mezes; seguiu viagem e chegou ao destino a 22 de Setembro de 1752.

Começou missionando a parochia de Sant’Anna; depois percorreu o centro da Ilha pregando com muito fructo espiritual. Em 1755 passou com outros dois companheiros para a Ilha do Principe para nella missionar; em começos de 1756 chega á Guiné, no territorio de Benim, onde teve optimo recebimento por parte do rei, baptisado alguns annos antes.

(*) Veja: Zaverio — I. Cappuccini Genovesi, Vol. I.

De volta a S. Thomé, foi transferido para o Brasil. Na viagem adoeceu gravemente, chegando á Bahia quasi morto em 1757. Após seis mezes de convalescença, demandou Pernambuco, onde reencetou sua vida missionaria, colhendo em toda parte abundantes fructos. Seu apostolado aqui deve ter durado cerca de doze annos; cansado voltou para a patria, onde falleceu, em Genova, a 17 de maio de 1785.

Durante seus 17 annos de vida missionaria na Africa e no Brasil, Frei Annibal teria administrado, (si não ha erros ou exageros nos numeros) 916.577 baptismos, 319.102 communhões e convalidado 318.430 casamentos. Mais, no reino de Benim teria elle mandado destruir 5.579 templos pagãos com 19.957 idolos.

O missionario deixou uma relação detalhada de suas missões e viagens, num volumezinho: "Viaggio di Africa e America Portoghese, fatto del P. Annibal de Genova, etc." (*).

UMA DISPERSÃO DOLOROSA

Os nossos missionarios vinham trabalhando contentes na vinha do Senhor, quer no já afamado Santuario da Penha, quer nas missões que iam pregando no interior da província pernambucana e nas limitrophes, quer entre os aldeamentos dos indios a elles confiados. Talvez nem sonhassem com uma tempestade que lhes estava imminente.

De 1825 a 1829 regeu a prefeitura, interinamente, o santo missionario que era o P. Fr. Joaquim de Afragola. Tinha elle devoção especial para uma imagem de N. Senhora com o Menino Jesus; a assaz conhecida imagem que mais tarde se appellidou de "N. Senhora do Brasil". Sobre a origem della aventuram-se explicações bastante imaginarias e nada historicas; o que é certo a respeito della, é tão somente sua existencia, e sua veneração no templo da Penha, tudo o mais que sobre ella se escreveu, não passa de locubrações phantasticas (**).

Consta que o dicto P. Joaquim, em 1828, não sabemos por que motivo nem com quaes intenções, enviou a dita imagem para Napoles, ao convento da Ordem, de S. Ephrem o Novo, onde é venerada sob o titulo de "Madonna del Brasile". Em 1840 a venerada imagem foi salva miraculosamente de um incendio que devorou a igreja de S. Ephrem.

Sucedeu-lhe na prefeitura o P. Fr. Paulo de Genova, de 1829 a 1831. Parece que após o triennio do P. Paulo, voltou a governar o P. Joaquim de Afragola. Estavam no hospicio, o Prefeito, o P. Paulo de Genova, o P. Gabriel de Malta e o irmão leigo, Frei Joa-

(*) Veja: Zaverio — I Cappuccini, Vol. I, pag. 110.

(**) Veja: "Annaes Franciscanos" 1934, pag. 281.

quim de Veneza, e proseguiam tranquillos seus trabalhos missionarios, quando no horizonte aponta temerosa tempestade politica, mas diabolicamente desfructada pelo sectarismo.

Corria o anno 1832. Em um dos dias de fevereiro, os missionarios acordaram com o barulho de gente sectaria que estava furiosamente arrancando as cruces da Via Sacra que ornamentava o paeo da igreja da Penha, e estava demolindo os pilares sobre os quaes aquellas descansavam. Estava essa gente agindo por ordem do fiscal da freguezia, o sr. João Rodolpho Barata. Estavamos entre o crepusculo da setembrizada de 31 e os albores da abrilada de 1832, tempos em que Pernambuco vivia sobresaltado (**).

Aquillo foi o começo. A regencia, no dia 25 de agosto de 1831, havia baixado, em nome de D. Pedro II, um decreto de expulsão dos religiosos. O decreto é o seguinte: "A Regencia, em nome do Imperador, o sr. P. Pedro II, tem sancionado e manda que se execute a resolução seguinte da Assembléa Geral, sobre proposta do Conselho Geral da Provincia de Pernambuco: — Art 1.º — Fica prohibida, na Provincia de Pernambuco, a Associação Religiosa dos Missionarios Italianos Capuchinhos. Art. 2.º — A casa em que habitam, passará a ser casa para os Expostos. Art. 3.º — Ficam revogadas todas as leis, Alvarás, Decretos e mais disposições em contrario. — Diogo Antonio Feijó, etc. — Palacio do Rio de Janeiro, em 25 de agosto de 1831, decimo da Independencia e do Imperio. Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho, João Braulio Moniz, Diogo Antonio Feijó."

"Esse celebre decreto, commenta Guennes, (*) que sem contestação, deshonra os nossos annos, foi mais uma das provas que sempre attestaram o regalismo mais desenfreado e o recalctrimento de nosso governo, sempre disposto a ferir aquella que abraçou como religião do estado, e á qual deve o Brasil a estabilidade de suas instituições e o desenvolvimento, que se tem manifestado na antiga colonia."

No dia 6 de julho de 1832, a commissão dos hospitaes exigiu o edificio dos Capuchinhos "pela necessidade absolutamente inclinavel" de passar para elle os expostos, na tarde do dia 8. Sob essa pressão, os missionarios viram-se constringidos a deixar o hospicio e a Piedade.

"Receberam, é ainda Guennes quem observa, com resignação evangelica a requintada violencia, que lhes fazia um governo deshumano e despotico; abandonaram seus lares com o coração traspasado pela espada da dôr; imploraram a clemencia do ceu para seus algozes; mas não abandonaram o fertil torrão, que lhes havia sido confiado pela obediencia." Frei Joaquim, o Prefeito, foi pro-

(**) Veja: Guennes, pag. 62, Galanti, Hist. do Brasil, Tomo IV, nºs, 212 e 213.

(*) Ligeiros Traços, pag. 62.

curar hospitalidade em Tacaruna, no sitio de d. Maria Rosa dos Passos; Frei Gabriel foi para o Páo d'Alho, na casa da Irmandade de S. José, onde foram guardadas algumas alfaias da igreja; Frei Paulo de Genova, passou todo o tempo da interdicção, pelos ser-tões; o irmão Frei Joaquim de Veneza, partiu nesse mesmo anno para sua patria e não deu mais noticia de si.

Em 11 de maio de 1836, a assembléa provincial resolveu que a igreja da Penha ficasse pertencendo á Irmandade de S. José da Agonia, que nella estava erecta (*).

“O desterro durou oito annos. Depois de ter alcançado a posse de nosso hospicio em 26 de julho de 1840, o P. Fr. Gabriel de Malta (seria elle então prefeito?) morreu a 28 de dezembro de 1840”. Frei Joaquim de Afragola em 1844 repatriou, indo residir em Napoles. Falleceu em 1850, e delle se contam varios factos extraordinarios, que provam suas grandes virtudes. O P. Fr. Paulo de Genova, foi fallecer na Bahia, a 10 de Setembro de 1849.

Não foram só os Capuchinhos attingidos pelas leis de expulsão. Os Carmelitas descalços foram expulsos a 29 de setembro de 1823 do seu convento de Olinda; pelo decreto de 25 de agosto de 1831 foi extincta essa Ordem no Brasil. Outra victima dessas leis, foi a Congregação do Oratorio de Pernambuco: a lei de 9 de dezembro de 1830 extinguiu o Oratorio em Pernambuco (**).

Os Capuchinhos italianos no Rio

SOB A PREFEITURA DA BAHIA

A historia desta prefeitura a encontramos resumida no “Livro do Tombo” do hospicio do Rio de Janeiro, livro que resenha os factos principaes attinentes os missionarios capuchinhos de 1695 a 1814. A livro, manuscripto, foi encontrado no Archivo dos Capuchinhos de Genova, levado para lá em 1830 pelo P. Fr. Alexandre de Genova (*). Vamos respigando delle muita cousa.

O ultimo capuchinho francez, o P. Fr. Matheus, em 1701, entregou ao Prelado as aldeias a seu cargo, e por escripturação passada no tabellião João Alvares de Sousa, fez de tudo — hospicio e igreja annexa — entrega á mitra. Já em 1697 intentara a Camara estabelecer nelle o hospital dos Lazaros, mas não conseguiu. Tomando posse do bispado, D. Frei Francisco de S. Jeronymo, resolveu morar no hospicio sobredicto. (Dr. Vieira Fazenda).

Por esse tempo transitaram pelo Rio alguns missionarios capuchinhos que vinham de Angola, até consta que um delles aqui mor-

(*) Veja: Guennes, pag. 63, e a sobrecitada revisat: “Excelsa”.

(**) Veja: Carmo Baratta. Historia Ecclesiast. de Pernambuco — pag. 92.

(*) Foi publicado sob o tit. “Compendiosa noticia historica, etc.” em “I Cappuccini Genovesi”, vol. IV., 1929.

reu. Talvez seja o P. Fr. Francisco de Meschirch, da Atria Inferior, o qual, chegou a Loanda em 11 de julho de 1708; no mez de abril do anno seguinte por doente partiu para a Italia e morreu no mar, "antes de chegar ao Rio de Janeiro, cidade da America". As chronicas tambem lembram um P. Fr. Jeronymo de Napoles, que em 1710, vindo de Angola, se deteve algum tempo no Rio, e pregando ao povo, incitou-o a erguer uma ermida ao S. Bom Jesus; a ermida, mais tarde, tornou-se um grande templo.

Como não haja nesse tempo, 1700, nenhum Fr. Jeronymo de Napoles, missionario em Angola, queremos suppor se trate talvez de Fr. Honorato de Napoles ou de Fr. João Baptista de Napoles, que em 1697, foram, com o P. Fr. Bernardino de Saracena, para a ilha de S. Thomé. Frei Bernardino, em 1709 veio para Pernambuco, e um delles pode muito bem ter vindo ao Rio de Janeiro.

Neste entrementes, o hospicio da Conceição, com a igreja anexa, foi escolhido para palacio episcopal. O primeiro bispo que nelle residiu, foi D. Frei Francisco de S. Jeronymo, sagrado em 1702 e fallecido em 1721.

O estabelecimento dos Capuchinhos italianos no Rio foi casual. Os dois missionarios umbros, o P. Fr. Jeronymo de Monreale e o P. Fr. Antonio de Perugia, destinados á ilha de S. Thomé, em 1720, foram despachados de Lisbôa, em a nau "Madre de Deus", a qual devia negociar negros na costa de Minas (Africa Occidental) e passar depois para a ilha de S. Thomé, e lá desembarcar os padres. Não foi porem possivel abordar a ilha pelo mau tempo; a nau foi dar no Rio de Janeiro. Os missionarios aqui aterraram na esperanza de encontrarem navio que os transportasse a S. Thomé. Chegaram ao Rio em 31 de maio de 1721, e, desejosos de fazer algum bem nos poucos dias de espera do embarque, pediram licença ao Vigario Capitular, Conego Gaspar Ribeiro da Costa, para fazerem algumas praticas; o que lhes não foi concedido por não conhecerem bem a lingua portugueza. Quando, porem, foram se despedir do Governador, sr. Ayres de Saldanha, este lhes não approvou a pressa do embarque e muito instou com elles para que se detivessem algum tempo no Rio, tomando sobre si o cuidado de alcançar do Vigario Capitular a licença para pregarem.

Annuiram ás instancias do Governador e trataram de se recolher ao convento de S. Antonio; mas, como lá fossem mal recebidos, só ficaram uns dias, até poderem se abrigar no Hospicio da Conceição, na segunda oitava de Pentecostes de 1721. No mesmo tempo começaram a pregar na igreja da Candelaria, e ainda que mal percebidos pela impericia da lingua, tiveram muito fructo em beneficio das almas. Frei Jeronymo, obtida licença do P. Geral dos Dominicós de pregar a devoção do S. Rosario, foi erguendo altares e fundando confrarias da mesma Senhora; no Rio a estabe-

leceram na igreja de S. José dos Carpinteiros, na qual se exerciam muitas praticas em honra de N. S. do Rosario.

A' vista dos trabalhos e fructos dos dois missionarios, o Governador escreveu a Lisbôa, ao rei, para que lhes fosse facultado ficar no Rio; tambem escreveu ao Nuncio, a fim de obter egual permissoão de S. C. da Propaganda. Emquanto aguardavam as respostas, foram auctorizados a morar no Hospicio dos Franciscanos, onde permaneceram até dois de agosto de 1725.

Nesse mesmo anno de 1721, o P. Fr. Jeronymo saiu a pregar missões no Reconcavo, e o P. Fr. Antonio guardou por algum tempo o caixão que continha os ossos do cardeal Tournon, que o legado pontificio, Mons. Mezzabarba, das Indias conduzia para Roma; o que foi uma providencia, porque naquelle tempo se incendiou a nau em que vinham da India. Cuidaram tambem logo das praticas que lhes impunham as regras; entre outras, a de escolher um syndico, especie de thesoureiro, que foi o sr. Jacome Ribeiro da Costa; este desempenhou tal encargo de 1722 até 1750.

No anno de 1723 chegou a resposta de Roma de poderem os ditos padres ficar na missão do Rio, porem, sob a dependencia da prefeitura da Bahia. A resposta do rei D. João V veio dirigida ao Governador com pedido de informação cabal sobre a vida dos novos missionarios, porque os padres Franciscanos, os Antonicos, faziam opposição á permanencia delles no Rio, allegando, que outros religiosos mendicantes não se podiam situar onde elles franciscanos tinham conventos; que os missionarios capuchinhos estavam destinados para S. Thomé; que eram estrangeiros e por isso suspeitos nestas conquistas. Tudo isso havia sido consignado em um memorial a S. Magestade; o rei queria, os missionarios d'elle tomassem conhecimento, e no caso, o contestassem e se justificassem.

O Governador chamou os dois padres, expoz-lhes a ordem do rei; estes responderam em tudo ao memorial e o governador confirmou as respostas delles como veridicas; mandou-as a Lisboa, e não permittiu que os missionarios sahissesem sem nova ordem.

Nesse mesmo anno o sr. Ayres de Saldanha foi substituido pelo novo governador Luiz Vahia Monteiro. Nesse interim, S. Magestade acceitou e deu por approvadas as justificações dos dois capuchinhos contra os oppositores. Tambem conseguiram a obediencia da Ordem para permanecerem no Rio ao envez de em S. Thomé.

No dia 2 de agosto de 1725 chegou o novo bispo, D. Frei Antonio de Guadalupe, da Ordem dos Observantes, o qual foi logo residir no Hospicio da Conceição, residencia dos Bispos. Os novos missionarios tiveram que buscar outro asylo; foram se aboletar nas dependencias de uma pequena ermida, (hoje, igreja da Conceição e Boa Morte) erguida por Francisco Seixas da Fonseca, e depois

chamada “Hospicio dos Pardos”. Nella se agasalharam até nova providencia, (*) isto é, até quando mudaram para o Desterro.

SAEM A MISSIONAR

Como o novo bispo pretendesse visitar a sua vasta diocese, maxime as localidades aonde nenhuma visita episcopal ainda havia sido feita, aproveitou-se dos nossos missionarios para envial-os a prepararem os povos para a visita pastoral. Assim elles sahiram e adiantaram-se ao bispo, pregando missões pela freguesias e capellas, primeiro em Minas Geraes e depois na “comarca” de S. Paulo, (**) andando sempre a pé, padecendo muitos trabalhos, a inclemencia dos ares, difficuldades dos caminhos, falta de viveres, mas sempre assistidos pela Providencia e sempre com a maior acceitação e respeito dos povos missionados. Essas missões levaram-lhes quasi tres annos.

Feitas estas, recolheram-se ao Rio; foram ao Bispo para se porem ás suas ordens. Este os encheu de agradecimentos e lhes determinou por sua morada a igreja chamada do *Desterro*, até nova disposição; o que se deu, quando conseguiram fazer o novo hospicio.

O prefeito da Bahia havia constituido, provisoriamente, superior ao P. Fr. Jeronymo de Montereale, mas como elle preferisse missionar, deixou no hospicio ao P. Fr. Antonio de Perusa, e elle saiu novamente a dar missão pelo vasto bispado, que então abrangia as “vastas comarcas de Minas Geraes, Goyaz, Cuyabá e São Paulo com as annexas capitánias”. Era o anno de 1732.

OPPOSIÇÕES CONTINUADAS E LOUVORES

A opposição que desde o começo lhes fizeram os franciscanos de S. Antonio não arrefeceu. (*). O rei D. João V, a 12 de março

(*) Por causa de umas differenças entre os Frades de S. Antonio e a Ordem da Penitencia, houve uma scissão; e Francisco S. da Fonseca com alguns irmãos terceiros fundou a ermida sobredicta, em 1719 ou 1720. Feita a paz, a Ordem da Penitencia vendeu a dita capella á Irmandade de N. S. dos *homens Pardos*, em 1729. Os capuchinhos tiveram que mudar novamente. O Bispo lhes emprestou umas velhas casinbas, proximas á capella fundada por Antonio Gomes do *Desterro* (hoje, Convento de S. Thereza). Os missionarios pediram ao governador morada conveniente. (Dr. Vieira Fazenda)

(**) No “Estado de S. Paulo”, 24-I-1936, o sr. Nardy ao fallar da igreja de S. Antonio, fundada em 1639 e restaurada em 1717, diz: — Em 1724 (?) Fr. *Antonio de Penese*, missionario apostolico da Propaganda Fide, erigiu *ahi* (na igreja) a “Irmandade do S. S. Rosario da Virgem Maria, para os brancos e pretos, fundada na Caridade, que mutuamente nos devemos amor” — Esse Fr. Antonio de Penese, é certamente o P. F. *Antonio de Perusa* (é facil tresler em manuscriptos “Perusa” e dar “Penese”).

(*) Frei Antonio da Conceição, Procurador da Provincia dos Capuchos da Imm. Conceição, do Rio em 1730, encaminhou tres requerimentos, nos quaes se oppõe á fundação de novos hospicios e ao peditorio de esmolas para outras ordens religiosas. (Documentos do Archivo da Marinha e Ultramar, 6.519 — 6.521).

de 1729, numa carta ao governador da capitania do Rio, Luiz Vahia Monteiro, pede-lhe informações sobre uns Barbadinhos ou Capuchos italianos — são elles o P. Fr. Jeronymo e o P. Fr. Antonio de Perusa — contra quem os franciscanos do Rio queriam fosse baixada ordem para que sahisses do Rio e seguissem para Angola.

A resposta do governador é datada do Rio a 21 de junho de 1729; é uma defesa dos missionarios e, por coincidencia, revela tambem o desvirtuamento a que havia chegado — em certas Ordens religiosas — o ideal monastico, facto que julgamos occasionado pelo grande numero de religiosos agglomerados nos conventos, pelo pouco trabalho que tinham no ministerio espirital, e tambem pela independencia que tinham dos seus superiores maiores, maximé de Roma. Destas circumstancias, especialmente das duas ultimas, salvaram-se os Jesuitas e os Capuchinhos, razão pela qual, cremos, puderam evitar o desvirtuamento do espirito do seu ideal monastico.

Reproduzimos na integra a resposta sobrecitada. (**).

“Vendo o requerimento do P. Provincial e mais religiosos capuchos desta Provincia (da Conceição do Rio), juncto a essa Provisão de V. Magestade, apenas posso informar e responder sem as lagrimas nos olhos, porque me persuado que só o diabo é auctor de semelhante requerimento, cheio de mil falsidades e razões sophisticas, para embaraçar os progressos da unica e santa missão, não se envergonhando de accusar dois pedaços do ceo, como são esses religiosos Barbadinhos, de que tem fundado um hospicio (não havendo) contra as reaes ordens de V. Magestade, ao mesmo tempo, que confessam em sua petição que tem um convento juncto desta cidade com casa de estudo, em que habitam trinta religiosos, com manifesta offensa da ordem de Vossa Magestade, que recebi pela Secretaria do Estado, de que remetto copia, pela qual foi V. Magestade servido conservar-lhes o edificio que tinham feito, em attenção do serviço a que era dedicado, ficando em pé a primeira ordem, porque se lhes premitiu (tendo elles edificado sem licença de V. Magestade) que serviria sómente para convalescença dos seus religiosos desta cidade e que habitariam delles somente dois, até tres religiosos, e elle se acha com o augmento referido, e de semelhante substancia, são todos os demais fundamentos de que usam os supplicantes, porque tendo a sua Provincia padecido grandes disturbios que se acham na parte de se interessarem os seculares nelles, ainda a religião padece os mesmos disturbios principalmente na parte de não observarem a sua regra nem guardarem inteira obediencia aos Prelados, nem deixarem de inquietar esta cidade, e as villas onde habitam, com acções potenciasas e absolutas, chegando a dar o anno passado com um pao, na Ilha Grande, a um moço honrado, de caso pensado; e agora me fez o capitão mór de

(**) Publicação do Archivo Nacional, Rio 1915, Vol. XV, pags. 365 e seg.

Cabo Frio requerimento para fazer deição pelos não poder aturar, chegando a ter no seu convento, quatro dias presos uns escravos de fóra, mandando-os açoutar todos os dias; e pouco tempo ha, que estando um religioso deste convento em casa de uma mulher publica, de noite, tocando a sua viola á porta, se combateu com uns soldados, de que lhe resultou ficar com um dedo menos, cuja historia foi publica em toda esta terra, que toda anda semeada de frades Capuchos, sem companheiro; e não reparam os supplicantes que estes excessos lhes divertem as esmolas, que lhes não tiram os Capuchos Italianos, aos quaes querendo os fieis fazer muitas, não admittem mais que o sustento diario, e estando nesta terra ha oito annos, no decurso dos quaes foram a S. Paulo e a todas as Minas, visitando quantas aldeias e sitios havia e montes, nunca quizeram admittir habitos que lhes davam os devotos, andando rotinhos, e quasi nus e cheios de remendos; e creio que mais por obediencia que por vontade admittiram o reparo que lhes fez o R. Bispo de vestuario; e elles não tem hospicio e sómente estão arrumados na Capella de N. S. do Desterro, a onde se recolhem com permissão do R. Bispo, por ser aquella Capella de administração ordinaria; e são unicamente dois religiosos, não só de vida exemplar, mas santa, que assim aclamam a um delles, que de S. Paulo baixou a fazer missão na costa de Paranaguá e Laguna, de onde continuamente estão vindo noticias de prodigios que lá succedem, ainda depois que se recolheu a esta cidade; e por estas partes ainda é mais venerada a virtude de seu companheiro Frei Antonio, a quem dei vista deste requerimento, cuja resposta remetto inclusa.

Estes dois religiosos, a meu ver, foram aqui lançados, como Jonas, nas praias de Ninivé, porque sendo destinados para a sua missão da Costa da Africa vieram arribar a este porto, onde os abraçaram os fieis e onde tem experimentado grandes controversias, principalmente pelo estado ecclesiastico, de quem sem duvida se valeu o diabo para lhes fazer a guerra mais forte, porque foram perseguidos, por quem governava o bispado antes de vir o R. Bispo (que os estimou pelo merecimento de sua virtude) e agora o são pelos seus proprios Irmãos, tudo fabrica do demonio para arruinar o grande fructo que fazem e farão, si V. Magestade os conservar; e eu lhe concedi licença para irem a Minas, de que dei conta a V. M. pela Secretaria do Estado, e foram fazendo a sua missão diante do R. Bispo, que ia em visita, e m'os pediu para precursores della, afim de ter menos que castigar, quando chegasse; e não cabem em numero as conversões que fizeram, e reforma de vida, e occasiões peccaminosas que evitaram; e como filhos da sua religião foram sempre fataes zeladores do serviço de Deus e de V. Magestade, desde o principio das suas conquistas e toda Costa da Africa, onde ainda cultivavam a vinha de Deus por dominios de V. Magestade, tendotambem nesta America hospicio na Bahia e Pernambuco, sem se expe-

rimentar nelles materia de inconfidencia, infamia, que é mais natural nos homens de vida dissoluta e distrahida (ainda sendo nacionaes), e que carecem de dinheiro para seus vicios, de que não participam esses Barbadinhos: por esta causa me parece muito conveniente que V. Magestade os conserve nesta terra, do mesmo modo que nas mais conquistas, em algum modo de hospicio, em que possam habitar um par delles, na forma que o fazem em Angola, S. Thomé e mais parte, de que resultará grande serviço de Deus e de V. Magestade...

A real pessoa de V. Magestade guarde Deus muitos annos como seus vassallos havemos mister. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1729. — Luiz Vahia Monteiro.

A MISSÃO ELEVADA A PREFEITURA.

A Luiz Vahia, fallecido em 1731, succedeu, apos um intervallo de tres annos, isto é em 1734, o conde de Bobadilla, Gomes Freire Andrade. Nesse mesmo anno começou a vir auxillio aos nossos Foi o P. Fr. Luiz Maria de Foligno mandado da Bahia; no anno seguinte, veio o P. Fr. João Francisco de Gubbio. Este foi logo aproveitado para companheiro do P. Fr. Jeronymo, que estava missionando em S. Paulo, e foi encontrado pelo novo collega na villa de Jacarehy.

Juntos chegaram a S. Paulo, onde deram missão; daqui seguiram para Goyaz, "padecendo em extremo as difficuldades dos caminhos". Terminaram essas jornadas missionarias, com grande fructo, em 1736, e volveram para o Rio.

O P. Fr. Jeronymo esteve em Macahubas (Minas), parece em 1732, onde tomou parte no plano do Recolhimento; em 1733 prégon missões em Serro do Frio, onde tirou esmolas para a nova casa das recolhidas de Macahubas, irmãs terceiras do P. S. Francisco.

Novo auxiliar foi o P. Fr. Anselmo de Castelvetro, que em 1720 fora para Angola, e lá desempenhára o cargo de prefeito; ia repatriar-se, mas, aqui chegando, encontrou trabalho. Havia differenças entre Portugal e Castella acerca da Colonia do Sacramento. (*) Como iam duas naus de guerra do Rio ao Prata para auxiliar os portuguezes, bloqueados na Colonia, o rei dera ordem ao governador Gomes Freire que escolhesse dois Barbadinhos para capellães das naus. Como estivessem no Rio só o P. Fr. Antonio de Perusa e o P. Fr. Luiz, seguiu para Colonia com o Fr. Antonio e P. Fr. Anselmo. Ambos assitiram em varios contra-tempos aos soldados portuguezes na Colonia, no Rio da Prata e no Rio Grande. Fr. Anselmo despediu-se do companheiro no Rio Grande, e lá embarcou para a Bahia, Lisboa e sua patria, aonde chegou em 1737.

(*) Veja: Galanti. Historia do Brasil. Tomo III, n.º 149.

Enquanto o P. Fr. Antonio estava no Rio Grande, houve novidades no hospício do Rio. A Congregação da Propaganda, informada do bem que obravam no Rio os nossos missionarios e da esperança que acariciavam de poderem trazer á religião os indios Minuanes e outros existentes no Rio Grande, elevou em 12 de fevereiro de 1737 a missão do Rio a prefeitura, nomeando ao P. Fr. Antonio de Perusa seu primeiro Prefeito. Este por estar ainda no Rio Grande, nomeou Vice prefeito ao P. Fr. Jeronymo que estava no hospício do Rio. Isto foi em 1738.

Pouco tempo antes dessa mudança, em começos de 1738, quando não havia noticia da nova Prefeitura, o prefeito da Bahia enviou para o Rio o P. Fr. Anselmo de Andorno para auxiliar os nossos missionarios; ao chegar porem este ao Rio, e ficando sabedor do occorrido, Fr. Anaelmo “despediu-se deste hospício com bons termos, e foi-se com seu breviario, e bordão, a pé, atravez a capitania do Espirito Santo, por caminhos perigosos, missionando até a Bahia”.

Durante o anno 1738, vieram da Europa com destino ao Rio, o P. Fr. Jacintho de Foligno, umbrião, o P. Fr. Sebastião de Pallanza, milanez, o P. Fr. Pedro de Schio, veneto e o P. Fr. Mariano de Piano, toscano: com estes, unidos aos sobredictos, formou-se a familia desta missão, independente da Bahia.

Os Prefeitos que governaram a missão até o começo do seculo XIX, foram: 1737 — P. Fr. Antonio de Perusa; 1743 — P. Fr. Jeronymo de Monte Reale; 1750 — P. Fr. Antonio de Perusa; 1763 — P. Fr. Felix Maria de Cremona; 1777 — P. Fr. Antonio Maria de Veneza; 1789 — P. Fr. Fernando de Placencia; 1795 — P. Fr. Francisco de Alba Pompeia; 1807 — P. Fr. Seraphim de Acqui (*).

MISSÃO NO RIO GRANDE

Elevada a missão a prefeitura, e estando o prefeito Fr. Antonio de Perusa no Rio Grande e com esperanças de se poderem reduzir os indios Minuanes, do Rio Grande, determinou o prefeito erguer naquellas partes, com as devidas licenças, um pequeno hospício para os missionarios que iriam tractar daquelles indios. Chamou para lá do Rio, o P. Fr. Francisco de Gubbio e o P. Fr. Sebastião de Pallanza; encarregou-os de fazer um rancho a modo do hospício, com sua capella irem em busca dos ditos indios, attrahil-os, catechisal-os e aldeal-os. Os dois missionarios foram subindo até o Rio Grande, até chegarem onde estava o Presidio dos soldados portuguezes e

(*) V. *Analecta Ordinis* Cap.: Vol. XXI, pag. 282.

algumas familias (*); alli alcançaram sitio para erguerem o pequeno hospicio e uma ermida dedicada a N. Senhora do Rosario: um dellesahi permaneceria para assistencia espiritual dos soldados e outra gente; o outro sahira em busca de indios. Pouco depois foi-lhes mandado mais um companheiro, o P. Fr. Mariano do Piano.

A missão estava bem encaminhada. Apos tres mezes de viagem, o P. Sebastião havia encontrado os indios Minuaes, baptisara uma familia delles e casara uma india com um castelhano. Não havia, porem, esperanças de muito fructo; além disso aquelles dilatados sertões, não eram campos para missões volantes: por isso, informados o bispo e o P. Prefeito, deixaram o logar com o rancho e a ermida, em que depois entraram os Padres de S. Antonio.

Os missionarios capuchinhos voltaram mais vezes ao Rio Grande, para pregarem missões; entre os outros lá foram o P. Fr. Jacintho de Foligno e o P. Fr. Luiz de Foligno. Ha quem diga que um delles deu inicio á villa de S. Feliciano naquellas terras, edificando nella uma igreja em honra de S. Feliciano, o orago da patria delles.

O NOVO HOSPICIO

Como o hospicio do Desterro ameaçasse ruir de momento a momento, nem os missionarios tivessem meios para reparal-o, pediram ao governador Gomes Freire (segundo escreve o d. Vieira Fortuna (*)), uma morada conveniente. O governador consultou o governo da Metropole para lhes ceder morada junto da ermida do Desterro. Uma ordem regia de 16 de abril de 1738 declara impossivel o pedido, porque essas terras estavam destinadas a um seminario do Bispo; que entretanto se hospedassem no recolhimento. então deshabitado, junto da ermida da Ajuda, si não houvesse duvidas... Mas houve difficuldades por ser elle destinado ás freiras... e não foram para lá.

O livro do Tombo diz que o Prefeito pediu ao bispo o que fôra hospicio dos francezes, e que o prelado respondeu: "como por S. Magestade tinha o dito Hospicio por palacio, recorressem á mesma Magestade para o remedio". Fr. Antonio por isso despachou para Lisboa o P. Fr. Jeronymo de Monte Reale e o P. Fr. Pedro de Schio, afim de pedirem ao rei se dignasse dar-lhes um hospicio conve-

(*) Em 1736 o conde de Bobadella fez com que o brigadeiro José da Silva Paes, fosse assegurar contra os hespanhões, o Rio Grande, fundando uma povoação na sua entrada. O brigadeiro inaugurou a villa de S. Pedro, a umas duas leguas da barra, na margem direita do Rio Grande; villa que sem demora elle guarneceu de boas fortificações. Cremos que os nossos missionarios tenham escolhido um logar perto da villa de S. Pedro, hoje cidade do Rio Grande. V. Galanti Historia do Brasil, Tomo III, n. 150.

(*) Revista do Instituto Hist. Bras. anno 1919.

niente. O P. Fr. Pedro não tardou a voltar com um despacho favorável; Fr. Jeronymo ficou em Lisboa para aguardar os acontecimentos.

Veiu a ordem regia, de 23 de outubro de 1739, ao governador, que comprasse um terreno para construção de um Hospício dos Barbonos (Capuchinhos), “desde o quintal do Capitão João Antunes, até a ultima columna de pedra que está no caminho que vai para o Desterro; façaes tomar por avaliação, tres casas terreas, que occupam um pedaço do morro baldio, e neste sitio mandareis edificar para os ditos padres Barbadinhos um pequeno e humilde hospício, com sua capellinha, mas sem forma de convento, que na pobreza da fabrica corresponda á humildade e pobreza, com que tanto edificaram os dictos padres”.

Houve discordancias de pareceres acerca do sitio, e mais da forma; os frades o queriam assobradado, o snr. Bispo opinava por um terreo; decidiu a questão o governador, quando o Bispo embarcara para Lisboa, entrando o anno 1740, a chamado do rei. O governador facultou aos padres a escolha do lugar e ordenou ao engenheiro, o fizesse de sobrado. Foi escolhido um lugar ao pé do morro dos Padres Antonicos (Morro de S. Antonio) nas proximidades do que depois foi Convento da Ajuda; alli compraram-se umas terras com uma casinha, e, á custa de Fazenda Real, dizem uns 22 mil cruzados, foi levantado um hospício, que ficou concluido em 1742. No alto do morro erguia-se o Convento dos Menores Observantes, os quaes muito difficultaram a proxima residencia dos Barbadinhos, a ponto de recorrerem ao proprio rei contra estes ultimos; mas o rei, o governador e bispo e o povo estiveram sempre a favor dos missionarios.

Em 24 de setembro de 1740 lançaram solemnemente a primeira pedra da igreja, annexa ao hospício, dedicada, no começo, a N. Senhora da Oliveira, e mais tarde, a pedido do governador, a N. S. da Soledade.

O hospício e a igreja, aos poucos reformados e completados, serviram de residencia aos nossos missionarios, durante 68 annos, isto é, de 1740 a 1808. Em 1762 foi accrescentado um cemiterio para sepultura dos religiosos. Em 1786 foi importado de Lisboa, pelo preço de “cento e sessenta mil réis, sem o frete “um orgão para a igreja.

MISSIONARIOS PARA O RIO DE JANEIRO

Foram menos os que para cá vieram, do que os despachados para Pernambuco e a Bahia.

Em 1741 voltou para o Rio o P. Fr. Jeronymo de Monte Reale, que havia sido mandado a Lisboa por interesse do novo hospício.

Chegou de Angola em 1746, doente o P. Fr. João de Capo Fiume, bolonhez, e aqui ficou com licença de Roma para completar seu triennio. Em 1748, veio-nos da Bahia a P. Fr. Francisco Maria de Todi; no mesmo anno, vieram da provincia, o ex-missionario de Angola, P. Fr. Pacifico de Gubbio, umbro, e o genovez, P. Fr. Francisco Antonio de Nove. No anno antes, havia chegado o irmão Fr. Pacifico de Gubbio, umbro.

No anno 1751, vieram o P. Fr. João B. de S. João, das Marcas, e o P. Fr. Ubaldo de Parma, lombardo; dois annos depois, passou para esta prefeitura o P. Fr. Felix de Cremona, que estivera em Angola e na Bahia; em 1756, o P. Fr. Seraphim de Pinerolo, piemontez, que já estivera na Bahia. Em 1765, veiu de Angola, e por impedimentos da viagem, aqui ficou o P. Fr. Thiago de S. Salvador, até o 1772. Nas mesmas condições tivemos, em 1766, o P. Fr. Ubaldo de Pina, genovez. Em 1778 vieram o P. Fr. Pedro de Veneza, o P. Fr. Victorio de Cambiasca, o P. Fr. Salvador de Vercelli. Em 1779, o P. Fr. Pedro de Veneza, o P. Fr. Fernando de Placencia e o P. Fr. Antonio Maria de Veneza.

Em 1780, o P. Fr. Marcello de Gradisca, o P. Fr. José de Cagliari e o P. Fr. Angelo de Luca. Em principios de 1781, chegou de Angola o P. Fr. Fortunato de Fasano. Em 1782, o P. Fr. Camillo de Goricia. No anno de 1791 chegaram o P. Fr. João Antonio de Luca, e P. Fr. Francisco Antonio de Alba. Em 1795, o P. Fr. Luiz de Balestrino, genovez; no anno seguinte, o P. Fr. Thomaz da Cidade de Castello, umbro. Em 1805, veiu de Angola, o P. Fr. Seraphim d'Acqui.

Em dezembro de 1810 chegou, fugido de Hespanha, por causa da invasão franceza o P. Fr. Francisco José de S. Sebastião, hespanhol, que aqui completou os estudos theologicos.

A 24 de julho de 1812 chegou de Lisboa, um irmão professo francez, Fr. João Maria de Cochon, emigrado de sua patria no começo da revolução franceza, passou á Hespanha, onde permaneceu sete annos; foi para Portugal, onde residiu 14 annos no hospicio da Esperança, em Lisboa; em seguida naturalisou-se portuguez e veiu para o Rio. Dois annos depois, 1814, com licença do Nuncio, transferiu se para o convento de S. Antonio, "conservando porem o habito e a barba de capuchinho".

SAHEM A PREGAR MISSÕES

Os capuchinhos do Rio saham frequentemente a pregar missões, ora nos arredores da cidade, ora nas vizinhas provincias de Minas, S. Paulo, Goyaz, Espirito Santo e Rio Grande do Sul.

No anno de 1742, os P. Fr. Luiz Maria de Foligno, e o P. João Francisco de Gubbio foram missionar em Minas, onde estiveram qua-

si dois annos, com muito fructo espirital e grande agrado do povo; em Villa Rica os camaristas lhes offereceram sitio para fazer um hospicio com uma igreja; a proposta porem não foi acceita.

O bispo D. João da Cruz, em 1742 partiu para Minas em visita pastoral e levou comsigo como companheiros ao P. Fr. Jeronymo e ao P. Fr. Mariano. Estavam de volta em fins de 1744.

Em 1743, o P. Fr. Jacintho e P. Fr. Sebastião missionaram na capitania de Espirito Santo; em 1745 o P. Fr. Antonio de Perusa e o P. Fr. Luiz de Foligno foram para S. Paulo, onde se detiveram cerca de um anno. Em 1748, o P. Fr. Luiz Maria pregou em Minas, e depois acompanhou o governador, Gomes Freire, até Goyaz, voltando em 1750.

A pedido do Vigario Capitular de S. Paulo, em 1749, para lá seguirem o P. Fr. Francisco de Gubbio e o P. João Baptista de Capo Fiume, percorrendo zonas onde nunca estiveram missionarios. Infelizmente o P. Fr. João Baptista enlouqueceu e foi obrigado a voltar ao Rio para se tractar.

O P. Prefeito, Fr. Jeronymo, em 1753, mandou para Minas o P. Fr. João Francisco de Gubbio e o P. Fr. Felix de Cremona; e para S. Paulo, o P. Fr. Luiz de Foligno e o P. Fr. Francisco de Novi. Voltaram depois da Paschoa de 1756, excepto o P. Fr. Francisco Antonio de Novi, o qual accomtido por molestia mental, viera antes para o Rio. Daqui elle deveria seguir para a Europa, caminho da Bahia; mas, antes de chegar á Bahia, desembarcou na capitania do Espirito Santo, começou por propria conta a missionar, até que em junho de 1756 embarcou para Lisboa.

No anno de 1756, o P. Fr. Seraphim de Pinerolo e o P. Felix Maria percorreram o Espirito Santo, desde Cabo Frio até Porto Seguro, missionando e concertando os inconvenientes obrados pelo padre Fr. Francisco de Novi.

Em Agosto de 1759, foram despachados para differentes comarcas quatro missionarios; um delles o P. Fr. Luiz Maria de Foligno seguiu para Minas, de onde só regressou em maio de 1764.

No anno de 1762, o P. Fr. João Francisco de Gubbio e o P. Fr. Felix Maria de Cremona, a pedido do Snr. Bispo, deram uma grande missão no Rio, na igreja da Ajuda; durou cerca de vinte dias; foi encerrada pelo proprio bispo.

Missão notavel pregada na Sé do Rio, durante 15 dias a começar de 15 de agosto de 1779, depois de quasi vinte annos de prohibição. Os sermões Moraes e catecismos foram pregados pelo octogenario P. Fr. João Francisco de Gubbio; os mais sermões de missão, pelo P. Fr. Pedro de Veneza, Fr. Salvador de Vercelli e Fr. Fernando de Placencia; assistiram sempre o vice rei D. Luiz Vasconcellos de Souza e o Bispo, D. Manoel da Ressurreição. Terminou com uma solemne procissão de penitencia.

No mesmo anno o P. Fr. de Veneza e o P. Fr. Fernando de Placencia, sahiram a missionar as freguezias do Reconcavo.

Em maio de 1781, o P. Fr. Fernando de Placencia e o P. Fr. Marcello de Gradisca demandaram o Rio Grande; desembarcaram em Santa Catharina, fizeram missões em toda a Ilha e proseguiram no Rio Grande por tres annos com grande fructo daquelles povos, que, havia trinta annos não tinham visto missionarios. Voltaram para o hospicio em abril de 1784.

No anno seguinte, o P. Fr. Marcello de Gradisca com o P. Fr. Pedro de Veneza missionaram Campos e a capitania de Porto Seguro, a principiar pela freguezia de Taipú.

Em maio de 1794 sahiu a missionar o Reconcavo o P. Fr. Francisco de Alba. Em março de 1799, o P. Fr. João Antonio de Lucca, e o P. Fr. Luiz de Balestrino foram missionar a capitania do Espirito Santo. Aos 31 de dezembro de 1804, o P. Fr. Urbano de Bastia foi mandado missionar no continente do Rio Grande onde se demorou quasi dois annos. Em 1804, o P. Fr. Francisco de Alba, delegado pelo Bispo de Pará, o Amazonas; esteve em Teffé e na povoação de Nogueira.

OS MISSIONARIOS ENTRE OS INDIOS

No anno de 1748 veiu transferido da Bahia, o P. Fr. Francisco Maria de Todí, que por sua habilidade e experiencia, com consentimento do sr. Bispo, foi destinado a fundar uma nova aldeia nas extremidades e entre o districto da Freguesia de Macacú. Fabricou uma ermida sob o titulo da Sagrada Familia, reduziu á fé um rancho de indios, chamados Garalhos, aos quaes ensinou fazerem suas roças. A aldeia começada na raiz das montanhas dos Aymorés, foi depois transferida para o rio de São João do Ipuca.

Conseguiu edificar uma igreja, dedicada a Jesus, Maria, José Joaquim e Anna, que poude concluir em breve tempo. Entretanto o P. Prefeito do Rio, na esperanza de que augmentasse o numero dos alli aldeados, mandou como companheiro do P. Francisco Maria, ao P. Fr. João Baptista de S. João, chegado da Europa em 1751.

O P. Fr. Jeronymo de Monte Reale, prefeito em 1753 conseguiu do governador Gomes Freire, uma data de terra para patrimonio, que comprehendia uma legua em quadro em torno da capella. (*).

Para melhor servir a incipiente aldeia, alvitrou-se de se fazer um rancho na praia do mar, em terras realengas, para nelle se recolherem as madeiras, taboadas e outras cousas necessarias a serem transportadas depois, rio acima, até a aldeia do Ipuca. Houve porrem questões entre os indios dos nossos missionarios e escravos da

(*) Revista do Instituto Histórico, vol. XVII, pag. 218.

fazenda dos padres jesuitas, e depois entre os nossos missionarios e os proprios Jesuitas do Cabo Frio. Houve empenhos e demandas; os Jesuitas tiveram sentença favoravel no civil; os Capuchinhos recorreram ao sr. Bispo que determinou se entregasse aos Padres franciscanos de S. Antonio.

A vinda do novo prefeito, P. Fr. Carlos Maria de Ferrara que não estava ao par da questão, complicou-a mais. Terminou a questão, o P. Fr. Francisco Maria de Todi, renunciando aos Padres Antonicos a aldeia, e deixando-lhes tudo o que lá havia, incluídos os ornamentos de igreja, alguns dos quaes eram do hospicio do Rio.

ALDEIAS DE S. FIDELIS E DA PEDRA.

Duas cidades actuaes do Estado do Rio lembram o trabalho de catechese exercido pelos Capuchinhos da prefeitura do Rio: S. Fidelis e Itaocara, a qual antes se chamava S. José de Lionissa.

Os indios Coroados que habitavam os sertões de Campos de Goytacazes pelas margens do Parayba, mostraram intenção de se aldearem; vieram alguns á Capital, ficaram encantados com o bom tracto que lhes foi dispensado, e ao voltar, animaram seus companheiros. O Vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza, aproveitando a boa disposição dos selvagens, pediu e obteve que delles se encarregassem os missionarios capuchinhos.

Partiram para esse fim o P. Fr. Angelo Maria de Luca e o P. Fr. Victorio de Cambiasca e conseguiram bastante, pois delle disse mais tarde o Vice-rei: "Estes missionarios se têm conduzido mui louvavelmente no exercicio de seu ministerio, e não só têm feito bastante fructo no espirital, mais ainda no temporal, porque além de os doutrinarem e de se internarem mais para dentro do mesmo sertão, aonde talvez se possa formar outra aldeia de indios, que vivem dispersos e distantes de S. Fidelis, tem embaraçado todos os insultos de que podiam ser accomettidas as povoações visinhas em sitios tão remotos". (*)

Os dois missionarios, o P. Fr. Victorio de Cambiasca e o P. Fr. Angelo Maria de Luca, sahiram do Rio para Campos, a 5 de setembro de 1781: chegaram á Villa, a 14 do dito mez e seguiram para o lugar chamado Cambôa a 25 do mesmo. Bem recebidos por uns 30 indigenas que lá estavam, ergueram ás pressas uma choupana que lhes servisse de capella, e nella celebraram a primeira missa no primeiro domingo do advento de 1781.

O local escolhido está sito na margem meridional do Parahyba, dez leguas de distancia da villa de S. Salvador. Accorreram para lá

(*) Veja: "Relazione autentica", "Italia Francesc.", vol. VII, pag. 403. Livros de Tombo do Rio e de S. Fidelis.

indios das vizinhanças; formou-se um nucleo respeitavel. Ergueram uma capella que dedicaram ao protomartyr da Propaganda, S. Fidelis de Sigmaringa, capuchinho, e chamaram a nova aldeia de S. Fidelis.

Como augmentasse o numero dos aldeados, os dois missionarios resolveram levantar um templo magestoso: foi lançada a primeira pedra a 8 de setembro de 1799 e a 23 de abril de 1808 poudeser inaugurado. O templo, pela magestade do desenho, e pela audacia da execução, attentas as circunstancias da localidade e dos escassos recursos dos missionarios, é uma obra admiravel.

Ao pé da igreja, fabricaram um hospicio para sua moradia; edificaram elles e seus successores mais duas igrejas, uma á Senhora do Rosario e outra a S. Sebastião, e mais algumas capellas.

Os nossos aldeados foram beneficiados com os rendimentos das terras dos indios da extincta Aldeia de Santo Antonio dos Guarulhos, melhor arrecadados e fiscalisados pelas providencias do Vice-rei.

O grandioso templo começou a arruinar-se, mas a devoção dos moradores, coadjuvados pelo governo, tratou de reparar-lhe as ruinas.

Tudo ia maravilhosamente, quando a morte veio arrebatara seus 32 annos de apostolado, o infatigavel missionario que foi o padre Fr. Angelo de Luca; deu-se o passamento d'elle em S. Fidelis, a 26 de maio de 1811. Diz o Livro do Tombo que "ao expirar d'elle foi vista uma grande luz que do convento subiu até o céu".

Para encher o vasio deixado pelo P. Fr. Angelo e para auxiliar o velho Fr. Victorio de Cambiasca, foi para S. Fidelis, por pouco tempo, o P. Fr. Thomaz, da Cidade de Castello, que estava na missão desde 1796, e desde 1798 estava tratando de selvagens Puris.

Em 1812 foi para lá o P. Fr. João Antonio de Luca. Em 1815 a morte veio roubar a S. Fidelis o seu primeiro cura (1812) e seu fundador, o Pr. Fr. Victorio de Cambiasca. Foi no dia 1 de setembro, apoz trinta e nove annos de missão, dos quaes 34 passados em S. Fidelis.

Em 1826, estando o P. Fr. Thomaz, da Cidade de Castello, doente na villa de S. José de Lionissa da Pedra, foi substituil-o o seu conterraneo, P. Fr. Florido da Cidade de Castello, e o P. Thomaz se retirou para S. Fidelis, onde estava como superior e vigario o P. Fr. João Antonio de Luca, que substituirá, em 1815, o P. Victorio.

O P. Thomaz, depois de 2 annos, isto é, em 19 de abril de 1828, veio a fallecer santamente em S. Fidelis, e foi sepultado na matriz. Tinha 62 annos e 32 de missionario.

Na mesma villa de S. Fidelis, morreu no hospicio de S. Fidelis, a 13 de fevereiro de 1831, o P. Fr. João Antonio de Luca e foi sepultado na igreja nova, pelo P. Fr. Florido, cura da aldeia de Pedra, e pelo P. Antonio de S. Braz Rocha, vigario de S. Fidelis. Com a morte do P. João de Luca, extinguiu-se a missão de S. Fidelis, e a igreja e o hospicio passaram á mitra.

Visinhos aos Coroados d'essa localidade, estavam os indios Puris; e, como estes não se alliassem com aquelles, forçoso foi providenciar pela formação de outra aldeia que os abrigasse. Esta demorou-se por causa de difficuldades na escolha do sitio para sua fundação, e pelos muitos obstaculos oppostos pelos Puris á sua aldeiação; estes só mais tarde puderam ser aldeados em Santo Antonio de Padua.

Apóz muitas incertezas sobre a escolha do logar, o Vice-rei D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, marcou nas margens de Parahyba, na confluencia do rio da Pomba, o local para o estabelecimento da aldeia, sob o nome de S. José de Dom Marcos. Apostolo della foi o P. Fr. Thomaz da Cidade de Castello, que, por portaria de 24 de fevereiro de 1808, foi encarregado da parochiação dos indios. Poude, com auxilio dos indios e recursos fornecidos pelos fieis, e com o escasso rendimento das terras da extincta aldeia de Guarulhos, levantar uma capella, erecta em curato em 24 de novembro de 1812, sob a invocação de S. José de Lionissa, da aldeia da Pedra, e o missionario foi nomeado seu primeiro cura.

Fr. Thomaz foi incansavel em sua missão; com suas maneiras affaveis logrou reunir na aldeia da Pedra mais de uma cabilda de indios, como Coroados e Coropós da tribu dos Goitacazes, Puris e Boticudos. Só os Coroados e Coropós puderam ser aldeados; os Puris, preparados para a civilisação e os Boticudos, ao menos receberam o baptismo.

Fr. Thomaz foi arrebatado pela morte, no meio de seus trabalhos apostolicos, em 16 de abril de 1828. Succedeu-lhe, com não menor zelo e actividade, a P. Fr. Florido de Castello. Este, alem dos cuidados paternaes dispensados aos seus aldeados, occupou-se com a reparação da igreja que ameaçava ruina.

Fr. Florido poude ainda reunir alguns Puris dos que andavam avulsos pelas mattas da serra das Frecheiras até o Muriahé e margens do rio Pomba, levantar uma capella sob a invocação de S. Felix, erguer alli umas choupanas e lavrar ligeiras roças. Foi em 1833. Alem d'essa aldeia de S. Felix, o missionario tentou fundar outra nos fundos do sertão das Frecheiras. Ambas pouco progrediram por falta de auxilios. Estão encravadas no territorio da freguezia de Sto. Antonio de Padua (*).

(*) Veja-se: Revista do Instituto Historico, pgs. 229 e 242.

De Fr. Florido lemos (**): "Homem incansavel em sua missão, Fr. Florido penetra, entranha-se pelos desertos; passa, atravessa pelo meio das feras; sóbe a serra das Frecheiras, e vai até as povoações de Minas Geraes catechisal-os, chamal-os ao seio da egreja que deseja tel-os por seus filhos. Prova exuberante do bom resultado de suas fadigas são esses milhares de almas, são esses velhos, trazendo seus filhos e suas mulheres pela mão e prostrandose ante elle, á sua passagem, e implorando-lhe a agua do baptismo".

Em 1837, Fr. Florido retirou-se para a sua aldeia de S. José ou da Pedra, occupou-se com seus indios, construiu o hospicio e reparou a egreja que estava em ruinas. Ficou parochiando alli até 1856, em que foi nomeado vigario um sacerdote secular; então passou a residir no hospicio e pregou missões nas vizinhanças. Chegou a pregar uma missão em Cantagallo, em 1868, com o P. Fr. Caetano de Messina, Fr. Seraphim de Catania e Fr. Egidio de Garezzo.

Falleceu em S. José de Lionissa a 17 de novembro de 1871 e foi sepultado na capella de S. Miguel daquela parochia.

DIFFICULDADES ENCONTRADAS

O Livro de Tombo, n.º 75, diz que o anno de 1764 entrou fazendo novas tristezas aos corações de todos pela situação creada pelo impedimento de se communicar com Roma, por desavenças que Portugal suscitara contra o governo da S. Sé. Desde 1761 até 1764 fôra publicado em Lisboa um decreto de S. Magestade que mandava sahisse de seu Reino e Dominios todos os subditos do estadô Pontificio. O decreto vigorou nestas conquistas, attingindo os missionarios existentes na Bahia e em S. Thomé; assim, por ordem dos governadores que governavam a Bahia pela morte do Vice-rei, tiveram que sahir daquelle hospicio seis missionarios, e ficaram só os que não eram do Estado Pontificio. Em Pernambuco só ficou um missionario. No Rio, ao em vez, não obstante haver seis subditos do Papa, não sahiu ninguem, porque o governador Freire de Andrade assegurou que não tinha ordem individual ácerca dos missionarios Capuchinhos. De Angola não sahiu nenhum, por não haver romanos; de S. Thomé, partiu um.

No anno 1765 corra voz de que o rei havia modificado suas exigencias e que não havia mais impedimentos para os missionarios irem ou voltarem para ou destas conquistas. Com esta noticia, voltou para S. Thomé o prefeito, Fr. Fidelis de Strongoli, de Coscenza; foram nomeados os novos prefeitos de Pernambuco e da Bahia e tomaram posse. Alguns missionarios que destas missões tinham ido a Lisboa, resolveram voltar, e vieram outros da Italia a

(**) Revista do Instituto Hi-torico pg. 240.

Lisboa, para seguirem para as conquistas: eram onze missionarios. Prestes a partirem, communicou-lhes, um ministro do rei, a ordem de S. Magestade de volverem logo para a Italia, por terra ou por mar sem dilatação alguma.

Pelas mesmas razões, o P. Fr. Francisco de Ponassio que estava no hospicio de Lisboa, como vigario desde 1758 e em 1765, abril, e havia sido nomeado superior pelo P. Procurador geral, não pôde assumir seu cargo, sinão em 1772.

No mesmo tempo chegaram da Italia a Lisboa tres missionarios, um para Angola, outro para o Brasil e o terceiro para Lisboa. Por ordem do Juiz da Inconfidencia foram detidos e lançados na prisão do Limoeiro, incommunicaveis; lá ficaram tres mezes e depois foram reenviados para Genova. Foram reenviados de Lisboa, nessa occasião, o P. Fr. Agostinho de Varese, o P. Fr. Francisco Antonio de Nonio, os irmãos Frei Fortunato de Carnia e Fr. Bernardo de Marano, que vinham para a Bahia. A mesma sorte coube a cinco que iam para Angola. — Os chronistas allegam nestes incidentes a malignidade do P. Francisco Maria de Alassio, genovez, superior do hospicio de Lisboa. (*).

No anno 1766, os novos prefeitos da Bahia e de Pernambuco tiveram que deixar seus cargos, porque suas patentes não haviam sido visadas pela Secretaria do Estado: o de Pernambuco o entregou a um ex-prefeito que se achava numa aldeia, havia muitos annos. O da Bahia o P. Fr. Eleutherio de Milão o entregou ao antecessor, P. Fr. José de Monticelli; seguiu para Lisboa, de onde voltou depois de tres annos e reassumiu a prefeitura. Por esse tempo, tambem o de Pernambuco foi auctorisado a reassumir o cargo.

Um decreto do rei D. José I, de 1770, concedeu licença para os missionarios escreverem e receberem cartas de Roma, como faziam antes, havendo sido tirado o impedimento existente entre Portugal e a S. Sé. Os missionarios que quizessem podiam voltar ás suas provincias. Em 1773 havia em Angola dois missionarios, o Vice prefeito com um irmão leigo; em Pernambuco, só tres; na Bahia dois e no Rio de Janeiro quatro, todos velhos e achacados.

Em 1777 o Nuncio em Lisboa alcançou da Rainha D. Maria, ampla faculdade para mandar vir missionarios, isto é, trinta, a serem distribuidos nas varias missões, maximé em Angola e S. Thomé.

O livro de Tombo, n.º 177, no anno de 1791, diz que “as nossas missões no Brasil estão quasi findando por falta de missionarios; pois por certos partidos politicos do Ministerio não pediam, em Roma, religiosos nossos, não obstante as altas e fortes petições dos povos destas conquistas”. Por mais de dez annos houve obstaculos á

(*) V. *Analecta Ordinis*, vol. XXI, pag. 185.

passagem para cá de missionarios. Na missão do Rio havia só dois: o prefeito P. Fr. Fernando de Placencia e o P. Fr. Fortunato de Fasano, com dois donatos que sahiam a esmolar.

PREFEITOS. As desintelligencias entre Portugal e Roma, dificultaram muito o governo da missão; os prefeitos da mesma não puderam seguir as nomeações dos seus superiores. O P. Carlos Maria de Ferrara, em agosto de 1753, foi transferido de Pernambuco para o Rio com o titulo de prefeito. Governou a missão quasi 20 annos, isto é, até a morte, em 1774.

Ao morrer deixou como Vice prefeito ao P. Fr. Felix Maria de Cremona, a quem a S. Congregação havia nomeado prefeito em 1765, mas não pode assumir o cargo, porque a patente de nomeação ficou retida na Chancellaria de Lisboa, pela opposição que se fazia ás missões.

Em 1777 foi nomeado prefeito o P. Fr. Antonio Maria de Veneza. Na vinda delle, o bispo D. José Joaquim Mascarenha Castello Branco, intentou sujeitar os missionarios inteiramente a sua jurisdicção, de forma que nada lhes valessem as obediencias, decretos e privilegios; quiz visar-lhes os privilegios, etc. Os missionarios recorreram ao Nuncio em Lisboa, e a Roma, em 1781, e no recurso accusaram o bispo de febronianismo. A S. Congregação providenciou a favor dos missionarios. (*).

Antes de morrer, nomeou Vice-prefeito ao P. Fr. Fernando de Placencia, que tomou posse em março de 1789, e em principio de 1791 foi nomeado Prefeito.

Em outubro de 1796 succedeu-lhe o P. Fr. Francisco Antonio de Alba. Aos 14 de novembro de 1797, Fr. Francisco renunciou "politicamente" o cargo de prefeito nas mãos dos sr. Bispo D. José Mascarenhas, e pelo mesmo Prelado, como Delegado Apostolico, foi eleito o P. Fr. Victorio de Cambiasca, então missionario em S. Fidelis; nomeou outrosim, presidente interino, até chegar Fr. Victorio, ao P. Fr. Luiz Balestrino. Fr. Victorio só chegou em feveiro de 1800, e em julho do mesmo anno voltou para S. Fidelis; e, como sua presença fosse necessaria aqui, em começos de 1802, renunciou á prefeitura. O Bispo nomeou então como presidente interino ao P. Fr. Fortunato de Fasano.

Em junho de 1802, veiu da Bahia, nomeado prefeito da missão do Rio, o P. Fr. Urbano de Bastia. Em junho de 1805 chegaram as patentes de Vice prefeito, munidas do beneplacito regio, ao P. Fr. Luiz de Balestrino; mas foram extraviadas e aniquiladas, e o P. Urbano continuou a governar. O Livro de Tombo, parece culpe ao P. Urbano; uma carta porem do cardeal di Pietro, prefei-

(*) Veja: "Relazione autentica", "Italia Francescana", vol. VII, pag. 403.

to da S. C. de Propaganda, esclarece muito bem a emmaranhada nota do livro de Tombo, n.º 213.

A carta é de 30 de maio de 1807. Della se colhe, que o P. Fr. Urbano pediu demissão, que lhe foi concedida; foi nomeado Vice-prefeito o P. Fr. Luiz de Balestrino; o P. Urbano não entregou ao segundo a patente e continuou a desempenhar seu cargo; a Propaganda deixou então plena liberdade ao P. Urbano de ficar ou de sahir, mas, si resolvesse sahir, entregasse as patentes de vice-prefeito ao P. Luiz. Como porem a Congregação soube, da carta do Nuncio, de 8 de abril de 1807, que o P. Luiz não era pessoa habil para o cargo de vice-prefeito, pediu ao Nuncio que escrevesse novamente e com maior solicitude ao Fr. Urbano de Bastia; “inculcando-lhe em nome da S. Congregação, que deixe de entregar ao dicto P. Luiz a dicta patente de vice-prefeito, no mesmo tempo fique no governo daquella missão como prefeito, como no passado, até que não fôr destinado para isso outro. Poderá V. B. recommendar-lhe a boa ordem naquella missão, e particularmente a paz e a união entre religiosos”. (*).

Aos 10 de março de 1807, sahiu para Lisboa o P. Fr. Urbano, e o P. Fr. Luiz de Balestrino entrou como Vice-prefeito; porem por pouco tempo, porque aos 3 de dezembro de 1808, renunciou o cargo nas mãos do sr. Nuncio, o qual nomeou Vice-prefeito ao P. Fr. João Antonio de Luca.

O P. João Antonio de Luca, cançou, e alem disso mostrou-se incapaz do cargo que lhe deram; renunciou ao mesmo, que foi entregue, a 5 de maio de 1811, pelo sr. Nuncio, ao P. Fr. Francisco Maria de Gradisca, convidado expressamente da Bahia para Prefeito do Rio. O Nuncio D. Lourenço de Galleppio veiu de Lisboa, com a familia real em começo de 1808.

O P. Fr. Francisco permaneceu pouco tempo nesse posto; pediu licença ao sr. Nuncio para retirar-se para o hospicio de Lisboa, e partiu. O Nuncio, arcebispo de Nisibi, a 9 de fevereiro de 1814, nomeou, por auctoridade apostolica, e com o beneplacito real, ao P. Fr. José Maria de Codroniano, que viera da Bahia, prefeito da missão do Rio.

OS MISSIONARIOS MUDAM RESIDENCIA

No dia 29 de março de 1808, o Principe Regente visitou officialmente o hospicio de N. S. da Soledade, na rua dos Barbonos; no dia seguinte o Prefeito recebeu um aviso de que o mesmo Principe tinha determinado que os Carmelitas desta cidade se mudassem para o hospicio dos Barbadinhos italianos, por ser necessario o Convento

(*) Archivo Vat. Nunc. LISBOA. 31.

do Carmo para accommodação da Família Real; e que os Capuchinhos se transferissem para umas casas deromeiros de N. S. da Gloria. A transferencia se deu no dia 3 de abril do mesmo anno, após 69 annos de morada no real hospicio de N. S. da Soledade.

Pelo meado de 1811, o vice prefeito, P. Fr. João Antonio de Luca com o P. Fr. Eugenio de Florença instaram junto ao Principe Regente, para que concedesse aos missionarios capuchinhos a antiga igreja cathedral, chamada de S. Sebastião, no Castello desta cidade, para uso delles, e junctamente licença para construir, junto a dicta igreja, novo hospicio, por não ser sufficiente o local da Gloria. Como porem as condições estatuidas pelo Principe não se conciliavam com os privilegios dos religiosos, desvaneceu tal projecto.

Desenganados os dois de seu plano, trataram de reformar as casas dos romeiros da Gloria e reduzil-as a um hospicio; mas tambem isto, ficou em nada.

Por desavenças com a irmandade da Gloria, mais tarde em 1822, transferiram-se para um predio juncto á capella de S. Antonio dos Pobres, reconstruido á custa do Estado, por ordem do imperador D. Pedro I; alli permaneceram até 1829, quando se retiraram para a Europa.

Dois annos occuparam os Carmelitas o Hospicio dos Borbonos; elle foi dado depois aos frades de Jesus da Terceira Ordem da Penitencia, que deram ao Hospicio o titulo de Convento de N. S. do Patrocinio, convertido, mais tarde em quartel dos granadeiros, dos permanentes, e depois da Brigada Policial.

Dizem que na Chacara dos Barbonos foram plantados os dois primeiros pés de café, trazidos do Pará pelo desembargador João Alberto Castello Branco. (*)

MORTE DE ALGUNS MISSIONARIOS

Abrimos a lista com o nome do *P. Fr. Anselmo de Castel Vetrano*, que nos veiu de Angola, onde fora prefeito, em 1743. Incentivou o exercicio da boa morte na igreja da Cruz, onde exercia seu apostolado, e a devoção de S. Francisco de Paula, estabelecendo a Ordem Terceira dos Minimicos, da qual foi commissario, e iniciando o grande templo do mesmo santo, cuja primeira pedra foi lançada em 1759. Religioso cheio de caridade, doutrina e virtude, falleceu no hospicio da Soledade em abril de 1761, com 79 annos de idade e 39 de religião.

O *P. Fr. Seraphim de Pinerolo*, estava pregando a quaresma na matriz da Conceição, em Villa Rica, Minas, quando o assaltou uma

(*) Dr. Vieira Fazenda — Revista do Inst. Hist. 1919.

febre maligna que o victimou em seis dias, vindo a fallecer naquella cidade a 3 de março de 1760, com 60 annos de idade e 24 de missão.

O *P. Fr. Antonio de Perusa*, umbro, um dos mais notaveis dos nossos missionarios, tinha alcançado a idade de 77 annos, quando, em março de 1764, começou a accusar alguns achaques, que foram augmentando até a sua santa morte, occorrida no hospicio do Rio, em primeiro de maio desse anno. Foi assistido em sua enfermidade por um irmão do convento de S. Antonio.

Falleceu na freguesia de S. João Baptista do Icarahy, a 12 de julho de 1764, o *P. João Baptista de S. João*, das Marcas. Fôra para lá tratar-se de hydropisia. Falleceu com 60 annos, e dez de missão. Seu cadaver foi enterrado no hospicio.

Doze annos de soffrimentos, devidos a ataques apoplecticos, foram os ultimos do apostolado do fundador da missão, o *P. Fr. Jeronymo de Monte Real*, umbro. Viveu-os entre o retiro e a oração no hospicio. Foi um santo. Falleceu a 12 de junho de 1765. Suas reliquias foram disputadas pelos fieis. Foi religioso de vida exemplar, trabalhador infatigavel, cheio de zelo pelas almas, homem de grande tino e prudencia em governar seus irmãos.

Aos 10 de fevereiro de 1774 falleceu, na idade de 68 annos, o *P. Fr. Carlos Maria de Ferrara*, religioso meigo, prudente, virtuoso; governou a missão durante quasi 20 annos. Teve uma doença mui prolongada, consequencia de paralyisia.

No dia 2 de agosto de 1778 foi a morte do *P. Fr. Jacintho de Folligno*, missionario incansavel durante 40 annos. Os fieis o tinham em conta de santo, e lhe attribuiam graças assignaladas após a sua morte.

No dia primeiro de Março de 1781, de tarde, foi achado morto no coro, de joelhos, o venerado *P. Fr. João Francisco de Gubbio*, missionario de grande fama, virtude e santidade, durante os quarenta e sete annos que serviu a missão. Era muito devoto e propagador do Santo Rosario. Morreu com 80 annos de idade.

Victimado por molestia cancerosa, falleceu a 17 de janeiro de 1789 o *P. Fr. Antonio de Veneza*, prefeito. Em 27 de Julho de 1797 falleceu no hospicio o *P. Fr. Fernando de Placencia*, que fôra vice-prefeito e prefeito da missão.

NOTAS AVULSAS

No dia 29 de abril de 1782, vieram de Lisboa o bispo de Quamanga e o bispo eleito de Arequipa no Peru. Ambos eram castelhanos. O segundo era capuchinho: Fr. Miguel de Pamplona, pertencente á provincia lombarda — antes havia sido militar. Trazia consigo um companheiro leigo, Fr. Gabriel, um provisor, um

secretario e dois missionarios capuchinhos, Fr. Mariano de Piano e Fr. Francisco de Barcellona. Todos elles se hospedaram com os Capuchinhos, durante dois mezes e 18 dias. O bispo aproveitou esse tempo para consagrar-se.

Foi uma funcção extraordinaria a sua sagração, pois era a primeira que se effectuava nestas terras. Foi bispo sagrante o do Rio, D. José Mascarenha Castello Branco, assistido por dois abba-des mitrados de S. Bento. Houve um concurso enorme de povo, na egreja, de S. Bento, logar da cerimonia. Sahiu do Rio no dia 18 de julho.

Capuchinhos em Mariana. Em Mariana foram muito estimados por D. Domingos da Encarnação Pontenel (1778-95). Quiz dar-lhes um hospicio em Mariana para attenderem ás missões, e confiar-lhes o seminario. A S. Congregação só permittiu o hospicio, recusou-lhes o seminario, para melhor attenderem ás missões.

A MISSÃO EM 1809

Na relação da S. C. da Propaganda sobre as missões dos Capuchinhos enviada, parece, a D. Lourenço de Galessio, arcebispo de Nisibi e Nuncio juncto da Corte de Portugal, então transferida para o Brasil — lê-se acerca da missão do Rio de Janeiro:

“O prefeito actualmente é o P. Fr. Seraphim de Acqui. Os missionarios Capuchinhos são apenas destinados á conversão dos indios gentios, chamados *coroados*, na nova Aldeia de S. Fidelia, nas margens do rio Parahyba e outros chamados *puris*, nas margens do rio Moriahé, barbaros e crueis.

Esta missão conta presentemente seis individuos, dos quaes uns residem no hospicio do Rio de Janeiro, outros se acham entre os ditos indios. O P. Fr. Victorio de Cambiasca e o P. Fr. Antonio de Luca, reduziram á fé catholica aquelles povos: são bons, verdadeiros e zelosos missionarios, e de modo algum concordam em deixarem aquelles filhos espirituaes para virem para a cidade. Tambem o P. Fr. Thomaz de Castello, ainda que tenha pouca habilidade, juncto com elles, faz muito bem.

De ha dez annos para cá, os missionarios deixaram os trabalhos apostolicos; uns por não terem a sufficiente capacidade, outros para ficarem na inercia, olhando só para seu commodo e interesse. Por isso deixaram-se muitas praticas que se faziam para a Irmandade do S. S. Rosario, erecta com tanta edificação daquelles povos pelos antigos e bons missionarios. As continuas desordens dos missionarios foram causa de que a cidade lhes tenha perdido a estima, e o hospicio seja muito pobre, de sorte que custa a viver, não havendo

aqui o costume de se pedir esmola, como nos outros hospícios do Brasil, mas vivendo em vez com as esmolas espontaneas. (*)

A missão do Rio de Janeiro é necessaria mais do que qualquer outra do Brasil, porque serve como escala e para descanso tanto aos missionarios das Indias, quanto aos de Angola; e tem um campo vasto, para trabalhar na vinha do Senhor com muitos fructos das almas. E' preciso por isso de missionarios zelosos e idoneos, porquanto frades e padres ociosos foram para lá, infelizmente, em grande numero de varias partes da Europa.

A religião que se professa no Rio de Janeiro é unicamente a catholica. Ha o bispo-actualmente é D. José da Silva, com um cabido numeroso, douto e exemplar. Alem da cathedral, ha outras egrejas officiadas por padres seculares, como si fossem collegiadas, e tres grandes Seminarios com mestres sabios e virtuosos, para educar a mocidade, que para lá acode tambem das dioceses limitrophes. Ha na mesma cidade tres conventos de regulares, dois de freiras e tres conservatorios de meninas”.

A nunciatura de Portugal, então no Brasil, informava entre 1811 e 1813 á Congregação: “Existem em Pernambuco e na Bahia e no Rio de Janeiro, só tres hospícios dos padres Capuchinhos italianos, que são mandados a estas conquistas pela congregação de Propaganda Fide de accordo com o padre procurador geral da Ordem, com quem se entendem. São elles em geral muito estimados pelo publico, e missionando tambem no interior do Brasil conquistaram grandes merecimentos a respeito da religião e do proprio estado, reduzindo muitos povos indios á religião e á civilização, e formando assim aldeias, nalguma das quaes construíram casas e egrejas, e nas quaes estão exercitando o sagrado ministerio... Por isso, S. A. R. o Principe Regente muito folgaria em ver augmentado o numero delles, que presentemente, é muito diminuto, principalmente nos dois hospícios, da Bahia e do Rio de Janeiro, sem fallar dos outros dois que elles tem no reino de Angola, para onde ultimamente monsenhor Nuncio enviou um missionario deste hospício do Rio, por ter ficado lá só o prefeito, o qual ameaçava de partir por motivos de saude, e por estar lá ha mais de sete annos (*).

MISSÃO DO GRAN-PARÁ

O capuchinho piemontês, P. Fr. Francisco de Alba Pompea, que viera para o Rio em 1791, e lá estava de prefeito em 1795, foi

(*) Este paragrapho da relação logo se advinha que é uma queixa enviada á Propaganda por algum missionario enfatiado, lamuriento, a chorar os tempos em que elle era moço... e a malsinar os tempos actuaes.

(*) Arch. Vat. Nunc. Portugallo-citado por “Italia Francescana”. Vol. VII, pag. 309.

missionar em 1803 no Gran-Pará, onde era bispo D. Manuel de Almeida Carvalho (1794-1818). Foi muito bem recebido pelo prelado, e com elle visitou a diocese, que então contava 109 parochias, com 75.000 almas, alem de 10.000 indios dispersos pelas selvas.

Finda a visita, no anno seguinte, Fr. Francisco, tractou de estabelecer em Belem uma residencia de missionarios, e para isso escolheu um lugar para erigir uma igreja e um convento. O bispo e o governador do Pará interessaram-se juncto do Nuncio de Lisboa, D. Lourenço Galeppi, arcebispo de Nisibi que em 1808, viera com o Principe Regente para o Rio para que em vista da escassez de obreiros evangelicos, fossem mandados para lá numerosos missionarios capuchinhos. A propria Corte de Portugal se interpoz para o fim.

A S. Congregação de Propaganda deferiu o pedido e mandou para lá o P. Fr. Pedro, como prefeito da missão, o P. Fr. Boaventura de Prato e o P. Fr. Ludovico de Liorne. Viajava com elles tambem o P. Fr. Marcellino de Ravena, com destino a missão do Thibet.

O P. Ludovico ficou na Bahia; os outros dois chegaram ao Pará em 1806. Puzeram-se logo a trabalhar. Receberam a igreja do Espirito Santo e começaram a fabricar um hospicio juncto da dicta igreja. O prefeito, escreve, a 11 de dezembro de 1806, pedindo á S. Congregação, mais ou menos tres sacerdotes e um irmão leigo.

Tudo estava encaminhado, quando de repente os dois são obrigados a deixar o campo e voltar a Lisboa; explicaram sua partida, dizendo que tinham ido fundar um hospicio no Pará, sem estarem munidos do beneplacito regio.

Em Lisboa foram destinados para a missão do Rio de Janeiro. (1808)?

ULTIMOS ANOS DA PREFEITURA DO RIO

Do Livro do Tombo de S. Fidelis colhemos algumas noticias sobre os ultimos annos desta prefeitura. (*).

No dia 16 de agosto de 1826, chegaram ao Rio, despachados por Roma, o P. Fr. Florido de Cidade de Castello, o P. Fr. Norberto de Carpineto e o P. Fr. Seraphim de Montalboddo. Foram recebidos pelo Vice-prefeito P. Fr. José Maria de Codrojoano, que estava assistindo na ermida da Gloria; no dia seguinte elle os apresentou a S. Magestade Dom Pedro I, de quem foram muito bem recebidos e que lhes mandou passar, a cada um, 400 reis por dia.

Recolheram-se á ermida, onde passavam mal, por haver poucos commodos; piorou a situação com a chegada, a 8 de dezembro do mesmo anno, do P. Fr. Nicolau de Genova e do irmão leigo Fr. Bento de Genova, aos quaes foi determinada igual diaria.

(*) No Livro do Tombo do Rio de Janeiro. faltam as ultimas paginas, e as existentes só chegam até fins de 1814.

Como o P. Vice-prefeito fizesse muita representação acerca da estreiteza do nosso abrigo, D. Pedro, por portaria de 7 de março de 1827, ordenou-lhes fossem assistir todos no Convento de S. Antonio da Carioca, juncto com aquelles religiosos, pelos quaes foram muito bem tratados, emquanto lá estiveram, esperando se apromptasse o hospicio que sua Magestade mandou apromptar em S. Antonio dos Pobres, na Rua dos Invalidos.

Dos missionarios recém chegados, o P. Florido foi para a aldeia da Pedra, o P. Fr. Seraphim, para Cantagallo, e outro para Porto Seguro.

Dos ultimos missionarios, o P. Fr. *Seraphim de Montalboddo*, nascido em 1798 e missionario no Brasil em 1626, fôra mandado para junto do P. Fr. Florido em S. José de Lionissa; como não se dêsse bem alli, passou para a aldeia de S. Rita, em Cantagallo onde trabalhou 14 annos. Em 1842 foi removido para S. José de Lionissa; aqui ficou, parece, a contra gosto até 1849, em que pediu licença para secularisar-se. Em 1857 estava em S. Sebastião da Parahyba; em 1861, vigario de Conceição de Parahyba. Foi fallecer em Cantagallo, a 17 de janeiro de 1872.

O irmão leigo *Fr. Benedicto de Genova*, parece em 1827, refugiou-se junto do P. Fr. Florido em S. José de Lionissa. Florido pacientemente o preparou nos estudos sacerdotaes; preparado, o Inter-nuncio, com annuncia da Regencia, conferiu-lhe ordens sacras. Poz-se a trabalhar. Missionou em varias partes: em 1849, nas proximidades de Victoria; em 1853, em S. Antonio do Rio Pomba; em 1859, estava no Rio Pardo e pretendia ir a S. Simão. Falleceu no Rio Pardo, Espirito Santo, em principios de 1862, ou mesmo em 1861.

O P. Fr. *Nicolau de Genova*, prégoou varias missões; falleceu em 1828 e foi sepultado no antigo hospicio na rua dos Barbonos. O P. Fr. *Norberto de Carpineto*, após varias missões, e depois de ter catechisado algum tempo alguns selvagens, falleceu em 1835 em Porto Seguro, Bahia.

O MISSIONARIO DE MATTO GROSSO

Já vimos que os missionarios do Rio iam missionar nas provincias limitrophes, do Espirito Santo, do Rio Grande, de S. Paulo e de Minas. Temos um que vai mais longe, ao Matto Grosso: é o P. Fr. *José Maria de Macerata* da provincia das Marcas. Pode-se, sem favor algum, chamar-lhe de "o missionario do Matto Grosso". (*)

(*) Delle escreveu bella monographia o dr. José Mesquita, em "Revista Historica do Matto Grosso". Tomo XIX.

Nasceu em 22 de agosto de 1779; chamou-se Domingos Joaquim Venturi; entrou para a Ordem em Cingoli, com 22 annos, a 15 de agosto de 1801; professou a 15 de agosto do anno seguinte. Candidatou-se ás missões brasílicas; deve ter chegado ao Rio em 1817; pois em 3 de maio desse anno estava em Camerino prestes a partir para a missão do Rio de Janeiro, e de uma carta delle, de 5 de setembro de 1818, consta que chegara ao Rio e fôra destinado ás missões no Sertão.

Chegou por terra, a Cuyabá, no mez de agosto de 1819; partiu pouco depois para Albuquerque, onde foi civilisar e, com optimo successo, indios Guanás, na aldeia de N. S. da Misericordia no Baixo Paraguay.

No meio de disturbios politicos, contemporaneos ao advento da Independencia, falleceu o Bispo da prelatura do Cuyabá, D. Luiz de Castro Pereira, bispo titular de Ptolemaide, isto é, no dia 1.º de agosto de 1822. Nessas circumstancias a Camara e o povo de Cuyaba pediram ao governo imperial nomeasse prelado ao P. Fr. José de Macerata, já então estimadissimo missionario naquellas terras.

D. Pedro respondeu ao pedido com um decreto altamente honroso ao nosso missionario:

“Attendendo ao honroso testemunho, que a Camara e o Povo da cidade de Cuyabá, dirigiram a minha Imperial Presença, em abono das virtudes de Fr. José Maria de Macerata, pedindo-o para seu Pastor, por ser amante da pobreza, sabio, humilde e incansavel na redução da gentildade, e sendo-me a mesma supplica reiterada pelo Deputado á Assembléa Geral daquella Provincia: Hei de bem nomear o dito Frei José Maria de Macerata Prelado e Administrador da Jurisdicção Ecclesiastica de Cuyabá e Matto Grosso, que vagou pelo fallecimento do Rvdo. Bispo de Ptolemaida.

A Mesa de Consciencia e Ordens o tenha assim entendido e faça executar com os depachos necessarios.

Paço, em 29 de agosto de 1823, segundo da Independencia e do Imperio. — Com a rubrica de Sua Magestade Imperial. Caetano Pinto de Miranda Montenegro”.

Para sua nomeação só carecia-se da confirmação da Santa Sé. Fr. José, por sua vez, numa carta enviada a 13 de setembro de 1823, á Propaganda supplica ao Cardeal Prefeito dessa Congregação que interceda junto do S. Pontifice pela sua nomeação episcopal, para poder “completamente exercitar entre aquellas almas as funções de verdadeiro Pastor”.

Houve pedidos do Governo por meio do Encarregado de Negocios junto da S. Sé, Mons. Vidigal. A 15 de agosto de 1826, Leão XII creou a Diocese de Cuyabá em substituição á Prelazia do mesmo

nome, e constituiu Vigario Apostolico da mesma ao P. Fr. José de Macerata (*). Na occasião de sua nomeação pelo imperador, Fr. José se achava no Rio tractando da catechese dos indios Guanás; no dia 27 de maio de 1824 tomou posse de seu cargo. Tratou logo de desempenhal-o, tomando prudentes medidas para promover o bem de seus filhos, maximé de seu clero tão diminuto e tão necessitado de maior zelo. Tencionava mandar vir religiosos para o cultivo espirital da diocese; mas o imperador ordenou que não se levasse avante o pedido de Fr. Macerata "por não convir o estabelecimento de Conventos e Frades da sua Ordem, neste Paiz, em que é necessario augmentar a população, e muito menos de frades estrangeiros". (**)

Sem duvida em sua alma ia um programma grandioso de trabalhos em prol de seu rebanho; mas o patriotismo cioso e exagerado da Regencia, cortou-lh'o apenas esboçado. Um decreto imperial de 27 de agosto de 1831, chegado a Cuyabá só em 30 de dezembro, destituiu a Fr. José do officio que exercia. O P. Antonio Diogo Feijó, em officio, de 2 de setembro de 1831 remetteu ao Governador de Matto Grosso, o decreto imperial de 27 de agosto, pelo qual a Regencia, em nome de sua Magestade o Imperador, destituia a Fr. José de Macerata da Prelazia e administração ecclesiastica de Cuyabá e Matto Grosso, porque sendo estrangeiro, não podia exercer nenhum emprego publico neste Imperio. (***)

Fr. José entregou o governo da diocese ao Vigario Geral. Teve como sucessor D. José Antonio dos Reis, eleito bispo por decreto de 9 de outubro de 1831 e confirmado por Gregorio XVI, em 2 de julho de 1832; entrou em Cuyabá a 27 de novembro de 1833.

Candido Mendes, commenta a destituição de Frei José de Macerata: "Este prelado, que durante oito annos exerceu honrosamente o seu cargo a contento do Governo e do Povo, como demonstraram as representações que vieram da Diocese, solicitando a sua continuação; tendo duvida de entregar o cargo ao Vigario Geral, por lhe chegarem ás mãos duas communicações, uma exonerando-o e outra de data posterior, recommendando-lhe que propuzesse para as parochias, sacerdotes de boa vida e instrucção; foi mandado expellir da Diocese, sem nenhuma consideração, por Aviso de 12 de novembro de 1832. E sem que ao menos se esperasse o cumprimento de outro Aviso de 13 de agosto desse anno, no qual em bons termos se explicava e resolvia a duvida em que laborava o Prelado demittido, se lhe pedia que continuasse na Diocese como Missionario. Mas nesse anno houve tres ou quatro Ministros da Justiça, e

(*) Veja: Archivo Diplomatico da Independencia, vol. III, pag. 306, 333.

(**) Archivo da Independencia, vol. III, pag. 309.

(***) Virgilio Corrêa Filho — "Matto Grosso", pag. 96.

sem olhar a precedentes, cada um ia resolvendo a questão como entendia, ou conforme as impressões do momento". (*).

Entregue a diocese, Fr. Macerata se retirou para Diamantino, como se deprehe de uma carta ao Internuncio Fabrini, de 25 de agosto de 1832. Nos começos de 1833 esteve no Rio, de passagem. Em Diamantino fundou um collegio para a infancia, e um recolhimento para freiras.

Em 1841 estava na capital da Provincia, onde, por algum tempo, exerceu o cargo de Director Espiritual dos Estabelecimentos Pios. Foi durante esse officio, em fins de 1844 que, ao pedir ao presidente Manoel Alves Ribeiro, exoneração do cargo de Director Espiritual dos Hospitales de Misericordia e de S. João dos Lazaros, lhe dizia que, "vendo-se já carregado de annos e de incommodos inseparaveis da sua edosa e cansada vida, cuja maior e melhor parte expendeu servindo "in prosperis et adversis", esta mui querida Provincia que a Providencia ha mais de 5 lustros, lhe deu em sorte; achava-se resolvido a ultimar o seu breve periodo, que o ceo benigno lhe conceder, na Capital do Imperio, ou na Bahia de Todos os Santos".

Essa viagem não se realisou, porque em carta, datada de Ascoli a 7 de Maio de 1845, o provincial das Marcas, annunciou aos confrades a morte do P. Fr. José Maria de Macerata; e o necrologio da Provincia das Marcas ignora o dia e o mez da morte, mas dá como certa a sua morte no anno de 1845, quando elle tinha 66 annos de idade e 44 de religião, e mais de 28 de missionario. Com esses dados podemos estabelecer que sua morte se deu em começos de 1845. Foi sepultado na igreja matriz de S. Bom Jesus de Cuyabá.

A memoria de Fr. Macerata, no Matto Grosso, é a de um santo. A elle são attribuidos factos miraculosos, operados, quer em vida, quer depois da morte. Contam que tinha o dom de ler os pensamentos humanos, que teve o de, com simples signal, impor-se á vontade de uns indios os quaes infestavam umas casas; o de obrigar uma onça a servir-lhe de animal cargueiro, por ter-lhe esta morto o cavallo que trazia para este mister; o de impor a uma serpente, a qual lhe picara o cavallo, que se chegasse ao animal e retirasse o veneno da ferida; o de encontrar rosas lindas e viçosas em sitios onde não as havia. Apos a sua morte teria apontado perto de seu tumulo, um grande lyrio roxo; favores especiaes se teriam obtido mediante o contacto de uma "camisa de Santo". (*).

De fr. Macerata escreveu Estevam de Mendonça: "Homem simples, de costumes purissimos, era a personificação da caridade, o

(*) Direito Civil Eccles. Brasileiro, vol. II pag. 756.

(*) Todos esses factos podem se lér na monographia do Desem. José Mesquita "Fr. Macerata" na Revista do Inst. Hist. do Matto Grosso, vol. XIX — monographia reeditada por "Leituras Catholicas" de Nitheroy.

pae da pobreza, o amparo dos desprotegidos da sorte, e tantos e innumerados foram os beneficios que espalhou, que ainda é corrente, ligando-se á sua memoria, a crença de que sobre seu tumulo, juncto á sacristia da Irmandade do Bom Jesus, foram, annos depois, encontradas, exhalando o mesmo perfume, tingidas da mesma coloração as flores depositadas sobre seu ataude". (**).

A DISPERSÃO DOS MISSIONARIOS

Os partidos politicos, em 19 de março de 1831, obrigaram D. Pedro I, a abdicar em favor de seu filho, D. Pedro II, ainda menor. Veiu a regencia. Esta, animada de espirito sectario, não poupou a igreja; entre outras vexações, houve um decreto do Governo Provisorio que expulsava do Brasil os religiosos estrangeiros. (***)).

Os missionarios capuchinhos, atingidos pelo decreto, partiram ou para a Italia, ou para o interior do paiz, continuando a trabalhar e a prestar serviços nas parochias; os que estavam no sertão, puderam continuar imperturbados seu apostolado. Balthasar Lisboa diz que partiram^m, em 1831, "havendo-se invectivado contra elles de serem jesuitas disfarçados".

O *P. Fr. Alexandre de Genova*, segundo alguns, foi para o Espirito Santo em 1831, alli pregou algumas missões, até que em 1834, foi para sua patria, para onde levou documentos do archivo dos capuchinhos, inclusivo o "Livro de Tombo" da missão do Rio, que ficou na bibliotheca dos Capuchinhos de Genova. Outros opinam, e talvez com mais justeza, que o P. Alexandre de Genova foi logo, em 1829 para Genova. Alli trabalhou em Voltri, até a morte, occorrida a 1.º de janeiro de 1863.

Assim mais ou menos historiam nossos auctores a extinção da prefeitura no Rio de Janeiro. Achamos se enganam.

Os nossos auctores insistem nesse decreto de expulsão dos Capuchinhos, de 1831, e o dão como causa do fim da missão do Rio de Janeiro. Não subscrevemos esse parecer, porque: 1.º, o decreto é mui claro e explicito; só attinge os missionarios capuchinhos de Pernambuco, e foi lavrado expressamente sobre proposta do Conselho Geral da Provincia pernambucana; dispõe tambem claramente do hospicio que passaria para casa de expostos; o decreto foi executado, officialmente, mas só em Pernambuco, mediante a requisição do hospicio, em quanto que os missionarios puderam mui tranquillamente retirar-se para o interior da provincia. 2.º, o decreto

(**) Datas Matto-grossense. vol, I pag. 277.

(***) O decreto mencionado é o de 25 de agosto de 1831, que prohibia "na Provincia de Pernambuco, a Associação Religiosa dos Missionarios Italia- nos Capuchinhos".

não foi extendido aos missionarios da Bahia; pois, segundo testemunha Silva Lisboa, em maio de 1833, o velho prefeito da Piedade, o P. Fr. Ambrosio de Rocca, expunha a situação precaria de sua missão que só dispunha de quatro missionarios velhos.

Porque então seria applicado aos missionarios do Rio? Creio que no Rio não houve expulsão, mas sim uma natural extinção da prefeitura, pela dispersão dos missionarios, pela morte do Vice-prefeito, e pela falta de novos missionarios. Já havia algum tempo que se fallava em fechar essa missão.

No Livro do Tombo da aldeia de Pedra, lemos que o P. Fr. Thomaz da Cidade de Castel'lo, fundador da dita aldeia, sabedor de que em 1826 haviam chegado ao Rio novos missionarios, escreveu, em março de 1827, ao P. Vice-prefeito do hospicio do Rio, P. Fr. José Maria de Codrojoano, que houvesse por bem ceder-lhe para companheiro um dos recém chegados. O P. Fr. José lhe respondeu que não podia attender o seu pedido, desfalcando o numero de missionarios, pois fôra em vista do numero que não cabia na ermida da Gloria que elle requcrera novo hospicio, e o imperador, por portaria de 7 de março de 1827, havia providenciado, transferindo-os para o convento de S. Antonio da Carioca, e accrescentou; "e que portanto tivesse eu (o redactor do Livro do Tombo é o proprio Fr. Thomaz) paciencia com esta negativa, porque ou havia de tomar posse do novo Hospicio com todos os missionarios, ou havia de embarcar-se com elles para Roma e acabar com a missão da Provincia do Rio de Janeiro".

Mais claro ainda é o P. Fr. João Antonio de Luca, no Livro de Tombo de S. Fidelis — anno 1829: "Acabou neste anno justamente a missão do Rio de Janeiro, porque os *novos missionarios*, que tinham vindo de Roma, saíram todos para diversas partes deste Bispado; morreu o vice prefeito, que tinha sido nomeado pelo fallecido Nuncio Galope (Fr. José M. Codrojoano, nomeado em 9 de fevereiro de 1814 e fallecido no Rio no Hospicio de S. Antonio dos Pobres); e o *unico missionario* Fr. Alexandre de Genova, foi para Roma e levou consigo todos os trastes e livros pertencentes ao mesmo hospicio; tudo levou para Roma; o Hospicio de S. Antonio dos Pobres que sua Magestade o Imperador tinha dado para os missionarios morarem, o deu aos emigrados Portuguezes". (*)

De tudo isso se conclue, que a *missão dos Capuchinhos no Rio não terminou por expulsão, em força do decreto de 1831, nem por odio ou manobras sectarias, mas sim por inanição, e não foi em 1831,*

(*) A missão Barbacena que fôra buscar a noiva de D. Pedro I. D. Amelia, filha do Principe de Leuchtenberg, voltou em duas fragatas com D. Amelia e com D. Maria Rainha de Portugal, e chegou ao Rio, a 16 de Outubro de 1829. Acompanhava as duas princezas, grande comitiva. (Veja: Galanti, Hist. do Brazil, tomo IV n. 170, 175). Devem ser estes os emigrados portuguezes a que se refere o P. Fr. João Antonio de Luca.

mas sim em 1829, como nos disseram varios historiadores das missões capuchinhas.

Aqui deixamos salientado que a própria suspensão da missão capuchinha de Pernambuco, em 1832, mais do que um acto de sectarismo, ou de trabalho maçónico, foi um acto de xenophobia e patriotismo doentio que por um momento não viu mais nos capuchinhos, missionarios, mas tão somente estrangeiros. O Brasil sempre ouviu e estimou profundamente os missionarios Capuchinhos — a começar da Família Real — como o mostrou logo em seguida, em 1840. Não negamos que o sectarismo, maximé a maçonaria não tenha aproveitado o ensejo para deitar sua peçonha nessas aguas turvas, pois não se dá iniquidade sob a capa do ceu, em que a trolha e o avental tripingados não tenham sua expontanea cooperação — mas não concordamos em lhe conceder a paternidade destes factos desagradaveis. Si os missionarios capuchinhos — a começar dos francezeses — tiveram aborrecimentos, deveram-no ao *regalismo*, morbosidade hereditaria nos governantes, e ao xenophobismo, por momentos exaltado, mais do que a qualquer sectarismo.

Tanto é certo que a maçonaria não alvejava com suas perseguições aos missionarios capuchinhos, que na famosa *Questão Religiosa*, a qual attingiu o auge em 1872 a 1875, questão engendrada e sustentada abertamente pela maçonaria, então patrocinada pelo seu Grão Mestre, Visconde do Rio Branco, presidente do Conselho dos Ministros, e Ministro da Fazenda, questão que culminou nas selvagerias praticadas em Pernambuco, a 14 de maio de 1873, contra os Jesuitas de modo particular; nessa questão renhida, os capuchinhos não foram maltratados, e, enquanto um punhado de facinoras assalariados pela maçonaria, se entregou á depredação vandálica do Collegio dos Jesuitas no Recife, ninguem se lembrou sequer de ir molestar os capuchinhos na Penha!

Como prova de estima que D. Pedro consagrava aos Capuchinhos, notamos que no banquete celebrado em S. Paulo após a sagração de D. Vital, D. Pedro de Lacerda, bispo sagrante, disse que “a nomeação de Fr. Vital a Bispo de Pernambuco, importava um reconhecimento da religião e do patriotismo de S. Magestade o Imperador, o qual queria premiar em D. Fr. Vital, os relevantissimos serviços que, em tres seculos, tinham prestado os religiosos capuchinhos ao Brasil”. (*)

Tambem nos são conhecidos os desejos de D. Pedro que fossem nomeados bispo de Matto Grosso, o P. Fr. José de Macerata, e bispo de Assumpção no Paraguay, apos a guerra, o P. Fr. Fidelis de Avola, um e outro impedidos de receber tal cargo, por serem estrangeiros e as leis de então vedarem o accesso ao episcopado aos não nacionaes.

(*) Veja: Olivola — Um grande Brasileiro — pag. 58.

MISSIONARIO OBSERVADOR

Merece esse nome o P. Fr. Annibal de Genova, que deixou precioso manuscripto — “Viaggio di Africa e America Portoghessa, fatto das P. Annibale da Genova, missio. Apostco.” (*) e nelle nos descreve minuciosamente suas observações feitas nas suas missões em Angola e no Brasil.

Fr. Annibal nasceu em 1723 e entrou para a Ordem em 1840. Falleceu em Genova a 17 de maio de 1785.

Destinado á missão de S. Thomé, embarcou para Lisbôa a 22 de maio de 1751, com o P. Fr. Eleutherico de Milão. Chegaram á metropole portugueza a 1 de julho, e lá encontraram onze missionarios capuchinhos que aguardavam occasião de partirem para as respectivas missões. Diz-nos que a S. Congregação dava aos Capuchinhos que iam para o Brasil 30 escudos romanos, e aos que iam para a Africa, 40; outros tantos dava respectivamente o rei de Portugal.

Na Capital embarcou na nau “Nogueira Grande” a 4 de dezembro de 1751; teve como companheiro o P. Fr. Joaquim de Veneza. Vinham numa frota de 24 navios mercantis comboiados por um de guerra; nella viajaram 14 capuchinhos, 4 para S. Thomé, 4 para Angola, 4 para a Bahia e 2 para Pernambuco.

O nosso missionario chegou á Bahia a 6 de janeiro de 1752, e saltando em terra, foi immediatamente ao nosso hospicio “che si trovava nell’alto fuora delle mura di quella città”, e foi recebido pelo P. Prefeito, que era então o P. Fr. Anselmo de Andorno Piemontese. No hospicio então se encontravam sete padres, dos quaes quatro de idade já avançada, e mais tres irmãos leigos.

Descreve em seguida a cidade da Bahia, seus conventos, suas riquezas, sua população — diz umas 60 mil almas. Neste Arcebis-pado os Capuchinhos têm onze aldeias de indios, nas quaes parochiam; outros missionarios occupam-se em missões volantes; os do hospicio, confessam no convento, assistem aos doentes, prégam e dirigem freiras. Nota que o rei de Portugal dava na Bahia, aos missionarios que demandavam a Africa mais 20 escudos, alem dos 40 que lhes havia dado em Lisboa.

Em 22 de abril de 1752 embarcou para S. Thomé com o P. Fr. Jeronymo de Alcano Siciliano, o P. Fr. Seraphim de Bolonha e o P. Fr. José de Bagnara. Chegaram a destino a 22 de dezembro. Lá trabalhou até 1760, dia 1 de março, dia em que, doente grave, embarcou rumo do Brasil. Chegou á Bahia no dia 11 de abril num estado miseravel. Recebeu os ultimos sacramentos; mas depois melhorou e foi mandado para Pernambuco, onde o clima era melhor.

(*) Na Bibliotheca dos Capuchinhos em Roma.

Na Bahia estava de Prefeito o P. Fr. Anselmo de Andorno. Fr. Annibal embarcou para o Recife a 8 de dezembro e lá chegou aos 15 do mesmo. A 28 saíu para o campo e voltou para o convento, quasi completamente sarado, a 7 de fevereiro de 1761.

Descreve as tres cidades, de Olinda, Recife e S. Antonio. Nesta ultima estava o Hospicio dos Capuchinhos, perto da praia, num lugar chamado "Cinco Pontas". Havia geralmente no convento 6 ou 7 sacerdotes e 1 ou 2 leigos, e, dependentes do convento, havia 7 missões, missionada cada uma por um capuchinho: Taipú, Mepibu, Brejo, Pudy, Piancó, Cariry e Miranda.

Nessa occasião o missionario de Mepibu, P. Fr. Antonio de Mondoví, se ausentou da missão; o Pr. Prefeito de Pernambuco, P. Fr. Felix Maria de Casalmaggiore, enviou para lá o P. Fr. Annibal para o substituir. Saiu de Pernambuco a 9 de abril e lá chegou em seis dias. Mepibu é uma aldeia dependente do Rio Grande do Norte, a sete leguas de Natal. Esteve alli de 14 de abril de 1761 até 4 de setembro de 1762.

O P. Annibal descreve seus trabalhos na aldeia e os costumes dos indios.

Deixou a aldeia e voltou para Pernambuco, de medo de que as auctoridades expulsassem os missionarios, como pouco antes tinham expulsado os Jesuitas e tambem os Capuchinhos do Rio de S. Francisco, dependentes da Bahia. (*)

Pouco depois de ter chegado a Pernambuco, começou a fazer missões ambulantes no norte daquella provincia. Começou a 5 de outubro na povoação da Boa Vista, e seguiu pela de Grapú, Guayana, Engenho Grande, Guayaninha, (Rio Grande do Norte) Nossa Senhora do O', cidade do Rio Grande do Norte, S. Gonçalo, Caximbas, Assu, Pudy, Pianco, Brejo Alto, Miranda, Ceará, Cariry, Mina Nova, Biapaba, Jaguaribe, Parnahyba, Parahyba, Vargem, e voltou finalmente a Pernambuco. Descreve, a missão em todos esses sitios, que durou até 8 de abril de 1764. Durante ella deu 128.523 communhões.

(*) O P. José Caeiro, S. J. em "Jesuitas do Brasil e da India" — edição da Bahia 1936, a pag. 483, falando do tempo de Pombal do desterro de alguns Jesuitas paraenses e maranhenses, embarcados em dezembro de 1757 para Lisboa, acrescenta: "Na mesma frota foram igualmente desterrados para Portugal quasi quarenta capuchinhos (Capucini quasi quadraginta exules in Lusitaniam missi). As causas deste desterro eram as fantasias de Mendonça... que dizia: "o Maranhão só será opulento e feliz quando delles fossem expulsos todos os religiosos sem excepção..." Assim que os Jesuitas aportaram em Lisboa... tambem os capuchinhos foram afastados da cidade..." Tracta-se de religiosos franciscanos observantes ou Reformados, chamados pelo povo de Capuchos. Neste tempo, os religiosos Capuchos, maximé portuguezes, eram numerosos no Maranhão e no Grão-Pará A passagem de Caeiro, talvez induzisse em erro ao P. Heliodoro Pires, em "A paisagem espiritual do Brasil no seculo XVIII". pag. 87.

O P. Annibal pregou missão na parte norte de Pernambuco; na parte sul pregou o P. Fr. José Antonio de Mondoví e na Capital o Padre Prefeito.

Ao chegar á Capital o nosso missionario teve muito medo pelo conflicto então existente entre Portugal e a Côrte de Roma; pelo que os missionarios muito temiam ser expulsos. Entretanto veio a nomeação do novo Prefeito de Pernambuco na pessoa do P. Fr. Paulo Maria de Burgio, como tambem as dos Prefeitos da Bahia e do Rio de Janeiro. O P. Annibal foi encarregado de ir á Bahia levar a carta de nomeação do novo Prefeito que era o P. Fr. José de Monticello, e tornou a Pernambuco aos 15 de agosto.

Como passasse por Pernambuco uma nau que não tocava em Lisbôa, o P. Annibal aproveitou-se della e partiu a 1 de dezembro de 1764, passando pelas Canarias, Madeira, Cadiz e aportando na Italia sem escalar em Lisbôa, logar que lhe inspirava grande medo.

A NOVA TURMA DE 1837

Confirma a asserção atraz, a vinda para a Bahia de mais nove missionarios capuchinhos — como consta do “Livro Mastro “daquelle hospicio. São cinco sacerdotes e quatro irmãos leigos, a saber; P. Luiz Maria de Belforte (Marcas), P. Amadeu de Chiaveri (Romana), P. Candido de Foggia (Romana), P. João de Potries, espanhol (Romana), P. Paulo de Panicale (Umbria), Fr. Sante de Jesi (Marcas), Fr. Porphirio de Camerino (Marcas), Fr. Liberato de Alatri (Romana), Fr. Macario de Pergola (Marcas), Tres delles viajaram de graça, como capellães do navio, e chegaram a 22 de abril de 1837; os outros tiveram passagem pagas por bemfeitores, e chegaram a 28 de agosto de 1837.

O Libro Mastro, nota que os ditos missionarios vieram por especial pedido do P. Fr. Ambrosio de Rocca. Sabemos que o P. Fr. Ambrosio, prefeito da Piedade, com officio de 12 fevereiro de 1825, havia pedido ao governo permissão para a vinda de seis missionarios sacerdotes e tres irmãos leigos; o Secretario de Estado deferiu o pedido a 30 de março do mesmo anno e mandou ao Encarregado de Negocios em Roma, providenciasse pela vinda dos mesmos.

Note-se que a vinda destes capuchinhos deu-se durante a reigencia do P. Antonio Feijó, do mesmo que, na sessão legislativa de 1836, havia patentado sua ogeriza contra o S. Padre, e havia manifestado, sem refolhos, o desejo de separar a igreja brasileira da de Roma. Mais; na epocha que vieram, na Bahia fervia a politica separatista que culminou na Sabinada — novembro de 37 a março de 1838. Si realmente houvesse odio sectario contra os Capuchinhos — que a alguns auctores inspirou paginas de flebil e luctuosa oratoria — não se explicaria a vinda pacifica desses novos missionarios.

CAPITULO III

Missão Official dos Capuchinhos

A missão dos Capuchinhos no Rio ia desaparecendo nos poucos missionarios que estavam no interior; a de Pernambuco fôra officialmente dispersa; a da Bahia vivia ainda, mas uma vida minguada. As relações da Regencia com a S. Se andavam algo difficéis pelo conflicto a respeito das bullas para os bispos, nomeados pelo Governo, e pelo espirito pouco conciliativo de Feijó. As missões neste ambiente impiedoso não podiam medrar.

Vieram porem melhores tempos. O novo regente Araujo Lima, já na abertura das camaras, a 3 de maio de 1838, em se referindo a S. Sé usou uma linguagem mui differente da empregada pelo seu antecessor; era uma linguagem que revelava sympathia e dedicação ao chefe da Igreja. No anno seguinte no discurso da coroa, Araujo Lima participou que se tinham restabelecido as relações com a S. Sé, e estava resolvida a questão dos bispados.

Foi no governo desse Regente que appareceu o Aviso de 18 de janeiro de 1840, no qual o governo determinava ao nosso ministro em Roma, que promovesse a vinda de missionarios Capuchinhos para algumas provincias do Brasil; o ministro, a 5 de fevereiro do mesmo anno, dirigiu-se a Mons. Fabrini, encarregado de negocios da S. Sé no Brasil, para auxiliar esse pedido de missionarios. No aviso de 12 de maio de 1840, dirigido ao dicto representante da S. Sé, o Governo se obrigava a pagar a passagem aos missionarios e a passar-lhes, a cada um, a diaria de 500 reis. (*).

Isto foi feito, quando D. Pedro II ainda não havia assumido o governo, pois foi proclamado maior e prestou juramento, a 23 de julho de 1840.

O pedido endereçado á S. Sé, foi logo attendido mediante a Congregação de Propaganda, em 20 de junho do mesmo anno, que enviou para o Rio um grupo de 6 missionarios, ás ordens do P. Fr. Fidelis de Montesano; o P. Fr. Carlos de Porto Mauricio, o P. Fr. Agostinho de Barberino, o P. Fr. Francisco Angelo de Taggia, o P. Fr. Pedro Maria de Brá e o P. Fr. Luiz de Alba Pompeia. Estes chegaram ao Rio a 14 de setembro de 1840.

Foram hospedar-se provisoriamente no mosteiro de S. Bento, até que o governo de S. Magestade, que havia sollicitado a vinda de missionarios, lhes entregou, com decreto de 18 de agosto de 1842 a antiga igreja de S. Sebastião no Morro do Castello, uma das mais antigas da cidade, a primeira matriz da cidade, e ex-cathedral;

(*) Candido Mendes — Direito Civil Eccl. Vol. III, pag. 1152 e seguintes.

nella estava o tuznulo de Estacio de Sá, o fundador do Rio, e nella tambem se conservava o marco primitivo da fundação da cidade. Recebeu-a o P. Fr. Fidelis de Montesano, e junctamente com ella, recebeu tres casas fronteiras, para servirem de morada aos missionarios.

O dicto padre construiu ao lado da Igreja o hospicio. Igreja e hospicio foram em seguida augmentados e reformados, pelos successivos superiores, maximé por Fr. Caetano de Messina, Fr. Fidelis de Avola e Fr. José de Castrogiovanni. (*).

Sempre em attenção ao pedido do governo imperial, em 1842 vieram 11 sacerdotes e 2 irmãos leigos, a saber: P. Samuel de Lodi, (Lombardia), presidente da viagem; P. Caetano de Troina (Messina), P. Seraphim de Petralia (Mess.), P. Egydio de Garesio (Piemonte), P. Alexandre de Bene (Roma) P. Pedro Paulo de Ceriana (Umbria), P. Ildefonso de Genova (Gen), P. Eugenio de Genova (Gen). P. Fidelis de Jesi (Marcas), P. Agostinho de Casarano (Otranto), P. Angelo de Grotaglia (Otranto), Fr. Benedicto de Pinarolo (Roma), Fr. Bernardo de Ceriana (Roma).

Todos elles partiram de Genova a 13 de maio, em a nau "Sacchetto Felice", após varias peripecias, chegaram ao Rio a 19 de julho. Delles, tres ficaram no Rio; tres foram para Sergipe, e sete para o Pará. Com estes ultimos, seguiu da Bahia o fr. Porphyrio de Camerino. Tiveram, os do Pará, como superior, prefeito, ao P. Fr. Luiz de Belfort, que então estava no Recolhimento de S. Amaro, como Director; deixou esse logar em agosto de 1843. Pararam uns 4 mezes na Capital do Pará; e em janeiro de 1844, foram se estabelecer no Rio Negro, capital da Guyana Portugueza.

Sergipe tambem pediu missionarios. Foram mandados em 1843, tendo como prefeito, dependente da Bahia, ao P. Candido de Foggia, os Padres Fr. Caetano de Troina, Fr. Seraphim de Petraglia, Fr. Agostinho de Casarano. Estes tres chegaram á Bahia a 14 de agosto de 1843; aqui esperaram, até janeiro de 1844, ao P. Candido, que estava missionando. Seguiram, aos 19 de Janeiro de 1844. O Fr. Caetano e o Fr. Agostinho voltaram provisoriamente para a Bahia, em maio do mesmo anno. O P. Fr. Caetano de Troina, a 9 de junho de 1845, partiu para Caravellas e de lá para o Mucury. a 29 de abril, elle abandonou o Mucury.

Em Sergipe, em 1844, iniciaram a fabrica do hospicio de S. Christovam, então capital da provincia; estava terminada em 1846. (*) Apesar deste generoso auxilio, enviado pela Propaganda o governo imperial, com avisos de 11 e 23 de agosto de 1842, dirigia-se ao Internuncio, Mons. Campodonico, sollicitando de novo

(*) Notizie Storiche do Rio de Janeiro, pag. 18.

(*) Livro Maistro da Bahia.

seu auxilio para vinda de novos missionarios, e estabelecendo para estes um hospicio na Corte.

Em 1843, por decreto n.º 285 de 21 de junho, foi o governo autorizado mandar vir da Italia Missionarios Capuchinhos, concedendo seis Loterias, para fazer-se acquisição de predios que servissem de ospicio aos Missionarios. As ditas loterias deram quasi nenhum resultado, e o hospicio foi fabricado a custa dos missionarios.

Em 1844, por Decreto de n.º 373, de 30 de julho, fixava o Governo as regras a observar-se na distribuição, pelas Provincias, dos Missionarios Capuchinhos; como porem eram medidas que tolhiam os direitos dos superiores regulares, cerceavam os direitos da S. Sé e attribuiam demasiada ingerencia aos Bispos e maxime ao governo imperial, na vida dos missionarios, ou por outras, o decreto todo caldeado no regalismo, determinava que os religiosos se desligassem da obediencia aos superiores em Roma, para servirem na inteira dependencia do governo brasileiro, e quanto á jurisdicção espiritual, ficassem sujeitos só aos bispos das respectivas dioceses, obliteradas as faculdades da Propaganda; por todo isto o Internuncio Mons. Campodonico, com carta de 18 de agosto do mesmo anno, protestou juncto do Ministro dos Negocios Exteriores, Ernesto Ferreira França, contra o decreto n.º 373, e enviou, no dia 20, copia do mesmo protesto, ao Superior do Hospicio dos Capuchinhos.

A questão dos direitos dos missionarios e dos direitos do governo e dos bispos sobre os mesmos, determinados *regalisticamente* pelo decreto de 30 de julho de 1844, foi larga e longamente discutida entre os superiores da Ordem e os representantes do Governo. Em 1851 o governo apresentou outro decreto que o Commissario Geral foi obrigado a devolver por conter varios paragraphos absurdos e injustos; o Commissario propoz uma reforma que entregou por meio do Delegado Interino da S. Sé, a 7 de agosto de 1851. Outro projecto e contra projecto foram apresentados por meio do Internuncio Mons. Mossoni, 1857-1858. A questão continuou, até 1862, quando, como informou no seu relatorio de 1870 o ministro da Agricultura, por meio de notas reversas, trocadas a 28 de outubro de 1852, deu-se por terminada a insolúvel questão desperta pelo decreto n.º 373. (Cof. cartas do Commissario no Archivo Geral dos Capuchinhos em Roma).

No anno de 1844, sempre de accordo com o pedido do governo, vieram para o Brasil desesete sacerdotes e dois irmãos leigos; no 1846, vieram oito; no 1847, dez; em seguida vieram chegando aos poucos até 1885. As levas maiores foram as cinco primeiras nas quaes no lapso de sete annos, nos foram mandados mais de cinquenta missionarios.

Acerca do numero e distribuição desses primeiros Missionarios lemos no Relatorio do Ministerio da Justiça, de 7 de maio de

1846: — Dos Missionarios vindos de Roma, por solicitação do Governo, sobe o numero a 35, alem de 3 leigos; mas, tendo-se retirado dois, acham-se presentemente empregados os 33 restantes nas Provincias abaixo mencionadas, sob a inspecção do Ministerio do Imperio e dos Bispos Diocesanos na conformidade do decreto n.º 373, de 30 de julho de 1844.

Na Côrte que é o centro da Missão, ha um Hospicio e nelle residem alem do Prefeito, mais dois religiosos; na Provincia do Rio de Janeiro, ha tres; na de Minas Geraes, dois; na da Bahia, quatro; na do Pará, seis e um leigo; na de Sergipe, um; na do Espirito Santo, dois e um leigo; na de S. Paulo, tres e na de Pernambuco, dois.

O Relatorio de 1847 assignala a vinda de mais treze Missionarios, que iam ser empregados nas Provincias da Bahia, Goyaz e Minas Geraes.

O de maio de 1848, diz: — Tem vindo, em virtude das ordens do governo desde 1843, 51 Missionarios; desses regressaram 10 por doentes e existem empregados no Ministerio Apostolico, actualmente, 35, nas Provincias seguintes: na do Espirito Santo, 4; na de Bahia e Sergipe, 5; na de Pernambuco, 2; em Minas Geraes, 4; em S. Paulo, 5; em Goyaz, 3; no Matto Grosso, 2; no Piahy, 1; no Pará, 5; na Côrte, 4, e mais 6 chegados ultimamente.

O de 1849 dá a existencia de 57 Missionarios; o de 1851, dá 55 e diz que “á excepção dos que existem na Côrte (3), e no Hospicio da Bahia (11), todos os outros se acham occupados na catechese dos indigenas. Uns morreram, outros se retiraram para a Italia”.

O de 1854 diz: “O numero desses missionarios que até a data do decreto de 21 de junho de 1843, era de 35, depois desse decreto chegou a 72; destes têm fallecido 13, voltaram por doentes para a Italia 10, e só existem 49: — na Côrte, 3; no Rio, 3; na Bahia, 11; em Sergipe, 2; em Pernambuco, 3; no Maranhão, 2; no Pará, 4; no Espirito Santo, 2; em S. Paulo, 8; em Minas, 6; em Goyaz, 3; em Matto Grosso, 2. Dos 49, 9 são parochos, 22 se occupam de aldeamentos dos indios”. Pediam-se mais 40 Missionarios.

Os Relatorios do Ministerio da Justiça, como tambem os do Ministerio do Imperio, fazem notar mais vezes as difficuldades encontradas na vinda de novos Missionarios, por causa das desintelligencias — levantadas entre a S. Sé e o Ministro Geral dos Capuchinhos de um lado, e o Governo de outro, — pelo decreto de 30 de julho de 1844; difficuldades que ainda existiam em 1860, quando o Prefeito Pe. Fr. Fabiano de Scandiano, foi chamado a Roma para lhe confiar o cargo de Procurador Geral das Missões. (Rel. do Min. Justiça, de Maio de 1860).

Pelo Relatorio do Ministerio do Imperio, de Maio de 1870, sabemos que essas difficuldades já haviam sido aplainadas e que já se havia conseguido a vinda de novos missionarios. O mesmo Re-

latorio diz existirem, então, no Brasil, 45 Missionarios Capuchinhos: no Pará, 2; no Maranhão, 3; em Pernambuco, 4; na Bahia, 7; no Espirito Santo, 1; na Côrte, 4; no Estado do Rio, 1; em Minas, 3; em S. Paulo, 3; no Paraná, 3; em Goyaz, 5; no Matto Grosso (vigarios encommendados), 2; no Rio Grande do Sul, 1; os seis restantes no Paraguay.

O TRABALHO DOS MISSIONARIOS

Lendo os relatorios officiaes, em quasi todos elles, ao tratarem dos Missionarios Capuchinhos, encontramos elogios ácerca dos bons fructos que vinham prestando ao nosso paiz.

Do relatorio de 1842 (publicado em começo do anno seguinte), do Ministerio de Justiça, extrahimos esta longa passagem concernente os trabalhos apostolicos dos primeiros Capuchinhos, vindos no segundo Imperio.

“Admiraveis têm sido nas provincias do Maranhão, Pernambuco, Sergipe e entre os rios Tocantins e Araguaya, os fructos colhidos das missões de alguns poucos Missionarios Capuchinhos, que um dos meus predecessores mandou vir da Italia. E’ tambem admiravel a constancia e fervor evangelico com que esses homens da paz penetram os nossos sertões, no meio das maiores provações e trabalhos, unicamente com o fim de converter homens perdidos para a Religião e para a Sociedade.

Os Bispos do Maranhão e do Pará attestam os relevantes serviços feitos á Religião e aos Estados por esses missionarios, e pedem que lhes sejam enviados mais.

Não posso furtar-me ao prazer de transcrever aqui alguns trechos de varios officios desses prelados.

“Os dois primeiros (diz o Bispo de Maranhão, fallando dos ditos missionarios), Fr. Dorotheo de Dronero e Fr. Pedro Maria de Blá, chegaram a 20 de maio do anno passado a esta cidade do Maranhão, e depois de annunciarem a palavra divina com grande concurso nesta Capital, sahiram para o interior da Provincia, e têm exercido o seu Ministerio Apostolico, em diversas Freguezias, collocadas á margem do Itapicurú. Estou informado que seus trabalhos Apostolicos, espalhando principios de ordem, de justiça, de sociabilidade, tem servido de grande consolação aos fieis atormentados pelos horrores da anarchia.

Tem sido numeroso o povo que tem concorrido, para ouvir a doutrina santa do Evangelho, e muitos deixando o caminho dos vicios, têm contrahido o sacramento do Matrimonio.

Confio que com a vinda de outros dois missionarios, este beneficio será extensivo a outros logares dessa Diocese, tão carecida

de sacerdotes e consequentemente sem guias, nem directores nos caminhos da salvação.

...., Posso assegurar a V. Exa. para ser presente ao mesmo Augusto Senhor (o Imperador) que os dois missionarios Capuchinhos, Fr. Dorotheo de Dronero e Fr. Pedro Maria de Blá, se têm esforçado nas pregações das doutrinas evangelicas na cidade de Caxias, principal theatro das discordias civis. Os mesmos estão determinados a subir para a Passagem Franca, Pastos Bons, e agora recebo aviso que iriam até a villa do Riachão, nas visinhanças do Rio Tocantins..

Affirma um conego desta Cathedral, o qual ora existe em Caxias, e a quem tenho incumbido algumas cousas relativas á Missão, que os rebeldes de Passagem Franca dizem que se hão de apresentar só aos seus Padres Missionarios...”

O Bispo de Pernambuco, escreve a 20 de março ultimo: “Rogo a V. Exa. queira apresentar ao Exmo. Ministro a necessidade da existencia deste Missionario (Fr. Carlos de S. José Porto Mauricio), nessa cidade, não só pelos bons serviços que tem prestado a esta Igreja e ao Estado, como porque já prometti envia-lo depois da Paschoa para alguns logares, onde o têm requisitado...”

Foram tão extraordinarios e admiraveis, diz o Arcebispo da Bahia, em um officio que me dirigiu, em data de 21 de outubro do anno findo, os fructos da primeira missão que abriu na Provincia de Sergipe o Pe. Capuchinho italiano Fr. Candido de Taggia, que enviei á dita Provincia, movido das instancias da respectiva Assembléa Provincial, que não hesitou esta... dar um exemplo... decretando a erecção de um hospicio de eguaes Missionarios e os fundos necessarios para o transporte de tres Religiosos que devem dar começo a esse novo e importante viveiro de missões, etc.

O Governo Imperial, além dos tres pedidos pela referida Assembléa Provincial, mandou vir mais dez para serem empregados naquellas provincias onde forem mais necessarios”.

A Commissão Ecclesiastica da Camara dos Deputados, em seu parecer de 1.º de março de 1843, — lemos em Candido Mendes — já fazia realçar os serviços que esses dignos obreiros do Evangelho prestavam entre nós. Eis alguns trechos desse parecer:

“Frei Fidelis de Montesano, missionario Capuchinho e prefeito do hospicio de S. Sebastião desta Côte, representa a esta augusta Camara que havendo o governo de S. M. I. para augmento da religião, e mais geral ensino de Moral, solicitado a S. Santidade, o augusto Chefe da Igreja Catholica, uma missão para collaborar na pregação do Evangelho, e recommendar a pratica das virtudes christãs em qualquer parte deste imperio, onde parecesse ao mesmo governo mais necessario, S. Santidade, satisfez esta pia e Catholica sollicitação do Governo e a Missão acha-se já em exercicio em diver-

nas provincias, mesmo em logares remotos, com grande vantagem, como consta no relatorio dos Excellentissimos Metropolita e Bispos de mais tres Dioceses, e bem assim alguns actos legislativos de assembléas provinciaes, estatuinto em suas provincias missões da mesma Ordem”.

No relatorio do Ministerio da Justiça, de 1850, lemos: “Não terminarei sem referir-vos um facto que muito honra os Missionarios residentes no Hospicio da Côrte (Morro do Castello). Na invasão da epidemia que tanto terror infundiu a esta população, por pouco acostumada a presenciar taes calamidades, a Santa Casa de Misericordia estabeleceu logo um Lazareto na Ilha S. Bom Jesus, e procurava sacerdotes que alli fossem levar as consolações da religião aos miseros enfermos, quando Fr. Fabiano de Scandiano, prefeito dos Missionarios Capuchinhos, me communicou que, conforme o costume da sua Ordem em semelhantes tristes circumstancias, todos os residentes no Hospicio do Castello, estavam promptos para prestar gratuitamente o serviço espiritual; onde fosse preciso. O governo acceitou e agradeceu tão caridoso offerecimento”.

O relatorio de 1854, diz: “Continuam a prestar bons serviços... ainda no anno proximo passado, sua palavra prestigiosa concorreu muito no Páo d’Alho, Nazareth e Limoeiro para prevenir os devaneios que a credulidade nesses logares no anno de 1851 produziu...”

A respeito do trabalho dos nossos missionarios na catechese dos selvagens, merece ser reproduzido o trecho seguinte do discurso de Bernardino J. Quiroga ao passar a administração de Minas, 4 de novembro de 1848, a José Ildefonso Soares: “Tambem tem merecido a especial solitudine do governo a catechese e civilização dos Indigenas. Ultimamente me tenho convencido de que o melhor meio de chegar a este grande fim, consiste em mandar Missionarios Capuchinhos, que se encarreguem com desvelada assiduidade deste penivel trabalho. Estes padres, que com pouco se contentam, habitam-se com facilidade no nosso e no idioma selvagem, insinuam-se, fazem-se amar e respeitar, e conseguem pela brandura, o que por outros meios não temos podido realizar. (*)

REORGANIZAÇÃO DAS MISSÕES

Com o novo grupo, numeroso a alentado, de missionarios, as Missões Capuchinhas, bafejadas pelo favor official, puderam reenectar corajosamente seu labor apostolico, quer emprehendendo missões nas parochias e nos povoados, quer demandando as selvas em busca dos selvagens indomitos. Para esse fim, foi organizado um plano geral de missão.

(*) Jornal do Commercio, 22 de novembro.

Conservaram-se as tres Prefeituras anteriores, do Rio, da Bahia e de Pernambuco; ás mesmas se accrescentaram cinco vice-prefeituras: quatro — as de Goyaz, Matto Grosso, Paraná, S. Paulo e Minas Geraes, ligadas á Prefeitura do Rio; a de Sergipe, ligada á Bahia; a prefeitura de Pernambuco abrangia tambem Alagôas, Rio Grande do Norte e a Parahyba; as demais provincias dependiam do Rio.

No Rio constituiu-se a séde de todas, sob o titulo de Commissariado Geral, com um Commissario Geral, que ao mesmo tempo seria prefeito Apostolico da missão fluminense.

Esta reorganização foi feita pela Congregação de Propaganda em 1846, a qual ao mesmo tempo nomeou o primeiro Commissario Geral e Prefeito Apostolico, ao Pe. Fr. Fabiano de Scandiano, modenese, que tomou posse em novembro de 1846 e governou o Commissariado durante 13 annos. Foram seus successores, o Pe. Fr. Caetano de Messina, o Pe. Fr. Salvador de Napoles e o Pe. Fr. Fidelis de Avola. O Internuncio Mons. Caetano Bedini communicou, com carta de 18 de setembro de 1846, a organização das missões e do Commissariado e a nomeação do Pe. de Scandiano e pediu aos missionarios inteira submissão.

Podemos apresentar um mappa geral dos novos missionarios, no anno de 1848 — conforme copia existente no Archivo dos Capuchinhos do Rio, — Archivo onde colhemos grande parte das notas que explanam este periodo das missões capuchinhas no Brasil, e lá estão consignadas nas numerosissimas cartas dos missionarios de 1848 para cá.

Na Prefeitura do *Rio de Janeiro*: — Na Capital: o Pe. Fr. Fabiano de Scandiano — Prefeito e Commissario Geral; Pe. Fr. Fidelis de Montesano, Pe. Fr. João Baptista de Caserta, Pe. Fr. Rainerio de Ovada e o Pe. Fr. Luiz de Sonino. Na aldeia de Pedra (hoje Itaocára), onde com tanto proveito tinha trabalhado o Pe. Fr. Florido de Cidade do Castello, residia este venerando missionario e mais o Pe. Fr. Seraphim de Montalboddo e o Pe. Fr. Bento de Genova.

No *Espirito Santo*: — Em Queimada, residia o Pe. Fr. Gregorio de Bene; em Itapemirim, o Pe. Fr. Paulo Antonio de Casanova; na aldeia de Affonsino, o Pe. Fr. Daniel de Napoles; no Rio Doce, o Pe. Fr. Ubaldo de Civitella.

Em *São Paulo*: — Na aldeia de Itaporanga e em Faxina, o Pe. Fr. Pacifico de Montefalco; no Capão Bonito do Paranapanema e em missões pela Provincia, o Pe. Fr. Ponciano de Montefalco; em Sarapuhy e em missões pelas freguezias, o Pe. Fr. Jeronymo de Santa Columba. Auxiliares desses dois, e pregando tambem isoladamente pelas parochias, os Padres Fr. Samuel de Lodi (ex-Prefeito da Bahia) e o Pe. Fr. Gaudencia de Genova.

Em *Minas Geraes*: — Na margem do Rio Jequetinhonha, o Pe. Fr. Domingos de Casale e o Pe. Fr. Bernardino de Lagonero; em missões pela Provincia, o Pe. Fr. Luiz de Ravena, o Pe. Fr. Francisco de Taggia, o Pe. Fr. Eugenio de Genova, e o Pe. Fr. Francisco de Otranto.

Em *Goyaz*: — Em Bôa Vista, o Pe. Fr. Francisco de Monsavito; em S. José do Gymimbú, o Pe. Fr. Sigismundo de Taggia; na Margem do Araguaya, o Pe. Fr. Clemente de Genova e o Pe. Fr. Raphael de Tagia; em S. João do Araguaya, o Pe. Fr. Luiz de Mazzarino.

No *Matto Grosso*: — Para Cuyabá, tinham seguido o Pe. Fr. Mariano de Bagnaia, e o Pe. Fr. Antonio de Molinetto.

Na Prefeitura da *Bahia*: — Na Capital era Prefeito o Pe. Fr. Ludovico de Liorne e com elle residiam o Pe. Fr. Archanjo de Ancona e o Pe. Fr. Luiz de Seravezza. Em Missões pela Provincia, estavam o Pe. Fr. Paulo de Limone, o Pe. Fr. Agostinho de Casanova e o Pe. Fr. Caetano de Troina; na aldeia de S. Pedro de Alcantara, onde havia muito trabalhado o Pe. Fr. Ludovico de Liorne, estava o Pe. Fr. Vicente de Ascoli; entre os indios Botucudos e Mongoios, estava o Pe. Fr. Francisco de Falerna; nas Margens do Rio Mucury, o Pe. Fr. Seraphim de Petraglia.

Na Prefeitura de *Pernambuco*: — No Recife, o Prefeito, Pe. Fr. Placido de Messina e o Pe. Fr. Caetano de Messina. Em Missões pelas Provincias de Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, estavam o Pe. Fr. Sebastião de Mellia, Pe. Fr. Seraphim de Catania, Pe. Fr. Eusebio de Salles e o Pe. Fr. Henrique de Bolonha. No Baixo Verde, o Pe. Fr. Caetano de Grattiere.

No *Maranhão*: — Em Missões pelas freguezias, o Pe. Fr. Dorotheu de Dronero e o Pe. Pedro Maria de Brá.

No *Piauhy*: — Em Missões, o Pe. Fr. Apollonio de Molinetto.

No *Pará*: — Em Missões, Pe. Fr. Pedro Paulo de Ceriana, Prefeito ou superior local; o Pe. Fr. Fidelis de Jesi e o Pe. Fr. Egdio de Garezzo.

OS TRABALHOS DOS NOSSOS MISSIONARIOS

Os nossos missionarios que aportaram no Brasil durante o Segundo Imperio, proseguiram mais ou menos o programma traçado pelos seus predecessores: a catechese dos selvagens e as missões nas parochias e nos centros povoados, accumulando não raro as funções parochiaes. Durante este periodo os trabalhos missionarios dos nossos homens apostolicos tomaram grande incremento e lograram correspondente resultado. A civilização dos indios mereceu-lhes especiaes cuidados e carinhos; não poucas são as aldeias de selvagens que tem á sua frente um capuchinho como é

facil verificar no mappa, acima reproduzido, das missões em 1848; nos annos seguintes, a essas alli resenhadas ajuntaram-se outras a pedirem os benefícios dos nossos missionarios.

Nem nos é licito recordar os trabalhos de catechese desses esforçados obreiros evangelicos, sem lembrarmos as innumeradas difficuldades que tiveram de superar para o desempenho de sua missão civilisadora; os perigos que lhes foi preciso enfrentar; a coragem e a resignação com que houveram de se abroquelar nas expedições em busca do selvagem; as terriveis decepções que vieram dessorar seus enthusiasmos missionarios; a morte, que não raro, foi a méta inesperada de seus labores! Mas, no meio de tamanhas fadigas, trabalhos, soffrimentos e mortes, que supportaram durante tantos annos os nossos missionarios capuchinhos nas florestas interminas e selvagens do Brasil, sobejam motivos consoladores de gloria para nossa Ordem, porque, “quem poderá numerar as conversões obtidas, a multidão de almas regeneradas nas aguas baptismaes, os casamentos celebrados, e o magno numero de creaturas restituídas á graça, á civilização e á sociedade humana?” (*)

A par da catechese do selvagem, o missionario capuchinho entregou-se animosamente ás pregações e ás missões, nos centros civilisados”. Neste genero de missões, continua o de Castrogiovanni, os nossos padres tem levado sempre uma vida movimentada, passando de uma cidade a outra, de uma freguezia a outra pregando continuamente, confessando, baptisando, chrismando, legitimando uniões illicitas, edificando egrejas, conventos, hospitaes, orphanatos, cemiterios, recolhimentos; nem desdenharam interressar-se por obras de publica utilidade, como são, fontes aqueductos, novas vias de communicação, canaes e outras bemfeitorias populares”.

Durante os cinco annos que durou a guerra do Paraguay, sete capuchinhos acompanharam como capellães militares o exercito brasileiro; foram elles o Pe. Fr. Fidelis de Avola, Capellão Mór, o Pe. Fr. Salvador de Napoles, o Pe. Fr. Gabriel de Barra, o Pe. Fr. Jeronymo de Montefiorito, o Pe. Fr. Gregorio de Prato, o Pe. Fr. Joaquim de Canicattí e o Pe. Fr. José de Montefiorito.

Vem a proposito notar o que de Fr. Fidelis e seus companheiros escreveu ao Imperador o Conselheiro João Pessoa Paranaguá, em 1867.

“Cumpro um grato dever communicando-vos que os Padres Capuchinhos em serviço no Exercito, desempenham com verdadeira dedicação os seus deveres; vão mesmo, alem.

(*) Castrogiovanni — Notizie Storiche, pag. 49.

Junto ao leito dos enfermos, a todos elles transmittem a fé e as consolações da palavra de Deus; servindo muitas vezes de enfermeiros, ministram ao mesmo tempo, aos moribundos, os soccorros da Religião, pensam as feridas e tratam dos enfermos com tanta humanidade quanta caridade, quer nos hospitaes fixos e de sangue; quer mesmo durante o ardor dos combates, affrontando as balas e a metralha inimiga.

Entre elles muito se tem distinguido Fr. Fidelis D'Avola, o primeiro que seguiu para o theatro da guerra, onde se tem conservado ha dois annos, muito estimado e venerado por todas as praças do nosso exercito, que, na occasião do perigo, o vêm por toda a parte.

Foi elle por muito tempo coadjuvado pelo seu companheiro Frei Jeronymo de Montefiorito, depois transferido para o hospital de Montevideu, onde bons serviços está prestando conjunctamente com Frei João de Montefiorito.

No hospital de Saladero era o capuchinho Fr. Gabriel da Barra, que pela docilidade de seus character, tem angariado a estima e respeito de seus superiores e dos individuos entregues aos seus cuidados.

No exercito se acha hoje coadjuvado os serviços de Fr. Fidelis de Avola, o capuchinho Fr. Salvador de Napoles, que com aquelle tem sido infatigavel no cumprimento de seus sagrados deveres, e é por isso muito estimado no exercito.

Prisioneiros do inimigo estão os capuchinhos Fr. Mariano de Bagnaia e Fr. Angelo de Caramanico, surprehendidos, o primeiro nas proximidades de Miranda, e o segundo na Colonia dos Dourados, quando as ordas paraguayas invadiram, devastando, a provincia de Matto Grosso. Ambos animando aos indios resistiram, quanto foi possivel".

Os Missionarios nas Provincias

MISSIONARIOS NO RIO DE JANEIRO

O trabalho principal desenvolvido no hospicio do Rio, foi o dos Commissarios Geraes, no tocante as relações com o governo brasileiro, com a Propaganda e com a direcção dos missionarios.

O commissariato do Pe. Fr. Fabiano de Scandiano, estendeu-se de 1846 a 1860. Completou a distribuição dos missionarios. Com uma carta de primeiro de julho de 1848 communica aos seus jurisdicionados queixas que recebera do Pe. Fr. Felix de Lipari, Procurador Geral das Missões contra o procedimento censuravel de alguns missionarios.

Em 28 de agosto de 1849 chamou-lhe a attenção o Encarregado de Negocios das S. Sé (interino) no Rio, Pe. Antonio Vieira Borges, sobre a linguagem usada contra a escravatura por alguns missionarios, em particular pelo Pe. Fr. Gregorio de Bene. Pouco antes, isto é, em 1.º de novembro do anno anterior, o Pe. Fr. de Scandiano dirigiu da Côte uma longa circular a seus frades; nella se assignala como um apostolo do abolicionismo. (*)

Abre-a com a caridade de Christo que irmana todos os homens e não conhece distincções odiosas; lembra os titulos que auctorizariam a escravidão, mas que não pôdem ser invocados em relação aos escravos do Brasil; as prescripções da S. Sé a esse respeito: repelle as razões com que se pretende legitimar a escravidão, isto é, do abuso que os escravos fariam da liberdade; affirma que os máos tratos inflictos aos escravos, concorrem para embrutecel-os e tornal-os pessimos; insiste no dever de instruil-os e educal-os para civilizal-os e melhorar a situação infeliz delles.

Em seguida passa a dar umas normas a seus dependentes. São as seguintes:

1.º E' absolutamente prohibida a venda de qualquer escravo e sob qualquer pretexto;

2.º E' permittido aos Prefeitos e aos Superiores dos Hospicios e aos Missionarios estabelecidos nalguma Missão determinada a aquisição de um ou mais escravos, conforme as exigencias do serviço commum; mas não será licito a qualquer outro missionario, a) a compra de escravos; b) o tel-os para o serviço particular proprio dentro dos Hospicios ou em logares não mui distantes, sem licença especial do Superior immediato;

3.º Apenas feita a aquisição de algum escravo, ser-lhe-á dada carta de alforria, que lhe será entregue opportunamente, como se estatue em seguida;

4.º Os superiores por si proprios ou por alguém de sua nomeação, cuidarão, com toda a diligencia, da instrução christã dos Escravos, observando as repetidas ordenações da S. Congregação da Disciplina Regular. Notem que para os que ainda não foram baptisados, ou que ignoram as verdades necessarias a saberem-se, a instrução ha de ser feita, possivelmente, todos os dias. Pelo que a consciencia dos mesmos Superiores fica gravissimamente responsavel.

5.º Aos escravos que ainda não foram baptisados, se lhes communicará a carta de alforria (feita já no começo), quando estiverem sufficientemente instruidos para poderem receber os Sacramentos do Baptismo, da Chrisma, da Penitencia e da Eucharistia, cousa que não pode exigir sinão o lapso de poucos annos, si a

(*) Cfr. Libro Mastro, do Hospicio da Bahia, 1843, pag. 100-102.

instrução lhe for ministrada diligentemente; e serão baptisados como forros. Aos demais se communicará a Carta sobredicta, quando tiverem recebido sufficientemente instrução e educação, o que pode exigir um tempo mais ou menos longo, que fica á discreção e consciencia do Superior, mas que de forma alguma, quer para os primeiros quer para os segundos, não poderá ser prolongado alem dos seis annos, computando-se para os escravos já existentes, o tempo do seu serviço passado.

6.º Ficam abolidos os castigos de bateduras e do tronco, especialmente no pescoço; e ordena-se aos Superiores que destruam esses instrumentos, permitindo-se somente alguma punição moderada e paternal, quando houver verdadeira necessidade, podendo a ameaça de lhes differir a alforria, por si só, refreal-os na maioria dos casos.

— A 26 de julho de 1852, enviou uma circular a todos os missionarios communicando-lhes decisões de Roma a respeito da pobreza religiosa e do uso de dinheiro.

Nomeado Procurador Geral das Missões em Roma, passou o cargo para o Fr. Caetano de Messina.

O MISSIONARIO GIGANTE

E' Fr. Caetano de Messina — o popular missionario do Brasil, que antes de vir para o Rio como Commissario Geral, trabalhou quasi 30 annos em o Norte, em Pernambuco, como veremos adiante.

Começou logo seus trabalhos no Rio com a reforma e augmento da igreja do Morro do Castello; ampliou o hospicio, e conseguiu do governo uma chacara para os religiosos. Mereceu especiaes elogios — elle e seus companheiros, nas terriveis epidemias de febre amarella e de variola que infestaram a Capital do paiz, nas quaes os Capuchinhos praticaram rasgos de caridade.

Fr. Caetano era incansavel na Pregação, nas confissões, na administração dos sacramentos. Apesar de seu alto cargo, encontrava tempo para se occupar nas missões. De 20 de setembro a 29 de outubro de 1868, deu missão em S. José de Lionissa com o Pe. Fr. Egydio de Garezzo; em 1876 missionou na Provincia de São Paulo, Caçapava, de 11 de maio a 11 de junho, onde conseguiu lançar os alicerces de uma nova matriz; pregou em seguida em Taubaté, de 18 de junho a 24 de julho — aqui reparou a igreja de S. Clara, reconstruiu a capella do cemiterio de variolosos, iniciou um collegio para meninas — Collegio do Bom Conselho, levantou varios cruzeiros. Seguiu para S. Bento do Sapucahy; alem da missão, aqui fez desterrar o morro fronteiro á igreja, concertou o forro da igreja. Missionou depois S. José do Paraizo, onde levantou um collegio para meninas pobres, uma S. Casa, trouxe para a cidade agua pota-

vel. Todas essas empresas materiaes, Fr. Caetano as conseguia mediante o concurso manual do povo, e para isto nem sempre seguia as vias burocraticas, a ponto que foi accusado junto do governo, o qual abriu syndicancias a esse respeito.

Era muito estimado por D. Pedro II, pela auctoridade ecclesiastica, pelos politicos, e pessoas gradas, e muito mais pelos humildes e pobres que tinham nelle um pai extremo.

Superior tambem dos Capuchinhos do Uruguay, no dia 24 de agosto de 1877 seguiu para Montevideo em visita canonica. Lá o surpreendeu, na noite de Natal um accidente apoplectico, que o victimou a 9 de janeiro seguinte. Contava 71 annos. Em agosto de 1878 seus despojos volveram para o Rio e foram inhumados no Morro do Castello.

O PE. FR. FIDELIS DE AVOLA

Outro missionario a hombraer com o Pe. Fr. Caetano de Messina. Foi nomeado Commissario Geral das Missões — após o breve commissariato interino de Pe. Fr. Salvador de Napoles — em agosto de 1880. (*)

Nasceu em 1829, veiu para o Brasil com o Pe. Fr. Ludovico de Mazzarini, em 13 de maio de 1862. Iniciou seu apostolado em Pernambuco. Declarada a guerra do Paraguay, foi destacado, como superior, para servir como capellão militar do exercito em operação. Teve como companheiros o Pe. Fr. Salvador de Napoles, que mais tarde foi arcebispo de Otranto, Fr. Gabriel da Barra, Fr. Jeronymo de Monteforito, Fr. Gregorio de Prato, Fr. Joaquim de Canicatti e Fr. José de Monteforito. O nosso frade prestou-se com uma dedicação verdadeiramente admiravel a ponto de merecer que seus feitos fossem citados em ordem do dia.

Terminada a guerra e feitas as pazes entre a Republica do Paraguay e o Imperio do Brasil, Fr. Fidelis foi pelo Summo Pontifice Pio IX, nomeado e constituido Administrador Apostolico da Diocese do Paraguay, cujo Bispo tinha morrido durante a guerra.

Com zelo e sabedoria, a governou durante sete annos. Nesse espaço de tempo visitou mais de uma vez toda a diocese, restabelecendo o culto e a recta administração nas egrejas e parochias que, por causa da guerra, estavam fechadas e abandonadas, administrando o sacramento da chrisma, visitando e soccorrendo a todos os pobres paraguayos que a desastrada guerra havia deixado no abandono, na viuvez e na miseria. (*)

(*) Castrogiovanni — Notizie Storiche, pag. 95.

(*) O P. Antonio M. de Montevideo em "Los Capuchinhos Genoveses em el Rio de la Plata", pa. 33, diz que o epilogo dessa dolorosa lucta foi a ruina completa do Paraguay; os alliados perderam mais de cem mil homens, e o Paraguay viu sua população, de um milhão de habitantes, reduzida a 200 mil almas, quasi todas mulheres e crianças!

De volta ao Rio, o proprio Imperador foi visital-o no Morro do Castello, e lhe disse: "Jamais visitei pessoa alguma particular no Rio de Janeiro, mas visito e visitarei sempre meu caro Frei Fidelis por todos os motivos. "O Imperador lhe agradeceu então de viva voz, como já fizera varias vezes, por escripto, os relevantissimos serviços prestados ao Brasil.

A Santa Sé o nomeou então Vice Prefeito e Vice Commissario das Missões no Brasil, e após a morte de Fr. Caetano de Messina, foi nomeado Commissario Geral.

No Rio de Janeiro, proximo a igreja do Castello, construiu uma gruta a Nossa Senhora de Lourdes, e restaurou a igreja. Fundou a liga de S. Sebastião, a Pia União de N. Senhora, Sant-Anna, e S. Joaquim; a Ordem Terceira de S. Francisco, o Apostolado da Oração, e introduziu algumas outras devoções. Fr. Fidelis foi, verdadeiramente, de uma actividade phenomenal. Sempre desempenhou com grande dignidade e honra, todos os officios que lhe foram commetidos, mostrando-se sempre digno do seu posto.

Foi sempre ardoroso abolicionista e defensor dos escravos no Brasil, tendo obtido cartas de alforria em favor de muitos d'elles.

Religioso exemplar e missionario incansavel. Fr. Fidelis falleceu no Rio a 2 de setembro de 1896; o Governo, no funeral, lhe prestou as homenagens devidas a Tenente-Coronel do Exercito. Sua memoria perdura abençoada e admirada até hoje.

* * *

O Pe. Fr. *Luiz de Sonino*, veio ao Brasil em 1846; em 1848 foi pregar uma missão no Piauhy; de lá voltou e foi auxiliar o Pe. Fr. Florido, em S. José de Leonissa, onde permanceu até 1854, quando se repatriou. Durante o surto epidemico que atacou o Rio em 1850, veio para a Capital, em Março, para assistir aos febreptos na Ilha do Bom Jesus; mas logo contrahiou o mal e teve que ser substituido. Os cuidados medicos conseguiram salvall-o, e voltou para S. José.

O Pe. Fr. *Gabriel de Barra*. — Quando capellão militar na guerra do Paraguay, cahiu prisioneiro de Solano Lopes; mas conseguiu fugir e tambem facilitou a fuga de alguns officiaes brasileiros. Foi nomeado major capellão. Por algum tempo, depois da guerra, esteve como professor no seminario de Assumpção, Paraguay. Passou em seguida para a Bahia, onde foi vice-prefeito e capellão da fortaleza de S. Marcello. Em 1894, voltou para o Rio, onde falleceu, aos 72 annos, no morro do Castello, a 2 de fevereiro de 1915, e no enterro teve as honras militares de Tenente.

O Pe. Fr. *Gregorio de Prato*. — Foi nomeado capellão da esquadra em operações, em 23 de junho de 1868, juntamente com Fr. Joaquim de Canicattí; prestou relevantes serviços á esquadra naval

na ilha de Carrito. Finda a guerra, leccionou algum tempo no seminario de Assumpção, quando Fr. Fidelis era Vigario Apostolico no Paraguay. Missionou varias vezes no Paraná, Minas, Rio e Espirito Santo. No Rio trabalhou no pulpito e no confessorio: amigo e conselheiro, querido de todos. Falleceu no morro do Castello aos 72 annos, em 8 de abril de 1895.

O Pe. Fr. *Jeronymo de Montefiorito*. — Partiu com Fr. Fidelis, a 20 de maio de 1865; chegaram a Salto, no dia 3 de junho, onde encontraram nos hospitaes do exercito brasileiro uns 22.000 soldados atacados de variola, aos quaes os nossos missionarios dispensaram os cuidados espirituaes e, no que foi possivel, tambem materiaes. Em setembro, Fr. Jeronymo teve de procurar Montevideo, por ter apanhado uma pneumonia, a que quasi succumbiu. Restabelecido prestou alli seus serviços nos hospitaes militares. Em 1868 foi para Assumpção, nomeado por Fr. Fidelis, director e administrador do seminario; cargo que Fr. Jeronymo desempenhou até 1872, anno em que foi nomeado vigario de Pirajá no Paraguay; alguns annos depois passou a vigiar na freguezia de St.^o Antonio, no Matto Grosso. Em 1886 voltou para o Rio; pregou uma missão no Espirito Santo em companhia do bispo de Nicteroy; em 1894 passou para a Bahia — porque a provincia religiosa das Marcas a que elle pertencia, havia accedido aquella missão; lá, assistiu á guerra de Canudos, e apóz 35 annos de fervente apostolado, falleceu em setembro de 1900.

D. Fr. *Roque Cocchia de Cesinale* merece aqui lembrado, não por ter sido missionario, mas porque esteve no Brasil, na qualidade de Internuncio Apostolico de 1884 a 1887. E' auctor de uma estimada e critica "Storia de le Missioni dei Cappuccini" e foi tambem elle que, em 1887, em S. Domingos, descobriu e reconheceu as cinzas de Cristovam Colombo sepultado n'aquella cathedral.

DIFFICULDADES ENCONTRADAS PELOS MISSIONARIOS

No archivo geral dos Capuchinhos ha um "Memorial dirigido a S. M. o Imperador, dando noticias do estado em que o auctor encontrou a missão e pedindo as necessarias providencias a esse respeito". Cremos seja do anno de 1850, e do P. de Scandiano.

Começa dizendo que os missionarios todos trabalham com grande animo, bôa vontade e fructo no ministerio apostolicos tanto nas missões entre os civilizados como na catechese dos indigenas. "Mas Senhor: Ha causas que muito se oppõem á prosperidade da Missão e eu vou apresentar as principaes com toda a confiança de que hei de acertar. 1.^o A dispersão dos missionarios fóra de toda a proporção com o numero delles". São uns sessenta, e estão assim dispersos: Pará 3; Maranhão 3; Piahy 1; Pernambuco, Alagoas, Ceará, 7; Sergipe 3; Bahia 11, Espirito Santo 5; São Paulo 5; Mi-

nas Geraes 6; Goyaz 4; Matto Grosso 2; Rio de Janeiro 4; Côrte 5; total - 59.

Disto seguem-se inconvenientes muito graves: 1.º, Uma quasi impossibilidade de arrematar qualquer empresa, pois querendo abraçar tudo com tão poucos, faltam as forças para tudo. E' uma queixa de quasi todas as Provincias, que pedem mais missionarios, e é por isso que estão dispersos em todas ellas. 2.º “Uma difficuldade summa em prover ás necessidades mais urgentes da missão e dos missionarios”, pois estão tão longe um dos outros, distancias de duzentas, trezentas, quatrocentas e mais leguas, sem meios, sem logar intermedio para, com accerto e necessaria promptidão, socorrerem-se.

“2.º, A falta de liberdade competente nos Superiores para regularem a distribuição e destinação dos missionarios. Os missionarios não tem todos as mesmas qualidades, e tambem os diversos logares tem diversas necessidades; portanto só os Superiores é que, conhecendo os individuos, os podem convenientemente distribuir. Em vez vêm a propria auctoridade cortada a respeito deste ou daquelle missionario. Disto sahem “inconvenientes muito graves” e já houve “consequencias tristes”.

3.º, Impõem-se aos missionarios a obrigação de residir em alguma freguesia, entre gente civilisada. Com isto muda-se a natureza do seu ministerio. Limita-se a sua acção entre confins muito restrictos, “Causa damno á catechese dos selvagens, expõe os missionarios ás intrigas e inimizades dos partidos politicos, etc.”

4.º, O desamparo em que se acham os missionarios entre os Indigenas, faltos de todos os meios de primeira necessidade para aldeal-os, sem vestil-os, sem dar-lhes de comer, até que a terra não comece a produzir, pois já não podem viver só de pesca, sem dar-lhes os instrumentos necessarios para a lavoura etc. — Faz um vivissimo appello para que S. Magestade proveja a esses inconvenientes.

OS BARBADINHOS DO MORRO DO CASTELLO

Delles escreveu o dr. Vieira Fazenda (*): “Desde 1842 vivem no Morro do Castello. Cercados de respeito e consideração de todos, procuram manter os creditos de sua Ordem, a quem o Brasil tanto deveu nos tempos coloniaes. Seria longo enumerar os nomes desses santos missionarios, illustres por letras, trabalhos, sciencias e virtudes”.

Um chronista de jornal nos offereceu o seguinte trecho, feliz recordação dos nossos missionarios do Morro do Castello: (**)

(*) Revista do Instituto Hist. Bras. 1919.

(**) “Diario de S. Paulo”, 7 de Janeiro de 1933.

“Lá, no alto da collina historica, erguia-se o templo ancestral todo impregnado de tradições, ostentando em suas paredes vetustas a poeira do tempo.

Em seu altar-mór, dominando o throno illuminado e florido, a imagem do padroeiro. 20 de janeiro era um dia de alegria festiva para aquellas ladeiras pedregosas e asperas que iam ter acapice da montanha. Toda a população de crentes galgava a encosta para murmurar uma prece ao martyr que morreu pelo supplicio das flexas varando-lhe o corpo nu', atado a um tronco.

Musica, fogos de artificio, alegria, vida, movimento, e aquelle morro que era como que um monumento construido pela natureza para assignalar as chronicas da cidade de S. Sebastião, guardava um mundo de reminiscencia dos seus dias mais remotos e de maior gloria.

Ao lado do templo historico, o marco da cidade que Mem de Sá fundou para augmentar o esplendor da metropole portugueza, cada vez mais ciosa da colonia que era o mais bello florão dos seus dominios de alem-mar.

A cidade cresceu, emancipou-se a colonia, que se converteu na patria nova e virente cujo futuro podia ser marcado em linha ascencional parallela ao sol que surge todos os dias no manto de seu firmamento azul.

E' vizinho do templo, o convento dos frades que mantinham aquelle culto. Eram os Barbadinhos. Envolvia-os a população num grande halo de admiração e sympathia. Aquelle fervor religioso tinha alguma cousa de civico. Não era possivel vel-os passar nas ruas, dentro de seus habitos negros e austeros, com os pés em suas sandalias, o cordão pendente, que os meninos beijavam cheios de respeito, sem que se lembrasse a gente do passado do Rio de Janeiro, de suas historias, de seu santo dilecto.

Um dia, porém, a picareta demolidora do progresso começou a obra da demolição do morro. Ia ser desmontado o castello... tiveram de ruir as paredes seculares do templo venerando, e teve de buscar outro abrigo a imagem do padroeiro.

E os guardiões do templo, e os santos monges, que alimentavam aquelle culto, tiveram tambem de deixar o seu velho abrigo, volvendo um longo e commovido olhar de saudade para todo aquelle passado tranquillo e respeitavel que é uma pagina serena e poetica da historia da cidade.

— Vá aos barbadinhos...

Era o derradeiro appello. Os barbadinhos, para quem tivessem fé, para aquelles que saubessem crer, eram os melhores intermediarios para a suprema misericordia divina, remedio a que recorrem os homens quando soffrem, quando se sentem sucum-

bidos sob o peso do infortunio, e quando não mais alimentam esperança alguma para suas dores physicas e moraes.

Ir aos barbadinhos, era avisinhar-se de Deus e dos céus. Era a prece extrema para a conquista de um pouco de alivio...

OS MISSIONARIOS EM MINAS GERAES

Uns percorreram as terras mineiras pregando missões, outros cuidaram da aldeação de selvagens.

Temos o *P. Fr. Luiz de Ravenna*. Acompanhou o P. Fr. Francisco de Coriolano em missão em Ouro Preto, Marianna e Sabará; por algum tempo foi companheiro do snr. Bispo nas visitas pastoraes. Doentio passou a trabalhar no arraial da Lapa, comarca de Sabará; alli cuidou da construcção da igreja local e de outra da visinhança. Ia de vez em quando confessar as recolhidas de Macahubas. Mais tarde, retirou-se para junto da igreja da Piedade na Serra do Caraça. Foi para lá antes de 1856.

Entre as benfeitorias feitas por Fr. Luiz, encontrava-se uma grande cisterna aberta para prover ás necessidades dos romeiros; a cisterna ha annos que está secca.

O P. Joaquim Silverio de Sousa, mais tarde arcebispo de Diamantina, refere-se a Fr. Luiz em "Sitios e paragens", a pag. 152. Como alli se lê, Fr. Luiz foi encarregado pelo então cura da Piedade, P. José Gonçalves, de zelar do Santuario e dos innumerous romeiros que demandavam aquelle sitio abençoado.

"Referimo-nos, diz o citado Auctor, ao sabio e virtuoso Fr. Luiz de Ravenna, Capuchinho italiano, que mereceu encomios altamente significativos do celebre Warning.

Tradicional é por estes sitios a vida exemplarissima de Fr. Luiz que, impedido por diuturna e implacavel enfermidade de occupar-se na evangelisação, como lhe mandava a ordem dos Superiores, e elle apostolicamente ambicionava, houve a resignar-se a passar modesta e occulta vida nestas venturosas regiões, illustradas pela irradiação deslumbrante de suas acrisoladas virtudes.

Durante os annos de sua administração, na Serra da Piedade, — auxiliado por seu irmão de habito, Frei Francisco Coriolano de Otranto, que missionario por Minas, pedia esmola para a Piedade, — realizou Frei Luiz grandes melhoramentos no santuario de seu amor. Reconstruiu a igreja, abriu no cabeço da Serra, depositos para agua, e tendo comprado uma casa com alguns terrenos, junto da raiz da montanha, renovou-a completamente com intenções de servir para descanso dos missionarios Capuchinhos, como parece.

Trinta e nove contos, rezam os registros que perduram, foram gastos na execução desses melhoramentos.

Aos 11 de Janeiro de 1871, abriu-se o seio da Igreja da Piedade, para se encerrar os restos veneraveis do eximio Capuchinho que salpicara com seu sangue tirado a rudes golpes de disciplina, as duras pedras daquelle monte santo”.

O mesmo Autor, na pagina 189, diz que o P. Domingos Pigneiros, querendo consagrar com respeitosa homenagem o dia da morte de Fr. Luiz de Ravena, alcançou da S. Sé indulgencia plenaria para os que commungassem no dia 11 de janeiro na Egreja da Piedade.

Acompanha-o o P. Fr. *Francisco de Coriolano*. “Destinado pela Divina Providencia, escreveu elle prologando um opusculo sobre N. S. do Bom Conselho, e encarregado pelo S. Padre Gregorio VI, de saudosa memoria, em 1844 de missionar neste Imperio, levei a palavra evangelica ás Provincia do Rio de Janeiro, de S. Paulo e Minas Geraes”. Orador fecundo e attrahente, as vezes prolongava seus sermões até tres quatro e cinco horas.

Missionou em companhia de Fr. Eugenio de Genova, e do irmão Fr. Archanjo de Napoles, em Ouro Preto, Pouso Alegre, em S. Bento do Sapucahy, em 1848 e 49; no anno seguinte, em S. Anna do Sapucahy, Caldas e vizinhanças; em 1851, Campestre e, em S. Paulo, Casa Branca e Caconde; no 1852, Jacuhy, S. Sebastião do Paraiso, Abbadia do Porto de S. Francisco e S. João Nepomuceno; em 1853, em S. Anna do Rio de S. João Acima (hoje Itauna), onde construíram o cemiterio com a capella de S. Miguel do mesmo; Curral de El-rey (Bello Horizonte); alli Fr. Francisco erigiu uma Via-Sacra campal, que abrangia uma area de 1600 metros quadrados, toda murada de taipas a resguardarem as quatorze cruces. Pregou missões tambem na freguezia de Antonio Dias de Ouro Preto; iniciou e auxiliou a construcção da Capella de Sant’Anna de Chapa-da, povoação pertencente a essa freguesia. Levantou um cruzeiro de extraordinarias dimensões no pico do Taquaril do Morro da Garça.

Os dous companheiros o deixaram; Fr. Archanjo, seguiu para o Rio, o P. Fr. Eugenio ia seguir para a sua catechése do Matto Grosso. Fr. Francisco, como auxiliar na visita pastoral, pregou em Itabira de Campo e Matto Dentro. Em 1857 pregou missões em Sete Lagoas, em S. Luzia e em Sabará. No anno seguinte pregou na Fazenda do Riachão.

Sua morte, que se deu em Abre Campo, foi precedida de uma dolorosa enfermidade de sete mezes.

O P. Eduardo Fr. do Patrocinio, vigario de Abre Campo (Minas) escreveu em abril de 1932, que encontrara, ao chegar, em 1930, em Abre Campo, recordação mui viva de Fr. Francisco que alli falleceu, durante a missão. De seu enterramento, diz constar

do livro de Registro de Obitos, que se verificou a 10 de junho de 1863.

“Existem ainda nesta cidade varias pessoas edosas que se lembram de fr. Francisco e proclamam as virtudes deste piedoso e illustre Capuchinho que, minado por pertinaz enfermidade contrahida em penosa missão, terminou aqui a carreira apostolica, como um martyr do dever. E para que mesmo na morte pregasse a humildade, pediu aos fieis que caridosamente delle cuidaram, fosse o seu cadaver collocado em esquite raso, e tivesse uma telha por traveseiro”. (*)

O santo bispo de Marianna, que foi D. Antonio Ferreira Viçoso, na sua pastoral de 6 de junho de 1862, sobre a instituição de missões perpetuas, na diocese diz: “que fructos não tem produzido com suas missões os dois missionarios capuchinhos que tem vivido, ha annos entre nós! Destes um só que existe, não obstante suas enfermidades continuas, é procurado de todas as partes e se sacrifica e mata de trabalho no confessorario e no pulpito; mas faltando este, nenhum outro temos”... — Cremos que o santo Bispo aqui se refira ao P. Fr. Francisco de Coriolano, gravemente doente desde de Dezembro de 1862, e ao P. Fr. Eugenio de Genova.

Fr. Eugenio Maria de Genova, chegou ao Rio em 1843. Em 1845, fôra destinado á catechese do Matto Grosso, e partiu do Rio, rumo de Cuyabá; durante a viagem, por instancias dos fieis, andou pregando em varias localidades, e foram taes os fructos que produziu, que o governo imperial houve por bem communicar-lhe, que, em vista do grande bem que estava fazendo com sua pregação, ficava dispensado de seguir para a catechese do Matto Grosso, e podia continuar a missionar nos municipios. Em agosto de 1856 missionou em Uberaba, e ganhou tantas sympathias do povo, que lhe alcançaram do P. Prefeito do Rio, autorisação para permanecer em Uberaba (**), a qual dalli em diante foi o campo fecundo de seus trabalhos missionarios.

Alli construiu um grande cemiterio, a S. Casa de Misericordia; reconstruiu varias igrejas e capellas.

Seus labores apostolicos estão resenhados nas notas diarias do missionario: desde o começo de seus trabalhos no Rio de Janeiro, até 31 de maio de 1871, dera 8.205 missões; tinha administrado 17.599 communhões; tinha distribuido 1.360 livros, 1672 medallhas, 1632 estampas, 215 rosarios, 207 terços e tinha protegido 187

(*) “União”, do Rio, 17 de abril de 1932.

(**) Um aviso do ministro da Justiça de 25 de abril de 1859 e outro do mesmo ministro de 6 de agosto de 1862 — deferiam a petição da Camara Municipal de Uberaba, permitindo que Fr. Eugenio permanecesse naquella cidade até concluir a S. Casa de Misericordia, conclusão que se deu após a morte do missionario.

escravos. Tinha apprehendido 585 livros obscenos, 220 estampas immoraes. Tinha obtido, em favor dos escravos, 686 cartas de alforria; tinha assistido a 394 moribundos, e tinha dado hospitalidade a 19.614 pessoas, em sua casa.

Fr. Eugenio, o grande amigo de Uberaba, falleceu na mesma cidade a 15 de junho de 1871, aos 59 annos de idade. Foi sepultado no cemiterio, na capella de S. Miguel. A cidade em 1880 dedicou-lhe uma das suas ruas, como homenagem ao seu bemfeitor. (*)

Tendo fr. Eugenio fixado residencia em Uberaba, o superior lhe deu como companheiro o que já lhe fora nas missões, o irmão *Fr. Archanjo de Napoles*. Este por algum tempo, se afastou do espirito religioso de pobreza para se metter em negocios; foi porem chamado á ordem, e deixou esse caminho escabroso. Assistiu á morte de Fr. Eugenio e depois se recolheu para o Rio.

Missionou na mesma zona o *P. Fr. Paulino de Fognano*. Viera despachado para a Bahia em 1867, onde deve ter-se demorado pouco, pois foi para S. Paulo, e em seguida, para Uberaba. Aqui residiu mais de dez annos, sahindo frequentemente em giro de missões naquella zona, então pertencente ao Bispado de Goyaz.

O primeiro palacio que Uberaba conheceu, foi construido por fr. Paulino, que annos depois o cedeu á mitra, e esta nelle hospedou os primeiros Dominicanos que foram residir (em 1883) naquella localidade. Na mesma cidade, Frei Paulino foi um dos redactores de uma importante folha local, em que o missionario publicava notaveis artigos philosophicos e religiosos.

Resolvida a sua volta para o hospicio do Rio, como surgiu qualquer mal entendido com o Superior, ficou trabalhando com D. Claudio Ponce de Leão, Bispo de Goyaz, entre fins de 1881 e meados de 1883, percorrendo com elle em visita o vastissimo Bispado.

O 1882, foi o anno de maiores trabalhos: pois D. Claudio Ponce, sahindo da cidade de Goyaz, logo depois da Semana Santa, na qual Fr. Paulino pregou com geral admiração, foi missionando em companhia do nosso Capuchinho até a cidade goyana de Bella Vista, que dista da cidade de Goyaz 365 leguas. Boa Vista está á beira do rio Tocantins, não longe da divisa de Goyaz com o Pará.

No Baixo Tocantins, Fr. Paulino pode ver os dois irmãos de habito, o P. Fr. Raphael de Taggia e o P. Fr. Antonio de Gangi. No alto Tocantins já havia estado com o P. Fr. Sabino de Rimini.

Após um percurso de 800 leguas, o sr. Bispo, com Fr. Paulino, chegaram á capital goyana, em dezembro de 1882. A ultima pre-

(*) Bôa monographia de Fr. Eugenio foi publicada na "Revista do Archivo Publico Mineiro", anno III, pag. 695 a 734.

gação de Fr. Paulino em Goyaz, foi a da quaresma de 1883; em seguida retirou-se do bispado. Esteve algum tempo no Rio em 1889, e em S. Paulo. Em outubro desse anno, estava elle em Sorocaba, em procura de logar para abrir uma residencia, e pouco depois encontrou-se na cidade de S. Paulo, com os primeiros Capuchinhos trentinos que vieram para o nosso Estado, em fins de 1889.

A estatística dos Missionarios Capuchinhos de 1890, dá a Fr. Paulino como fazendo parte dos Capuchinhos residentes no Rio; mais tarde passou para a Bahia, onde pregou suas ultimas missões em fins de 1898 e começa de 1899, durante cinco mezes. A morte lá o surpreendeu a 24 de setembro de 1899.

O P. *Francisco Angelo de Taggia*, toscano, vindo ao Brasil em 1842, percorreu missionando, Minas e Goyaz. Em 1845 foi nomeado Confessor, Cura e Director das Freiras do Recolhimento de Macahubas — assim escreve D. Silverio em "Sitios e paragens" e cita a carta, de 13 de maio de 1845, de D. Viçoso á Regencia, em que diz ser Fr. Francisco Angelo de Taggia "homem de luzes e conhecimento". Em 1850 estava de volta para o Rio e no anno seguinte mandou a provincia, sua patria.

MISSIONARIOS EM BUSCA DOS SELVICOLAS

Encontramos o P. *Fr. Domingos de Casale*, encarregado de catechisar indios do Alto Jequitinhonha, com o P. *Fr. Bernardino de Lagonero*. Veiu ao Brasil em 1846. Esteve em Salto Grande, bispado de Arassuahy.

"Na fala de abertura da Assembléa Provincial de Minas Geraes, em 1847 disse o presidente em relação ao Mucury e Todos os Santos, que o Governo Imperial lhe tinha posto a disposição o Missionario Capuchinho P. Fr. Domingos de Casale, incumbido da catechése dos indios da comarca do Jequitinhonha, para fundar-se na barra de Todos os Santos uma Colonia indigena...

Nunca porem Fr. Domingos que havia de acompanhar o movimento dessa fundação, iniciou essa colonia. Foi justamente no mesmo anno que, tendo começado a aldear, na actual povoação de Farranchos, á margem direita do rio Jequitinhonha, (município dessa denominação), os indios do Kran e do Rubim do sul, foi encarregado da freguesia de S. Miguel de Jequitinhonha, como vigario encomendado". (*)

Em 1847, Fr. Domingos fôra com o companheiro e alguns soldados da colonia militar de Rio Preto para o seu ponto de catechese; mas não foi bem succedido, maximé pelo desmando dos mesmos

(*) P. Fr. Samuel Tetteros em "O Município de Th. Ottoni", e em "Memorias Hist. e Geog. de Jequitinhonha".

soldados; tiveram que voltar; ficou parochiando em S. Miguel dos Guanhães, até 1864, e avulso até 1874. Quando por velho e doente não mais podia ir á igreja, celebrava na chacara que tinha no bairro do Corrego.

Aos 13 de julho de 1863 havia sido convidado pelo seu Superior a recolher-se ao convento da Bahia, mas só em 1874 esse convite foi executado, indo elle para a Bahia, onde falleceu aos 9 de junho desse anno, cheio de desgostos e saudades. O bom do velho estava tão acostumado em S. Miguel, que para leval-o para a Bahia, foi quasi preciso obrigar-o á força, facto que o povo traduziu, dizendo que “foi tirado a pulso” de São Miguel.

O *P. Fr. Bernardino de Lagonero* — seguiu a missionar pela redondeza; pregou missões em Samby, Alto dos Bois e Serro. Em “O Municipio de Th. Ottoni” ha: “Na Conferencia do corrego de Suruby com o rio Urupuca, no actual districto de Agua Boa, municipio de Capellinha, começou o P. fr. Bernardino de Lago Negro, autorisado pelo governo, uma colonia indigena, e construiu alli, em virtude da lei n.º 1468, de 1 de janeiro de 1868, uma capella. Pelas intrigas dos primeiros exploradores dessa região, Fr. Bernardino não poudo conseguir o seu intento, a catechese dos indios Aranãs e Bavães, razão pela qual, depois da morte de Fr. Virgilio de Emblor, que dirigia o aldeamento do Poaia, em 1877 abandonou a sua missão no referido logar. Os indios então foram recolhidos á Colonia do Itambacury”.

Não sabemos combinar esse topico do “O Municipio” com a versão de outros que nos dizem que P. Fr. Bernardino morreu em Jacury a 18 de maio de 1864, em consequencia de uma grave ferida num pé, causada por arma de fogo.

ALDEAMENTOS DE BREVE DURAÇÃO

O *P. Fr. Benedicto de Bobbio*, piemontez, vindo ao Brasil em 1847, foi despachado a missionar no Espirito Santo; passou a parochiar em Minas, nas proximidades de Marianna; em 1867 pregou uma missão no Guandú com o P. Fr. Gabriel de Monsavito; em seguida foram fundar uma colonia de indios — o aldeamento de Mutum, que apenas subsistiu quatro annos, até 1871.

O *Pe. Fr. Ludovico de Mazzarino*, que, encarregado pelo governo, fôra á Italia em busca de missionarios, ao regressar em 1872, foi mandado para Minas catechisar selvagens; conseguiu formar os aldeamentos do Poaia e de Idoeto. Teve como auxiliares o Pe. Fr. Joaquim de Canicatti ou Palermo e o Pe. Fr. Seraphim de Fossombrone. Em 1874, Fr. Ludovico com Fr. Joaquim estavam em Caeté, abrindo uma estrada de rodagem, a ligar Caeté a Manhuassu e a Abre Campo. Nessa occasião, o Pe. Joaquim foi desligado, para

acompanhar ao Pe. Fr. Miguelanjo de Troina, em viagem para um novo aldeamento na margem do Rio Doce. A catechese do Manhuassu não teve muita vida; foi fechada por Fr. Seraphim de Fossombrone em fevereiro de 1879, o qual seguiu para o Rio Doce. Fr. Ludovico em 1887 foi nomeado vice-prefeito na Bahia; depois foi prefeito; após 29 annos de missionario, em 1891, foi para a Italia e morreu em Palermo a 20 de julho de 1903.

Em 1874 o Pe. Fr. Miguelanjo de Troina intentou formar uma catechese de indios nas margens do Rio Doce e do Sussuahy Grande, no valle circumscripto pelo Serro, Diamantina e S. Miguel dos Guanhães. Levava como companheiro a Fr. Joaquim de Palermo. Escolheram optimo sitio e começaram a catechese sob o titulo de Aldeia da Immaculada Conceição. De 1874 a 1879 conseguiram aldear perto de 300 indios. Como porem não estivessem providos de operarios para os trabalhos, não puderam proseguir. Fr. Miguelanjo foi substituido em 1879 pelo Pe. Fr. Seraphim de Fossombrone, que veio fechar o aldeamento em abril do mesmo anno.

Fr. Miguelanjo foi para o Rio, depois veio a S. Paulo, acompanhar D. Lino Rodrigues, na visita pastoral; nella esteve, em 1879, em Tatuhy e em Itapetininga; seguiu para a capital de Goyaz e esteve em Leopoldina no mesmo estado; nessa viagem contrahiu grave molestia que o obrigou a voltar para a patria, Messina, onde morreu. Fr. Seraphim foi mandado para a catechese do Bacabal, no Pará, onde permaneceu até 1883, anno em que voltou para sua terra. O Pe. Fr. Joaquim de Canicattí, em 1880, voltou tambem para a patria, onde falleceu a 31 de julho de 1905.

O Pe. Fr. Virgilio de Amblar tentara com o Pe. Fr. Estevam de Veneza, em 1861, estabelecer uma catechese de indios nas proximidades de Itajahy, em Santa Catharina; mas voltou depois de dois annos, sem haver obtido resultado. Foi mandado em dezembro de 1871, em companhia do Pe. Fr. Joaquim de Canicattí ou Palermo, fundar uma catechese ao nordeste de Diamantina, pouco alem de Poaia, nas margens do Sussuahy — a Aldeia de Santa Maria de S. Felix. Conseguiu aldear 180 indios. Depois de um anno, foi-lhe tirado o Pe. Fr. Joaquim, substituido pelo Pe. Fr. João de Gangi, que lhe ficou só até 1878, sendo removido para a aldeia de N. S. da Conceição. Fr. Virgilio morreu pouco tempo depois, não se sabe si de tristeza, ou envenenado. Mais tarde Fr. Seraphim recolheu-lhe os ossos e os levou á aldeia da Immaculada Conceição e em 1907, o Pe. Fr. Gaspar de Modica os transportou para Itambacury, onde foram sepultados na egreja de N. S. dos Anjos.

OS MISSIONARIOS EM ITAMBACURY

Os dois que se dirigiram para as cabeceiras do rio Mucury, nos confins de Minas com a Bahia, para catechisar aquelles indios —

Potons, Pojychás, Aranãs, Tambaquarys e outros — foram muito mais bem succedidos do que seus irmãos que tentaram catechisar nas outras paragens de Minas. São elles o *Pe. Fr. Seraphim de Gorizia* e o *Pe. Fr. Angelo de Sasso ferrato*. O primeiro, austriaco, teve uma mocidade illustre nos meios politicos de Vienna; porém soube preferir a paz do claustro ás grandezas humanas; entrou para os Capuchinhos em Milão, ordenou-se e veiu para o Brasil em 1869; parece que missionou algum tempo no norte do nosso paiz; o *Pe. Fr. Angelo*, que expulso das Marcas pela suppressão religiosa em 1866 se refugiara na França e na Suissa, chegou ao Brasil em 1871.

Sahiram do Rio em junho de 1872; em julho estavam em Ouro Preto e mezes depois, em Philadelphia (hoje Theophilo Ottoni), onde logo deram começo a sua tarefa, iniciando seus trabalhos apostolicos no Poton, antiga Fazenda da Liberdade, onde ficaram até principios de 1873, quando, por terem sido encarregados de fundar sua missão em terras devolutas, se dirigiram ás cabeceiras do rio S. Matheus. Para satisfazer aos indios, a quem não agradava o sitio de S. Matheus, mudaram-se para Itambacury, aonde chegaram a 12 de fevereiro de 1873.

Iniciaram logo a construcção de algumas choupanas e de uma capella, onde a 13 de abril celebraram a primeira missa. A fertilidade do solo trouxe para a nova aldeia muita gente, muitos operarios, e rapidamente se ergueu o povoado de Itambacury. Os missionarios encontraram facilidades e lograram bom successo em sua empresa civilisadora; mas tambem tiveram de enfrentar difficuldades bastantes, e até a propria trahição de seus aldeados, pelos quaes foram aggedidos e salvaram-se milagrosamente. Mais tarde fundaram um asylo para meninas pobres, e levantaram o collegio de S. Clara, entregue ás Clarissas; abriram tambem uma Colonia agricola, que se transformou em "Aprendizado Agricola"; edificaram uma linda egreja a N. S. dos Anjos.

Itambacury progrediu a olhos vistos. Já em 1878, o bispo D. João dos Santos, em visita pastoral ao lugar, chrisinou mais de 700 indios puros e deu licença a Fr. Seraphim de chrismar os outros; em 1889 contava mais de duas mil almas, metade de indios puros e metade mestiços. Em 1889 começaram a edificar mais duas capellas; a dos Apostolos, 24 kilometros ao sul da Villa; e a de S. Izabel ao sudoeste, na mesma distancia. Mais tarde levantaram uma terceira, a Egreja Nova, distante uns 30 kils. ao sul de Itambacury.

Alem de cuidarem da parochia de Itambacury, os Missionarios Capuchinhos em seguida se encarregaram das parochias limitrophes, Malacacheta, Concordia e Poté.

O *Pe. Fr. Seraphim* dirigiu Itambacury durante 45 annos e lá falleceu com 90 annos, a 3 de dezembro de 1918. O *Pe. Fr. Angelo*

sobreviveu-lhe nove annos, e falleceu na mesma cidade, em 1927. Um e outro deixaram memoria immorredoura naquella região.

OS MISSIONARIOS NA PROVINCIA DE S. PAULO

Como nas outras provincias, tambem em S. Paulo missionaram nas parochias ou catechisaram selvagens. A vice-prefeitura, dependente do Rio, extendia-se no Paraná e no sul de Minas.

O *Pe. Samuel de Lodi* está entre os que pregaram missões e parochiaram. E' da provincia lombarda. Veiu para o Brasil em 1842. Do Rio foi para a Bahia, onde exerceu o cargo de prefeito, de 1843 a 1847. Data do primeiro anno de sua prefeitura o "Livro Mastro ou Registro historico dos P. P. Missionarios Capuchinhos italianos na Bahia". Fr. Samuel transcreveu dos velhos manuscritos a parte referente a factos anteriores a seu mandato.

Em 1847 voltou para o Rio e de lá veiu para S. Paulo. Missionou varias localidades de S. Paulo. Parochiou em Atibaia, de 1853 a 1854, Piracaia e em S. Isabel. Antonio Ferreira de Almeida em "Historia do Municipio de Piracaia", (1912) diz que: "em 1848 Fr. Samuel de Lodi esteve como visitador diocesano em Sto. Antonio da Cachoeira (Piracaia). Era italiano e talentoso tribuno, tanto que as suas praticas ás vezes commoviam os fieis, arrancando-lhes lagrimas. Foi recebido pelo vigario Pe. Alves de Siqueira."

Nomeado vigario de S. Isabel, aqui esteve até fevereiro de 1855, anno em que voltou para sua Provincia, onde com data de 1856, deu ao lume uma importante exposição ascetico-moral da Regra Franciscana.

Com Fr. Samuel, veiu para S. Paulo em 1847, o *Pe. Fr. Jeronymo de S. Columba*. Pregaram junto missões, em 1848, em Cotia, Araçariguama, Parnahyba e S. Roque. Separando-se de Fr. Samuel, o Pe. Fr. Jeronymo fixou residencia em Parnahyba, onde foi Vigario, de setembro de 1853 a 16 de fevereiro de 1854. Pregou uma missão em Cabreuva, onde era vigario o Pe. Fr. Mathias de Genova. A 11 de junho de 1854 foi nomeado vigario de Sarapuhy, onde se pôz logo a edificar a igreja matriz, e, quando, em 1856, fôra destinado para a catechese de Matto Grosso, com o Pe. Fr. Mariano de Bagnaia, adduziu esse trabalho da matriz, para se isentar de seguir para aquella zona. Trabalhou, apesar de atormentado pelo reumatismo, até completar a obra em 1870. Como se aggravassem seus achaques, retirou-se para o mosteiro dos Benedictinos, em Sorocaba, onde falleceu piedosamente a 30 de maio de 1870, remindo com o arrependimento e com uma morte edificante, deslizes e fraquezas que haviam algo desdourado seus ultimos annos. Foi sepultado na igreja do mesmo mosteiro.

O Pe. Fr. Clemente de Genova — Estava destinado á catechese do Araguaya, em Goyaz, com o Pe. Fr. Raphael de Taggia; seguiu rumo da missão em dezembro de 1846. Ao chegarem ás divisas de Minas com Goyaz, o nosso padre deixou o companheiro, e rumou pelo sul de Goyaz, margeando o Rio Grande, umas trinta leguas, até entrar no Matto Grosso. Alli deu com indios e ficou com elles. Encontrou-o em setembro de 1849, em Sant'Anna do Parnahyba, o Visitador diocesano, Mons. Jesuino de Moura, que a 1.º de outubro desse anno lhe passou provisão de vigario daquella parochia com jurisdicção até a barra do Rio Verde. Não parou muito. Em julho de 1850 estava na Resaca, S. Paulo, com intenção de ir pregar missões em Dores de Campo Formoso, em Sacramento e em Uberaba. Porem não foi; foi á Limeira, á Piracicaba, e, em setembro de 1851, estava no Rio Claro. Em começos de 1852 foi nomeado vigario de Pirassununga.

Não foi longo seu parochiato: em outubro de 1855, já não era mais vigario, até estava suspenso; o homem devia estar soffrendo das faculdades mentaes, pois tinha-se entregado a mascatear e vender velas e flores, como mais tarde disse em carta de 22 de julho de 1858, D. Antonio Joaquim de Mello, que o frade fôra suspenso por estar negociando. Em 1863 esteve em S. Paulo, com propósitos de ir para a Europa; mas não foi, pois ficou em Pernambuco onde falleceu a 5 de dezembro de 1865. (*).

NA CATECHESE DOS SELVAGENS

Partiram do Rio no dia 9 de setembro de 1844, o *Pe. Fr. Pacifico de Montefalco*, vice-prefeito, o *Pe. Ponciano de Montaldo* e o *Pe. Fr. Gaudencio de Genova*, que deviam ir catechisar os indios do oeste e noroeste paulista. De S. Paulo, foram a Faxina.

No anno seguinte, Frei Gaudencio accitou a parochia de Ti-bagy, onde permaneceu até a morte, occorrida em 14 de outubro de 1871; foi assistido pelo seu conterraneo, Pe. Fr. Mathias de Genova, então vigario de Castro.

Frei Pacifico com Fr. Ponciano, acompanharam o barão de Antonina, José da Silva Machado, que se havia apoderado de terrenos ao sul de S. Paulo, e attingiram uma das margens do rio Verde; na outra margem haviam se localisado alguns indios Cayoás. Alli, em agosto de 1845, foi demarcado o terreno em que abriria a aldeia de S. João Baptista de Itaporanga. O barão lhe enviou algumas familias, e assim ponde o missionario começar o aldeamento

(*) O necrologio da Provincia de Genova, diz que Fr. Clemente, falleceu em 1865 em Pernambuco santamente, após 30 annos de trabalho. As notas biographicas dizem que morreu santamente no Brasil, onde trabalhou de 1844 a 1881. Ingressou na Ordem em 14 de setembro de 1834.

e edificar, em 1847, a matriz. A povoação foi augmentando; em 5 de março de 1855 o bispo de S. Paulo criou a parochia e nomeou seu primeiro vigario a Fr. Pacifico. Em julho desse anno Fr. Pacifico se ausentou algum tempo da parochia, para acompanhar ao Jatahy, ao Pe. Fr. Timotheo de Castelnovo, que lá ia fundar uma catechese. Continuou seus trabalhos em S. João, até a morte, sempre cheio de espirito missionario, de zelo apostolico e de virtudes. Uma terrivel molestia o martyrisou durante 46 dias, terminados com a morte, que se deu a 31 de dezembro de 1862. Foi assistido por Fr. Ponciano, e foi sepultado na capella mór da matriz.

Na occasião da morte de Fr. Pacifico, S. João contava oitenta fogos com 478 indios; depois foi declinando. Substituiu-o algum tempo Fr. Ponciano; depois foi convidado para lá Fr. Mathias, vigario de Castro, mas este não foi. Em 1881 só se encontravam lá uns 60 indios.

Fundou-se um outro aldeamento com uns indios tambem Cayoás que estavam na margem do rio Paranapanema, perto da barra do Itararé — foi o de Tijuco Preto. Esteve á frente deste nucleo o Pe. Fr. José de Loro, enviado para lá em 14 de novembro de 1865. O governo o auxiliava com dinheiro, viveres e utensilios. Ficou só 5 annos, porque foi removido para o norte. Foi então destinado para lá o Pe. Fr. Mathias, que mais uma vez não attendeu á destinação. Por falta de pessoal, o nucleo — hoje Pirajú — foi abandonado.

Por esse tempo o Commissario Geral despachara para esta zona o Pe. Fr. Gregorio de Prato para inspeccionar a missão e convidar ao Pe. Fr. Mathias, Pe. Fr. Ponciano e Pe. Fr. Gaudencio para que voltasse para o Rio; contra os tres haviam chegado queixas aos superiores da Côrte. O visitador ,porem, não logrou o fim da sua embaixada, os tres declinaram o convite, e permaneceram em seus postos.

MAIS TRES ALDEAMENTOS

Um, o de S. Jeronymo, foi aberto no Alto Tibagy; os outros dois quasi fronteiros um ao outro, mais para a foz do mesmo rio; o de S. Pedro de Alcantara e o de Jatahy. Estes eram de indios coroados.

Para o de S. Pedro de Alcantara foi um dos nossos melhores missionarios, o Pe. Fr. Timotheo de Castelnovo. Fr. Timotheo nasceu em Genova, em 1823; ingressou na Ordem em 1841 e se ordenou em 1846. Veiu para o Brasil no fim de 1850, tendo chegado ao Rio, em Janeiro de 1851; aqui, em abril de 1852 foi assistir aos doentes de febre amarella, no lazareto de S. Isabel. Em 1852 estava em S. Paulo, e era nomeado vigario de S. Barbara e Monte Mór,

(naquelle tempo chamada Agua Choca). Parochiou essas freguezias até outubro de 1854. Com *Fr. Mathias de Genova*, que então parochiava Cabreuva, foram enviados a catechisar os indios "coroados" do Paraná, que habitavam as margens do rio Tibagy; antes, porem, de seguirem para lá, foram a Itú, onde então, 1855, residia o Bispo D. Antonio de Mello; auxiliaram na semana Santa e até *Fr. Timotheo* pregou o sermão da Paixão.

No Paraná *Fr. Mathias* conseguiu ser nomeado vigario de Castro, onde levantou a igreja e um hospital, e permaneceu até a morte, occorrida a 22 de julho de 1873.

Fr. Timotheo foi mais adiante, nas margens do rio Tibagy, nas vizinhanças do rio Congonhas; alli fundou um nucleo catechetico, de S. Pedro de Alcantara. Levava comsigo varias familias de nacionaes e europeus e com estas foi-lhe facil formar o seu aldeamento, que foi fundado a 2 de agosto de 1855. Em 1881 já tinha, ao todo, 867 pessoas, 229 indios coroados ou caigans, 211 indios guaranys, 191 indios caicós, 49 pretos e 157 europeus.

Afim de reunir outros caigangs, fundou em 1868 outro aldeamento no alto Tibagy, o Aldeamento de S. Jeronymo. Collocou nelle o *Pe. Fr. Luiz de Cimitille*, vindo ao Brasil em 1865, e já com alguma pratica feita nos aldeamentos de Jatahy — fronteiro ao de S. Pedro de Alcantara, e no de S. Ignacio. *Fr. Luiz* deu grande impulso ao nucleo, pois em 1880 já tinha uns 400 indios. Dois annos depois, *Fr. Luiz* deixou o aldeamento, foi ao Rio, arranjou uma commissão e com ella visitou S. Catharina; terminada essa commissão, em 1886, voltou para Napoles, onde morreu em 1902. Deixou escriptas algumas memorias sobre os indios.

Com a sahida de *Fr. Luiz*, o *Pe. Fr. Timotheo* annexou em 1882 S. Jeronymo a S. Pedro de Alcantara.

Em 1886 *Fr. Timotheo* appareceu em S. Paulo, tendo pernoitado no Seminario, de passagem para Santos, onde, no desempenho de uma missão que lhe confiaram os Superiores, tomaria vapor para Cananea e Iguape. Demorou-se pouco nestas cidades, tendo voltado a sua catechese por Paranaguá e Castro. Durante a sua ausencia, substituiu-o em S. Pedro de Alcantara o *Pe. Fr. Bernardino* de Napoles e o *Pe. Fr. Mariano* de Bagnaia. Este lá esteve de agosto de 1886 a março de 1887.

Em 1894 *Fr. Timotheo* escreveu ao Superior do Rio, que estava já muito velho e cansado de trabalhar. No anno seguinte adoeceu gravemente e a 18 de maio, cercado de seus indios, nos braços de um velho preto, que sempre o acompanhava, entregou placidamente a Deus, sua alma rica de merecimentos. Alguem escreveu que *Fr. Timotheo* foi sacramentado pelo *Pe. Vanesse*; testemunhas porém da morte do santo missionario negam esse facto.

Rocha Pombo na "Historia do Brasil", vol.II, pag. 182, nota, diz de Fr. Timotheo: "Por muitos annos, desde 1854, viveu este veneravel catechista entre os indios do sertão de Tibagy, prestando os maiores serviços a numerosas familias aldeadas no reducto de S. Pedro de Alcantara. Delle possuimos um precioso vocabulario dos Cainés e outro dos Coroados".

Com a morte de Fr. Timotheo esses aldeamentos foram perecendo.

O Pe. Fr. Ponciano de Montaldo — em 1854 construiu uma igreja em S. José da Boa Vista, além do rio Itararé; outra em Lavrinhas, hoje Itaberá, em 1863, em 1857 havia reformado a de Faxina, de onde era vigario. Mais tarde enveredou por máos caminhos: chamou para juncto de si uma companheira; recebeu varias accusações, foi envolvido num processo em que sahiu condemnado, o que motivou a perda de confiança do governo e a destituição do cargo de capellão dos indios de S. João Baptista; mostrou-se surdo ás demonstrações e ameaças dos superiores e do bispo. Em 1862 mudou-se para Capão Bonito, onde tratou de construir a Igreja matriz. Como porém continuassem seus dealises, D. Lino Deodato Rodrigues, bispo de S. Paulo, o destituiu da parochia e o suspendeu do uso de ordens, isto em 1886. Assim viveu, suspenso e infeliz, até dois mezes antes da sua morte, em que Deus lhe fez mercê que se reconciliasse plenamente com a S. Igreja. Foi em 1903; quem o reconciliou foi um seu irmão de habito, o Pe. Fr. Bernardino de Lavalley, auctorizado pelo Vigario Capitular de S. Paulo.

CAPUCHINHOS NO SEMINARIO DE S. PAULO

O grande bispo que foi D. Antonio Joaquim de Mello, pretendendo installar seu seminario, recorreu a S. Santidade, Pio IX, este lhe aconselhou os capuchinhos como lentes do mesmo. Pediu-os á provincia de Saboya.

Em 1854 embarcaram-se no Havre o Pe. Affonso de Rumilly, então definidor geral que vinha acompanhar seus irmãos, destinados ao seminario, isto é, o Pe. Fr. Eugenio de Rumilly e o Pe. Fr. Firmino de Centelhas; após 45 dias, chegaram ao Rio, a 8 de abril do mesmo anno. O bispo, D. Antonio de Mello, estava em visita pastoral; foram ter com elle no Bananal, e com elle ficaram até o regresso a São Paulo, em outubro. Em quanto aguardavam se completassem as obras do seminario, deram aulas no palacio episcopal. O seminario inaugurou-se a 9 de novembro de 1856, e no dia 13 iniciaram-se as aulas, com 15 alumnos. Fr. Eugenio ficou nomeado Reitor. Auxiliavam outros membros do clero. (*).

(*) De Cognin - Les Capucins en Savoie, Chambéry, 1934, pag. 187. e "Polyanthéa do Seminario de S. Paulo", S. Paulo, 1906.

Em fevereiro de 1857, o Pe. Frei Eugenio, por commissão do Bispo, voltou á Europa, afim de trazer mais professores para o Seminario, ficando em seu lugar o Vice-reitor o Pe. Frei Firmino. Depois de estar alguns mezes na França e na Italia, regressou ao Brasil com o Pe. Fr. Francisco de Vibonati, profundo philosopho e theologo, e o irmão leigo Frei Crispim, o qual, por motivo de enfermidade, dahi a pouco tempo, regressou á França. No mesmo anno, veio tambem o Pe. Frei Germano de Annecy, notavel mathematico e astronomo, que se achava missionando no Chile. No anno seguinte, 1858, chegou de Roma o Pe. Fr. João de Montefiorito que leccionou, durante alguns annos, rhetorica e Historia Universal.

Durante o funcionamento do Seminario, chegaram mais os seguintes Capuchinhos: o Pe. Frei Generoso de Rumilly, o Pe. Frei Gonçalo de Centelhas, e Pe. Frei Ambrosio, o Pe. Frei Justo de Moye, o Pe. Frei Calixto de Grenoble, o Pe. Frei Theodoro de Moye, todos de Chambery; o Pe. Frei Thomaz de Forli, italiano. Leccionou tambem por algum tempo o Pe. Frei Vital Gonçalves de Oliveira, depois Bispo de Olinda.

Frei Eugenio de Rumilly, que teria uns 48 annos, quando veio para cá, regeu o Seminario até 1873, no fim do qual anno se retirou mysteriosamente de S. Paulo para a Europa. Ha varias versões sobre essa viagem.

Frei Firmino de Centelhas, nascido na Espanha em 3 de maio de 1817, entrou na Ordem, em França, a 2 de Junho de 1843, e se ordenou a 8 de dezembro de 1847. Foi vice-reitor do Seminario. Publicou um livro do "Sermões", um compendio de philosophia, um de historia da igreja, e um catecismo diocesano (moldado sobre o da diocese de Chambery). Na sahida de Frei Eugenio, passou a ser Reitor do Seminario, até 1880, em que voltou para a Saboya, e foi leccionar no convento de Chambery. Em 1881, Roma o enviou para uma provincia espanhola, Aragão, a fim de reorganisal-a. Lá falleceu a 17 de abril de 1893.

Frei Germano de Annecy, nasceu a 10 de agosto de 1822, ingressou na Ordem em 1841; ordenou-se a 20 de março de 1845; foi missionar no Chile de 1851 ou 52 até 1857, quando veio para S. Paulo. Leccionou no Seminario até 1880 ou 81; recusou o lugar de Director do Observatorio astronomico do Rio, que lhe havia oferecido D. Pedro II. Em 1882 foi para Franca, onde abriu um collegio; mais tarde mudou-se para Uberaba, onde residiu cerca de 8 annos. Ia regressar á Europa, quando falleceu, victimado por beriberi, a bordo, ao sahir da Bahia, no dia 1 de maio de 1890.

Frei Generoso de Rumilly — optimo cantor — deixou o Seminario em 1877, foi para La Roche em Foron (Saboya), onde falleceu aos 11 de fevereiro de 1879, com 50 annos de idade e 25 de

religião. Frei Theodoro de Moye foi fallecer com Chambéry. Frei Justo de Moye tambem falleceu em Chambéry em 1895, com 59 annos de idade e 42 de religião. Frei Gonçalo foi para Asti, na Italia. Frei Francisco Vibonati, voltou em 1864 para a patria, onde falleceu alguns annos depois e foi enterrado em Roma.

Frei João José de Montefiorito, nascido em 1829, entrou na Ordem em 1847; depois de alguns annos de Seminario, foi removido para Monteideo, na guerra do Paraguay; em 1874, seguiu para o Chile, onde morreu em Valdivia, no anno de 1881. Frei Thomas de Forli, voltou doente para sua provincia, onde morreu em 1908.

Visitou officialmente a Communidade religiosa do Seminario, em 1877, o Visitador Geral dos Capuchinhos, Frei Francisco de Monte Colombo.

O Pe. Fr. Affonso de Chambéry, que acompanhava os dois primeiros padres, ao voltar á Chambéry, a pedido do bispo de S. Paulo, se interessou pela vinda de irmãs, e convidou as da Congregação de S. José de Chambéry; ellas acceitaram e vieram abrir a primeira casa em Ytú. (*)

* * *

Havia quasi 25 annos que os Capuchinhos dirigiam o Seminario, grandemente coadjuvados por sacerdotes brasileiros; já se havia attingido o alvo traçado pelo santo Bispo D. Antonio de Mello; já havia Clero nacional sufficiente e habilitado para continuar a obra do Seminario. Era, pois, justo que o Clero regular, auxiliar, deixasse o trabalho ao Clero secular, ainda mais para se dar cumprimento ao testamento do finado Bispo D. Antonio de Mello, que tal transferencia exigia, para o Seminario não perder o seu patrimonio.

Antes de ser effectuada essa transição necessaria, D. Lino, segundo successor de D. Antonio, tentou harmonizar para o futuro a permanencia e os interesses dos Capuchinhos com o novo funcionamento do Seminario sem prejuizos para este ou para aquelles. Entrou em diversas negociações com a Ordem. Para este fim,

(*) Paulo Cursino em "Revista Judiciaria" S. Paulo setembro de 1935, conta que, no desastre occorrido a 6 de setembro de 1865, no dia da inauguração da Estrada de Ferro Santos Jundiaby, hoje São Paulo Railway, — a composição ao chegar, vindo de Cubatão, em frente ao antigo Seminario Episcopal, tombou, matando o machinista e ferindo alguns passageiros e assistentes — "os frades e os padres do Seminario, que assistiram á chegada inaugural do comboio, do laboratorio astronomico daquelle instituto de ensino — entre elles o astronomico Frei Germano de Ancey, o reitor Frei Eugenio de Rumilly e o Padre mathematico Carlos Maria Ferrier — ao verem tão calamitoso accidente, immediatamente desceram, com arnicas e ligaduras para a assistencia aos feridos". (pag. 91).

vieram da Europa dois visitantes dos Capuchinhos, o primeiro, de Chambery, o Pe. Frei Matheus; o outro, Visitador Geral, de Roma, o Pe. Frei Francisco de Monte Colombo. Isto foi em 1877.

Com o segundo ficou, parecia, tudo harmonizado, de modo que os Capuchinhos permaneceriam no Seminario, conjuntamente com o Clero Secular, sendo distribuidas as cadeiras de ensino de modo a não ser transgredida a disposição testamentaria concernente o patrimonio, legado por D. Antonio de Mello.

As ultimas resoluções, porém, combinadas entre D. Lino e o Visitador Geral, pouco duraram. O Pe. Geral dos Capuchinhos, julgando que a permanencia dos seus religiosos no Seminario não era mais necessaria, concedeu licença ao então Reitor do Seminario, Pe. Firmino de Centelhas e demais religiosos Capuchinhos, professores, para regressarem aos seus respectivos conventos. Era o anno de 1878.

O governo diocesano forneceu a quantia necessaria para o regresso de todos elles, montando as despezas, incluidas as dos Visitadores, em quinze contos.

Para administrar e reger o novo Seminario, foi nomeado, por D. Lino, o Conego João Alves Guimarães, que exerceu esse cargo até 1899, com extremosa dedicação e optimos resultados.

Não fugirá á arguta observação do leitor, o facto de que os Capuchinhos do Rio, não tivessem ligações com os lentes do Seminario de S. Paulo, como tambem, mais tarde, com D. Frei Vital, bispo de Olinda. Explica-se: os capuchinhos do Seminario de S. Paulo, vieram e viveram independentes dos Capuchinhos do Rio; dependiam de Roma e do bispo de S. Paulo.

Em 1889 vieram para São Paulo os missionarios capuchinhos de Trento. Veremos mais adiante.

MISSIONARIOS NO MATTO GROSSO

Na disposição dos missionarios, o *Pe. Fr. Frei Mariano de Ba-gnaia* com o *Pe. Frei Antonio de Molinetto* foram destinados á catechese na provincia de Matto Grosso.

Com seus companheiros partiu de Genova a 29 de dezembro de 1846 e estava no Rio a 5 de março de 1847. A 29 de maio do mesmo anno, os dois partiram rumo de Cuyabá. Desembarcaram em Santos, subiram a Serra do Cubatão, chegaram a S. Paulo, onde se hospedaram no Convento do Carmo. Seguiram, passando por Mogy-Mirim, onde Frei Mariano pregou aos 24 de junho. Deram nessa região varias missões; atravessaram Minas Geraes, chegaram a Goyaz, passaram o Araguayá e, após uma penosissima viagem, chegaram a Cuyabá. (Do "Diario manuscripto" do Pe. Mariano).

Chegaram a Cuyabá a 30 de outubro de 1847, onde foram recebidos pelo bispo D. José Antonio dos Reis. Encetaram seus trabalhos em Villa Maria e Poconé; mais tarde Fr. Mariano esteve em Diamantino sete mezes, onde inaugurou a matriz começada pelo seu antecessor, o Pe. Fr. José de Macerata. Pelo seu zelo intempestivo, cremos, obrigaram-n'o a retirar-se de Diamantino. Com seu companheiro demandou o Baixo Paraguay para se occupar da catechese dos selvagens.

Frei Mariano se estabeleceu na aldeia dos quinquimãos, a tres leguas de Albuquerque; nella ergueu uma capella consagrada a N. S. do Bom Conselho. A aldeia cresceu, ficou villa, na qual o frade conseguira reunir mais de tres mil indios. Sobreveio, em 1857, uma grande secca e mais uma alluvião de gafanhotos, que dispersaram muitos indios e deixaram a villa muito reduzida. Frei Mariano foi ao Rio para tomar providencias.

No entrementes, o Pe. Antonio de Molinetto cuidou em aldear perto de Miranda, os indios Terenos, e com elles empregou seus melhores esforços. Frei Mariano viajou para o Rio, descendo o rio Paraguay. Em Buenos Ayres hospedou-se com os Franciscanos. Ficou algumas semanas em Montevideo; chegou ao Rio a 11 de junho de 1857. Conseguiu lhe dessem dois padres: o Pe. Frei Angelo de Caramanico, que estava no Rio, e o Pe. Frei Jeronymo de S. Columba, que estava em Sarapuhy, S. Paulo. De volta partiu para S. Paulo, em setembro de 1880.

Em nosso Estado se demorou diversos mezes, para acompanhar o sr. Bispo D. Antonio Joaquim de Mello, em visita pastoral a S. José do Rio Pardo, a Batataes e á Franca. De volta á Capital, o Sr. Bispo quiz nomeal-o vigario de Batataes, mas elle se escusou dizendo que tinha ordem terminante do Padre Commissario de partir para Matto Grosso.

O Pe. Frei Jeronymo de S. Columba, logo que soube da sua destinação ao Matto Grosso, empenhou-se perante o Padre Commissario, e não foi; ficou missionando as freguezias proximas a Sorocaba.

Seguiu, pois o Pe. Frei Mariano a sua viagem via Itapura, levando consigo apenas o Pe. Frei Angelo de Caramánico. Por Sant-Anna do Parahyba foi até o rio Sucuriú; subiu até as suas vertentes, transpoz a serra do Bahú e, juntando-se á uma expedição de exploração, desceu pelo rio Taquary até Corumbá. Dalli, mandou o Pe. Frei Angelo para a villa de Bom Conselho, perto de Albuquerque e elle foi para Cuyabá, onde chegou aos 24 de Agosto de 1859.

Durante a sua ausencia de Matto Grosso, o Pe. Frei Antonio de Molinetto deixou Miranda e os seus indios, e passou a trabalhar na zona do norte da Provincia.

Ao chegar em Cuyabá, Frei Mariano foi dar conta ao Sr. Bispo do resultado da sua viagem ao Rio, e foi nomeado vigário de Miranda, e vigário Foraneo de toda a circumscrição do sul da Provincia, ou como então se dizia, do Baixo Paraguay .

Tomou posse da parochia aos 23 de outubro de 1859, segundo o testemunho do Juiz Municipal. Sacerdote de muito zelo, começou logo a construção da Matriz, e visitou toda a parochia. Em 1861 construiu uma capella a S. Francisco com o fim de servir exclusivamente para os indios que se iam convertendo. Alli baptizou 300 indios "Terenos". Em junho de 1862, visitou a colonia militar de Nioac, prestando serviços religiosos aos soldados e suas familias.

Aos 4 de março de 1864, foi encarregado pelo sr. Bispo de fazer a visita pastoral na circumscrição do Baixo Paraguay.

Quando da invasão de Matto Grosso, no fim de dezembro de 1864 — preambulo da guerra do Paraguay (1865-1870), Frei Mariano refugiou-se com seus parochianos nas margens do Salobro; como, porém, tivesse cuidados pela sua parochia de Miranda, invadida junctamente com as colonias militares de Dourados, Miranda, Nioac e Coxim, tentou ir implorar a clemencia dos invasores; nada conseguiu, pelo contrario, foi preso e levado para Nioac, depois para as margens do Apa, e em seguida para Assumpção, onde já estava preso o Pe. Fr. Angelo de Caramanico.

O sr. Internuncio fez o possivel para obter a liberdade dos nosos missionarios, solicitando os bons officios do representante da França junto do Paraguay, o qual porém, nada conseguiu. Só tiveram uns dias de menos soffrimentos e de uma relativa liberdade, no tempo em que esteve naquelle porto um navio italiano, e os paraguayos temiam alguma complicação diplomatica. Os dois capuchinhos foram separados um do outro.

Frei Mariano diz no seu "Diario", que em Assumpção esteve preso no quartel, antes convento dos Franciscanos, nos mezes de julho e agosto de 1866. Separado de Frei Angelo, foi mettido numa casa velha, abandonada e meio assombrada, onde uma velha escrava lhe trazia um pouco de comida. Foi depois reenviado para Ecurra na Cordilheira, e lançado num cercado parecido com um chiqueiro; mais tarde mandaram-no para o presidio de Caacupé, com muitos feridos; lá appareceu o cholera-morbus que dizimou diariamente muita gente. O frade tambem o apanhou, mas Deus lhe poupou a vida.

A derrota de Lomas Valentinas — 27 de dezembro de 1868 — accendeu as iras de Solano Lopes, que se desforrava matando prisioneiros. O Pe. Mariano diz que entre as victimas do tyranno, foi assassinado, em Assumpção, o Pe. Fr. Basilio Landini, Menor Observante, que ahi estava de passagem da Bolivia para Roma. Outra victima foi o Pe. Fr. Angelo Caramanico. Lopes havia or-

denado que fosse levado á presença do Pe. Mariano e lá, após ter sido açoutado, fosse degolado. A ordem foi cumprida a risca num dia de abril de 1869!

Consumada essa horrenda tragedia, encaminharam Frei Mariano com mais dezoito pessoas para o presidio de Parrero para lá serem executados. Porem, a repentina aproximação dos brasileiros, a 16 de agosto, desorientou os paraguayos, que foram forçados a entrar logo em acção. Nesse interim, os nossos prisioneiros tiveram azo para fugir. Frei Mariano, cessado o tiroteio, conseguiu ganhar a margem do rio, e ia atravessal-o, quando as sentinellas brasileiras o teriam alvejado, si elle não gritasse que era "o Frei Mariano". Ao ouvir-lhe o nome, um soldado foi buscal-o; deram-lhe um manto, comida e o levaram a Nioac.

Descançou um pouco e seguiu para Miranda, destruida; de lá para Corumbá, e de Corumbá foi a Cuyabá, a 8 de outubro de 1878; alli ficou com o bispo o resto do anno.

No anno seguinte, nomeado vigario de Corumbá, a 19 de fevereiro, emcaminhou-se para aquella villa, reencetando seus trabalhos apostolicos. Conseguiu em pouco tempo levantar a matriz (hoje cathedral) que foi inaugurada a 14 de outubro de 1877.

Sua Magestade o Imperador, ao ter noticia do salvamento de Frei Mariano, e do muito que tinha soffrido, durante cinco longos annos de captiveiro nos carceres paraguayos, e sabendo mais que grande parte dos seus padecimentos foram devidos á firmeza com que defendeu o nome do Brasil e a honra dos seus Monarchas, houve por bem nomeal-o Pregador Imperial e condecoral-o com o titulo e as honras de Major do Exercito Brasileiro, por carta da Côte de 8 de outubro de 1873. Mezes antes, isto é, a 22 de julho, o S. S. Pio IX havia-lhe expedido uma carta congratulatoria pelos seus feitos admiraveis.

Nesse tempo o Pe. Frei Mariano era Vice-Prefeito da missão apostolica do Matto Grosso, Vigario Foraneo e Visitador da circumscripção do Baixo Paraguay, além de vigario encommendado de Corumbá e de Miranda.

NOTA — Por diversas pessoas, suas contemporaneas, foi notado em Frei Mariano um certo abalo nas faculdades mentaes, proveniente dos soffrimentos supportados no Paraguay. Não havia de ser cousa muito grave, ao menos no começo, porque do contrario, o Sr. Bispo não o teria então nomeado Vigario. Mais tarde porém, esse triste abalo deve ter augmentado mais ou menos progressivamente, como se pode deduzir das notas por elle deixadas neste tempo, e das relações que de sua vida enviou aos "Annali Francescani", de Milão, publicadas pela mesma revista, no decurso do 1875; relações muito exaggeradas e bastante phantasticas, mórmente quando se referem aos soffrimentos que lhe foram infligidos durante o ca-

ptiveiro. A leitura dessas paginas deixa-nos ver o poltre do homem doentiamente exaltado por uma grave obsessão de perseguição e maus tractos. Elle mesmo, em seu "Diario" (*) diz que "os padecimentos da prisão do Paraguay, lhe enfraqueceram a memoria", e que a "falta de sentidos" lhe "durou até janeiro de 1867."

Esse abalo culminou no tragico desfecho que terminou sua laboriosa e soffrida existencia.

Em março de 1886 foi chamado para o Rio e de lá despachado a substituir de 23 de agosto até março do anno seguinte, na colonia do Jatahy, Paraná, ao Pe. Fr. Timotheo de Castelnovo, que, nesse lapso, demandou o Rio. Nesse mesmo anno de 1887, no mez de julho, Frei Mariano esteve em S. Paulo tractando da catechese de indios coroados, na raiz da serra dos Agudos, perto de Campos Novos do Parapanema; de S. Paulo fizera elle uma excursão a Campos Novos, de julho a agosto de 1887.

A 22 de março de 1887, foi, pelo Commissario Geral, destinado como companheiro de Pe. Frei Francisco de Alatri, que a dois de setembro de 1887 tinha sido nomeado director de dita catechese de Campos Novos. Os dois seguiram para lá; passaram por Piracicaba, e chegaram a Campos Novos a 7 de maio de 1888. Frei Mariano, numa carta ao superior do Rio, em data de 22 de maio desse anno, lamenta um enfraquecimento do cerebro, perda de memoria, organismo debilitado, e declara que já no Rio tinha sentido forte hypocondria, molestia esta agora augmentada e a martyrizal-o. O Pe. Francisco de Alatri, varias vezes se queixa, em cartas, ao superior do estado mental do Pe. Mariano; chegou a providenciar sua remoção d'elle para S. Paulo, pedindo licença ao Presidente da Provincia.

Estava Fr. Mariano em S. Pedro do Turvo, indeciso si seguiria ou não para S. Paulo; passou nove dias nessa hesitação; começou a delirar e a dar signaes de loucura, até tentou lançar-se ao rio, e, não o conseguindo, esperou momento azado e com uma navalha golpeou-se profundamente a garganta, cahindo no chão, em sangue. Acudiu-lhe um medico, que conseguiu fazel-o melhorar; recuperou suas faculdades mentaes, recebeu todos os sacramentos, administrados pelo Pe. Pedro de Mayo; e foi transportado para Campos Novos. Alli, após quinze dias de soffrimentos, consequencia da ferida, Fr. Mariano succumbiu, a 20 de julho de 1888. Foi sepultado na igreja de Campos Novos, perto do pulpito. A Camara Municipal de Cuyabá, dedicou a Frei Mariano, uma rua da cidade. (*)

(*) Diario do P. Mariano — manuscripto d'elle, conservado no Archivo dos P. Capuchinhos do Rio.

(*) Cartas no Archivo dos Capuchinhos, Rio. Estevão de Mendonça — *Datas Matogrossenses*, vol. II, pag. 235.

OS COMPANHEIROS DE FREI MARIANO

O Pe. Fr. Antonio de Molinetto, que chegara a Cuyabá com o Pe. Mariano, em 1847, pregou, durante dois annos, missões pelas freguezias; em setembro de 1849 foi para Miranda, tractar dos indios Terenos que moravam nas vizinhanças; era ao mesmo tempo vigario da parochia. Em 1851, se transferiu para Albuquerque e se dedicou quasi exclusivamente á civilização dos indios "Guaycurús". Em 1855, partiu para Goyaz, tendo durante tres annos pregado diversas missões nas parochias que ficam nos confins das duas provincias.

Voltando depois ao Matto Grosso, foi residir na antiga Capital, a decadente cidade de Matto Grosso, hoje Villa Bella, nomeado pelo sr. Bispo, Vigario Geral, etc., do norte da Provincia, cargo esse de que elle tomou posse no dia 1 de Janeiro de 1859. Permaneceu em Villa Bella 8 ou 9 annos. (*)

Em abril de 1864, escreveu ao Pe. Commissario dos Capuchinhos do Rio dizendo que estava reformando a Matriz de Matto Grosso. Em outra carta, escripta em outubro de 1867, se refere á grande epidemia de variola que estava dizimando a população da nova Capital, que era Cuyabá. Já tinham morrido (escreve elle), cinco ou seis mil pessoas, portanto, metade dos habitantes. Entre outros tinham fallecido dez sacerdotes, dos quaes, um era Vigario Geral, quatro vigarios de parochias vizinhas, dois coadjutores, um lente do Seminario e tres clerigos minoristas. Para acudir á essa calamidade, o Pe. Frei Antonio se tranportou para Cuyabá, de onde escreveu em 1869.

Terminada a epidemia, foi nomeada vigario de Brotas, não muito distante de Cuyabá. Alli, restaurou a Matriz e fez o cemiterio parochial. Falleceu aos 10 de junho de 1877, na mesma cidade de Brotas, depois de ter recebido todos os sacramentos, que lhes foram administrados por um sacerdote de Cuyabá. Foi enterrado no cemiterio parochial.

O Pe. Fr. Angelo de Caramanico, partiu do Rio com Fr. Mariano em setembro de 1857; demorou-se algum tempo em S. Paulo e foi á villa do Bom Conselho, perto de Albuquerque, na segunda metade de agosto de 1859. Em suas cartas, queixa-se da solidão em que se acha. Em 1864 foi removido de Bom Conselho para a Colonia militar de Dourados, onde se interessou pelos indios. Tomada Nioac, foi levado para Assumpção, onde, após um longo e cruel martyrio, supportado com edificante resignação — como escreveu o de Molinetto, relatando a morte d'elle — foi barbaramente degolado em abril de 1869.

(*) Revista: "Le Matto Grosso", n.º 96.

MISSIONARIOS CAPUCHINHOS EM GOYAZ

Os missionarios encarregados da catechese desta vasta provincia, escolheram para seus nucleos o centro, á margem do Araguay, do Tocantins, do rio Vermelho, do rio do Somno, na ilha do Bananal. E' facil imaginar as mil difficuldades que eriçavam as viagens rumo para aquellas longinguas paragens, sem caminhos e sem habitantes. Mas a caridade de Christo queurgia a esses bravos evangelisadores, não deixava considerar essas difficuldades.

O Pe Fr. Francisco de Monsanvito catechizou no Tocantins e no Araguaya. Lá estava já em 1842. Assentou sua tenda na villa Bôa Vista, nas margens do Tocantins, e nos oito annos de sua estadia, logrou pacificar e trazer á civilização cinco aldeias de indios apanagés que moravam nos arredores da villa e viviam em continuos conflictos com os moradores desta. Fr. Francisco, captivou-os, fel-os amigos seus. Bôa Vista progrediu a olhos vistos.

Acerca dos trabalhos do Pe. Fr. Francisco de Monsanvito, encontramos no Relatorio do Min. do Imperio, de maio de 1864: "Por documentos officiaes que o governo ultimamente recebeu, consta que muitos bons serviços tem prestado á catechese e civilização dos indigenas, nas provincias de Goyaz, o religioso capuchinho Frei Francisco do Monte S. Vito, no logar denominado Bôa Vista e que elle appellida Villa Pacifica, pertencente ao municipio de Carolina. Segundo os referidos documentos, aquelle logar, que antes da chegada daquelle religioso, era asylo de facinorosos, que alli commettiam toda a sorte de attentados, está hoje convertido em uma povoação numerosa e morigerada, com mais de mil e quinhentos habitantes, quasi todos Indios "Apanagés", por elle domesticados".

O Relatorio de maio de 1847 dizia que Boa Vista "hoje tem 2.822 habitantes, dos quaes 800 são indios, que se dão á lavoura e fazem abundante farinha".

S. M. Dom Pedro II, ao saber os trabalhos de Fr. Francisco naquella região, houve por bem conferir-lhe uma medalha de ouro como titulo de benemerencia.

Após oito annos de trabalhos fructuosissimos nesse campo, Frei Francisco foi removido — parece por intrigas de invejosos e interessados — para as margens do Araguaya, encarregado de catechisar lá os indios Carajás e Chambyoás. O governo estabeleceria em S. Maria uma colonia militar para protecção da catechese.

O novo destino não era muito alviçareiro, pois, nas margens desse rio encontravam-se tribus de indios bravios e muitos aventureiros que iam em busca de riquezas. Avisou o missionario seu povo, e procurou acceitar com resignação sua transferencia. Os amigos e maximé os seus indios Apanagés, não quiseram, que fosse

só; escoltaram-no durante a longa viagem até S. Maria, e só voltaram quando viram que estava prompta a pequena igreja, a residência do missionario e o quartel dos soldados. A igreja foi edificada em 1862.

Começou seu trabalho com os civilizados e com os indios. Deus quiz proval-o; Frei Francisco ficou cego; assim mesmo continuou a trabalhar na séde, servindo-se de guias. O superior do Rio foi informado pelo proprio governo, do estado de Frei Francisco; tambem D. Joaquim, bispo de Goyez, que o visitara em julho de 1867 mais tarde, a 10 de outubro de 1873, escrevia a Fr. Caetano de Messina; "E' bom ter pena de Frei Francisco, que está cego; mande para alli um companheiro que viva com elle. Este santo sacerdote, veneravel por tantos titulos ganhos na vida de missionario desde a culta Suissa até as brenhas do Tocantins e do Araguaya, deve ter junto de si um companheiro que lhe adoce as amarguras da vida nos ultimos dias".

O superior tratou logo de mandar um companheiro ao velho missionario; mandou-lhe o Pe. Fr. Antonio de Gangi; este, depois de algum tempo, adoeceu; foi substituido pelo Pe. Fr. Sabino de Rimini, o qual mais tarde foi fundar nova catechese, e na sua ausencia o santo velhinho adormeceu nos braços do Senhor, a 28 de outubro de 1873. Frei Antonio de Gangi, deu-lhe sepultura na igreja de S. Maria. O seu nome é recordado como o de um santo.

O Pe. Fr. Antonio de Gangi era de Messina; entrou na Ordem aos 20 annos, em 1855; mal apenas ordenado veiu para o Brasil em 1865. Em principios de 1866 foi mandado para Goyaz, como auxiliar do velho Pe. Fr. Francisco, em S. Maria do Araguaya. De optima vontade, poz-se a trabalhar sob a direcção do velho missionario; depois de pouco, porém, cáe gravemente doente — de hydropisia. Foi preciso buscar a capital da provincia; lá um bom medico, dr. Vicente Moretti Foggia, luctou varios mezes contra a molestia; á final foi debellada e Fr. Antonio poudo voltar para S. Maria.

Frei Francisco, que era vice-prefeito das missões em Goyaz, o nomeou "Encarregado da catechese dos indios Cherentes"; antes porém, de assumir o cargo deveria visitar ao Pe. Fr. Raphael de Taggia, no rio do Somno. Frei Antonio foi e lá chegou a 7 de agosto de 1867. Informou-se das necessidades daquella catechese, e foi á capital da provincia para tratar dellas, como tambem para providenciar acerca da nova catechese que elle ia abrir em Piabanha. Passou-se nisto o anno de 1867. Em principio de 1869 elle poudo fundar a povoação de Piabanha. No anno seguinte, a catechese foi visitada por Frei Sabino de Rimini. Estava ainda no inicio a missão; aos poucos construiu choupanas, uma casa para o missio-

nario e em 1877 poudo inaugurar a egreja. Frei Antonio tambem cuidava de outros indios da redondeza; estavam sob sua direcção uns dois mil indios.

Em 1883 foi ao Rio, mas logo voltou; nesse tempo, além de zelar por Piabanha, era vigario de Porto Nacional. Quizeram dar-lhe tambem a parochia de S. Vicente, mas elle adduziu boas razões para não acceital-a. Numa visita que fez a seus nucleos de indios, em 1900, foi victima de um desastre na cachoeira do Funil, no Tocantins; a canoa em que elle ia, naufragou, e os indios que a guiavam não puderam salvar o missionario. Isto se deu a 24 de março; seu enterro foi feito no dia seguinte. (*)

A catechese do Piabanha passou para os Dominicanos.

Visinho do Pe. Antonio era o *Pe Raphael de Taggia*. Nasceu a 23 de fevereiro de 1812; entrou para o Ordem em 1828; chegou ao Rio em 1846; no fim do mesmo anno partiu para Goyaz para catechisar os guayajáras; em junho de 1847 estava no seu posto. Conseguiu fazer boa aldeação dos ditos indios; interessou-se tambem pelos carahós. Fundou a villa de Pedro Affonso. Rocha Pombo (**) diz que o Pe. Raphael de Taggia "foi o missionario que tantos serviços prestou á catechese nas antigas aldeias do Alto Tocantins". Na "Rev. do Inst. Historico do Brasil", vol. XIX, encontra-se um mappa, do Pe. Frei Raphael de Taggia, com data de 24 de junho de 1851. Por elle sabemos que na povoação de Theresz Christina, do rio Tocantins, em 1851, havia 2.139 indios; na aldeia de Pedro Affonso, na margem do mesmo rio, 620 (indios carahós).

O isolamento em que se achava, parece, despertou nelle profunda neurasthenia, que mais tarde passou a perturbação mental. Fr. Francisco de Monsanvito lhe mandou por algum tempo, para companheiro, o Pe. Fr. Antonio de Gangi, em 1867. Em 1870 foi visital-o o Pe. Fr. Sabino, mas já então o Pe. Raphael estava bastante atacado das facultades mentaes. Como peiorasse levaram-no para Pedro Affonso, onde passou muito tempo fechado num quarto. Falleceu assistido por tres pessoas, a 5 de outubro de 1892, com 80 annos de idade e quasi 50 de missão.

Vem o *Pe. Fr. Sigismundo de Taggia*. Veiu ao Brasil em 1844; no mesmo anno seguiu, por Minas, destino de Goyaz. Da capital homonyma, desceu até perto da ilha do Bananal; como encontrou alli indios Chavantes, lá ficou para catechisal-os. Conseguiu levar para lá alguns civilisados, levantou uma egreja, e uma casa da missão, adquiriu uns escravos e poz-se a trabalhar. Tratou da

(*) Revista do Inst. Hist. Brasil. Vol. V, pag. 95 — *Analecta Ordinis* C. 1887, pag. 240.

(**) Historia do Brasil. Vol. II, pag. 391.

lavoura e de varios officios. Deu principio ao logar chamado S. José do Gymimbú. Em 1869, quando visitado por Frei Sabino, já estava com mais de quinhentos indios aldeados que conviviam com os civilisados.

Mais tarde conseguiu aldear uns cento e cincoenta indios Carajás da ilha Bananal. Tambem este soffria um pouco de neurasthenia; pediu varias vezes auxiliares aos superiores, que, por falta de missionarios, não puderam attende-lo. Falleceu, aos 79 annos, a 4 de janeiro de 1879. Foi enterrado em S. José, pelos seus parochianos.

UM MISSIONARIO DE DESTAQUE

E' o *Pe. Frei Sabino de Rimini*. Nasceu em 1836; ingressou na Ordem em 1851. Em 1866 ia partir para as missões da India; mas, nas vespervas de sahir, o Ministro do Brasil, em nome do Governo, pediu alguns capuchinhos como capellães do exercito em acção contra o Paraguay. Foi escolhido o *Pe. Sabino* com o *Pe. Fr. Salvador de Napoles*, o *Pe. Fr. Gabriel de Apecchio*, o *Pe. Fr. José de Bolonha* e o *Pe. Fr. Gabriel de Barra*. Chegando á Bahia, lá ficou por ordem superior para superintender trabalhos da igreja da Piedade. Deu algumas missões, e, em meado de outubro de 1868, foi para o Rio. Aqui foi logo destinado ás missões do Goyaz, na catechese de S. Maria do Araguaia; partia a 6 de janeiro de 1869.

Rumou para lá, caminho de Santos, S. Paulo, onde se hospedou no Seminario, Jundiahy, Uberaba — este ultimo trecho foi feito todo a cavallo. Em Uberaba encontrou o *Pe. Fr. Eugenio de Genova* e o *Frei Arcanjo de Napoles*. Chegou a Goyaz na metade de junho; tratou logo de informar-se do estado do *Pe. Fr. Antonio de Gangi*; proseguiu a viagem, visitou em S. José do Gymimbú, ao *Pe. Fr. Sigismundo de Taggia*, e a 14 de agosto de 1869 estava em S. Maria do Araguaia.

Poz-se a trabalhar entre os moradores da Villa, com os indios Cherentes, distantes cerca de 6 legoas de S. Maria, e com os indios Carajás-Chambyoás. Depois de cinco mezes, foi dar uma missão na cidade de Boa Vista, a pedido do Juiz de Direito da mesma e a conselho do *Pe. Fr. Francisco*, seu superior. Antes de voltar de lá, foi visitar o *Pe. Raphael de Taggia* no rio do Somno e o *Pe. Fr. Antonio de Gangi* em Piabanha.

Estava de volta a 13 de agosto de 1871. Como a casa em que morava fosse ruim, tractou de edificar uma melhor. Começara o trabalho, quando lhe foi communicado que D. Pedro o nomeara Director Geral daquellas missões e que o general dr. Vieira Couto, governador da provincia, queria falar-lhe em Goyaz. *Fr. Francis-*

co alvitrou que elle devia logo ir a Goyaz; e foi; entendeu-se com o general, recebeu as verbas que lhe cabiam e voltou com o plano de catechisar os Carajás-chambyoás, parte mais feroz da tribu Carajá, e de difficillima adaptação. De accôrdo com o Pe. Fr. Francisco, iniciou sua nova catechese. As cousas porém não correram bem. O commandante do presidio de S. Maria, levantou mil difficuldades, suggestionou ao Pe. Frei Francisco contra o Pe. Fr. Sabino, e este viu-se em triste situação. As perseguições do commandante eram patentes; felizmente, depois de alguns mezes, o tal commandante foi destituído. Melhorou a situação, mas não melhoraram os indios escolhidos para a catechese. A maçonaria tentou entrar-lhe o trabalho com calumnias e com um processo do qual o missionario soube muito bem defender-se. Interessou-se pela construcção de uma estrada que ligasse o Araguaya ao Tocantins para facilitar o accesso a Bôa Vista, e o commercio. Infelizmente o commercio, maximé o da aguardente, veio estragar o presidio e a propria catechese pelas desordens a que deu causa, e isto se deu especialmente, no tempo em que Frei Sabino esteve em Goyaz, para defender-se no dito processo.

As muitas difficuldades que se antolhavam ao nosso missionario, decidiram-no a acolher o pedido dos moradores de S. Vicente — villa distante quatro dias de Bôa Vista — que, após uma missão alli pregada por Fr. Sabino, instaram para que ficasse entre elles, onde havia mais a colher do que entre os indomaveis Carajás-Chambyoás. Para esse fim Frei Sabino foi a Goyaz e ao Rio de Janeiro. Permaneceu algum tempo no Rio, os primeiros mezes de 1878. Conseguiu a transferencia da catechese para S. Vicente. Era Commissario Geral dos Capuchinhos, o Pe. Fr. Fidelis de Avola, que concordou em tudo com o nosso missionario.

A pedido do dr. Couto de Magalhães retornou por mar, via Belém do Pará, e em fins de outubro de 1878, estava na sua catechese; dispoz as cousas da missão e dellas fez entrega á gente do presidio. Seguiu para S. Vicente, começo de 1879. Trabalhou nessa parochia e tambem se interessou pelos indios Apinagés. Dois annos depois, foi nomeado vigario de Bôa Vista; augmentou seu trabalho. Em S. Vicente construiu uma igreja que elle depois decorou; abriu um cemiterio, um pequeno hospital e rasgou uma estrada entre S. Vicente e Bôa Vista. Grassou na zona o *sarampo* e deram-se febres palustres — o missionario acudia em tudo. Elle mesmo foi attingido pela febre; seguiu-a uma profunda anemia. Fr. Sabino implorou dos superiores um collega ou então licença para ir ao Rio. Veiu a segunda, e elle, quasi constrangido teve que deixar sem campo missionario, e despedido o povo, entre lagrimas, rumou para o Rio, passando por Goyaz; em Mogy-Mirim já poude tomar o trem. Devia sem em 1886.

No Rio recebeu do Pe. Fr. Fidelis de Avola licença para ir á Europa. Como lá encontrou o Pe. Fr. Fidelis de Fognano, director da Colonia Isabel em Pernambuco, seguiu para o Recife com elle, fazendo escala na Bahia para visitar os capuchinhos da Piedade. Pouco se deteve em Pernambuco. Seguiu para a Italia, via França. Foi a Rimini. Em começo de 1888, estava em Roma. No mez de junho do mesmo anno voltou para a sua provincia das Marcas, a Gradara.

Em fins de outubro de 1888 tomou novamente o caminho do Brasil; veio com o Pe. Fr. Fidelis de Fognano para a Colonia Isabel, como economo da mesma. Missionou alguns mezes, isto é, até julho de 1889. Foi em seguida enviado, pelo Commissario Geral, a Campos Novos do Paranapanema, S. Paulo, para syndicar o facto da morte de Frei Mariano de Bagnaia.

Em S. Paulo hospedou-se com os Padres Salesianos; foi ter com o presidente da Provincia, Gen. Couto de Magalhães e com D. Lino Rodrigues de Carvalho, bispo diocesano. Seguiu para Campos Novos, por Piracicaba, Porto Alfredo, Lençóes, onde encontrou o Pe. José Magnani que muito o auxiliou na expedição. De Lençóes, em cinco dias, chegou á S. Maria do Paranapanema, méta de sua viagem.

Fez syndicancias sobre a morte do padre Frei Mariano; resolveu acabar, por inutil, o aldeamento de indios coroados, catechizados pelo Pe. Fr. Francisco de Alatri, e tractou da fundação de uma catechese de Guarany, entre o rio Batalha, Lençóes e Tietê. Nesse interim veio a Republica. Frei Sabino voltou a S. Paulo, dirigiu-se ao presidente, dr. Prudente de Moraes, que o recebeu gentilmente, mandou pagar-lhe as despesas da catechese; mas não poderia continuar com novos gastos, porque a Republica havia suprimido a verba para a catechese. Voltou ao Rio, veio de novo a S. Paulo, retornou ao posto do Batalha, mas os Guarany haviam desaparecido; aguardou-os uns tres mezes, e vista a inutilidade de tentar aldeamentos, retirou-se para Lençóes, onde entregou ao governo o material da missão. Pediu licença ao Superior, e lá ficou como coadjutor da parochia. Alli pregou missões, auxiliou a edificação da matriz, luctou tenazmente contra a maçonaria; pregou na redondeza, em S. Manoel e alhures. Em 1893, julho, seguiu, a chamado, para o Rio, afim de ir visitar de urgencia os missionarios capuchinhos de Itambacury. Foi e retornou logo a Lençóes; mas, por causa da maçonaria teve que sahir de lá. Veiu para S. Paulo e viajou para o Rio, dando como finda sua missão. Era o mez de julho de 1894.

Voltou para a Italia, á sua provincia das Marcas, onde foi superior das casas de Trieste e Gradara, e depois passou a Fasso, onde o colheu a morte do justo, a 18 de dezembro de 1918. Em Fasso,

escreveu suas memorias, publicadas num volume "Tra i Selvaggi dell'Araguay", (Ancona 1925). São umas tresentas paginas que se leem com admiração profunda da multipla actividade missionaria de Frei Sabino, e nos dão optimos apontamentos referentes aos missionarios, maximé do Goyaz.

Os nossos velhos missionarios e outras pessôas que conheceram a Frei Sabino, são unanimes em nol-o apresentarem como um dos grandes missionarios que evangelisaram em terras brasileiras; si em sua catechese no Goyaz não logrou melhores resultados, deveu-o, não a lhe faltarem dotes e zelo e virtudes missionarias, mas sim por ter escolhido uma fracção de indios — os Carajás-Chambyoás — de impossivel redução; escolhera elle outra gente, e teriamos visto maravilhas brotarem de seu ardor missionario.

Um velho admirador de Frei Sabino, que o conheceu pessoalmente e com elle tractou familiarmente, escreveu: "Para mim Frei Sabino é um verdadeiro e zeloso missionario, não obstante os insuccessos de suas catecheses; basta ter em conta suas penosas e longas viagens, do Rio até Goyaz, viagens de semanas e de mezes, atraves de mattas, soffrendo fome, sede, cançãos, correndo mil perigos por parte dos indios e dos animaes bravios; tenham-se em conta as missões que deu entre civilisados, como em Lençóes e alhures; teria feito tudo isso um individuo que não tivesse uma verdadeira vocação e um grande zelo de missionario?" E acrescenta: "dado de barato que haja havido mallogro na catechese de Fr. Sabino, e isto por falta de dotes catecheticos no missionario, de forma alguma este factio viria infirmar ou deslustrar o zelo e o trabalho e os consequentes meritos do denodado obreiro das selvas de Goyaz". (*).

Subscrevemos "in totum" a apreciação do velho amigo de Frei Sabino e com elle deploramos qualquer tentativa para se rebaixarem os meritos missionarios do santo homem que foi Frei Sabino.

NA PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO

Varios dos nossos missionarios visitaram esta capitania e nella pregaram missões; alguns se detiveram nella bastante tempo, sem logar fixo.

O *Pe. Fr. Paulo Antonio de Casanova*, que vamos encontrar mais tarde na Bahia, missionou nessa provincia quasi dez annos, alguns delles os passou parochiando em Itapemirim, onde ergueu uma espaçosa matriz.

O *Pe. Fr. Wandelino de Insbruck*, chegou ao Rio em 1847; no anno seguinte foi para Bahia, e em novembro de 1848 foi mandado ao Espirito Santo, catechisar indios na Colonia S. Isabel. Foi á

(*) Veja: *Annaes Franciscanos*, anno 1932, pag. 180, 181.

sua provincia, Tyrol, e de lá voltou em 1856 com dois companheiros: o *Pe. Frei Pedro Regalado*, que, em 1861, enlouqueceu na Colonia; e o *Pe. Fr. Adriano de Lantschner*, que serviu como capellão na Colonia, e em 1861 foi nomeado vigar.º de S. Leopoldina; foi morrer em Victoria a 23 de dezembro de 1868. Frei Wandelino, homem mui virtuoso e tido como santo, trabalhou na Colonia; em agosto de 1867 foi nomeado vigario de S. Leopoldina, mas, por doença, teve que buscar o Rio, onde falleceu a 27 de maio de 1868.

O *Pe. Fr. Daniel de Napoles*, esteve catechizando a aldeia dos Affonsos, de novembro de 1847 a maio de 1849. Em seguida foi para S. José de Lionissa, auxiliar de Fr. Florido; em 1855 foi para Sergipe com o *Pe. Fr. Paulo de Casanova*, onde missionou: regressou ao Rio e, em 1869, se repatriou, morrendo em 1870.

O *Pe. Fr. Ubaldo de Civitella*, veio ao Brasil em 1847; no mesmo anno demandou o Rio Doce, onde entre outros males, encontrou a calumnia; adoeceu e foi levado a Victoria, e hospedado no abandonado convento dos Franciscanos, isto foi em 1848. Em começos do anno seguinte foi nomeado vigario de Linhares, mas por breve tempo, porque, indo ao Rio a negocios seus, apanhou a febre amarella e falleceu no dia 16 de junho de 1850.

Castrogiovanni, falando de S. Theresa, no Espirito Santo (*) lembra a parochia de S. José da Queimada, que diz ter sido fundada por um nosso antigo missionario capuchinho de nome Frei Timotheo. Não nos consta desse Frei Timotheo; o que sabemos é que Fr. Gregorio de Bene ergueu a matriz de Queimada.

OS MISSIONARIOS NA PREFEITURA DA BAHIA

No inicio do segundo Imperio, a prefeitura só contava com o *Pe. Fr. Luiz do Serravezza*, prefeito (1839-1843), o *Pe. Fr. Ambrosio de Rocca* e *Pe. Fr. Archanjo de Ancona* e o irmão *Frei Sante de Jesú*. As novas levas de missionarios vieram beneficiar a Bahia. Veiu novo prefeito, o *Pe. Fr. Samuel de Lodi* (1843-47) que chegou em 1842. Para facilitar os trabalhos foi creada a sub-prefeitura do Sergipe. Os missionarios continuaram, uns, a dar missões entre os civilizados, e outros, a catechisar os selvagens. A maior parte delles foram transferidos de uma prefeitura para outra, poucos os que permaneceram sempre nesta prefeitura.

O *P. Fr. Caetano de Troina* chegou ao Rio a 19 de julho de 1842, no mesmo vapor que trouxe D. Theresa Christina, esposa de D. Pedro II; devia seguir para Sergipe, mas o prefeito da Bahia, P. Samuel de Lodia conseguiu aqui ficasse. Em 1844 demandou o

(*) Notizie Storiche — Catania 1910 — pag. 74.

sertão na catechese dos indios ribeirinhos do Mucury. Esteve com elles pouco mais de um anno, logrando pacifical-os. Em 1845, acompanhou uma expedição exploradora do Rio Mucury de baixo para cima, até S. Clara -- escreve Fr. Samuel Tetteroo -- e construiu a igreja de S. João de Porto Alegre na foz do mesmo rio. (*). Restabelecido das febrea, razão pela qual deixara o Mucury, deu-se á pregação, com excellentes fructos, no interior da provincia. De 1850 a 1860, missionou, com pequenos intervallos em Bom Jesus e S. Isabel do Paraguassú, em Lençóes, em Catolé, Morro do Fogo, Andarahy, Urubú, S. Miguel, Santo Estevam, Abbadia, Belem, Umbaranas, Inhambupe, S. Felix, Conquista, Alagoinhas, Rio de Contas, Diamantino, Caetitê, Itapicurú da Praia, Prazeres, Brejo Grande, Matta de S. Felipe, Laranjeiras, Furna, Cruz das Almas, S. Antonio da Cruz, Villa Velha, Barracão, Villa Jequiriça, S. Feliz e outras localidades de menor importancia.

Em 1859, Frei Caetano passou a missionar no Estado de Alagoas e no de Sergipe, onde demorou quasi dois annos de trabalho, podemos dizer, ininterrupto. Em 1861, a convite de D. Sebastião Dias Laranjeiras, 2.º bispo da nova diocese de Porto Alegre, seguiu para o Rio Grande do Sul, onde permaneceu de 1861 até 1881. Acompanhou o sr. Bispo na visista pastoral, e depois de um anno, foi nomeado capellão da igreja do Menino Deus, distante meia legua da capital, e director espirital dos institutos femininos da capital. Foram vinte annos de intenso labor apostolico em beneficio de tantas almas. D. João Becker tece-lhe um merecido elogio em "Conferencias Franciscanas", Porto Alegre, 1927.

Cançado, recolheceu-se em 1881 ao Morro do Castello, no Rio, onde cheio de merecimentos, falleceu em 18 de maio de 1890, com 80 annos de idade. (*).

O P. Fr. *Candido de Foggia* — é um dos missionarios que chegaram á Bahia, em 1837, da provincia romana, religioso de forte intelligencia, prudente e cheio de zelo apostolico. Após um anno de aprendizagem da lingua, começou a missionar na capital e no interior, colhendo em toda a parte optimos fructos. Missionou primeiro em companhia do Pe. Fr. Pedro Luiz de Serravezza, com o qual deu 10 missões; depois com o Pe Fr. Ambrosio de Rocca, ex-prefeito, e em seguida sózinho.

Suas missões parte foram na Bahia e parte em Sergipe. No lapso de 5 annos, fins de 1838 até fins de 1843, deu 53 missões, nos logares seguintes: Alagoinhas, S. Anna de Catú, Inhambupe, Itapicurú, Sobrado, Capella dos Prazeres, Sobauma, Aranha, Caxoei-

(*) Em "O Municipio de Theophilo Ottoni".

(*) Veja: "*Profili di Missionari C.*" (P. Giacinto da Palazzolo) em "Massua:", 1928 e 1929.

ras, Feira de S. Anna, Matta de S. João, Pojuca, Bom Jardim, S. Conçalo dos Campos, Outeiro Redondo, Oliveiras, Sambú, Coraçá, Joazeiro, Sentojá, Villa Nova da Rainha, Tapera, Serrinha, Camiãõ, Sergipe, Pilar (Bahia), Piedade (Bahia), Itabaiana, Laranjeiras, Lagarto, S. Francisco, Biccado, Instancia, Socorro, Capella S. Amaro das Brotas, Natuba, Coité, S. Antonio das Queimadas, Araras, Humildes, S. José das Itapururocas, Monte Alegre, Monte Santo, Pomba, Tucano, Bom Jesus do Rio de Contas, Rio de Contas, Para-mirim, Caeteté, Cana — Brava, Almas, Bom Jesus dos Meiras.

Durante essas missões, o zeloso missionario conseguiu legitimar cerca de 8 mil casamentos, e administrou umas 94 mil chrimas. A essas missões acudia gente da redondeza, distante ás vezes 30 ou 40 leguas. O numero de ouvintes era extraordinario, ás vezes chegou a 10, a 12 e até 16 mil; em Instancia attingiu 26 mil. (Do "Libro Mastro", pag. 32-34).

Companheiro de viagem para o Brasil, do P. Fr. Candido, foi o P. Fr. Paulo de Penicale. Foi seu emulo tambem nas missões; temos uma nota d'elle em que resenha 32 missões pregadas no decorrer de 5 annos, antes de 1844.

Missionou as villas seguintes: Itapoão, S. Amaro da Ipitanga, Villa d'Abrantes, Montegordo, Assú da Torre, Subacuma, Palami, Villa do Conde (Itapicurú da Praia), Divina Pastora, Brotas, S. Vera Cruz, Bocca do Rio de Cotegippe, Rio Paramirins, Villa S. Francisco, N. Sra. da Lapa, Pedrão, Coração de Maria, Conceição de Bento Simão, Villa da Purificação, S. Antonio das Alagoinhas, Bom Despacho, Bom Fim, Serra Preta, Riachão de Jacuippe, Riachão de Jacobina, Villa Velha de Jacobina, Morro do Chapéu, N. S. das Brotas, Villa de Macahuba, Diamantopolis, Bom Jesus da Lapa, Urubú.

Durante essas 32 missões, o Pe. Paulo chrimou 41.150 pessoas; celebrou 3.286 casamentos quasi todos de pessoas unidas illegalmente; administrou 1.739 baptismos. (Libro Mastro, pag. 56-57 (*))

O P. Fr. *Seraphim de Petralia*, substituiu por algum tempo ao P. Fr. Caetano de Troina, entre os indios do Mucury, missionou em varias localidades do interior, construiu uma igreja na aldeia de S. Fidelis e começou outra no Bom Jardim; em 1870 voltou para a patria. O P. Fr. *Caetano de Grateri* e o P. Fr. *José de Caltanisetta*, muito fizeram nesta provincia e nas limitrophes.

Merecem lembrados os prefeitos: o P. Fr. *Innocencio de Apiro* (1862-1871): occupou-se muito na reforma do convento e da igreja; em 1864 enviou ao P. Procurador de Roma todos os documentos

(*) Libro Mastro ou Registro historico dos PP. Missionarios Capuch. Italianos na Bahia — pelo Prefeito P. Fr. Samuel de Lodi — 1843 e continuado — (Manuscripto).

referentes aos Capuchinhos, archivados naquelle convento; o *Pe. Fr. Affonso de Bolonha*, que lhe succedeu na prefeitura.

NA VICE-PREFEITURA DE SERGIPE

Como vimos atraz, foi creada a vice-prefeitura de Sergipe em 1843 e para lá seguiram o *Pe. Fr. Candido de Foggia*, superior. o *Pe. Fr. Caetano de Troina*, o *P. Fr. Seraphim de Petralia* e o *P. Fr. Agostinho de Casanova*. Lá chegaram em 1844, e no mesmo anno iniciaram em *S. Christovam*, capital da provincia, o hospicio que ficou terminado em 1846. *Frei Candido* conservou seu cargo até 1855, quando pediu e obteve transferencia para a Bahia. Succedeu-lhe o *P. Fr. Paulo Antonio de Casanova*.

O *P. Fr. Paulo Antonio de Casanova*, é um dos mais benemeritos dos nossos missionarios; trabalhou entre nós quasi uns cincoenta annos.

Natural da Liguria, ingressou na ordem em 1834, aos vinte e dois annos de idade. Foi ordenado sacerdote a 27 de dezembro de 1837. Desejoso de cooperar no apostolado missionario, veio para o Brasil, onde aportou, no Rio, a 30 de maio de 1844. Após curta estadia na Côrte, rumou para o Espirito Santo, onde exerceu durante quasi dez anos o munus parochial; alli, entre seus trabalhos, encontramos a espaçosa matriz de Itapemerim.

Em junho de 1855, deixou a provincia de Espirito Santo, e veio para o Rio, onde foi nomeado Vice-prefeito das Missões do Sergipe — cargo que desempenhou pelo espaço de quinze annos — residindo no hospicio de *S. Christovam*, ponto de partida para as repetidas missões que deu em todas as freguesias da provincia. As actuaes freguesias de *Villa Christina* e de *S. Paulo de Itabaiana* devem ter grata memoria dos trabalhos do infatigavel obreiro do Senhor.

Em 1871 deixou o Sergipe para vir occupar na metropole brasileira, o cargo de Prefeito da Piedade, cargo que exerceu durante nove annos. Aqui ponde, como Superior e como missionario, dar largas a seu grande coração, quer em relação a seus subditos, de quem era o pae carinhoso, quer em relação aos fieis a quem queria com amor acendrado.

Em 1881 renunciou ao cargo de Prefeito, entregou-se todo ao labor missionario, visitando capellas e freguesias da archidiocese, deixando em toda parte marcos de sua passagem, especialmente na memoria do povo.

Numa carta dirigida a seu superior provincial, em data de 25 de janeiro de 1891, falando desse ultimo periodo de sua vida missionaria, diz: “Após a renuncia á Prefeitura, tenho-me consagrado ás missões, permanecendo fóra de casa quasi dois terços do anno,

em companhia de um religioso, e assim tenho continuado até o começo do anno passado (1890). Hoje, porém, vejo-me privado desta consolação, porque com o andar dos annos, já estou com 77 completos, as forças diminuem e não posso mais emprender viagens, por me não ajudarem mais as pernas. Nem por isto fico-me ocioso; passo grande parte da manhã no confessorario, em nossa igreja; depois do meio dia, vou confessar nas quatro casas de Religiosas”.

O R. P. Frei Diogo de Freitas O. M. recorda-nos que Fr. Paulo “nas missões, ás vezes, disciplinava-se no pulpito até brotar sangue, e isto, quando havia peccadores obtinados, para desta maneira movel-os ao arrependimento e á emenda da vida. Frei Paulo, continua o mesmo, era um missionario que infundia respeito e estima, conhecido e acatado em toda a Bahia”. Uma vida de labores apostolicos foi coroada por uma morte invejavel, a dos santos, morte cuja noticia, escreve-nos o P. Fr. Diogo, então Seminarista na Bahia, “echoou dolorosa em toda a cidade e ainda mais impressionante pelo imprevisto e singularidade della. A sua morte foi um attestado evidente de suas virtudes; foi como que um resumo de sua vida de missionario zeloso e de religioso exemplar”.

Era o dia 30 de janeiro de 1891. Nesse dia, Frei Paulo celebrou a missa, confessou, recitou o officio até completas do dia; e, ao cair da tarde, após a costumada meia hora de oração mental ante o SS. Sacramento, recolheu-se tranquillamente á sua cella. Ahi foi elle encontrado ás 5 horas e meia, sem vida, sentado junto a uma mesinha, sereno e firme, parecendo que estava em meditação!

Seus funeraes, a que tomaram parte o clero e numerosos fieis, foram uma como consagração das virtudes e dos merecimentos do incançavel missionario.

O “Diario de Noticias” de 31 de janeiro de 1891, noticiando a morte de Fr. Paulo, disse: “Foi prefeito neste Estado assim como em Sergipe, aos quaes prestou grandes serviços, construindo açudes, estradas de rodagem, cemiterios e matrizes”. (*)

O P. Fr. *Apollonio de Molineto* que estava na Bahia e em 1848 andou pregando missão no Piauhy, em começos de 1855 foi para Sergipe, onde falleceu aos 26 de novembro do mesmo anno.

Companheiro do P. Paulo de Casanova, foi o P. Fr. *David de Umbertide*, que ás vezes apparece com o appellido de “de Fratta” ou “Perusa”. Pertence á provincia seraphica, ou da Umbria. Nasceu em 1825, ingressou na Ordem em 1847; veiu para o Brasil em 1856.

Missionou com o P. Fr. Paulo Antonio de Casanova, Deram 45 missões, entre 1860 e 1871. Nellas, além das numerosas conver-

(*) Veja-se: P. Zaverio — I Cappuccini Genovesi, vol. I, pag. 190-197 e “Leituras Religiosas”, da Bahia, de 8 de fevereiro de 1891.

ções obtidas, abriram quatro cemiterios, e construíram 15 açudeas. Construíram tudo de pedra, em Pacatuba, a matriz, e o cemiterio com a capella. Na Chapada e no Genipapo, construíram duas grandes igrejas de madeira; em Porto da Folha restauraram a matriz: em 23 missões reuniram material de construção para igreja, cemiterios e açudes. Das esmolas que angariaram, parte serviu para a S. Casa de Laranjeiras e parte para o ornato das respectivas egrejas. (Arch. dos Capuchinhos de Ancona).

Consta que Fr. David foi incumbido de desvendar um mysterioso thesouro, escondido em Jabotão, por occasião do sequestro dos bens dos Jesuitas, em 1760; mas nada conseguiu. Como fosse pratico de medicina, usou de seus conhecimentos em beneficio dos soffredores.

“Foi missionario distinctissimo, de uma cultura extraordinaria, pregador de renome, sacerdote conforme o coração de Deus. Entregou-se á pregação nas missões, e teve como campo evangelico especialmente Sergipe, onde operou prodigios de zelo e de operosidade. Esteve muitos annos no nosso hospicio de S. Christovam, e alli desempenhou por muito tempo o officio de parochio. O demonio, porém, servindo-se dos ciumes de um sacerdote visinho, fez com que a missão perdesse uma pessoa que tanto a honrava e sustinha. Os superiores maiores tiveram por bem, por prudencia, fazel-o voltar á sua Provincia, com grande tristeza de todos os que o conheciam e puderam avaliar-lhe as boas qualidades que possuia”. (Archivo dos Cap. de Ancona).

Foi convidado para a Provincia em 3 de maio de 1874, e foi fallecer no convento de Monterone, perto de Perusa, a 10 de janeiro de 1909. (Vide: Da Vicenza — I Miss. Cappuc. Prov. Serafica).

DA BAHIA EM BUSCA DOS SELVAGENS

Já vimos o P. Fr. Ludovico de Liorne catechizando Camacans e Patachos, nas margens do Rio Pardo, no sul da Bahia. Ao velho catechista, fallecido na Piedade em 1849, succedeu naquella catechese, o P. Fr. *Vicente Maria de Ascoli* que dirigiu esse nucleo como tambem o de Ferradas, de 1848 a 1858; depois veio para a Piedade e em 1860 voltou para a patria. Durante dois annos foi vice-prefeito na Bahia.

O P. Fr. *Luiz de Grava* — chegado ao Brasil em 1844, missionou um tempo em Pernambuco e em Alagoas; depois veio para a Bahia; aqui, em 1853, foi mandado catechisar nas margens do Rio Pardo. No começo proseguiu a obra de seus dois predecessores, occupou-se com Camacans, Mongóios e Botucudos; em 1869, appa-

receram-lhe perto de Ilheos uns indios vindos do Norte, tractou delles. O dr. Vicente Vianna diz: "No lugar Cachoeira, em Ilheos, fundou-se um nucleo de immigrants do Norte. Estava situado ás margens do rio do mesmo nome, na estrada que vae da cidade de Ilheos á Victoria, e teve por director o P. Fr. Luiz de Grave, religioso capuchinho. A colonia prosperou a ponto de tornar diminuto o dispendio feito pelo estado com a manutença dos colonos, chegando a ser quasi o centro civilizador dos indios selvagens de toda a circumvisinhança. Mas, seis annos depois falleceu frei Luiz de Grave, e não tendo sido substituido, a colonia, extinguiu-se". (*) Frei Luiz vinha da aldeia de Ferradas para a Bahia, a tratar de interesses da missão quando, ao banhar-se no rio Itabaia, falleceu afogado, a 19 de abril de 1875. Elle tambem organisou o aldeamento do Cachimbo.

Companheiro de catechese do Fr. Luiz é o *P. Fr. Raynerio de Ovada*. Chegou ao Rio em 1844; em janeiro de 1849 foi removido para a Bahia. Logo que aqui chegou, foi despachado a catechisar indios que moravam na margem do Rio Pardo, nas proximidades do rio do Catolé. Aldeou-os e dirigiu-o durante sete ou oito annos; em 1857 foi mandado á aldeia de S. Pedro de Alcantara, a fundada por Fr. Ludovico de Liorne, onde ficou até 1861, anno em que foi nomeado vigario de Pedra Branca. Após dois annos, atacado por paralyisia, retirou-se para Piedade, sempre doente, até que em 1886 victimou-o uma congestão cerebral, a 18 de fevereiro. Foi religioso cheio de virtudes, de piedade e de zelo apostolico.

O *P. Fr. Dorotheu de Loreto*, é o fundador de outra catechese, a de S. Pedro no Rio S. Francisco. Nascido na Suissa, ingressou na Ordem em 1836 e veiu para o Brasil em 1847, destinado á Bahia. No anno seguinte pregou missões no Sergipe; em 1849 foi nomeado director da aldeia da Ilha de S. Pedro, no S. Francisco, Sergipe; trabalhador indefesso, e de uma virtude extraordinaria, era procurado por sua santidade e pelo poder que tinha contra as infestações demoniacas. Na Ilha de S. Pedro, fundou a povoação de Porto de Folha; nella ergueu em 1850 um hospicio. Mais tarde missionou no Maranhão e no Sergipe. Como ficasse muito doente, aconselharam-lhe o clima e as aguas de Piaçabussu; falleceu afogado, num banho, no Pontal, a 30 de outubro de 1878.

Bahia zelava pela aldeia de Rodellas. Foi mandado para lá, em 1847, o *P. Fr. Paulo de Limone*, recémchegado, que a dirigiu durante cinco annos; em agosto de 1855, passou para o Rio, onde foi muito estimado, até na Côte, como pregador e religioso exemplar. Frei Paulo, antes de ser religioso fôra padre secular. Mor-

(*) Em "Memorias sobre o Estado da Bahia", citado por "Os Religiosos Capuchinhos da Bahia", pag. 46.

reu no Morro do Castello, no dia 6 de outubro de 1854, ás duas horas da tarde, fulminado por um raio, quando ia entrando na cella.

O *P. Fr. Luiz de Gubbio*, chegou á Bahia em 1856; foi mandado logo catechisar a aldeia de Rodellas, onde esteve até 1862. No 1865 acompanhou em visita pastoral, no Pará, a D. Antonio Macedo Costa. Após a visita, foi tractar, na Bahia, de indios que habitavam nas proximidades da villa do Prado; dahi saiu, em julho de 1868, para uma aldeia do Rio Pardo; pouco depois foi transferido para Pernambuco; em 1882 regressou para a provincia, onde morreu.

Missionario extraordinario foi o irmão *Frei Liberato de Alatri*. Nasceria em 1779; entrou na Ordem aos 21 annos, e em 1844 chegou ao Brasil. Por algum tempo andou esmolando pelo interior de Minas e da Bahia; em suas excursões, ás vezes perigosas, encontrou indios. Incumbido pelo Imperador de uma embaixada a indios, o nosso frade desappareceu, para, ao cabo de tres annos, quando todos o julgavam perdido e morto, apparecer na Piedade com uns seiscentos indios domesticados. Voltou para sua provincia romana, onde falleceu a 11 de setembro de 1872.

Temos a lembrar o *P. Francisco de Falerna*, que catechisou indios Mongoios e Botucados entre Ilheos e Bahia, no Riacho d'Agua; veiu em 1844 e voltou para provincia de Cosenza depois de 1870. Já vimos que Fr. Seraphim de Petralia, em 1848, catechisou por algum tempo no Mucury.

* * *

Do relatorio do director geral dos indios, da Bahia, enviado ao Presidente da Provincia, em 7 de fevereiro de 1875, e de outros documentos existentes no Archivo Publico da Bahia, consta que foram fundadas umas, e outras dirigidas pelos capuchinhos italianos as seguintes aldeias: No districto de Porto Seguro, as de Villa Verde, Santa Cruz e Trancoso; no de Caravellas, as de Mucury, Catulé, Peruhype, Lagoa e Mucurruchatiba, pequena povoação no Rio Pardo; no de Ilheos, as de Barra do Salgado, S. Pedro de Alcantara, chamada tambem de Ferradas, S. Antonio da Cruz, Olivença, Boqueirão, S. José e Cachoeira, esta fundada em abril de 1870, comprehendendo as de Cachimbo e Victoria; no de Camamú, as de Barcellos e S. Migrel; no de Valença, as de Santarem, S. Fidelis e S. Rosa; no de Nazareth, as de S. Antonio de Jesus, N. S. dos Prazeres e Jequiricá; no de Cachoeira, a de Pedra Branca; no da Matta de S. João, as de Abrantes e Massarundupió; no de Jacobina, as do Bom Jeus da Gloria, e N. S. do Sahy; no de Inhambupe, a de Saccos dos Tapuyos; no de Itapicurú, as da Saúde, Soure ou Natuba, Mirandella e Pombal; no de Monte Santo, as de Massacará e S. Antonio da Gloria; e no Alto S. Francisco, as de S. Pedro, Ipú,

Buracç. Irapóá, Impoá, Vapoá, Iolho e Aricobé. Em 1856, segundo dados conhecidos, apesar de serem apenas seis os capuchinhos que estavam á frente de aldeamentos, contavam-se nestes 5280 indigenas aggremiados.

O relatório do ministro do Imperio, apresentado ás camaras em 1870, dizia serem no paiz os capuchinhos ao todo 45, pertencendo sete á Bahia; e o do ministro da agricultura na mesma data, notando que na Bahia e Pernambuco os aldeamentos decahiam pela morte de missionarios, que não eram substituidos, registava que estas provincias lhes deviam assignalados serviços. Outro tanto dizia de sua benemerencia a Memoria que sobre o Estado da Bahia, elaborou em 1892, por ordem do governo, o illustrado Director do Archivo Publico, para ser enviada á Exposição norte-americana. (*).

O relatório acima citado do ministro da agricultura, em 1870, acena á causa, porque cessaram as catecheses dos capuchinhos na Bahia: "A catechese acha-se entregue presentemente a limitado numero de capuchinhos. E' condemnavel o systema, até agora admittido, de os distribuir por muitas provincias, onde, segregados, se não podem auxiliar mutuamente. Estou deliberado a aproveitar os serviços destes santos varões collocando *no Pará os que houver disponíveis.*"

OS NOSSOS MISSIONARIOS EM PERNAMBUCO

Assistimos á dolorosa sahida dos missionarios capuchinhos do hospicio da Penha em 1832, e á dispersão dos poucos que lá ainda estavam nesse anno. Felizmente com o advento do segundo imperio, os bons e queridos guardas do sanctuario de Recife, puderam retomar seu logar de trabalho na capital pernambucana. Governava a provincia o Barão de Bôa Vista. Por decreto da Propaganda de 20 de junho de 1841, foram despachados o P. Fr. Sebastião de Melia, o P. Fr. Caetano de Grateri e o P. Fr. Seraphim de Catania, os quaes voltaram para o antigo hospicio, que na ausencia delles havia servido de Asylo dos Engeitados. Puseram-se logo a trabalhar, e o campo não lhes faltou. Bastas vezes a Penha tom sido o baluarte ou o para-raio da provincia, ameaçada por motins populares e pela inclemencia das epidemias. As provincias limitrophes tambem experimentaram os beneficios desses abnegados missionarios (*).

(*) Os religiosos Capuchinhos da Bahia, pag. 42-43.

(*) Ver para esta provincia: J. Guennes da Silva Mello — "Ligeiros traços sobre os Capuchinhos", Pernambuco, 1872, pag. 63 e seguintes. Mais: "Alguns apontamentos sobre trabalhos dos Capuchinhos de 1839 a 1863 — manuscrito do P. F. Caetano de Messina — no Archivo dos Capuchinhos do Rio.

O P. FR. PLACIDO DE MESSINA

O prefeito da Penha apparece-nos, convidado pelo então presidente, barão de Boa Vista, para missionar em Panellas, afim de lá aniquillar a immoralidade, proveniente de longa guerra civil — reconcentrada naquella localidade. Foi Fr. Placido, e com sua palavra ponde restabelecer a moralidade e a ordem, a ponto de merecer publicos elogios. Foi isto em 1842.

Silva Mello deve ter laborado em erro quando, neste ponto, fez intervir o nosso missionario nos acontecimentos da guerra dos *cabanas* ou panellas, desenrolados sob ás ordens do famoso Vicente Ferreira da Paula e que assolaram parte de Alagoas e de Pernambuco de 1832 a 1835 e cessaram pela mediação de D. João Perdigão, bispo de Pernambuco. (**).

Em 1843 edificou uma capella no engenho Noruega, uma igreja no Rio Formoso e preparou o material para a De N. S. do Livramento ;ergueu a matriz de Agua Preta e lhe regularizou os aforamentos; pregou em Panellas, Capoeira e na povoação e aldeia dos Barreiros; passou a Alagoas e missionou em Porto Calvo, em Camaragibe, e, de volta, em S. José da Corôa Grande.

No anno seguinte, Fr. Placido teve ensejo de zelar pelos direitos religiosos, menoscabados pelo celebre decreto, n.º 373, de julho de 1844, no qual o governo, entre outras cousas, pretendia dispôr a seu talante dos missionarios, postergando direitos da Propaganda e da Ordem; o prefeito da Penha recusou-se enviar dois missionarios escolhidos pelo presidente da provincia; mandou, em vez, missionar, dois de sua escolha. Nesse mesmo anno, missionou em Agua Preta e em Jacuipe, enquanto o Pe. Fr. Eusebio de Salles e Fr. Henrique de Castel S. Pedro faziam. missões nos campos de Alagôas, onde lavrava a guerra civil, que conseguiram sopitar com suas pregações. No anno seguinte tornou a pregar em Agua Preta, e o Pe. Fr. Seraphim de Catania com o Pe. Fr. Luiz de Belforte foram pregando em Jacuipe e em Alagôas.

Em 1845, por occasião de uma terrivel secca nos sertões de Pernambuco, seguida de uma fome desoladora, pregou-se uma grande missão na capital; Fr. Placido, na Boa Vista; Fr. Caetano, no Recife; Fr. Luiz de Belforte, em S. José, e Fr. Sebastião de Mellia, em Sto. Antonio. Durou 15 dias, e foi seguida de copiosas chuvas.

(**) V. Galanti — Hist. do Brasil. Vol. IV, n.º 211 e 213.

Tres annos depois, missionou Muribecz, conseguindo em poucos dias, 153 baptisados, 90 casamentos e 3.000 communhões. Ao estalar da desastrosa Revolução Praieira que convulsionou Pernambuco durante o anno de 1848, o presidente da provincia, o paulista Dr. Pires da Motta, pediu os prestimos dos missionarios de Penha. No dia 20 de maio, Fr. Placido seguiu para o sul e encarregou a Fr. Caetano de ir ao norte da provincia para, pela palavra do evangelho, abonancarem os animos.

A 13 de agosto do mesmo anno, Fr. Placido voltou para a Italia, deixando como prefeito interino a Fr. Caetano de Messina; estavam na Provincia Fr. Sebastião de Mellia, Fr. Seraphim de Catania, Fr. Henrique de S. Pedro; Frei Eusebio de Salles estava em Alagôas, e Fr. Caetano de Grateri na Baixa Verde, mas com ordem para recolher-se ao hospicio da capital.

Quando em começo de novembro se declarou abertamente a guerra civil com todo o cortejo de seus horrores (34 batalhas!), os missionarios da Penha, envidaram todo o seu zelo apostolico para apaziguarem os animos revoltados (*).

O *Pe. Fr. Eusebio de Salles* chegou a Maceió, em 1844, quando alli mais intensa lavrava a guerra civil e as forças legaes renhiam combates com os dissidentes; corajosamente pôz-se a pregar áquellas gentes, e poudo nellas derramar o espirito de paz. Percorreu varios municipios de onde vinham os dissidentes, especialmente Atalaia; e conseguiu voltassem á ordem. Em Atalaia obteve que se levantasse a matriz em commemoração ao restabelecimento da paz. Durante a construcção dessa igreja, Fr. Eusebio foi levar seu verbo pacificador a Garanhuns e Bonito, Pernambuco; foi tambem a Agua Preta, onde tentou apaziguar o capitão Ivo da Silveira. Em 1849, convidado pelo presidente da provincia, iniciou as obras da nova matriz de Maceió; num mez a poz por cima dos humbraes; mas, accommettido por febre epidemica, violenta, foi por ella levado ao tumulo a 10 de fevereiro de 1850.

O *Pe. Fr. Henrique de Castel S. Pedro*, que acompanhara a Maceió a Fr. Eusebio, partiu para o interior da provincia e missionou nos confins do S. Francisco e nas longinquas villas de Pernambuco: Exú, Bôa Vista, Joazeiro, S. Rita, Paracatú e outras; em 1848, missionou em Taquaritinga e em Brejo da Madre de Deus. Em 1851 estava descançando na Penha; sahio para novas missões, e foi colhido pela morte a 6 de janeiro de 1854 em S. Miguel, provincia de Alagôas.

O *Pe. Fr. Caetano de Grateri* esteve em 1843 em Baixa Verde (mais tarde Villa do Triumpho). Essa povoação fôra fundada

(*) Veja — Galanti — Hist. do Brasil, tomo IV, n.º 290-296.

por Frei Angelo Maurizio de Niza, que lá catechizou até a morte, a 9 de novembro de 1824. A missão que lá pregou Frei Caetano, em meado de 1843, teve excellentes fructos de reconciliações e de moralisação.

O *Pe. Fr. Egidio de Garezso*, missionario da Bahia,, em 1861 ou começos de 62, prestou relevantes serviços em Cruangy, assolada pela peste, junctamente com Caruarú e Victoria — os tres pontos mais attingidos pelo cruel hospede do Ganges. De Cruangy, em abril, Fr. Egidio passou a Victoria. Em 1865 estava elle pregando em Garamhuns, onde, demolida a velha matriz, ergueu a nova, dedicada a N. S. da Conceição. Em seguida retirou-se para a Europa.

No tempo em que Fr. Egidio tractava dos empestados em Victoria, um dos tres padres que estavam na Penha, seguiu com o mesmo fim para Victoria. O “Diario de Pernambuco”, de 16 de abril de 1862, admirava o trabalho dos tres religiosos da Penha que trabalhava “das quatro da madrugada a uma da tarde”, em missas e confissões no proprio convento, e a qualquer hora do dia nas confissões externas, sendo ainda capazes de dar vencimento ao grande numero que acode áquella casa para a desobriga quarismal, numero que excede a cem ordinariamente. Não obstante isto, o hospicio não duvidou mandar um dos seus religiosos para Caruarú. O enviado para lá, segundo Guennes da Silva Mello, foi o *Pe. Frei Herculano*; mas o escriptor aqui se equivocou com o nome

— como lhe aconteceu com varios outros; quem para lá seguiu foi o *Pe. Fr. Sebastião de Mellia*, então superior do hospicio.

O *Pe. FREI CAETANO DE MESSINA*

Já vimos os enthusiasmos missionarios desse ardoroso athleta de Christo, nos annos que esteve de Commissario Geral, no Rio; pelos seus trabalhos de lá, podemos facilmente arguir qual não seria o labor que, em sua mocidade apostolica, desenvolveu em o norte do paiz, desde 1841, anno de sua chegada, até 1860, anno de sua transferencia para o Rio.

Seus trabalhos apostolicos se abrem com a missão começada em Olinda a 6 de outubro de 1860; conta-se que, ao inicio da mesma, arrebentaram de modo extraordinario tres fontes de agua, perto do mosteiro de S. Bento. Tractou da reforma do convento do Carmo daquella cidade. Seguiu para Beberibe, onde missionou; dahi, para Iguarassú — cuidou do recolhimento local, de moças e freiras — e para Goyanna, reformou a igreja e augmentou consideravelmente o convento de N. S. da Soledade. Em 1851 e 52 missionou em Pau d'Alho, Tracunhãem, Lagôa do Carro, Limoeiro, Bom Jardim, Nazareth e Palmas.

Nesse mesmo anno de 1852, a famosa lei do *Censo* estava revolucionando os animos e formando um partido de numerosos revoltados aquartelados em Pau d'Alho e vizinhanças. O então presidente dr. Victor de Almeida invocou os bons officios de Frei Caetano, que numa noite, de 5 para 6 de maio, estava senhor de uns seis mil homens revoltados; a elles tiron as armas e os empregou em carregar materiaes para a restauração de duas egrejas, a do Rosario e a de S. Thereza. O presidente quiz lhe dessem 8 contos, que elle recusou.

A Revista do Instituto Archeologico Historico e Geographico de Pernambuco, no vol. XXII, falando da guerra dos "Maribondos", em 1852, e do levante occasionado pelo decreto imperial dos registos de nascimentos e obitos, diz que o Sr. Bispo, no dia 3 de janeiro de 1852, invocou a intervenção do prefeito do Hospicio da Penha, Frei Caetano de Messina, para que fosse apaziguar Pau d'Alho e vizinhanças.

Em Limoeiro, reparou a matriz; em Bom Jardim, pregou e reconciliou publicamente o povo com o seu vigario; levantou uma nova igreja em Brejos da Madre de Deus, dedicada a N. S. da Conceição; a primeira pedra foi posta a 6 de outubro de 1852. Em Cimbres reconstruiu a matriz e se interessou pelo exercicio do mez mariano (*). Em Garanhuns, em começos de 1853, missionou, ergueu a matriz e chrismou umas sete mil pessoas.

Papacaça — mais tarde Bom Conselho — mereceu carinhos espezias de Frei Caetano. Pregou missão, tractou de erguer um collegio para meninas, Collegio Bom Conselho (**), e dotou-o com bom patrimonio; ergueu magestoso templo á Virgem do Bom Conselho; abriu um cemiterio, principiou a nova matriz, fundou duas escolas e trouxe para o logar aqueductos. Frei Caetano, em seus trabalhos apostolicos, levava comsigo um painel da Senhora do Bom Conselho e a ella confiava suas difficuldades e a ella attribuia seus triumphos.

Em Buique levantou a matriz dedicada a S. Felix de Cantalicio, sepultando em suas bases milhares de pontas de facas, de es-

(*) Objecto da veneração de todo o orbe catholico, o culto á Virgem Maria tem sido constantemente o objecto dos cuidados particulares dos missionarios capuchinhos. Pode-se dizer, foram elles quem introduziram no Brasil a devoção publicamente edificante e consoladora do Mez Mariano, hoje em dia espalhada por toda a superficie deste Imperio. Da lavra de Fr. Caetano de Messina possuimos um folheto com o titulo: "Exercicios Devotos para o mez de Maria, instituido no dia 30 de Abril de 1860, na Igreja de S. Sebastião do Morro do Castello". Veja: Estevam Bourroul — "Fr. Caetano de Messina" pag. 10.

(**) Veja: "Notas historicas da Igreja, etc., Recife 1905, pag. 83.

toques, pistolas e balas de clavinotes, cousa que conseguiu fazer em varias outras localidades, aonde foi pregar a fraternidade; alli tambem abriu um cemiterio. Na Lagôa do Monteiro, ergueu egreja, fez cemiterio e um grande açude. Em Ingazeira fez um açude e regularizou o patrimonio. Em Pajahú de Flores, reparou a egreja das Yaras, e abriu um cemiterio. Em Baixas Verde tambem iniciou um bom açude.

Em setembro de 1856, Fr. Caetano pretendia ir a Bom Conselho e continuar seus trabalhos naquelle logar; foi porem obrigado a alterar seu programma. Missionou em Passo de Camaragibe, e reformou o cemiterio local; seguiu para Gavião, onde missionou, levantou cemiterio e iniciou a egreja; no engenho Frecheiras, benzeu o cemiterio e abriu os alicerces de uma egreja. Foi a Muricy — levantou cemiterio e lançou os alicerces da egreja; missionou em Capellas, na villa da Assembléa e em Quebrangulo; em toda a parte, alem do extaordinario fructo espirital, colhia larga messe material, egrejas, cemiterios, etc. A 9 de novembro de 1858 estava elle em Papacaça, onde a 16 abriu a missão e lá permaneceu até 20 de abril para completar as obras do Collegio, do cemiterio e da nova matriz.

Em outubro de 1859 sahiu novamente a missionar. Foi á freguezia da Luz, a Tabocas; esteve dez dias na Gloria de Goitá, onde abriu cemiterio, edificou uma capella e fez um grande açude. Visitou Nazareth, e a 29 de novembro seguiu para Vicencia, onde levantou uma bôa egreja, inaugurada em Natal, e um cemiterio. Passou novamente a Tabocas, e a 30 de janeiro de 1859 chegou á freguezia da Luz, onde entrou com uma procissão estrondosa, recordando as doze tribus de Israel (*). Essa missão foi como que uma despedida das terras pernambucanas.

No dia 23 de janeiro de 1860, deixou a Penha e demandou a Bahia, para lá se entender com o Commissario Geral, que lhe passou o cargo, e lhe pediu seguisse para o Rio. Frei Caetano obedeceu ás ordens superiores, e dahi em diante foi emprestar sua admiravel actividade á prefeitura da Capital do Imperio.

COMPANHEIROS DE FREI CAETANO

O *Pe. Fr. Sebastião de Mellia*, da provincia de Messina, estreou suas missões em 1842, na freguezia de Tejucopapo; em 1848 colheu muito fructo na Muribeca; em 1849, em Tacunhãem. Em 1852 (?) fez uma excursão do Jaboatão até Bezerros; em Ipojuca, reformou a egreja e abriu dois cemiterios; em Gravatá, iniciou o cemiterio

(*) Relata-a por extenso Silva Mello — pag. 87-95.

e angariou auxílios para a matriz; em Bezerros, também cuidou da matriz e do cemitério. Em 1854 saíu para Barreiros; em setembro, Agua Preta e colônia de Pimenteiras; em novembro estava na povoação de S. Benedicto, da freguezia de Altinho; em dezembro, na cidade do Rio Formoso, onde pregou uma missão estrondosa, terminada a 31 de dezembro; em 1857, visitou Jaboatão e Escada — sempre missionando e ajuntando aos benefícios espirituaes os materiaes, como egrejas e cemitérios.

Em 1860 substituiu a Fr. Caetano na prefeitura de Pernambuco. Apesar do gravoso cargo, não deixou suas missões. No mesmo anno missionou em Garanhuns; no anno seguinte, em Tejucoapapo, Itapissuma, Itamaracá e Maranguape. Foi depois assistir aos flagellados pelo cholera-morbus em Cruangy e mais tarde em Caruarú. Ainda visitou Cimbres e Aguas Bellas. No fim destas missões, Fr. Sebastião sentiu-se muito enfraquecido, sobreveiu-lhe uma hemoptyse, declarou-se a tuberculose. Com muito custo logrou retornar ao hospício da Penha, aonde chegou em fins de janeiro de 1863. A molestia, apesar de cuidadosamente tractada, foi avançando. Fr. Sebastião só desejava chegar até a festa da Padroeira, a 6 de setembro. Nossa Senhora o ouviu. Nesse dia, ainda celebrou missa, que foi a ultima; depois só se entreteve em preparar-se para a morte, que o veiu tomar no dia 15 de setembro de 1863. Morreu com fama de santo, e Recife lhe fez um enterro nunca visto.

O Pe. Fr. *Seraphim de Catania*, succedeu na prefeitura ao Pe. Sebastião em 1863; foi um dos nossos grandes missionarios. Nascera em 1812 e fizera-se religioso em 1833. Começou suas missões em outubro de 1842, na Matta Virgem, depois passou para a Parahyba, onde pregou em S. Rita e em Mamanguape. No Rio Grande do Norte abriu um grande canal que communicava uma lagôa com o mar. Em 1846 passou para a capital do Ceará, onde pregou missão; da capital effectuou uma viagem missionaria pelo interior tocando Maranguape, Acarapé, Baturité, onde conseguiu converter um carmelita desgarrado, Canindé, S. Quiteria, Bairro dos Macacos, Sobral, Araracú, Granja e Viçosa: estava de volta, na capital, em fevereiro de 1847, mas doente. Depois de dois mezes foi para Recife. Em maio do mesmo anno conseguiu benzer o famoso Cruzeiro de Fortaleza. Tornou novamente para Recife.

No fim de 48 estava de novo no Ceará, onde passou tres annos pregando pequenas missões no interior. No fim de 52, missionou a capital; depois, S. João do Rio do Peixe, Piancó, Misericordia, Conceição, Cabedello (aqui foi em 1849). No Rio Grande do Norte, missionou em 1858 Goyanninha, Parari, Utinga, S. Gonçalo. Bocca da Matta: nestas localidades ergueu egrejas, em Urná abriu um grande braço de rio e transferiu o porto. Em 1860, missionou no Rio Grande, Guamaré, Macau e Mossoró; em Pernambuco, Pa-

jahú de Flores, S. José do Ingazeiro, e Pedras de Fogo, onde começou uma igreja a N. S. da Conceição. A 18 de abril de 1863 voltou a Recife, pela morte de Fr. Sebastião e para assumir a prefeitura.

Em janeiro de 1865 inaugurou a igreja de Pedras de Fogo, e, com grandiosa procissão, levou para lá, do Recife, varias imagens. Seguiram-se mais missões: no Brejo, em N. S. do O', em Cimbres; pela ribanceira do Pajehú foi até a Serra Talhada. Em 1866, em Cahumby, em Flores, em Villa Bella; em Ponta de Pedras, onde o povo não mais ouvia missões, havia 50 annos, desde o dia em que havia maltratado a Frei Gabriel de Malta; em Vertentes, em Brejo de Fagundes e em Bonito; novamente visitou Pedras de Fogo, e depois foi a Quixeramobim. Em 1869, doente e cansado, foi restabelecer-se em Aracaty, nos banhos da Beirada.

Restabelecido, em maio de 1874, demandou Therezina, no Pianhy, onde foi recebido solemnemente, inclusivé pelo governador. Aqui, occupou-se com a construcção da igreja de S. Benedicto no Alto da Jurubeba; nos intervallos pregava missões no interior da Provincia. Em 75, tractou carinhosamente dos variolosos; em 77 e 78, acudiu ás victimas de horrenda secca. A 2 de maio de 1886, viu sagrada a sua igreja de S. Benedicto, pelo bispo, D. Antonio Alvarenga. No mez de junho do mesmo anno, partiu para a Italia, indo a fallecer em Catania, a 14 de maio de 1887 (*).

O *Pe. Fr. Fidelis de Fagnano*. Nasceu em 1831; em 1853 entrou para a Ordem e em 1862 veio para o Brasil. Abriu suas missões com a de Abreu de Una, na freguezia de Barreiros, em janeiro de 68; seguiram-se as da Escada e de Gamelleira; em Caruarú pacificou os animos exaltados e revoltos; fechou com a de Panellas. Retomou o caminho em outubro, pregando em Gloria de Goitá, em S. Lourenço da Matta, em Paz dos Afogados, em Cequiá e alhures, ergueu algumas igrejas, cemiterios, aqueductos; afamado foi o Açude da Madre de Deus que elle abriu em Gloria de Goitá. Em 69 esteve na Muribeca, na Luz; passou a Alagôas, auxiliado por Frei Pelino de Castro Valva; em Maceió continuou trabalhos iniciados por Fr. José de Caltanisetta. Em 71 pregou em S. Luiz do Camaragibe, em Pau d'Alho, e em Lagôa do Carro. Nomeado Vice-prefeito, só sahio a missionar nos logares proximos do Recife.

Em 1857 fundou a Colonia S. Isabel, que dirigiu até 1891, data em que della se incumbiu o Pe. Fr. Cassiano de Comacchio. Em 1892 voltou para a provincia das Marcas, onde falleceu a 24 de maio de 1894.

(*) Veja: Elias Martins — Fr. Seraphim de Catania — Rio 1917.

O *Pe. Fr. Venancio de Ferrara* (*). Nasceu em 22, entrou na Ordem no 40; chegou ao Brasil a 4 de novembro de 1854. Até 59 trabalhou no Rio, onde, grassando a cholera morbus e a febre amarella, prestou auxilio aos empestados, e, contrahida a febre, quasi morreu. Em 1869 foi despachado para a Bahia e foi nomeado Vice-Commissario Geral. No fim do anno foi transferido para o Recife, encarregado das obras da igreja e do hospicio. Em 1872, succedeu na prefeitura a Frei Seraphim de Catania. As obras de Recife deixavam-lhe lazeres para as missões; visitou em missão: Gamelleira, Leopoldina em Alagoas, Nazareth do Cabo, Bonito, Garanhuns, S. Caetano das Raposas, Victoria, Bom Jardim, Caruarú, Bebedouro, Altino; varios logares da Parahyba; no Rio Grande do Norte: Mossoré, Areia Branca, Nova Cruz, Serra da Raiz, Villa da Penha, Goyaninha e Lucena; depois, Limoeiro, Caruarú, Bebedouro, Altino; varios logares da Parahyba; no Rio Piranhas. Nas suas viagens, alem de zelar pelas igrejas locais, tambem se interessava de esmolas para a Penha e para a Colonia S. Isabel.

A 2 de fevereiro de 1882 ponde inaugurar o templo da Penha, que foi sagrado por D. Alvarenga, bispo do Maranhão, com assistencia de D. Pereira Barros, bispo diocesano. Em seguida proseguiu suas missões em: Nazareth, Chã de Carpina, S. Lourenço, Tijucopapo, Goyanna, Muribeca, Bezerros, Camocim de Bezerros, Tigipió, Paulo Affonso, Petrolina, Granito, Ouricury, Exu, Jardim de Exu, S. Cruz, Serra Branca, Pedra Tapada, Villa de Paiva.

Foi nomeado superior da Bahia em junho de 1889. Aqui trabalhou na reforma da igreja da Piedade, até a morte, que occorreu a 26 de novembro de 1906. As obras foram completadas pelo seu successor, o Pe. Fr. Gabriel de Cagli.

Polemista abalisado foi o *Pe. Fr. Celestino de Pedavoli* (*). Nasceu em 41; veio ao Brasil, Rio, em junho de 1871. De 1872 e 76 foi Vice-prefeito no Maranhão, onde os capuchinhos catechizavam selvagens. Em fevereiro de 1876 veio para Recife. Não tardou a mostrar seus talentos de polemista. Pregou missões com Fr. João Evangelista de Monte Marciano em Gamelleira Goyanna, Itambé, Barra de Catuama, S. Vicente, Ingá: nesta excursão missionaria fizeram 10 mil communhões, 700 baptisados, 1100 casamentos, 6.800 chrimas. Pregou com Fr. Faustino de Grumés em S. José da Corôa Grande, Bezerros, Esp. Santo do Gravatá; e mudando o companheiro com o Fr. Vito de Martinengo, em Garanhuns, onde discutiu publicamente com o ministro dr. Buthler; com Frei

(*) Vide "Notas historicas da Igr. de N. S. da Penha", Recife 1905, pag. 21 e seg.

(*) Vide: Notas historicas, pag. 55 e seg.

Sabino de Rímíni, em Casa Forte; em Cruangy, com Frei Lourenço de Sassoferato. Na Penha era tribuno consagrado. Falleceu em Recife a 29 de agosto de 1910.

O *Pe. Fr. Caetano de Messina* (Sobrinho) serve de transição entre os antigos missionarios e os novos (**). Chegou ao Rio em 1870 e em Recife no anno seguinte. Pregou em varias localidades da Provincia, como tambem do Rio Grande do Norte, da Parahyba e Alagôas, como em Palmares, Garanhuns, Itabayana; aqui, enquanto attendia á construcção da igreja, rebentou a epidemia de variola. Frei Caetano lá permaneceu. Tambem concorreu para a pacificação dos “quebra-kilos” (***). Pregou em Ponte de Carvalho, Correntes, Ceará Mirim, Papacaça, Panellas de Miranda, Villa Bella, Villa da Penha, Riacho Doce. Voltou ao Recife em junho de 1885. Em julho desse anno foi eleito prefeito. Depois missionou em S. José da Lage, e em Pilar em Alagôas. No anno seguinte, em Itamaracá, Chã Grande, Palmeira, Caricé, Jupy de Garanhuns, Riacho do Sertão. Em Quebrangulo, em 1889, com Frei Clemente de Lionissa, restabeleceu a paz perturbada por amotinadores e salteadores desenfreados. Proclamada a republica, Frei Caetano tractou mais do ministerio sagrado na Penha do que em missões. Retirou seus religiosos da Colonia S. Isabel. Em 1911 passou a residir no hospicio do Bom Conselho, onde o visitou a morte, a 5 de junho de 1929.

O *Pe. Fr. Cassiano de Comacchio* (*) chegou á Penha em março de 1872. Missionou Ourucury, Bom Jardim, S. Bento, Sertãozinho, Pão de Assucar, Igreja Nova, Penedo, Victoria, Bello Jardim, Terra Nova, Lagôa dos Gatos e Piassabú. Em 1877 acudiu aos famintos da secca em Ourucury. Passou a Leopoldina e depois tractou de fundar para os retirantes de Piranhas, flagellados da secca, uma colonia de soccorro em Palmares que se tornou a villa de Sertãozinho. Esteve dois annos em Maceió, onde ergueu a igreja dos Martyrios. Missionou em Atalaia, Mucury, Boa Sisa, Canindé, Traipú, Tijucopapo, Quipapá, S. Bento, Penedo, Jabotá, Lagôa Funda, Assembleia e Imperatriz; aqui abriu um açude colossal; construiu tambem uma estrada de 36 kilometros para Riacho da Serra. De 1882 e 1894 esteve na Colonia S. Isabel; deixou-a quando ella foi entregue a leigos. Retirou-se para a Penha, onde falleceu a 14 de abril de 1897.

(**) Vide: Notas historicas, pag. 35 e seg.

(***) *Quebra-kilos*, foram designados por esse nome, os grupos sediciosos que, em 1874, assaltaram as camaras municipaes de Alagoas, Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, destruindo os padrões do systema metrico, em signal de protesto contra a adopção desse systema no Brasil.

(*) Vide; Notas historicas, pag. 69 e seg.

Estiveram na *Colônia S. Isabel*: o Pe. Fr. Clemente de Leonissa e o Pe. Fr. Antonio de Albano, que depois foram substituídos pelos Pe. Fr. João de S. Severino, Pe. Fr. Francisco de S. Philippe, e Frei Lourenço de Ciano; em 1886 o Pe. Fr. Jeronymo de Montefiorito; o Pe. Fr. Faustino de Grumés que em 1890 estava em S. Paulo, secularizado; o Pe. Fr. Sabino de Rimini; o Pe. Fr. Pedro de Burgo de Tezzo, e outros.

Em Papacaça, depois Bom Conselho, sempre houve alguns missionários; mais tarde levantou-se o hospício. O collegio do Bom Conselho foi entregue a uma congregação de Irmãs Terceiras Franciscanas.

Frei Francisco Maria de Vicencia — apesar de irmão leigo, era habil architecto. A pedido dos Capuchinhos de Pernambuco, veio ao Brasil em 1871, para dirigir os trabalhos da reforma do Santuario da Penha, em Recife.

Conhecida a sua competencia como engenheiro constructor, não tardaram a chegar de todos os pontos pedidos de plantas e orçamentos para construcções não só de egrejas, collegios e asylos, como até de casas particulares. Assim foi que levantou as plantas de reforma do hospital de São Francisco, em Recife, e de construcções das egrejas, de Sto. Antonio, em Victoria, uma outra em Alagôas e para a matriz de Bom Jardim. Foram feitas por elle as plantas de uma casa na Villa de Cabo, uma em Una e outra na Escada. Fez uma outra em estylo gothico para o Limociro, e, finalmente, uma planta majestosa para o Collegio Izabel, em Pimenteira.

Terminados os trabalhos da Egreja da Penha, só esperou finalizar o anno de 1878, e em começo de 1879 regressou para a Italia, fallecendo logo depois, isto é, aos 13 de fevereiro do mesmo anno (*).

O GLORIOSO BISPO DE OLINDA

Dom Frei Vital foi o homem de Deus, forte até a morte, que preferiu partir-se na lucta pela justiça a dobrar-se perante as exigencias humanas. Como é uma gloria da Egreja, do Brasil, de Pernambuco, tambem é uma gloria dos missionarios capuchinhos, pois foram elles, os da Penha, que no jovem levita despertaram os attractivos para a Ordem do Poverello, e foi na Ordem dos Capuchinhos que elle caldeou seu espirito para a lucta renhida e terrivel que o aguardava, quando revestido das honras episcopaes.

(*) Vide: "Italia Franceseana", anno IV. fasc. IV.

Nasceu, a 27 de novembro de 1844, em Pedras de Fogo — o lugar predilecto de Frei Seraphim de Catania. Foi para o seminário; sentiu-se attrahido para a vida levada pelos missionarios da Penha. Como não tivessem noviciado no Brasil, alvitrou-se fosse noviciar na Europa. Após o primeiro anno de theologia, em outubro de 1862, seguiu para a França, onde terminou seu curso de philosophia, e a 16 de julho de 1863, ingressou no convento de Capuchinhos de Versailles e a 15 de agosto recebeu o habito. Professo, foi ultimar seus estudos em Tolosa. Ordenou-se de presbytero a 2 de agosto de 1868; celebrou a primeira missa no dia seguinte em Paris.

Em outubro desse mesmo anno embarcou para o Brasil, com destino ao Seminario de S. Paulo, inaugurado em fins de 1856, para nelle leccionar. O Pe. Frei Vital chegou a São Paulo a 3 de abril de 1869, onde permaneceu tres annos leccionando philosophia no Seminario Episcopal, então entregue aos Capuchinhos da Sa-boia.

O retardamento com que veio ao destino, que por alguém foi interpretado como acto de insubordinação e de afastamento da Ordem — cousa que já outras vezes havia-se maldosamente suspeitado — foi causado pelo recrudescimento da molestia da garganta, que nelle se manifestara já em o noviciado. Com as devidas licenças, de passagem fôra visitar sua terra natal e mais pessoas da familia: nessas visitas foi obrigado pela molestia a retardar a viagem, o que aliás communicou escrupulosamente a seu superior do Seminario e ao Pe. Geral, dos quaes dependia.

O clima benigno de São Paulo, alliviou-o bastante dessa impiedosa laryngite, permittindo-lhe não só leccionar no Seminario, mas tambem se occupar com muito fructo e com grande admiração dos ouvintes, na pregação. Passou uma parte do anno de 1870 em Itú, onde pregou todo o mez de março no Collegio do Patrocinio, das Irmãs de S. José.

No Seminario recebeu o aviso do Ministro do Imperio, communicando-lhe que o imperador, por decreto de 21 de maio de 1871, o havia escolhido para bispo de Olinda, e aguardava seu consentimento para apresental-o ao Summo Pontifice. Frei Vital ficou transido de espanto e de receios perante tamanha responsabilidade; implorou conselhos e terminou resignando-se á vontade de Deus. Foi preconisado por Pio IX a 22 de setembro de 71, e sagrado, na antiga cathedral de S. Paulo, a 17 de março de 1872, pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, por estar a Sé de São Paulo vacante. Os Capuchinhos foram representados na sagração pelo Commissario Geral, Frei Caetano de Messina e pelos capuchinhos do Seminario. Partiu para a sua diocese, chegou ao Recife a 20 de maio e tomou posse a 24 do mesmo mez.

Começou sua missão espinhosa e também sua lucta em defesa dos direitos de Deus e da igreja, conculcados pelo regalismo maçónico, então encarnado no Gabinete Rio Branco.

Já em 28 de dezembro de 1872 D. Vital enviou a circular ás irmandades exigindo o expurgo dos maçons que dellas faziam parte. Seguiu-se a revolta da Irmandade de S. Antonio do Recife e o relativo interdicto de 16 de janeiro de 1873. Houve o recurso das irmandades á Corôa, a intimação desta ao Bispo, e a recusa formal de D. Vital. Dahi o processo contra o Prelado que foi pronunciado a 12 de dezembro de 1873. Preso no Recife a 2 de janeiro, chegou ao Rio a 13 do mesmo mez, e foi recolhido ao Arsenal de Marinha. A 21 de fevereiro foi julgado e condemnado pelo Supremo Tribunal de Justiça, a quatro annos de prisão, com trabalhos. A 12 de março foi-lhe commutada a pena em prisão simples e removido do Arsenal para a fortaleza de S. João. O novo ministerio, presidido pelo nobre Duque de Caxias, a 17 de setembro de 1875 concedeu amnistia aos bispos de Olinda e do Pará e aos governadores dessas dioceses que se achavam presos.

O Pe. Fr. Innocencio de Apiro, Procurador Geral das Missões Capuchinhas em Roma, escreveu ao Commissario Geral do Rio, Pe. Fr. Caetano de Messina, com data de 5 de junho de 1876: "Mons. Vital obteve uma plenissima approvação do seu modo de agir (del suo operato), como apparece da Encyclica do S. Padre, endereçada ao Episcopado Brasileiro. Apenas V. Rvma. vir publicada a dita encyclica, escreva uma carta de congratulação ao mesmo Monsenhor (aisto é, a Dom Vital) *afim de corrigir, de algum modo, a frieza com que se portou algum dos nossos.* E' esta a vontade do nosso Revmo. Pe. Geral e do seu Definitorio, como também a minha: V. Revma. fique certo de que D. Vital nos quer bem, porém, não transige com quem quer que seja; tem um character bastante absoluto, mas admite razões, e não rejeita quem lh'as apresenta, porém, combate-as, no caso que lhe pareçam injustas, e tudo isto não é reprovavel". A carta citada nos responde em parte á duvida. porque Fr. Caetano que era tão prestigiado na Côte, juncto de D. Pedro, se não interessou por D. Vital, durante a dolorosa questão religiosa, em que o inclyto Bispo de Olinda soffreu humilhantes martyrios.

D. Frei Vital conhecera muito bem os capuchinhos da Penha, especialmente no tempo em que no Recife cursou o collegio Bemfica e o Seminario 1853-1862; alli, elle frequentava os capuchinhos, conheceu muito bem o Pe. Fr. Caetano de Messina. Frei Caetano foi sempre um dos melhores conselheiros de D. Vital; o futuro bispo, quando escolhido pelo imperador, para a séde de Olinda, consultou ao velho amigo Fr. Caetano; este assistiu á sagração do mesmo em S. Paulo. O que *esfriou a amizade*, foi a confusão

causada entre os catholicos pela fatal carta do cardeal Antonelli, (obtida pelas falsas insinuações do Barão de Penedo em Roma) de 18 de dezembro de 1873, annunciada pelos jornaes, mas completamente deturpada com a famosa phrase: "gesta tua non laudantur" — os teus feitos não são louvaveis (a carta era dirigida a D. Vital) e outras quejandas. Essa noticia, mais tarde completamente desmentida, lançou o completo desanimo entre o proprio clero e os bispos! Os capuchinhos, alguns delles, ficaram envolvidos no mesmo desanimo e frieza, que felizmente não duraram muito tempo.

Recobrada a liberdade, D. Vital recolheu-se ao Morro do Castello, e a 4 de outubro de 1875 partiu para a Europa. De volta, recebeu triumphal acolhimento em Pernambuco a 20 de setembro de 1876. Doente tornou a embarcar para a Europa, indo terminar seus dias no convento dos Capuchinhos em Paris, a 4 de julho de 1878. D. Antonio Macedo Costa, bispo do Pará, foi-lhe companheiro de luctas e de soffrimentos. (*)

OS MISSIONARIOS CAPUCHINHOS NO MARANHÃO

A missão do Maranhão partiu de Recife, de onde foram convidados os Capuchinhos pelo Sr. José Salgado de Sá. Attenderam ao pedido o *Pe. Fr. Dorotheo de Dronero* e o *Pe. Fr. Lourenço de Monteleone*. O *Pe. Dorotheo* aforou do dito snr. Salgado de Sá, em São Luiz, uma capella construida pela familia deste em 1788 sob a invocação de S. Thiago Menor, e nella ergueu um hospicio, tendo o imperador concedido seu beneplacito a 8 de janeiro de 1853, e o bispo proferido sentença a 18 de julho de 1854; a 24 de julho do mesmo anno foi solemnemente inaugurado. Mais tarde o hospicio foi reivindicado por um herdeiro e ganha a causa por este, foi destruido. (*)

Já em 1841 ou 1842 haviam missionado no Maranhão o *Pe. Fr. Dorotheu* e o *Pe. Fr. Pedro Maria de Brá* — na Capital, em freguezias collocadas á margem do Itapicurú, em Caxias, onde pacificaram os rebeldes, em Passagem Franca, Pastos Bom e Villa do Riachão, nas vizinhanças do Tocantins. Não eram pois desconhecidos nesta provincia.

(*) Leia-se: *Fr. Felix de Olivola* — Um grande Brasileiro, D. Fr. Vital M. Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, Recife 1936. P. Gonzague — *Monsieur Vital*, Paris, 1912. Macedo Costa — A Questão Religiosa perante a S Sé.

(*) Veja: Revista do Instituto Hist. Geographico Bras. Vol. 150, pag. 280.

O Pe. Fr. Dorotheo de Dronero foi superior do hospício de S. Thiago, desde a fundação, até o dia de sua morte, que foi a 21 de setembro de 1868.

Um dos missionários que passou por aqui, foi o *Pe. Fr. Gregorio Maria de Bene*. Estivera antes no Indostão. Em 1844 veio para o Brasil. Missionou no Espírito Santo, onde lhe confiaram a parochia de S. José da Queimada, cuja matriz elle construiu em 1848. No anno seguinte foi á Côrte, e de lá partiu para o Norte, e foi catechisar indios no Amazonas, nas margens do Rio Branco, no ponto denominado Porto Alegre. Em 1851 procurou outros indios nas margens do Uapés e Icans, onde esteve até 1856, epocha em que se retirou para Manãos, e logo em seguida foi parochiar em Avellar, mas por pouco tempo, porque se transferiu para S. Luiz do Maranhão. Aqui em fins de 1861 enfermou gravemente e falleceu a 3 de novembro do mesmo anno.

O *Pe. Fr. José Maria de Loro*, veio para o Brasil em 1865. A 14 de novembro do mesmo anno foi nomeado Director do aldeamento de Tijuco Preto — á margem do Paranapanema, Botucatú, na provincia de S. Paulo. No 1869 foi removido para Barra do Corda, no Maranhão, onde organisou a aldeia de “Dois Braços”. Seus trabalhos foram fecundos: ponde mandar para Barra do Corda, na epocha de grande secca, numerosos barcos carregados de farinha de mandioca, para os famintos. Alguns negociantes que pretendiam monopolizar o commercio com os indios, caluniarão no junto do governo, que ordenou a retirada do missionario. Este foi á capital e se justificou plenamente; não quiz, porém, retornar a “Dois Braços”; subiu o Grajahu, e em Francellina, fundou um novo aldeamento, Rio Torto, que não teve longa vida., porque Fr. José, colhido por febres palustres, lá falleceu em 1884. Seus ossos vieram para a Barra do Corda. Esteve em Dois Braços em 1879 o *Pe. Fr. Antonio de Reschio*. Também missionou no sertão maranhense o *Pe. Fr. Benedicto de Bobbio*, que catechisou muitos annos em Minas.

O *Pe. Fr. Lourenço de Monteleone* missionou muito aqui; falleceu em Caxias em agosto de 1857, victima de febre infectiva.

Viveiros de Castro — na “Revista do Inst. Hist.”, vol. 150, pag. 280, fala elogiosamente do Pe. Fr. Pedro de Ganges — mas equivoca-se; esse Frei Pedro de Ganges, não existiu, o que o auctor lhes attribue, pertence ao Pe. Fr. José Maria de Loro.

Como a Penha escasseasse de Missionarios, pois a suppressão religiosa na Italia, em 1866, impedia novas remessas, resolveram retirar-se para Recife, os poucos que estavam no Maranhão, e a 19 de fevereiro de 1876 fecharam a casa que tinham em S. Luiz.

MISSÕES E CATECHESE NO PARÁ E AMAZONAS

Não ha quem adivinhe as mil difficuldades que se antolhariam aos esforçados pioneiros da fé, que santamente se atreviam a demandar aquellas paragens, vassallas dos grandes rios, entre gentios muitas vezes ferozes, em lugares em que as communicões eram difficillimas, e, por cumulo de desventura, logares em que se aninhavam gostosamente os famigerados *regatões*, homens vis, que só cuidavam do commercio, viesse elle como viesse, mesmo pelas vias mais illicitas e injustas, com menospreso da equidade e com as fraudes mais clamorosas a custa da bôa fé dos indios boçães e ingenuos. Apezar de tudo isso, os nossos homens do evangelho não trepidaram em se encaminhar para aquellas longinquas provincias, guiados só pelo amor de Jesus.

O "*Libro Mastro*", da Bahia, nos diz que em 1842 foram destinados para o Pará oito missionarios capuchinhos; era superior e prefeito da missão o Pe. Fr. Luiz de Belforte, que então estava no Recolhimento de S. Amaro, como director; os outros eram: O Pe. Fr. Egydio de Garezzo, o Pe. Fr. Alexandre de Bene, o Pe. Fr. Ildefonso de Genova, o Pe. Fr. Fidelis de Jesi, o Pe. Fr. Pedro Paulo de Ceriana, Frei Bernardo de Ceriana e Frei Porphyrio de Camerino. Passaram quatro mezes em Belém, e em janeiro de 1844 foram se estabelecer no Rio Negro.

Nos quatro primeiros annos seu trabalho principal foi missionar as poucas povoações de civilisados, ou acompanhar na visita pastoral ao snr. Bispo, então prelado das duas provincias, com séde em Belém. Governava a vasta diocese (1844 a 1858) D. José Affonso de Moraes Torres, o qual tractou logo de visital-a até o Alto Amazonas. Levou comsigo o Pe. Fr. Pedro de Ceriana, o Pe. Fr. Fidelis de Jesi, o Pe. Fr. Egydio de Carezzo e o Pe. Fr. Ildefonso de Genova. O Pe. Fr. Luiz de Belforte ficou com os outros na capital.

O *Pe. Fr. Luiz de Belforte*, chegou ao Brasil em 1837; em 1841 foi nomeado director dum collegio de meninas em Santo Amaro, Bahia; seguiu para o Pará, onde chegou em setembro de 1843. Dois annos depois se retirou para Pernambuco, foi a Jacuibe auxiliar ao Pe. Fr. Seraphim de Catania. Pregou missões, no Recife em 1846, na grande secca, em Rio das Contas, Maracajape, Cruz das Almas, Sant'Anna,, Madre de Deus, Taparica, Valença, Camamú, Cairú, Santarem, etc. Mais tarde foi removido para Bahia, onde ieccionou, durante annos, no Recolhimento das Humildes. Voltou para a provincia das Marcas e falleceu em Macerata a 2 de janeiro de 1864, com 84 annos.

O *Pe. Fr. Pedro Maria de Ceriana*, umbro, nasceu em Ceriana (Genova) em 1813. Ingressou na Ordem em 1831. Ordenou-

se em 1835. Partiu para o Brasil em 1842. Acompanhou em visita pastoral o Bispo do Pará, até 1845; foi nomeado Vice-prefeito, no Pará; subiu o rio Amazonas, fundou a catechese do rio Andirá. Depois de 1854, passou para o rio Purús e fundou a aldeia de S. Luis Gonzaga. Cançado e fraco, em 1857, voltou para a provincia.

Restabelecido, em março de 1860 foi para as Indias, na missão de Patna, onde missionou até 1885, anno em que repatriou novamente, após um apostolado laborioso e fecundo de quasi quarenta annos. Na Provincia foi sempre um religioso exemplar. Falleceu em Foligno a 23 de dezembro de 1888.

O Pe. Fr. Pedro de Ceriana, o conego F. Bernardino de Souza, no "Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas", apresenta-o, censurando não só seu character, mas muito mais porque "affastando para longe os negociantes que gyravam por aquellas paragens, não consentiu que os indios ainda os mais civilizados, vendessem seus generos a outro, que não a elle, e pondo-se a negociar em larga escala, entabolou relações commerciaes, com firmas de Obitos e de Bella Vista".

Sua critica impiedosa, pelo que podemos crer, não quiz perdoar-lhe o facto de ter combatido os famosos "regatões", que infestavam aquellas infelizes paragens e podiam defraudar impunemente os pobres indios! Basta ter-se uma ligeira noção do que eram aquelles regatões, para vermos a necessidade que tinham os missionarios de intervir para protegerem aos indios. Além disso, lendo-se o trabalho do conego Souza, é facil surprehender-lhe a mal disfarçada parcialidade com que relata e julga os factos que lhe mereceram a attenção.

O Pe. Fr. Egidio de Garezzo — chegou no Brasil em 1842; acompanhou o sr. Bispo do Pará até 1846; nesse anno sahio a pregar missões nas parochias, como em Obidos, Santarem e Alemquer; em 48, na Villa da Barra; no 51, parochiou em Santarem, no 52, no Jobotá, e em começos de 53 voltou para Belem do Pará. Em 1856 estava em Porto de Parnahyba, de onde foi catechizar os indios Munducurus que habitam as margens do Tapajoz; fundou as aldeias de Cury e de Jaituba. Em 1860 conseguiu repatriar-se. Mas no anno seguinte voltou e foi para Bahia. Aqui já o encontrámos nas epidemias de Gruangy e Caruaru, e na missão de Garanhuns no 1865. No mesmo anno foi nomeado cura-cappellão do Bom Conselho; no maio de 1868 passou a residir na Penha; em 1871 foi transferido para a Bahia, onde morreu a 23 de outubro de 1873.

Seu companheiro de visita pastoral no Pará, o Pe. Fr. Fidelis de Jesi, acompanhou o sr. Bispo até 1848; nesse anno foi nomeado superior interino de Belem; em 50 foi parochiar Breves;

no 53 voltou para o Pará até 56 em que tornou a Breves. Falleceu no anno seguinte.

Outro companheiro de visita foi o *Pe Fr. Ildefonso de Genova*. Em 1847 tinha seguido, com o irmão Frei Bernardo de Ceriala, rumo desconhecido. Mais tarde, por doente, voltou á Italia, e morreu em Genova em 1884. Seu collega de viagem, *Frei Bernardo*, voltou em 1857 e morreu tambem elle em 1884.

ENTRE OS SELVAGENS DO PARA'

Um dos que mais se interessaram pelos indios desta provincia foi o *Pe Fr. Ludovico de Massarino*, Syracusano. Veiu ao Brasil em 1862; esteve tres annos trabalhando no Rio; em Março de 1865 chegou a Belem do Pará, onde auxiliou ao Sr. Bispo na visita. No começo do anno seguinte, foi incumbido pelo governo de visitar os indios Tembês, do Rio Capim, nas aldeias de S. Leopoldina, Jurupariquara e Maracanã. Trouxe de lá um detalhado relatorio. Em setembro de 1866 foi nomeado Director da aldeia de S. João do Araguaya, nas fronteiras de Goyaz; como porém lá não encontrasse indios, resolveu catechisar os indios do Rio Trombetas. Levou comago o *Pe Fr. Carmelo de Massarino*. Estiveram tres mezes com os Anambês do rio Pacajás, e dalli se foram estabelecer no Rio Trombetas, com os Tecunapenas e Turanas. Frei Ludovico ficou com estes e mandou a Fr. Carmelo aldear os indios dispersos do Rio Xingú. De vez em quando visitavam os anambês. Em 68 foi nomeado Director dos indios do rio Xingú.

No anno seguinte ficou gravemente doente e foi-lhe necessario ir tratar-se na capital. Mal tinha voltado, sarado, que os indios carajás assaltaram suas aldeas, e na fugida foi frechado pelas costas; foi de novo tratar-se na capital. No anno seguinte foi providencialmente visitar ao *Pe. Fr. Carmelo* a quem assistiu na hora da morte. Então reiterou pedidos ao superior para obter auxiliares. Seus pedidos foram em parte attendidos. No começo de 71 recebeu o *Pe. Fr. Miguclanjo de Burgo* e o *Pe. Fr. Candido de Heremence*. O primeiro ia destinado ao Araguaya, mas o *Pe. Ludovico* o reteve na Capital, até consultar o *Pe. Commissario* sobre si poderia mandal-o substituir o *Pe. Fr. Carmelo*, que tinha morrido nas margens do rio Xingú. Com a resposta affirmativa, recebeu mais outros tres missionarios, em outubro de 1871; o *Pe. Fr. Luiz de Piazza*, o *Pe. Fr. Antonino de Albano* e o *Pe. Fr. Braz de Cento*. Este ultimo morreu de febre amarella, no dia em que chegou.

Tendo mandado para as aldeias do rio Capim os Padres Frei

Candido de Heremence e Frei Miguel Angelo de Burgo, conservou consigo os outros dois, isto é, Fr. Luiz de Piazza e Fr. Antonio de Albano.

Em dezembro, lhe chegou mais um auxiliar, o Pe. Fr. Pelino de Castro Valva, vindo de Pernambuco. Por essa ocasião adoeceu gravemente o Pe. Fr. Miguelanjo e elle precisou mandar-lhe um substituto na pessoa do Pe. Fr. Luiz Piazza. Para o rio Tapajós enviou o Pe. Fr. Pelino e o Pe. Fr. Antonino.

Em 1872 seguiu para a Italia por commissão do governo, buscar novos missionarios. De volta, foi catechisar em Minas e lá missionou como vimos atraz. Voltou para a provincia em 1891 e morreu em 1903. Frei Ludovico, além de mui versado em sciencias ecclesiasticas, conhecia muito bem o latim, o francez e a musica. Foi um grande trabalhador.

Conterraneo e amigo delle foi o *Pe. Fr. Carmelo de Mazzarino*. Veiu para cá em 1867; em setembro chegou ao Pará. Após seis mezes, foi mandado apaziguar um quilombo de 500 negros, e foi mui feliz. Incumbiu-se de catechisar os indios dispersos do Xingú. Aldeou em pouco tempo um cento delles. Porém, em começos de março de 1870, foi atacado de febre amarella contra a qual luctou inutilmente quasi dous mezes. Felizmente, a 18 de março, lhe appareceu o Pe. Fr. Ludovico que ponde assistil-o até a morte. Teve melhoras e rechidas. No dia 25 de abril, recebeu todos os sacramentos; á noite desse dia, inteiramente resignado, entregou sua alma a Deus.

O *Pe. Fr. Candido de Heremence*, suisso, chegou ao Brasil em 1870, com 30 annos de idade; era agricultor, artista e architecto. Seguiu logo para as margens do rio Capim, no Pará, catechisar os Tembês, já visitados por Fr. Ludovico de Mazzarino; lá fundou, em 24 de abril de 1872, a missão de S. Fidelis, abaixo da confluencia dos rios Surubijú e Ararandem, tributarios do Capim. Em pouco tempo conseguiu arrebanhar umas 400 pessoas. Um dia, em dezembro de 1872, subia, com alguns indios e camaradas, em viagem de exploração, pelo rio Surubijú, em companhia do engenheiro belga Alberto Blochausen. Em um dos pousos foram aggreddidos. Elle cahiu morto, varado por cinco balas. Não se sabe si foram os indios de outras tribus, ou si foram os da mesma tribu, ou si foram civilizados os que o assassinaram.

O *Pe. Fr. Luiz de Piazza*, syracusano, chegou ao Rio em começos de 1871. Foi logo enviado para o Pará, aonde chegou em dezembro. Nesse tempo, na missão do Capim, adoeceu o Pe. Fr. Miguelanjo de Burgo, companheiro de Fr. Candido: foi substituil-o o Pe. Fr. Luiz, mas por pouco tempo, porque o assassinio de Fr. Candido aterrorisou de tal forma ao nosso Fr. Luiz, que lhe

atacou as faculdades mentaes e foi preciso trazel-o para Belém, e assim fechar a catechese do Capim. Viajou Fr. Luiz até o Rio em companhia de D. Macedo Costa, que ia preso para a Côrte, pela questão religiosa. Trabalhou um pouco em Angra dos Reis; depois acompanhou á Fr. Fidelis de Avola ao Paraguay, de onde voltou em 1835; dalli por diante residiu no Rio, onde foi duas vezes superior e onde falleceu a 16 de agosto de 1909.

A catechese do Bacabal teve como iniciador o *Pe Fr. Pelino de Castro Valva*, abruzzês. Nascido em 1842, chegou a Pernambuco em 1870 com mais seis companheiros. Auxiliou nas missões em Alagoas e Pernambuco; em 1871 seguiu para o Pará afim de catechisar os Munducurús das margens do rio Tapajós, anteriormente visitados por Fr. Egidio de Garezze e Fr. Ludovico de Mazzarino. Atacado pela febre amarella, passou o anno em Belem. Em dezembro de 1871 chegaram do Rio o *Pe. Fr. Antonino de Albano*, o *Pe. Fr. Luiz de Piazza* e o *Pe. Fr. Braz do Cento*. Este ultimo ao passar pelo Maranhão apanhou a febre amarella e foi morrer em Belem no dia da chegada. Em janeiro de 1872, Fr. Pelino seguiu, com Frei Antonino, para o alto Tapajós em demanda de sua catechese, que foi localisada em Bacabal. Em pouco tempo reuniram uns 400 indios. Algumas imprudencias e mais a sanha dos regatões, a quem a nova catechese subtraia os ingenuos indios, e os adestrava nos negocios, acarretaram-lhe accusações juncto da auctoridade de Belem. Frei Pelino dellas se innocentou perfeitamente; não cessou porém sua campanha, aliás justa, mas algo imprudente, contra os regatões, os quaes lhe moveram guerra e até chegaram a tentar contra a sua vida. Vista a má situação, o missionario pediu exoneração da catechese e voltou para a Italia em 1882. (*)

Continuou por pouco tempo, isto é, em 1881, a catechese do Bacabal, o *Pe. Fr. Antonino de Reschio*, umbro. Nascido em 1832, entrou na Ordem em 47, chegou na Bahia em junho de 1878; em 1879 foi substituir por um pouco o *Pe. Fr. José de Loro*, na colonia Dois Braços, no Maranhão; missionou depois nesta provincia; em outubro de 1881 foi dirigir a colonia do Bacabal, mas atacado de anemia, em agosto do anno seguinte se repatriou. Seguiu depois para o Chile, e morreu em 1906. Por falta de pessoal a missão foi abandonada.

(*) Veja-se: Pelino Castro Valva — Un Missionario nel Brasile — Milano 1884.

CATECHESE NO AMAZONAS

Uma relação official, de 7 de agosto de 1855, assignala entre as outras as seguintes missões ou catechesees do Rio Amazonas.

A de *Porto Alegre*, no Rio Branco, fundada em 1839 e confiada ao Fr. José dos Santos Innocentes, (carmelitas) que a dirigiu com grande proveito, aldeando cerca de dois mil indios: uapixanas, macuxis, saporás, punecutús, anhuaques. Seu primeiro assento foi perto da ilha Canacuri, onde Fr. José reuniu indios mucuxis, uapixanas e juricunas; mas por questões do ministro protestante inglez, Mr. Yood, transferiu-a para Porto Alegre, em 1841, e alli permaneceu até 1846, em que foi substituido pelo Pe. Antonio Pe. Pereira. Este desagradou aos indios que foram se retirando.

Em 1851 foi nomeado director da mesma, o Pe. Fr. Gregorio Maria de Bene, Capuchinho, que, em 1852, foi transferido para a seguinte:

As do rios *Unepés e Içana*, habitada, a primeira, por indios anuanaes, caetarianos, tucanos, itarianos, checuanaes, ananáes, peixe, juruá, pira, tapuias, cubeas, bejú, cainatarya, formando uns quinze aldeamentos, com cerca de 2.300 indios; a segunda habitada por pions, cadanapuritanas, moriocunee, ciessyondós, coatá, ipecatopihira, cobens, falando tupy. A idade avançada do Fr. Gregorio obrigou-o a exonerar-se da direcção a 5 de maio de 1855, indo servir como parochia de Alvellos, ficando a missão vaga em 1855.

A de *Andirá*, fundada em 1840, reuniu mais de dois mil habitantes; entre indios e outros; foi missionada pelo Pe. Fr. Pedro de Ceriana, Capuchinho, até 1853, em que, sendo ella elevada a parochia, Fr. Pedro passou para a seguinte missão.

A de S. *Luiz Gonzaga*, do Rio Purús, fundada em 1854 e habitada por indios muras, caunicis, mamarús, catequinas, sipés, intanáes, turanhas, corocatas, caripunas, jamamadia, apolinas, turupurus, etc. (*).

OS MISSIONARIOS NA PROVINCIA DO CEARA'

Os missionarios italianos, da epocha do segundo imperio, não tiveram missão fixa nesta provincia. Deram porém missões. Em 1846 passou por aqui o Pe. Fr. Seraphim de Catania que missionou Fortaleza, Maranguape, Baturité, Canindé e outros logares. Em 1838, pregaram missões aqui, em varios logares, o Pe. Fr. Cassiano de Comacchio e o Pe. Fr. Clemente de Leonissa, com

(*) Revista do Instituto Hist. Geog. Brasil. Vol. 19.

o irmão Fr. José, vindos de Pernambuco. Estes reformaram o velho santuario de Canindé; na serra do Uruburetama no lugar chamado Ipú da Rajada, abriram um açode. Mais tarde, em 1897, a pedido de D. Joaquim Vieira, bispo do Ceará, o Pe. Fr. Carlos de S. Martinho e o Pe. Fr. Hilario de Lodi, pregaram missões em Louré, Trahiry, S. Bento, S. Francisco e Arraial.

O CREPUSCULO DESTE PERIODO MISSIONARIO

Ao entrar do ultimo quartel do seculo XIX, começou rarear e escassear a vinda de novos missionarios para as missões e catecheses do Brasil — seara carinhosamente cultivada pelos capuchinhos vindos durante o segundo imperio. Uma estatistica official, publicada em começos de 1890, nos dá o seguinte estado das missões capuchinhas no Brasil, na queda do segundo imperio.

No Rio de Janeiro — sede do Commissariado Geral: o Pe. Fr. Fidelis de Avola, Prefeito e Commissario Geral; o Pe. Fr. Caetano de Troina; o Pe. Fr. Benedicto de Bobbio; o Pe. Fr. Gregorio de Prato; o Pe. Fr. Luiz de Piazza; o Pe. Fr. Paulino de Fognano; o Pe. Fr. Silverio de Rabbi.

Na *catechese* de S. Pedro de Alcantara — Jatahy — Paraná — o Pe. Fr. Timotheo de Castelnovo; na de Piabanha — Goyaz — o Pe. Fr. Raphael de Taggia e o Pe. Fr. Antonio de Gangi; na de Itambacury — Minas — o Pe. Fr. Seraphim de Gorizia e o Pe. Fr. Angelo de Sassoferrato e na de Campos Novos — S. Paulo — o Pe. Fr. Sabino de Rimini e o Pe. Fr. Francisco de Alatri.

No Hospicio da Bahia — o Pe. Fr. Venancio de Ferrara, superior; o Pe. Fr. Paulo Antonio de Casanova, ex-prefeito; o Pe. Fr. Gabriel da Barra, vice-prefeito; o Pe. Fr. Faustino de Grumés; Fr. João Baptista de Cogna e Fr. Egydio de Mazzarino.

No Hospicio de Pernambuco — o Pe. Fr. Caetano de Messina, Prefeito; o Pe. Fr. Cassiano de Comacchio, vice-prefeito; o Pe. Fr. Celestino de Pedavoli; o Pe. Fr. Lourenço de Sassoferrato; o Pe. Fr. João Evangelista de Montemarciano; Fr. Francisco de Sassalbo; Fr. José de Bordialone; Fr. Agostinho de Barberino e Fr. Paschoal de Bolonha.

Na Colonia S. Isabel — Pernambuco — o Pe. Fr. Fidelis de Fognano; o Pe. Fr. Jeronymo de Montefiorito; o Pe. Fr. Paschoal de Varsovia; Fr. Felix de Alatri e Fr. Vicente de São Thiago, e em Papacaça — Pernambuco — o Pe. Fr. Clemente de Leonissa.

A estatistica resenha mais os tres missionarios trentinos que já estavam nesse tempo, em Tietê, S. Paulo, isto é; o Pe. Fr. Felix de Lavallo, o Pe. Fr. Luiz de S. Thiago, e Fr. Caetano de

Pietramurata — estiveram elles naquella cidade de 23 de novembro de 1889 a principios de março de 1890. Claro está que á citada estatística coincide com a queda do imperio.

Como fecho deste periodo transcrevemos um documento assaz honroso e significativo, que constitue como que o reconhecimento official dos trabalhos dos missionarios capuchinhos italianos nas tres prefeituras. A Congregação de Propaganda havia pedido informações ao sr. Internuncio Mons. Spolverini, sobre as missões dos capuchinhos em nossa terra: o Internuncio respondeu, a 31 de agosto de 1889, ao Prefeito da Congregação, cardeal Simoni, enviando-lhe um relatorio, com os annexos testemunhos.

Assignava o primeiro, em nome do sr. Arcebispo da Bahia, que estava doente, o emerito Vigario Geral, da mesma Archidiocese. Dizia elle:

“Costumado, desde tenra idade, com os Padres Capuchinhos e a admirar as obras de zelo e de bem publico com que elles se têm sempre distinguido em toda parte, e em modo especial neste Arcebispado, é para mim um dever de consciencia dar de tudo isso solemne testemunho.

Com effeito, quem poderia contar as missões por elles pregadas na Bahia e em Sergipe?

As converções por ministerio delles alcançadas, as reconciliações de inimigos figadaes, as multidões innumeradas por elles instruidas nas verdades da fé catholica... as egrejas por elles edificadas, os cemiterios quasi que instantaneamente feitos, enfim, todas as obras que constituem a verdadeira missão de verdadeiros missionarios apostolicos — tudo isso e muito mais, que nos limites de uma simples epistola não cabe dizer, exprime e justifica com razão o grande apreço com que elles são honrados, neste Arcebispado, por todas as classes sociaes, pelos nossos Prelados, por todo o clero e fieis desta Archidiocese.

Uma das dores que me opprimem e atormentam, é ver a indifferença do Governo na questão vital da Catechese dos nossos indios, que jazem nas trevas da ignorancia e submersos nas sombras da morte.

Ninguem mais do que as Ordens Religiosas, e principalmente a dos Capuchinhos e dos Jesuitas, têm prestado a esse respeito os mais relevantes serviços a este paiz...” Assignado Mons.

Santos Pereira.

Do Exmo. Sr. Bispo de Pernambuco, foram as seguintes referencias:

“Os religiosos Capuchinhos em Pernambuco prestam á diocese de Olinda grandes e importantes serviços.

Na cidade do Recife mantêm o culto da sua Igreja com esplendor; confessam e administram a Sagrada Communhão a centenas de pessoas, excitam a piedade do povo por meio de muitos e constantes actos de devoção, pregam sempre e dizem a verdade sem temor e sem respeito humano; ensinam o catecismo a muitas crianças, cuja primeira communhão promovem sempre com edificação para os fieis; prestam-se a administrar os santos sacramentos aos enfermos, o que succede frequentemente em razão da estima e respeito de que gosam entre o povo e junto das principaes familias.

No interior da Diocese são importantes os serviços desses Religiosos; pois fazem missões nas parochias com grandes fructos de salvação, de paz e de concordia entre o povo; constróem egrejas, cemiterios, e fazem outros serviços de utilidades publica, fazendo entrar em contribuição o dinheiro dos que o possuem e o trabalho de braço dos pobres.

Sempre se mostram promptos para todos os serviços que delles tenho reclamado em favor da Diocese.

Por estes motivos de bons serviços gosam elles, em geral, o respeito, a estima e a confiança do povo e particularmente a minha.

Entretanto, a elevada conta em que tenho os bons serviços dos religiosos capuchinhos em geral, e a muita gratidão que devo a essa Ordem benemerita, não exclue a desapprovação de um ou outro incidente acontecido em missões no interior da Diocese, mas, felizmente, isto mesmo em assumptos que não prejudicam nem os creditos, nem o zelo nem a recta intenção dos Missionarios residentes na Diocese de Olinda”.

“Da Prefeitura do Rio de Janeiro, diz o Exmo. Sr. Internuncio, eu mesmo posso testemunhar”:

“Effectivamente, a Igreja dos Capuchinhos aqui no Rio, sita no alto de um collina de difficil accesso, é uma das mais frequentadas da cidade. Está aberta a todas as horas do dia. Alli se confessa continuamente; prega-se a palavra divina, especialmente nos dias de festa, na quaresma e em outras occasiões. Celebram-se as devoções do mez de Maria, do Sagrado Coração de Jesus, do Rosario, de Nossa Senhora das Dores e de S. Francisco.

Estão alli estabelecidas e prosperam a Ordem Terceira, a devoção de Nossa Senhora de Lourdes, etc. Juncto á Igreja construíram uma gruta, á imitação da de Lourdes, que é visitada por muita gente. Em todas essas occasiões, muitas são as confissões e as communhões.

Os Padres Capuchinhos fundaram na sua igreja a Liga de S. Sebastião — que é o padroeiro da dita igreja — encarregada de

obter donativos para se fazerem as festas religiosas e tambem para se adquirir objectos para o culto e alfaias para a Igreja. Perfeitamente se fazem alli exercicios espirituaes, ou retiros, que são muitos frequentados pelos fieis, e sempre com muito resultado. Pregam missões pelo interior, quando e sonde os Bispos os mandam, o que tem produzido muito fructo espiritual.

E' devido a estes importantes, caritativos e confidenciaes serviços prestados por elles a este povo, com um zelo verdadeiramente apostolico, que os Padres Capuchinhos são por todos admirados, respeitados e amados.. (*).

UMA INNOVAÇÃO NAS MISSÕES

Até esta epocha as missões do Brasil eram providas com religiosos que das varias provincias da Italia ou de fóra da Italia, encaminhavam suas propostas á S. Congregação de Propaganda pelo tramite dos superiores hierarchicos da Ordem, e, em ultima instancia, por meio do Procurador Geral das Missões em Roma. Os apresentados por este, a Propaganda destinava-os a uma ou outra missão. Em 1884 o Capitulo Geral dos Capuchinhos, deliberava que as diversas provincias da Ordem assumissem o compromisso de zelarem por uma missão e de enviarem para a escolhida seus missionarios. Por sua vez o Estatuto das Missões dos Capuchinhos, approved em 1893, estatuiu a norma de se confiarem as missões, cada uma dellas a uma provincia, e de governal-as por meio de um Superior Regular nomeado pelo Ministro Geral da Ordem. Em vista de tudo isto a Propaganda Fide, com decreto de 31 de julho de 1893, aboliu o officio de Commissario Geral das missões capuchinhas no Brasil. Resultado destas medidas foi que varias provincias religiosas capuchinhas se encarregaram de uma missão no Brasil. Este novo regimen entra em vigor exactamente com o advento da Republica, em 1889.

PARTE IV

OS MISSIONARIOS NA REPUBLICA

NO ESTADO DE SÃO PAULO

O Imperio apesar de estar entrando em seus ultimos dias, não esqueceu os seus amigos, os missionarios capuchinhos; reite-

(*) No Archivo dos Capuchinhos do Rio.

rou seus pedidos a Roma, implorando a vinda de novos obreiros evangelicos a continuarem os trabalhos dos passados, ou já velhos e reduzidos missionarios. O governo imperial, mediante o Ministro do Extranjeiro, havia pedido missionarios ao Ministro Geral dos Capuchinhos; este transmittiu o pedido ao Provincial dos Capuchinhos de Trento. A provincia accitou, tendo em vista as optimas disposições do governo, e mais ainda por saber a grande corrente immigratoria de italianos que demandava o nosso Estado. Teve rasoaveis duvidas, que expoz ao governo brasileiro, entre outras a do noviciado, que constava ser prohibido em nosso Paiz.

A's duvidas, o Ministro das Relações Exteriores, A. Ferreira Vianna, respondeu com um Aviso, que pela importancia merece transcripto na integra:

“Rio de Janeiro, Ministerio dos Negocios do Imperio, 11 de maio de 1889.

“Tenho presente o officio no qual V. R., mostrando a difficuldade que encontra a Ordem dos Capuchinhos para prover ás missões no Brasil, recorda a conveniencia de estabelecer, nas provincias do Sul, collegios para formar, mediante o Noviciado, missionarios para os indios.

“Não existe acto algum “legislativo” que limite ou restrinja a faculdade que têm as Ordens Regulares de admittir á profissão da sua Regra os noviços que tenham vocação para observá-la. A admissão dos noviços, em taes circumstancias, é, não só um direito das Ordens estabelecidas no Imperio, mas tambem uma necessidade para a perpetuação dos mesmo Institutos. A prohibição equivaleria á extincção das Ordens, o que não está de accôrdo com a legislação vigente.

“O Estado pôde, desde que o julgar conveniente, decretar a respeito condições tendentes a garantir os serviços que lhe devem como cidadãos aquelles que professam; mas não pôde impedir que o façam, quando livres ou isentos de taes encargos.

“Ainda que fosse permittido ampliar a autoridade do Estado até ao ponto de tolher e comprimir a liberdade das vocações honestas e pias, como seja a de professar numa Ordem Religiosa, e de aperfeiçoar-se pela observancia da sua santa Regra, é certo que o legislador brasileiro manteve inalteravel o direito antigo, e jamais contestado, da livre profissão, e que não é da competencia do Poder Executivo fazer a proposito innovações que o alterem ou supprimam.

“Contra esta doutrina fundamental, seria inutil oppôr o impedimento occasional do Aviso de 19 de maio de 1855, e, antes, deve prevalecer a Consulta da Secção dos Negocios da Justiça do Conselho de Estado, de 18 de Setembro de 1837, que declarou ne-

cessaria a admissão dos noviços em numero razoavel, sem duvida porque considerou os relevantes serviços prestados á Igreja e ao Estado pelas Ordens Religiosas: notando-se que as condições do voto, sobre as quaes a referida Consulta fez justas observações, estão alteradas pelo Decreto de Pio IX, de 1859, no sentido de assegurar a sua liberdade, e nada obsta a que o Governo Imperial empheenda a reforma já aconselhada pela nossa Consulta.

“Os serviços dos Capuchinhos no Brasil são de tal valor, que o Governo não cessa de instar para a vinda dos suaves missionarios, não hesita em fazer as despezas necessarias e em manter os respectivos estabelecimentos; certo éque, sem estes Religiosos, será impossivel continuar a quasi abandonada educação dos indios. Incumbe-me, pois, declarar a V. R. que no Brasil não existe lei que tenha alterado ou revogado o direito que têm as Ordens Religiosas de admittir noviços e destes professarem a Regra para a qual sintam vocação; e, finalmente, que o Governo não tem competencia para fazer alterações na materia.

Deus guarde a V. R. — A. Ferreira Vianna”.

Este aviso, dirigido ao Secretario Geral das Missões Capuchinhas, em Roma, era seguido de uma postilla, em que se dizia que “seria preciso que os Padres destinados ou para serem destinados ao Brasil, partissem quanto antes, quer para aprenderem a lingua portugueza e os costumes do Brasil e se aclimatarem nelle, quer para fazer pratica e ir preparando a fundação de um Collegio em S. Paulo, cujo Bispo os esparava anciosamente e era para esperar que lhe desse todo o apoio e favor que pudesse. Em seguida se pediria a licença á S. Sé, para abertura do Noviciado”..

— Notem-se, no Aviso do Dr. A. Ferreira Vianna, as palavras:” — não havia acto algum legislativo no Imperio que limitasse ou restringisse a faculdade que têm as Ordens Regulares, de admit-tir á profissão de sua Regra, os noviços que tenham vocação para observ-a”; essas palavras, desdizem o Aviso do anno 1855 pelo qual se prohibia a admissão de noviços, e por consequencia a profissão nas ordens religiosas estabelecidas no Imperio.

São tambem dignas de sublinhadas as expressões: “os serviços dos Capuchinhos no Brasil eram de tal valor, que o Governo não cessava de instar para a vinda dos novos missionarios, e que não hesitava em fazer as despezas necessarias, bem como em manter os respectivos estabelecimentos”.

A 31 de Maio de 1889, o sr. A Ferreira Vianna, Ministro do Imperio, communicou ao Sr. Bispo do Rio de Janeiro, acompanhando-o com uma carta mui obsequiosa, um Aviso do proprio Ministerio com o qual se apoiava o pedido de Missionarios para a fundação de Missões e de Noviciados. Este documento se refere

ao pedido feito pelo Imperador D. Pedro II. A carta é assim concebida:

“Inclusa remetto a V. Exa. copia do Aviso do Ministerio do Exterior, de 23 de Janeiro de 1888, etc., etc. e daquelle qua ultimamente me enviou o Comm. Provincial dos Capuchinhos, como tambem do Aviso dado em resposta, aos 11 do corrente, todos elles concernentes á fundação no Imperio de Collegios destinados ao Noviciado dessa Ordem.

Submettendo estes papeis á approvação de V. Exa. Revma., peço-lhe dê seu parecer acerca das condições para um Collegio de Noviciado e a admissão de Noviços, no que V. Exa. Revma. haverá por bem ter em vista os principios recentemente consagrados por S. S. o Soberano Pontifice Leão XIII”.

Não é difficil comprehender que o fim principal do pedido dos missionarios, encaminhado pelo governo imperial, era o de se continuar a catechese dos indios; o Aviso do Ministro dizia claramente: “Certo é que sem estes Religiosos, será impossivel continuar a quasi abandonada educação dos indios”. O proprio superior dos missionarios, que pelos primeiros attenderam a este pedido, o Pe. Fr. Felix de Lavalle, na primeira relação que, de Piracicaba, mandou a Roma, em data dos 31 de dezembro de 1890, dizia: “E’ a primeira vez que tenho a honra de transmittir a relação annual da nova Missão confiada á pequena Provincia de Trento, e que tem por fim a fundação de um noviciado nestas regiões, *para nella formar Missionarios para os Indios*”. — (Nota: O grypho é da propria relação). (*) .

Essa finalidade da missão tridentina, os missionarios nunca olvidaram, tanto que por mais vezes tentaram a catechese dos indios, e, si não conseguiram objectivar satisfactoriamente este intento, não o devem á falta de vontade, de esforços e de reaes e graves sacrificios, mas tão sómente ás circumstancias do tempo e do lugar, que não permittiram colhessem fructos sazonados no campo de seus trabalhos.

A MISSÃO DOS CAPUCHINHOS TRENTINOS

As propostas do governo imperial — maio de 1889 — encontraram occasião azada. Os capuchinhos estavam nesse anno — julho — de Capitulo provincial, presidido pelo proprio Ministro Geral, Pe. Fr. Bernardo de Andermatt. Tudo se resolveu em pouco tempo. O Pe. Fr. Felix de Lavalle, superior, com o Pe.

(*) Veja: *Analecta Ordinis Cap.* Volume VII, pag. 189.

Fr. Luiz de S. Thiago e os irmãos Fr. Caetano de Pietramurata e Fr. Virgilio de Trento, sahiram de Genova no dia 27 de agosto de 1889. Durante a viagem, morreu-lhes, victima de typho, o irmão Fr. Vigilio, cujo cadaver foi deitado ao mar nas alturas de Pernambuco, a 16 de setembro. Não puderam desembarcar no Rio, porque o navio proveniente da Italia, era suspeito de cholera morbus; foram desembarcar em Montevideo, a 22 de setembro. Lá se hospedaram com os Capuchinhos genovezes. A 1.º de outubro estavam de volta para o Rio, onde chegaram no dia 6 do mesmo mez, e onde encontraram o conterraneo Pe. Fr. Silverio de Rabbi, que viera de Pernambuco. Ficaram hospedes dos Capuchinhos do Morro do Castello.

O Commissario Geral, Pe. Fr. Fidelis de Avola, empenhou-se para que lá permanecessem, aggregados á missão do Brasil; como porém tinham outro roteiro traçado pelos superiores maiores, demandaram S. Paulo. Aqui, a conselho do Bispo D. Lino Rodrigues, foram se estabelecer em Tieté, mas só por mezés, isto é, de fins de novembro de 89 a meado de abril de 90, quando transferiram a residencia definitiva para Piracicaba.

Os nossos missionarios vinham munidos de varias faculdades, entre as demais, tinham, por um escripto da Congr. dos Negocios Extraordinarios, de 16 de julho de 1889, as faculdades: a) de abrir Seminario Seraphico, mesmo juncto do convento; b) de abrir Noviciado, e receber ao habito e á profissão os noviços, ainda quando no lugar houvesse só quatro religiosos professos, sinão fosse possivel mais; c) de fundar Conventos, sujeitos ao Ministro Geral e ao Provincial.

Já estavam trabalhando em Piracicaba, desde 16 de abril de 1890, quando, a 24 de julho do mesmo anno, receberam um primeiro auxilio: o Pe. Fr. Gregorio do Rumo, o Pe. Fr. Mansuetto de Valfloriana, e o irmão Fr. Benjamim de Vigo: começaram a praticar a regular observancia como nos conventos provinciaes. Pregavam na cidade e nas localidades visinhas. Em 1891 adquiriram uma pequena casa; em 1895 inauguraram uma grandiosa igreja, e em 1898 concluíram um convento muito commodo.

No mesmo anno de 1890 chegaram os missionarios: Pe. Fr. Daniel de S. Maria, Pe. Fr. Vigilio de Breguzzo e Fr. Antonio de Drenna; em 91, o irmão Fr. José de Cassana; em 92, o Pe. Fr. Chrispim de Rallo, ex-missionario da Mesopotamia; em 94, o Pe. Fr. Bernardino de Lavalle, ex-provincial, e, aqui, Superior Regular de 94 a 1907, o Pe. Fr. Ricardo de Denno o Pe. Fr. Polycarpo de Levico, o Pe. Fr. Celestino de Vigo Baselga e os irmãos Frei Pedro de Comasine e Frei Jucundo de Malosca; em 97, o Pe. Frei Boaventura de Aldeno, o Pe. Fr. Fernando de Serignano, o Pe. Fr. Damião de Grumés e o Pe. Fr. Victorino de

Malé; em 98, Fr. Cyrillo de Soraga; em 99, o Pe. Fr. Eugenio de Bocenago e o Pe. Fr. Romedio de Fondo; em 1900, chegou o Pe. Fr. Camillo de Valda. Novos contingentes vieram chegando nos annos successivos.

Com todo este pessoal, puderam, a 15 de fevereiro de 1892, fazer reviver o Convento de S. Clara, em Taubaté, que fôra dos Franciscanos; outrosim foi-lhes facil aceitar uma residencia na cidade de S. Paulo, junto da igreja de S. Francisco, isto em 14 de novembro de 1897.

Em Julho de 1897 abriram em Taubaté o Seminario Serafico, com 13 alumnos; e no dia 4 de fevereiro de 1900, vestiram a primeira turma de noviços brasileiros, realizando os desejos, tantas vezes esboçados pelos nossos missionarios.

O trabalho delles na seara do Senhor, consistia em funccionarem as proprias igrejas, pregarem missões, auxiliarem os vigarios. Tentaram mais vezes a catechese dos indios coroados e kai-gangs, mas com resultado insignificante.

Deve-se á acção dos Capuchinhos, maximé a Fr. Luiz de Santiago, a fundação, em 1900, das Irmãs Terceiras Franciscanas Regulares — Congregação hoje mui diffusa e prospera. (*)

NO ESTADO DE MARANHÃO

Proclamada a Republica, o Internuncio, a pedido do governo, procurou missionarios Capuchinhos, que catechizassem os indios do Amazonas, mantendo a sede no Maranhão. O Ministro Provincial de Milão, em 1891 acceitou a proposta, e a 24 de abril do anno seguinte desembarcaram em Pernambuco, seis religiosos lombardos, destinados áquellas missões; o Pe. Fr. Vito de Martinengo, o Pe. Fr. Mansueto de Peveranza, o Pe. Fr. Emiliano Pe. Fr. Samuel e os irmãos Fr. Daniel de Clasone e Fr. Paulo de Trescorre, Fr. Vito e Fr. Emiliano morreram logo, victimados pela febre amarella, e foram sem demora substituidos pelos Pe. Fr. Carlos de S. Martinho Oleare e Pe. Fr. Affonso de Castel di Lecco.

Sem coragem de encetarem a catechese do Amazonas, offereceram-se a catechisar no Maranhão, restabelecendo a antiga missão daquella Provincia. Foi acceito o alvitre delles, e o Sr. Bispo, D. Antonio de Alvarenga, entregou-lhes a igreja de S. Antonio, na Capital. Em 1894 o Ministro Geral os tornou independentes

(*) Veja: P. Marco de Cognola — I Frati Minori Capp. della Provincia di Trento, Reggio Emilia, 1932. Pag. 307-329.

do superior de Pernambuco, a quem obedeciam. No fim desse anno, a missão foi augmentada de oito religiosos, dirigidos pelo Pe. Fr. João Pedro de Sexto S. João. Passaram para a igreja do Carmo. Mais numerosos, puderam ramificar-se pelo interior. Em 1895 fundaram uma residencia na Barra do Corda, e ficaram dirigindo a parochia. No anno seguinte, fundaram a catechese de indios de "Alto Alegre", que passou a chamar-se "S. José da Providencia". Em 98 foram encarregados do Santuario do Canindé, e abriram uma pequena residencia em Maracanã, no Pará. Em 1899 foram para o Alto Alegre tambem as Irmãs Terceiras Franciscanas.

No mesmo anno da sua chegada em S. Luiz, os Missionarios iniciaram seus labores apostolicos nas missões. Frei Affonso de Lecco, visitou Arary, Victoria, Lapella, Bacabal e Pedreira. Frei Carlos, visitou Barra do Corda, Mirador e Pedreira. Frei Mansueto de Peveranza, Vianna, S. Bento, Caxias, Curralinho, Burity e Brejo. Frei Estevam de Sexto, missionou S. Miguel, Santa Helena e Rosario. Assim tambem os Padres, Fr. Rinaldo, Fr. David e outros, eram incansaveis em annunciar a palavra de Deus, baptizar, confessar, chrismar e realizar os casamentos dos habitantes dos pontos mais affastados da Capital.

Alem das missões pelas parochias, tractaram da catechese dos indios. Em 1894, Fr. Carlos visitou Barra do Corda e julgou conveniente estabelecer, a uns 60 kil. distante da Barra, uma residencia para os missionarios e junto della um collegio para os filhos dos indios que habitavam as selvas da redondeza. Fez tudo isto; foram para lá Fr. Carlos, Fr. Celso de Uboldo e Fr. Vicente de S. Homobono. Sairam pelas aldeias, arrebanharam filhos dos indios e os trouxeram para educal-os no dito collegio. Em junho de 99 lá chegaram as Irmãs Terceiras para cuidarem de um collegio de meninas, filhas dos indios. No dia 13 de março de 1901, pela manhã, os indios assaltaram a capella e fizeram uma horrenda matança, em que trucidaram 4 Frades, um irmão terceiro e 7 irmãs. (*). Os indios, parece, foram instigados por gente maligna.

Tinham resolvido em 1898 catechisar os indios dos rios Capim e Guaná, no Pará, mas encontrando Tembês já constituídos em familias nas nascentes do rio Maracanã, resolveram colonizar aquelle sitio pertencente a Santarem Novo. Foi lavrado contracto com o governo, e assumiu a direcção do Nucleo Colonial, o P. Fr. Carlos de S. Martinho, tendo como auxiliares o irmão Fr. Paulo de Trescorre e o Terceiro Pedro de Paullo. Ergueu-se a

(*) Veja: *Analecta Ordinis Capp.* Vol. XVIII, XIX e XX.

Cruz nessas mattas a 14 de setembro de 1898, inicio da colonização. Muitas difficuldades — doenças contrahidas pelos missionarios, a escassez pecuniaria, questões entre os colonizadores — tornaram assaz escabrosa a tarefa dos nossos missionarios; mas, elles tudo souberam enfrentar, confiados em Nosso Senhor, e assim puderam com seus esforços ingentes, fazer sahir daquellas brenhas, o actual Instituto S. Antonio do Prata, obra altamente e varias vezes elogiada pelo governo.

OS CAPUCHINHOS LOMBARDOS NO CEARA'

Durante o anno de 1898 o P. Fr. David de Desenzano e o P. Fr. Mansueto de Peveranza missionaram muitissimas localidades deste Estado, como, Camocim, Granja, Sobral, Vicoso, Tinguá, S. José dos Cabeços (Ubajara), S. Pedro de Ibiapina, S. Benedicto, Campo Grande, Ipú, Canindé.

Em fins do mesmo anno, D. Joaquim Vieira, tendo reivindicado o patrimonio do celebre Santuario de S. Francisco, em Canindé, entregou a administração do mesmo aos Capuchinhos, com um contracto, conforme o qual os Capuchinhos não só tomariam cuidado do Santuario, como da propria parochia de Canindé, e ainda com as rendas do patrimonio e mais esmolos do Santuario, haveriam de abrir e manter um collegio para orphans e para filhos de pais pobres.

A communitade religiosas dessa primeira residencia de Capuchinhos no Ceará, ficou assim organizada: Superior, o P. Fr. David de Desenzano; auxiliares: P. Fr. Agostinho de Milão, P. Fr. Mathias de Ponteranica, os clerigos: Fr. Daniel de Samarate, Fr. Abel de Brignano, Fr. Cyrillo de Bergamo, e os irmãos leigos Fr. Seraphim de Pisogno e Fr. Joaquim Maria de Malagno.

Logo que alli se installaram estes religiosos, se applicaram com todo o empenho em desenvolver o culto no Santuario, que já, nesse tempo, era muito frequentado; occuparam-se zelosamente no ministerio parochial e zelaram pelo bem material do lugar, conseguindo uma transformação admiravel do Canindé, onde gastaram uns 24 annos de trabalhos.

Em 1901 estabeleceram-se na Capital. Em 1898 veio para o Maranhão o P. Fr. Roberto de Castellanza, que mais tarde foi sagrado bispo e prelado do Grajahu, no sertão do Maranhão.

NO ESTADO DA BAHIA

A antiga prefeitura da Bahia foi, por decreto de 9 de fevereiro de 1892, de Cong. dos Negocios Extrangeiros, entregue á

provincia de Ancona ou Picena. Em 1892 recebeu o P. Fr. Caetano de Potenza e Fr. Victorino de Sabiella; em 94, o P. Fr. Gabriel de Gaglio, o P. Fr. Caetano de S. Leão, o P. Fr. Francisco de Recanati, o P. Fr. o P. Fr. J. Baptista de Cingoli e Fr. Angelo de Caglio; em 1895 mais cinco missionarios.

Estes religiosos foram continuando os trabalhos tradicionaes dos capuchinhos da Piedade. Memoravel foi a missão dada pelo P. Fr. Gabriel de Cagli e o P. Fr. João de Monte Marciano, de 8 de novembro de 1897 a 30 de janeiro seguinte, no Estado de Sergipe, isto é, em Pacatuva, Jaboatão, Campo de Brito, S. Paulo e Pedra Molle. Nella além do bem espirital, trataram de cemiterios, açudes, casa parochial, etc.

O P. Fr. João Evangelista de M. Marciano das Marcas, que veio ao Brasil em 1872, missionou durante 49 annos, em Pernambuco, Alagoas, Sergipe e sobretudo na Bahia. Falleceu em 12 de abril de 1921. Foi um dos enviados a Canudos em 1895.

Já havia alguns annos que um bando de desordeiros fanaticos, ás ordens do famigerado Antonio Conselheiro, infestavam os sertões da Bahia, especialmente depois da proclamação da Republica.

Corria o anno de 1895, quando o Dr. Joaquim Manoel Rodrigues, governador da Bahia, resolveu tentar contra aquelles fanaticos, até alli insubmissos e rebeldes, os meios brandos da religião. De accordo com o arcebispo da Bahia, recorreu aos missionarios capuchinhos para que, pela persuasão, fizessem voltar aquella gente á obediencia devida ás autoridades do Paiz.

Os escolhidos para essa ardua missão foram: o P. Fr. João Evangelista de Monte Marciano e o Pe. Fr. Caetano de S. Leo, ambos dependentes do P. Fr. Venancio de Ferrara, superior do hospicio da Bahia. Partiram no dia 26 de abril do mesmo anno, chegando á estancia do Conselheiro, em Canudos, a 13 de maio. Foram respeitosamente acolhidos pelo chefe revoltoso, que alli estava edificando uma capellinha.

Com permissão do mesmo, no dia 14, abriram uma missão, assistida por umas 4 mil pessoas. Nos primeiros dias, a missão correu normalmente, e até com esperanças de exito, pois conseguiram fazer 55 casamentos de amancebados, 102 baptizados e mais de 400 confissões. Quando porém entraram a falar dos deveres, dos sacramentos, da obediencia á autoridade, os fanaticos começaram a gritar contra os missionarios, accusando-os de serem emissarios do governo, que vinham abrir o caminho para as tropas destinadas ao exterminio delles.

Em vista disso, no setimo dia, os dois missionarios suspende-

ram a missão e bem depressa se retiraram a umas 12 legoas distantes, onde pregaram com bastante fructo das almas.

Os mesmos capuchinhos possuem o convento da Esplanada do Timbó, fundado pelo P. Fr. Venancio de Ferrara: foi seu primeiro superior, o P. Fr. Gabriel de Cagli.

NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

As numerosas colonias deste Estado foram o campo apostolico destinado aos laboriosos Capuchinhos da Saboia, que demandaram nosso paiz a convite do bispo D. Claudio J. S. Ponce de Leão. A missão lhes foi confiada, pelo decreto de 14 de abril de 1895, da S. Congregação dos Negocios Ecclesiasticos Extraordinarios. Foi iniciada no mesmo anno pelo P. Fr. Bruno de Gillonay e o P. Fr. Leão de Montsapey, que vieram para cá, acompanhados pelo proprio Provincial, R. Pe. Fr. Raphael de La Roche. A fundação da missão visava um refugio na eventualidade de uma perseguição religiosa, por parte do governo francez.

Estes primeiros Capuchinhos dirigiram-se para Conde D'Eu, hoje Garibaldi, então pequena cidade, fundada por um nucleo de colonos italianos. Alli residiram cerca de dois annos, numa casa do padre Bartholomeu Tiker, tyrolez, ex-vigario. Muito apreciados e estimados, especialmente pela pregação, estabeleceram alli, na mesma casa, que foram augmentando aos poucos, seu primeiro convento, no qual abriram depois o Collegio Seraphico para as jovens vocações. Foram nisto muito auxiliados pelo vigario Pe. João Franchetti.

O segundo lugar de residencia foi Nova Trento, sede de uma colonia de immigrants trentinos. Foram para lá em 1897. Nesse anno chegou á missão o P. Fr. Casimiro de Andilly, que tratou da fundação de um convento em Nova Trento, para nelle receber os estudantes que a Provincia tinha em Ghasir, na Syria, os quaes, quasi 20, chegaram em fins de 1898, conduzidos pelo F. Fr. Manuel de Chambery. Nesta fundação, foram grandemente auxiliados pelo povo e pelo vigario. P. Finotti. O convento foi inaugurado em abril de 1899. Alli, mais tarde, instituiram o noviciado. Construiram uma bella e grandiosa igreja, concluida em 1914 e hoje parochia, entregue aos Capuchinhos. Com o Pe. Fr. Casimiro, em 1897 chegaram o P. Fr. Edmundo de Naves e Fr. Hilario de Lauslevillard; em 1900, o Pe. Fr. Sylvestre de Kosciensko e o Pe. Fr. Honorato de Przemysl.

Terceira residencia foi fundada em Alfredo Chaves, para onde transferiram o Collegio Seraphico, reservando o convento de Conde

D'Eu para os Clerigos professores. (*)

A missão do Rio Grande foi de vento em popa. Cresceu admiravelmente.

NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Assim que, pelo decreto de Propaganda de 31 de julho de 1893, foi abolida o titulo de Commissario Geral das missões dos Capuchinhos no Brasil, o P. Fr. Fidelis de Avola instou com seus superiores de Syracuse para que tomassem a seu cuidado a missão do Rio; sómente em 1897 a provincia poude assumir tal encargo e já no começo desse anno enviou para o Rio o Pe. Fr. Eugenio de Comiso e o P. Fr. José de Castrogiovanni e os irmãos, Fr. Egidio de Mazzarino e Fr. Francisco de Mascalucia. Estava então como superior no Rio o P. Fr. Luiz de Piazza. Em 1899 mandou o P. Fr. Caetano de Comiso e Fr. Luiz de Mazzarino; em 1900 o P. Fr. Francisco de Petraglia e Fr. Antonino de Gangi.

Reanimada com o novo pessoal, a missão pôde levar avante as iniciativas da antiga prefeitura; pôde cuidar de Itambacury, encarregar-se de S. Thereza, e depois de outras localidades.

NO ESTADO DE PERNAMBUCO

A Missão de Pernambuco que em 1892, havia sido entregue aos missionarios da Provincia milaneza, foi, em 1897, confiada definitivamente á Provincia de Napoles, a qual desde essa epocha foi se interessando daquella parte da vinha do Senhor, mandando para lá missionarios. Os primeiros que mandou e chegaram a 28 de fevereiro de 1897, foram o P. Fr. Emilio, P. Fr. Carmelo, P. Fr. Rosario e P. Fr. Seraphim, todos de Napoles. Em 3 de setembro de 1900 chegaram da mesma Provincia, o P. Fr. Angelico de Campora, o Pe. Fr. Gaudioso de Giugliano e o Pe. Fr. Daniel de Napoles; em 1904, o P. Fr. Celestino de Ceppalloni e o P. Fr. Epiphania de Genarello. As missões pelas parochias são o campo ubertoso de seus trabalhos apostolicos; cuidam tambem do Bom Conselho.

Mais tarde a missão passou da provincia napolitana para a provincia religiosa de Luca, a que actualmente pertence.

HONTEM E HOJE...

O hontem das novas missões capuchinhas no Brasil, foi o raiar do seculo XX. Tinhamos seis missões, digamos, incipientes. No Rio Grande do Sul, a Saboiarda; na Capital do Paiz, a Syracusana; em S. Paulo, a Trentina; na Bahia, a Picena; em Pernambuco, a Napolitana; no Maranhão, a Lombarda. Missões enxertadas nas tres

(*) De Cognin — Les Capucins en Savoie. Chambéry. 1934. pag. 251.

antigas prefeituras, para que aquellas não morressem e com ellas pe-
recessem os bellos e copiosos fructos recolhidos a força de suores,
na grande seara brasileira, pelos esforçados missionarios Capu-
chinhos dos seculos XVII, XVIII, e XIX!

Hoje, os enxertos estão augmentados, crescidos, viçosos, carrega-
dos de promettedores fructos.

A missão sulina do Rio Grande, a do Paraná, a de S. Paulo, a
do Rio de Janeiro, a de Minas (Uberaba), a da Bahia, a de Per-
nambuco, a do Maranhão, a do Amazonas! Todas ellas com nu-
merosos missionarios, quasi todas com seus viveiros — os Semina-
rios Seraphicos; algumas com seus seminarios maiores; algumas
com missionarios filhos da missão! Algumas com seus filhos au-
reolados pelo brilho do episcopado!

Deus acceitou os desejos dos nossos antigos missionarios; aben-
çou-lhes os passos evangelizadores; sazonou os fructos que elles
regaram com tantas fadigas e sacrificios!

A estatistica de 1900 marcava para a missão do Rio de Janeiro
8 sacerdotes e 4 irmãos; para a da Bahia, 9 sacerdotes e tres ir-
mãos; para a de Pernambuco, 7 sacerdotes e tres irmãos; para a
de S. Paulo, 18 sacerdotes e 8 irmãos; para a de Maranhão, 15 sa-
cerdotes e 9 irmãos; para a de Rio Grande do Sul, 10 sacerdotes e
2 irmãos — *em tudo 67 sacerdotes e 29 irmãos leigos.*

A estatistica de 1936, dava na missão do Rio, 18 sacerdotes e 7
irmãos; na da Bahia, 15 sacerdotes, 7 leigos, 3 irmãos; na de Per-
nambuco (confiada á provincia de Luca) 8 sacerdotes e tres irmãos;
na de S. Paulo, 41 sacerdotes, 24 clerigos e 27 irmãos; na do Ma-
ranhão, 24 sacerdotes, 3 clerigos, e 9 irmãos, mais 13 sacerdotes e
3 irmãos na Prelazia de Grajahu; na do Rio Grande do Sul, 47
sacerdotes, 60 clerigos e 20 irmãos; na de Minas, Uberaba (pro-
vincia de Messina) 5 sacerdotes e 2 irmãos; na do Paraná (pro. de
Veneza), 16 sacerdotes 6 clerigos e 8 irmãos — *em tudo: 187 sacer-
dotes, 100 clerigos e 82 irmãos leigos.* Temos a acrescentar mais
os muitos alumnos dos Seminarios Seraphicos, a saber: Bahia 45;
Paraná 24; Pernambuco 25; Rio Grande do Sul mais de cem; Rio
de Janeiro 34; S. Paulo 95.

A estas devemos ajuntar a missão — no sentido estricto da pala-
vha — do Alto Solimões, Amazonas, cultivada pela provincia da
Umbria, fundada em 1909 e elevada a prefeitura apostolica a 23 de
maio de 1910; nella trabalhavam em 1936, 17 sacerdotes e um ir-
mão, verdadeiros heroes missionarios, perdidos naquellas temiveis
paragens.

A grande familia dos missionarios Capuchinhos em Terra de
Santa Cruz, apresenta-se-nos alviçareira de um porvir abençoado
por Deus e pelo Pae S. Francisco.

ELENCO DOS MISSIONARIOS
CAPUCHINHOS

Damos a seguir um elenco de todos os nomes que nos foi possível notar, de Missionarios Capuchinhos que estiveram no Brazil, nos seculos XVII, XVIII, e XIX, segundo as datas de suas destinações ás missões brasileiras, ou da chegada ao nosso Paiz.

Convem notar, como parenthesis, que entre a data da nomeação a missionarios e a da chegada, medeiam lapsos de mezes e até de annos, devido ás difficuldades e morosidade das viagens dos tempos idos, ou de outros obstaculos surgidos no momento. Isto explica varias divergencias que podem se encontrar nas datas referentes ás vindas dos nossos missionarios.

Para as datas duvidosas, demos o anno que nos pareceu mais provavel, acompanhando-o do signal interrogativo.

Para a compilação deste elenco nos soccorremos de listas de missionarios, publicadas em "Analecta Ordinis Capucinatorum", listas que conseguimos de Roma, no Archivo das nossas missões, de varios necrologios de Provincias religiosas, e do "Livro de Tombo" do hospicio da Bahia, e do mesmo livro do hospicio do Rio de Janeiro.

CAPUCHINHOS FRANCEZES

A) DA PROVINCIA DE PARIS

1612 — P. FR. IVO D'EVREUX (Bretanha). Voltou em 1614; teve controversias com os protestantes de Rouen em 1618-20; em 1620 estava em S. Eloy; morreu antes de 1643.

1612 — P. FR. CLAUDIO D'ABBEVILLE (Paris), voltou em 1913. Novamente ao Brasil com o P. Arcanjo em 1614; falleceu em 1616 em Rouen.

1612 — P. FR. ARSENIO DE PARIS, voltou em 1614; um P. Arsenio de Paris foi para o Canadá.

1612 — P. FR. AMBROSIO DE AMIENS (Paris), aqui morreu aos 9 de outubro de 1612 e é o primeiro capuchinho enterrado em terras americanas.

1614 — P. FR. ARCHANGELO DE PEMBROK, voltou em 1614, morreu em 1632.

1614 — P. FR. TIMOTHEO DE PARIS, voltou em 1616.

1614 — P. FR. CELESTINO DE BOU-TEVILLE, voltou em 1616.

1614 — P. FR. GRACIANO D'ABBEVILLE, sahio em 1616.

1614. — P. FR. FRANCISCO DE BOURDEMARD, voltou em 1616.

1614 — P. FR. TRANQUILLO DE MONTVILLIERS, voltou em 1616.

1614 — P. FR. PAULINO D'AMIENS, voltou em 1616.

1614 — P. FR. LAMBERTO D'EPERNAY, voltou em 1616.

1614 — P. FR. FRANCISCO DE LA HAYE, voltou em 1616.

1614 — P. FR. RAPHAEL DE ROUEN, voltou em 1616.

1614 — P. FR. JERONYMO DE AUXERRE, voltou em 1616.

B) DA PROVINCIA DA BRETANHA

1641 — P. FR. COLOMBINO DE NANTES, em Olinda e depois no Recife, Vice-prefeito das Missões. Entrou na Ordem a 13 de outubro de 1613; foi a Marrocos, fez uma viagem nas costas da Guiné em 1633-34; em 1637 com varios companheiros entre os quaes o P. Fabiano de Nantes, chega á Guiné, onde

missionou com grande fructo. Em 1641-1642 foi levado ao Brasil. Morreu em 1645.

1641 — P. FR. HUGO DE ANCENIS, entrou na Ordem em 1625.

1641 — FREI BONICIO DE QUIMPER, irmão leigo, entrado na Ordem em 1625. Estava na Penha em 1649.

1641 — P. FR. JORGE DE COMBOURGO, religioso em 1613; ainda vivia em 1670.

164 — P. FR. CYRILLO DE MAYENNE. Entrou na Ordem em 1633, esteve no Recife na missão capuchinha do Brasil; em 1646-1647, foi de Pernambuco a Lisboa para conseguir a fundação do hospício de capuchinhos francezes nesta última cidade; em 1647 foi a Paris com o P. Antonio Vieira tractar na côrte de França sobre a situação dos missionários com hollandezes no Brasil. Morreu em 1658.

164 — P. FR. FABIANO DE NANTES, entrou em 1621; esteve na Guiné em 1637; morreu em 1663.

164 — P. FR. ANTONIO DE NANTES, entrou em 1630; esteve no Recife. Em 1662 pediu á S. Congregação a faculdade de receber noviços no Brasil, por causa das difficuldades que punham em Lisboa á passagem de novos religiosos. Os quatro sobrecitados, estavam na Penha em 1656.

1642 (?) — P. FR. CYRILLO DE BRIEUX; entrou em 1604; estava na Penha em 1647; morreu em 1655.

1642 (?) — P. FR. BERNARDO DE NANTES, estava na Penha em 1647; editou um catecismo em Cariris — talvez obra do P. F. Martinho de Nantes, a quem succedeu em 1682 na missão de Uracapa, no S. Francisco. Estava na Penha em 1691, superior.

1642 (?) — P. FR. JOSIAS DE... estava na Penha em 1649; deve ser o P. Jorge acima citado.

164. (?) — P. FR. ANSELMO DE..., doente foi do Rio para Lisboa em 1677.

16. (?) — P. FR. JOÃO CHRYSOTOMO DE NANTES — foi, em 1685 de Pernambuco para Lisboa.

1653 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE LA CROISIC, na ordem em 1648; foi superior no Rio; com elle vieram mais dois; morreu em 1664.

1653 (?) — P. FR. PAULO DE...

No Rio; missionou perto de Campos de 1672 á 1692; foi vigario de Campos de 1689 a 1692; foi obrigado a embarcar para a França em 1694.

1653 (?) — P. FR. THIAGO DE BRETANHA — missionou de 1672 a 1692 nos arredores de Campos — Rio. Uns lhe chamam de FR. JOAQUIM, talvez cremos por uma má tradução de JACQUES. Aparece em 1670 um P. FR. JACQUES, superior na Bahia que, em 1686 recebeu o hospício da Piedade. Talvez seja o mesmo que Fr. Thiago ou F. Joaquim sobredito.

1659 — P. FR. MATHEUS DE N. S. DA CONCEIÇÃO, veiu para o Rio com mais seis companheiros; foi o ultimo capuchinho francez. Ha um P. FR. MATHIAS DE... deve ser o mesmo FR. MATHEUS.

1670 — P. FR. THEODORO DE LUCE'. Entrou na ordem em 1656; foi superior da Penha, depois de P. Cyrillo; catechizou os Cariris; falleceu de volta para a Europa em 1686.

1670 — P. FR. FRANCISCO DE DUMFRONT, — fundou a missão dos Indios Rodellas.

1671 — P. FR. MARTINHO DE NANTES (ou de S. Macrobe?) entrou na Ordem em 1659; catechizou a aldeia de Aracapa, no Rio S. Francisco; foi superior da Penha, Pernambuco, e, em 1682, da Bahia; doente retirou-se para a Europa em 1688; ainda vivia em 1706 em Quimper.

1671 — P. FR. ANASTACIO DE AUDIERNE, fundou a aldeia dos Aramurus, a missão de Uracapa e a do Pamibu, morreu em Pernambuco, depois de 1694, após haver aqui assistido aos empestados.

1680 (?) — P. FR. BOAVENTURA DE NANTES, ou de Becherel, falleceu em Uracapa depois de muitos annos de trabalho. Estava na Penha em 1700 (?).

1671 (?) — P. FR. JOSE' DE CHATEAUGONTIER ou PLOERMEL — foi missionario na aldeia de Poquiné, no Rio S. Francisco.

1671 (?) — P. FR. GABRIEL DE MANS, superior da Penha depois de Frei Martinho. Estava na Penha em 1700 (?).

1680 (?) — P. LUIZ DE TIFFAUGE, estava na Bahia, pelos annos de 1682, sonda tinha ido para fundar o hospício dos Capuchinhos francezes, trazendo as cartas de licença do rei de Portugal. Em 1682, foi para o Rio.

1680 (?) — P. FR. BASILIO DE FAUNET — estava na Bahia pelo anno de 1682.

1680 (?) — P. JOÃO BAPTISTA DE... estava na Bahia na mesma epoca.

1680 (?) — P. FR. FRANCISCO DE LUCE' — esteve no Brasil antes de 1687; escreveu uma longa relação do Rio S. Francisco e de seus habitantes.

1690 (?) — P. FR. JOSE' DE SAUMUR — estaria no Rio em 1695; era o unico que então lá estava.

1690 (?) — P. FR. EGYDIO DE BORGONHA — estava na Penha (?) em 1700.

CAPUCHINHOS ITALIANOS

PERIODO COLONIAL E 1.º IMPERIO

1645 (?) — FREI FRANCISCO DE PAMPLONA — de volta de Angola, em Pernambuco.

1645 — P. FR. BOAVENTURA DE TAGGIA (Genova).

1645 — P. FR. FRANCISCO DE VENTIMIGLIA (Genova).

1645 — P. FR. SALVADOR DE GENOVA.

1645 — FREI PEDRO DE DULCEDO (Genova) — os quatro iam para Angola; detiveram-se quatro mezes na Bahia; de volta, em 1646, passaram uns dois mezes em Pernambuco.

1647 — P. FR. ANGELO DE VALENÇA (Castella)

1647 — P. FR. JOÃO FRANCISCO DE ROMANO — ambos estiveram (muito) tempo em Pernambuco, de viagem de Angola para Europa.

1655 — P. FR. BOAVENTURA DE CORREGLIA,

1655 — P. FR. ANTONIO DE TERVELI — portaram dois mezes na Bahia, viagem de Loanda para a Europa.

1663 — P. FR. ESTEVAM DE RAVENNA — de volta de Angola, permaneceu 26 mezes em Pernambuco.

1663 — P. FR. LUIZ DE PISTOIA. Esteve seis mezes em Pernambuco.

1679 — P. FR. JOÃO DE ROMANO (Brescia) — Bahia — tinha ido para o Congo em 1672 e de volta aportou na Bahia, seguindo novamente para o Congo, onde morreu em 1687.

1679 — P. FR. THOMAZ DE SEXTOLA (Bolonha), aportou na Bahia de viagem para o Congo, onde foi prefeito de 1687 a 1689.

1694 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE COMPIANO (Genova) falleceu na Madeira em viagem para o Brasil.

1696 — P. FR. ANTONIO MARIA DE FLORENÇA

1696 — P. FR. JOÃO MARIA DE BARLETTA (Toscana) estiveram dois mezes na Bahia, de viagem para Angola.

1696 — P. FR. THOMAZ DE ANGHARI (Umbria). Em 1696 viajou com 25 companheiros para o Congo; parou um anno inteiro na Bahia; morreram durante a viagem ou no Congo.

1704 — P. FR. DOMINGOS DE JACCI (Messina), foi ao Congo em 1694; doente, a Lisboa; em 1697 voltou para o Congo, e findo o setennio veio para a Bahia, onde morreu em 1711.

1705 — P. FR. ANDRE' DE PAVIA (Milão), fôra ao Congo em 1687 e depois á Madeira; em 1705, nomeado superior do Hospício da Bahia, onde falleceu em 1709.

1705 — FREI CARLOS DE BRONIO ou de Orta — Bahia — companheiro do P. Frei André; falleceu na Bahia em 1708.

1706 — P. FR. BERNARDO DE MAZZARINO — veio de Angola, destinado para a Bahia; voltou para a Provincia, onde morreu em 1711.

1709 — P. FR. MIGUELANGELO DE NAPOLES — Bahia, fôra ao Congo em 1693; succedeu a P. Frei André, e em 1712, a 29 de Novembro, foi nomeado Prefeito pela Propaganda e o foi até 1722, anno em que morreu na Bahia.

1709 — P. FR. BERNARDINO DE LA SARACENA, (napolitano) — Pernambuco — fôra para a ilha do Principe, como Prefeito, em 1697; varão insigne, em humildade e pobreza apostolica, falleceu santamente no Hospício da Penha, a 28 de Outubro de 1728.

1709 — P. FR. HIPPOLYTO DE BORGHO S. DONNINO (Lomb.) Bahia, foi

ao Congo em 1706; doente veio para a Bahia, onde morreu em 1715.

170... — P. FR. PEDRO DE TURIM (Otranto), em 1697 foi ao Congo; doente veio a Lisboa; de volta á missão, morreu na Bahia.

1709 — P. FR. GABRIEL DE BOLONHA (Bol.) Bahia; fôra ao Congo em 1704; em 1714 partiu para a Provincia.

1709 — P. FR. FRANCISCO CHRISTOVAM DE MESCHIRCH (Austria) ao Congo em 1708; doente, voltou, morrendo perto do Rio de Janeiro em 1709.

1710 — F. FR. ANTONIO DE CURCA (Milão), Pernambuco — fôra ao Congo em 1701; morreu em Pernambuco em 1713.

1710 — P. FR. PHILIPPE DE ALTETA (Marcas) fôra ao Congo em 1706; patriou, mas morreu no mar, antes de em Pernambuco até 1714, quando chegar a Lisboa.

1710 — P. FR. ESTEVAM DE BOLONHA (Milão), fôra ao Congo em 1707; veio de lá doente para a Bahia, indo morrer na missão de S. Pedro, em julho de 1713.

1710 — P. FR. JERONYMO DE NAPOLES — Rio de J., veio de Angola, e fundou no Rio a igreja do Bom Jesus. Esse nome não figura nas listas dos missionarios italianos, de Angola. Talvez seja outro.

1712 — FREI JOSE' DE OLEGGIO (Luca) (Milão), fôra a Angola em 1708, de onde saiu em agosto de 1712 e veio para a Bahia. Em meado de 1716 voltou para a Italia.

1712 (?) — P. FR. JOSE' DE MALPIANO (Lece), falleceu em Irapoá (Bahia) em 1714. Talvez seja o P. Fr. José de Maglie (Cosenza) destinado ao Congo em 1711.

1714 (?) — P. FR. EVANGELISTA DE TURIM (Piemonte) morreu na Bahia em 1715.

1714 — P. FR. APOLLINARIO DE BRESCIA (P. Romana) — Bahia — missionou em Aracapé; falleceu na missão em 1737.

1716 (?) — P. FR. INNOCENCIO DE CHIAVARI (Genova), de 1707 a 13 esteve em Loanda; em Lisboa até 1715; falleceu na Bahia em 1726.

1716 — P. FR. POSSIDONIO DE MIRANDOLA (Bolonha) — Bahia, missionou em Pambú (1717); Prefeito em 1725.

1716 — P. FR. ANTONIO DE SONDRIO, Bahia.

1716 — P. FR. JUVENAL DE FOSANO, Bahia.

1716 — P. FR. FRANCISCO DE TORRE DEL GRECO ou Rocca Nova (?) (Napoles) — Bahia — falleceu em fama de santidade em 1749, a 26 de Julho, na Bahia.

1716 — P. FR. RAFAEL DE VARAZZE (Genova) — Bahia. Falleceu em 1761, com 85 annos e 45 de missão.

1716 — P. FR. VICENTE DE PARMA (Lombardo) — Bahia — falleceu em 1729.

1716 — P. FR. BERNARDINO DE MILÃO (Milão) — Bahia, missionou de 1721 a 1729 a aldeia de Rodelas; depois a de N. S. dos Remedios, de Agosto de 1729 até 1748 ou 50 em que morreu.

1716 — P. FR. JOSE' DE SOMMARIVA ou Turim (Piemonte) — Bahia, morreu na Bahia em 1724.

1716 — P. FR. THOMAZ DE CONVERSANO (Bari) — Bahia — voltou para a Provincia; em 1738 estava no Congo.

1716 — P. FR. FRANCISCO DE COLLEVECCIO (Romano) — Bahia — fôra ao Congo em 1690; depois do setennio a S. Thomé; falleceu em 1728.

1716 — P. FR. FRANCISCO MARIA DI TODI (Umbria) na Bahia de 1716 a 1734; depois passou para o Rio. Voltou para a Provincia em 1755.

1716 — P. FR. CARLOS JOSE' DE SPEZIA (Genova) — Pernambuco; ao Congo em 1715; insigne operario da Vinha do Senhor; prefeito até 1733; segunda vez prefeito em 1745; renunciou em 1751; falleceu na Penha, a 11 de Março de 1752, em fama de santidade.

1716 (?) — P. FR. DOMINGOS DE CESENA (Bolonha) — Pernambuco — onde foi superior antes de 1725; em 1726 para a Bahia; missionou em 1728 em S. José da Barra do Rio das Cortas; falleceu aqui em 1742.

1716 (?) — P. FR. ANGELO FRANCISCO DE CARPI (Lombardia) — fôra ao Congo em 1715, superior, prefeito em Pernambuco, antes de 1725, depois

do P. Domingos de Cesena.

1718 — P. FR. DOMINGOS DE PANICOGOLO (Nápoles) — Bahia — destinado ao Congo, missionou Irapuá; morreu em Lisboa, em 1746.

1720 — P. FR. ANTONIO DE CERRETTO (Nápoles) — Bahia — voltou para a Italia e passou para outra Ordem.

1720 — P. FR. VITALIANO DE MILÃO (Milão) — Bahia — morreu em Vargem em 1751, como um santo.

1720 — FREI MIGUEL DE MONTONE (Umbria) — Bahia; doente voltou e morreu em Montone em 1761.

1720 (?) — P. FR. LOURENÇO DE PROCIDA (Abruzzos), falleceu na Bahia (no mar) em 1724. Talvez seja o P. Fr. Lourenço de Ometta Lucchese (Abruzzos), destinado a Angola em fev. de 1715.

1721 — P. FR. FELIX MARIA DE MODENA (Lombardia), (destinado ao Congo em 1719) — Pernambuco — Prefeito em 1740; faleceu em 1743, na Penha, a 13 de Abril.

1721 — P. FR. MAURICIO DE VERCELLI (Umbria) — Rio Janeiro.

1721 — P. FR. JERONYMO DE MONTEREALE (Umbria) — Rio — de viagem para a ilha de S. Thomé, ficou vagueando pelo Brasil, até que se fixou em 1731, no Rio; em 1732 esteve em Macahubas, interessou-se pelo Recolhimento dando-lhe uma regra; em 1733 pregou em Serro do Frio, onde tirou esmolas para a nova casa de Macahubas; Prefeito em 1744; morreu na missão, com 81 annos, em 12 de Fevereiro de 1765.

1721 — P. FR. ANTONIO DE PERUSA (Umbria) — Rio — companheiros de Frei Jeronymo; 1.º prefeito de Rio de 1737 a 1744; esteve na Bahia de 1746 a 1750; voltou para o Rio, como prefeito, em 1750, onde falleceu em 1764.

1721 — P. FR. FRANCISCO DE ROBIANDE (Abruzzos), estava na Bahia nesse anno, depois seguiu para S. Thomé e Ajuda.

1722 — P. FR. DOMINGOS ANTONIO DE BRESCIA ou Calmasso — (Abruzzos) — Bahia — falleceu aqui em 1741.

1722 — P. FR. JERONYMO DE MATERA (Otranto) — Bahia — estivera no Congo em 1718; faleceu em 1729.

1722 — FREI DESIDERIO DE S. SALVADOR (Genova) — Bahia — voltou.

1725 — P. FR. FELICIANO DE FOLIGNO (Umbria) — Bahia — em 1744; foi á Provincia, de onde voltou em 1747, até, 1760, em que foi para Lisboa.

1725 — P. FR. ANDRE' DE MORINICO (Brescia) — Pernambuco — viera de S. Thomé; foi prefeito; em 1738, voltou para S. Thomé, onde morreu. Sem corpo, exhumado, após dois annos, foi encontrado incorrupto, e resgatado aos Hollandezes, foi trazido para o Recife.

1725 — P. FR. ANTONIO MARIA DE MODENA (Lombardia) — Pernambuco — prefeito de 1743 a 1745; de 1742 a 1746 de concerto com o P. Malagrida jesuita, missionou na Parahyba; falleceu em 1751.

1725 — P. FR. BOAVENTURA DE PONTREMOLI (Genova) — Pernambuco — prefeito de 1733 a 1740; em 1742 foi para Bahia e, em 1744, para Lisboa; morreu em 1750.

1725 — FREI MARIO DE CARPINEDOLO (Brescia) — Pernambuco — veiu do Congo; em 1738 voltou para a Provincia.

1726 — P. FR. SIMPLICIANO DE BORGIA ou de Asano (?) (Reggio) — Bahia — fôra ao Congo em 1715; missionou Acarapá; falleceu aqui em 1742, ou 1745.

1726 (?) — P. FR. PROSPERO DE MASSA DUCALE (Abruzzos), falleceu na Bahia em 1730; fôra ao Congo em 1724 (?).

172. — P. FR. VICENTE DE GIOIOSA (Messina), falleceu na Bahia em 1733 ou 1727; destinado a S. Thomé em 1723.

172 — P. FR. JERONYMO DE LOCARNO (Lecce), falleceu no Axaré (Bahia) em 1737. Talvez seja o mesmo que P. Fr. Jeronymo de Matera, Bahia 1722.

17 — P. FR. FRANCISCO DE LECCE, falleceu na Bahia em 1739. Talvez seja o P. Fr. Francisco de Massafia (Otranto) que foi ao Congo em 1718 e morreu na Bahia em 1731, quando voltava.

17 — P. FR. VIATOR DE SABINA (?) Lombardia — faleceu na missão de Irapuá, na Bahia, em 1735. Talvez seja o P. Fr. Victorio de Verona (Venezia),

missionario em S. Thomé em 1707.

1728 — P. ANGELO MARIA ROMANO (Roma) — Bahia — voltou, em Outubro de 1732, para Lisboa.

1728 — P. FR. GREGORIO DE BUS-TO (Roma) — Bahia — voltou, em Outubro de 1732, para Lisboa.

1728 — FREI CARLOS DE MILÃO (Milão) — Bahia — voltou em 1743.

1729 — P. FR. PHILIPPE DE COLLEPEPE (Umbria), fôra destinado á Ilha de S. Thomé em 1725; falleceu na Bahia em 1729.

172 — P. FR. DANIEL DE CHIAVENNA (Milão), foi ao Congo em 1724; doente veio para Pernambuco, onde morreu em 1729.

1729 — FREI DOMINGOS DE AGLIANO (Piemonte) — Pernambuco — voltou em 1740.

1729 — P. FR. ANSELMO DE ANDORNO (Piemonte) — Bahia — em 1738 foi para o Rio, mas voltou logo; em 1747 prefeito; morreu em Pacatuba (Bahia) em 1775.

1729 — P. FR. JACINTHO FRANCISCO DE GENOVA (Genova) — Bahia — morreu em Pernambuco em 1749.

1729 — P. FR. ANGELO FRANCISCO DE CHIAVARI (Genova) — Bahia — morreu na missão com signaes de santidade, em 1762.

1729 — P. FR. BERNARDINO DE SCURCOLA (Abruzos) — Bahia — fôra destinado ao Congo; em 1745 foi á Italia; voltou e morreu na missão do Axará em 1755.

1731 — P. FR. PACIFICO DE PEZ-ZO (Umbria), em 1731 veio de S. Thomé á Bahia; aqui ficou um tempo; em 1732 voltou para S. Thomé.

1733 — P. FR. FRANCISCO DE S. GIOVANNI (Marcas) — Bahia — prefeito em 1733; voltou e lá morreu em 1746.

1733 — FREI JOSE' DE CASTELFERRETTI (Marcas) — Bahia — voltou em 1740 e morreu em Jesi em 1774.

1733 ?) — P. FR. FRANCISCO DE AREZZO OU CASTIGLIONE (Toscana), fôra ao Congo em 1719 e a S. Thomé em 1730; falleceu na Bahia em 1733.

1734 — P. FR. LUIZ MARIA DE FOLIGNO (Umbria) — Rio — esteve um pouco na Bahia; em 1770 ainda estava vivo.

1734 — P. FR. JOÃO MARIA DE TODI (Umbria) — Bahia — em 1744 passou para o Rio; em 1757 estava ainda na Bahia; voltou em 1762; morreu em Todi em 1769.

1734 — P. FR. ROMUALDO DE BORGIO S. DONNINO (Lombardia) — Bahia — entrara para a Ordem com 25 annos, em 1721; Prefeito em 1739; em 1752 passou para Pernambuco; talvez partisse para a Italia, em 1757; morreu em 1773 em Fonterivo (Parma).

1734 — P. FR. AMADEU DE LIVORNO (Romano) — Bahia — fôra em 1729 para S. Thomé; em 1734 voltou para a Italia.

1734 — P. FR. JOÃO FRANCISCO DE GUBBIO (Umbria) — Bahia — em 1735 passou para o Rio; morreu em 1781 em fama de santidade.

1734 — P. FR. FRANCISCO MARIA DE TODI (Umbria) — Bahia — 1748 foi para o Rio; aldeou alguns indios guarulhos nas visinhanças do Macacu; alli construiu uma ermida em honra da S. Familia; em 1755 voltou para a Provincia, onde morreu em 1769.

1734 — P. FR. PROSPERO DE MILÃO (Lombardia) — Pernambuco — em 1761 ainda estava vivo.

1734 — P. FR. JOSE' DE CALVATONE (Lombardia) — Pernambuco — voltou em 1755.

1734 — P. FR. ARCANGELO DE SO-LIGO (Veneza) — Pernambuco — voltou em 1744; morreu em Veneza em 1767.

1734 — FREI PACIFICO DE LEINANTE (Milão) — Pernambuco.

1735 — P. FR. JOÃO ANTONIO DE TAGLIONE (Brescia) — Pernambuco; voltou em 1744.

1736 — P. FR. ANSELMO DE CASTELVETRANO (Palermo) — Rio — veio do Congo, para onde fôra em 1719; de 30 a 41 esteve na Provincia; morreu no Rio, em 1761.

1736 — P. FR. SERAPHIM DE PINEROLO (Piemonte) — Rio — em 1739 foi para a Bahia; voltou para o Rio em 1751; falleceu pregando em Villa Rica. (Ouro Preto), Minas, onde foi sepultado.

1736 — P. FR. LUIZ DE FERRARA (Bolonha) — Pernambuco — voltou em 1740.

1736 — P. FR. CARLOS MARIA DE FERRARA (Bolonha) — Pernambuco — dirigiu até 1750 a catechese de Cariry's Novos, foi prefeito em 1751; transferido para o Rio, como prefeito em 1753, onde governou até á morte, em 1774.

1736 — FREI FELIX DE ROMANO (Brescia) — Pernambuco — estivera antes em S. Thomé; em 1748 foi para Lisboa.

1737 — FREI ARCHANGELO DE ALEXANDRIA (Milão) — Bahia — estivera no Congo desde 1722; morreu em 1743 ou 1750, ao voltar para a Provincia.

1737 — P. FR. SEBASTIÃO DE PALLANZA (Milão) — Rio — voltou em 1746.

1738 — P. FR. MARIANO DE PIANO (Toscana) — Rio — voltou em 1744; morreu em Livorno em 1773.

1738 — P. FR. PEDRO DE SCHIO (Veneza) — Rio voltou em 1741; morreu em Veneza em 1763.

1738 — P. FR. JACINTHO DE FOLIGNO — Rio.

1739 — P. FR. FRANCISCO AMADEU DE TURIM — Bahia — voltou em 1752.

1739 — P. FR. BOAVENTURA DE OCCIANO — Bahia — voltou depois de 1761.

1739 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE CARAMANICO (Abruzzos) — Bahia — missionou Axará e Rodellas; morreu em 1751.

1739 — P. FR. BARNABE' DE TEDALDI ou TODI (Umbria) — Bahia — só partiu em maio de 1741; missionou em Pambú em 1753; prefeito em 1754; prefeito interino de 77 a 79; falleceu na Bahia a 5 de Março de 1789, com 81 annos.

1739 (?) — P. FR. PHILIPPE DE SPOLETO (Umbria), falleceu na Bahia em 1739.

1793 — P. FR. ALBERTO DE PISA (Toscana) — Bahia — voltou em 1743; morreu em 1779.

1739 — P. FR. FELIX MARIA DE CASALMAGGIORE (Lombardia) — Bahia — estivera no Congo e Angola em 1734; transferido para Pernambuco em 1752, onde ficou até morrer, em 1764.

1740 (?) — P. FR. PONCIANO DE CASTEL S. PIETRO ("Bolonha), falleceu no Axará (Bahia) em 1744.

1740 (?) — P. FR. JESUALDO DE MESSINA; fôra ao Congo em 1731; veiu á Bahia para curar-se e aqui morreu em 1740.

1740 — P. FR. BENEDICTO MARIA DE ORTA (Milão) — Pernambuco — voltou em 1742.

1740 — P. FR. MAURO DE LEZZANO (Milão) — Pernambuco — voltou fallecendo em Cadiz, em 5 de Novembro de 1744. Começou a igreja de Mipibú.

1740 — P. FR. JOÃO PEDRO DE PLACENCIA (Lombardia) — Pernambuco — estivera em S. Thomé em 1729, no Congo em 1735, em 1746 passou para a Bahia e em 1752 voltou para a Provincia.

1741 — FREI LOURENÇO DE PLACENCIA (Lombardia) — Bahia — voltou em 1747.

1742 — FREI BERNARDO DE MORNESE (Genova) — Pernambuco — morreu em Pernambuco a 5 de dezembro de 1750.

1742 — P. FR. ILLUMINADO DE POCITELLO (Abruzzos) — Pernambuco, prefeito em 1743; voltou em 1758.

1742 — P. FR. JOÃO CHRYSOSTOMO DE GENOVA — Pernambuco; em 1747 foi transferido para Lisboa.

1742 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE FERRARA (Bolonha) — Pernambuco, onde ainda vivia em 1761; fôra ao Congo em 1736.

1742 — P. FR. VENANCIO DE BAGNACAVALLO (Bolonha) — Bahia — fôra ao Congo em 1734; em 1749 passou para Pernambuco, onde foi prefeito de 1751 a 1754.

1743 — P. FR. BENEDICTO DE ROVIGO (Veneza) — Bahia — voltou depois de 1751. Na Bahia pregou muito as controversias do tempo, contra a usura, e despertou disputas e injurias, entrando em scena P. Concina e Patuzzi. Falleceu em Veneza, em 1780.

1743 — P. FR. XAVIER DE GENOVA. Bahia. Falleceu aqui, em Penedo, em 1772 em conceito de santidade.

1743 — P. FR. TIMOTHEO DALLA PIEVE — Bahia — morreu aqui em 1751.

1743 — P. FR. FRANCISCO DE BORGHO S. DONNINO (Lombardo) — Bahia — morreu aqui, em S. Fidelis, em 1758.

1743 — FREI PASCHOAL DE VERGATO (Bolonha) — Bahia — voltou em 1757.

1743 — P. FR. ANTONIO DE ALBA (Piemonte) — Pernambuco, voltou para a Provincia em 1746; vinha novamente em 1754, mas foi recusado pelo rei de Portugal.

1744 — P. FR. BOAVENTURA DE FERRARA (Bolonha) — Bahia — voltou em 1747.

1744 — P. FR. FRANCISCO MARIA DE VARESE (Milão) — Bahia — voltou em 1761.

1744 — FREI CAETANO DE PARMA (Lombardia) — Bahia — voltou em 1750.

1744 — P. FR. JUVENAL DE ALBANO (Roma) — Pernambuco — prefeito em 1753; em 1757 foi chamado para a Provincia. Acabou a igreja de Mipibú.

1744 — P. FR. FIDELIS DE VITERBO — (Roma) — Pernambuco — veiu doente do Congo, para onde fôra em 1723.

1745 (?) — P. FR. FRANCISCO DE MODENA (Lombardia) — morto no mar (Bahia) em 1745. Ha um P. Fr. Francisco Gazoldo, que foi ao Congo em 1723, prefeito em 1739 e fallecido na missão.

1746 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE CAPO FIUME (Bolonha) — Rio — fôra ao Congo em 1742; em 1749 enlouqueceu; em 1758 voltou para a Provincia.

1746 — P. FR. FELIX DE CREMÔNA (Milão) — Rio — fôra ao Congo em 1744; mandado para a Bahia, de 1750 a 1753, voltou para o Rio, onde missionou na aldeia de N. S. dos Remedios e na de S. Fidelis, do Rio do Una; depois voltou para o Rio, onde foi prefeito de 1765 a 1774; de 1774 a 1777 vice-prefeito e foi para Lisboa em 1783.

1747 — P. FR. PASCHOAL DE SALELLA (Basilicata) — Rio — em 1753 foi para Lisboa.

1747 — FREI PEDRO DE NAPOLES — Rio — voltou em 1751.

1747 — P. FR. JOÃO PEDRO DE PLACENCIA (Lombardia) — Bahia — esteve em Pernambuco em 1748 a 1749; voltou para a Provincia em 1761. Tinha ido, em 1735 para Angola e voltou 1741 para S. Thomé.

1747 — P. FR. FELICIANO DE FOLIGNO (Umbria) — Bahia — Não chegou, porque doente ficou em Lisboa. Falleceu em Foligno em 1778.

1747 — P. FR. JOSE' DE MONTIGELLI (Lombardia) — Bahia — em 1749 passou para Pernambuco e depois para a Provincia; veiu para a Bahia de novo, como prefeito, em 1762; depois voltou para a Provincia.

1747 — P. FR. JOÃO FRANCISCO DE PALERMO — Pernambuco — homem de singular pureza e santas obras dirigido depois de 1750 a catechese de Cariry's Novos; morreu em Piancó a 4 de Outubro de 1753.

1747 — P. FR. PAULO MARIA DE BURGIO (Palermo) — Pernambuco — prefeito em 1752.

1747 — P. FR. PACIFICO DE GENOVA — Pernambuco — falleceu aqui em 1753.

1747 — FREI LOURENÇO DE REMEDELLO (Brescia) — Pernambuco.

1747 — P. FR. FRANCISCO ANTONIO DE NOVA (Genova) — Rio — voltou em 1758.

1748 — FREI PACIFICO DE GUBBIO (Umbria) — Rio — Tinha estado de 35 a 44 em Angola; voltou em 1751 e falleceu na Provincia, em 1774.

1748 — P. FR. LOURENÇO DE S. MARCOS (Prov. de S. Angelo) — Pernambuco — voltou para a Provincia.

1748 — P. FR. FRANCISCO DE BRISIGHELLA (Bolonha) — Pernambuco — varão apostolico, observador exacto da regra e do evangelho, falleceu na Penha, a 14 de Julho de 1755.

1749 — P. FR. FRANCISCO DE MONTESECCO (Abruzzos) — em 1747 fôra para S. Thomé; veiu para a Bahia, doente e aqui faleceu em 1749.

1749 — FREI FELIX DE BRESCIA — Pernambuco — foi logo para a Bahia, e em 1755 voltou para Pernambuco.

1750 — FREI PACIFICO DE ASSIS (Umbria) — Bahia — em 1770 estava internado entre os Indios; voltou para a Provincia e alli morreu, em 1786.

1750 (?) — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE SASSELLO (Genova) muito trabalhou na catechese; falleceu em 1784.

1750 — P. FR. BERNARDINO IGNA-CIO DE ASTI (Piemonte) — Bahia — estivera no Congo em 1740; morreu em 1757.

1751 — P. FR. LOURENÇO ANTONIO DE BOLONHA (Roma) — Rio — estivera no Congo em 1739; passou algum tempo com o Bispo do Rio; depois voltou para o Congo, onde morreu em 1761.

1751 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE S. GIOVANNI (Marcas) — Rio — vier a Angola; missionou e morreu aqui em 1764.

1751 — P. FR. UBALDO MARIA DE PARMA (Lombardia) — Rio — destinado para S. Thomé, ficou no Rio, até que em 1763 voltou para a Provincia.

1751 — P. FR. THIAGO DE LEVANTE (Genova) — Bahia — estivera em Lisboa em 1749; em 1762 voltou para a Provincia, morreu em Genova em 1796.

1751 — P. FR. JOAQUIM DE VENEZA — Pernambuco — esteve em Miranda; em 1753 dirigiu a catechese de Cariry's Novos, e em 1764 foi para S. Thomé.

1752 — P. FR. ELEUTERIO DE MILÃO — Bahia — prefeito em 1765 — voltou em 1777.

1752 — P. FR. ANGELO DE ONEGLIA (Piemonte) — Bahia — esteve em S. Felix em 1761; morreu em Pacatuba em 1775.

1752 — P. FR. MIGUELANGELO DE MONDOVI (Piemonte) — Bahia — esteve em Irapuá em 1761; voltou em 1771.

1752 — P. FR. PHILIPPE DE TODI (Umbria) — Bahia — fôra para S. Thomé, em 1735.

1752 — P. FR. FIDELIS DE PARTANA (Palermo) — Pernambuco.

1753 — P. FR. ANDRE' DE MALTA — Bahia.

1753 — P. FR. SIGISMUNDO DE PALERMO — Bahia — missionou em S. Thomé em 1748; falleceu em Pernambuco em 1756.

1753 — FREI PAULO DE MALTA — Bahia.

1753 (?) — P. FR. INNOCENCIO DE MONTE SECCO (Abruzzos) — falleceu na Bahia em 1753. Ha um P. Fr. Francisco de Monte Secco (Abruzzos) que foi a S. Thomé em 1747; falleceu na Bahia, em 1749, onde viera tratar-se da lepra.

1754 — P. FR. JOSE' ANTONIO DE MONDOVI (Toscana) — Bahia — estivera no Congo, em 1750; voltou para a Provincia.

1755 — P. FR. ANTONIO DE LIVORNO (Toscana) — Bahia — voltou em 1757; falleceu em Livorno em 1779.

1755 — P. FR. NICOLAU DE BAGNARA (Bolonha) — Bahia — fôra ao Congo em 1748; era vigario de Pam-bú em 1757; voltou em 1761.

1757 — P. FR. CARLOS DE S. SEGONDO (Lombardia) — Bahia — enlouqueceu em 1761 em S. João de Rodellas, e falleceu no mar, de volta para a Provincia.

1757 — P. FR. BERNARDINO DE REGGIO (Lombardia) — Bahia — fôra ao Congo em 1746; falleceu na Bahia em 1766.

1757 — P. FR. ANNIBAL DE GENOVA — Pernambuco — fôra a S. Thomé em 1752; esteve aqui até 1769; esteve no Maranhão; escreveu uma historia de suas viagens; morreu em Genova em 1785.

1757 — P. FR. FORTUNATO DE TUSA (Messina) — Pernambuco — em 1759 passou para o Thibet, fallecendo em Gôa, em 1761.

1761 — FREI ANDRE' DE PISOGNO (Milão) — Pernambuco.

1765 — P. FR. ANDRE' DE PALERMO — Pernambuco — em 1766 foi para a Georgia.

1765 — P. FR. THIAGO DE S. SALVADOR (Prov. S. José) — Rio — fôra ao Congo em 1755; voltou para a Provincia em 1772.

1765 — P. FR. VICENTE ANTONIO DE PALERMO — Rio — no anno seguinte foi para a Georgia, onde morreu em 1771.

1766 — P. FR. UBALDO DE PINO (Genova) — Rio — estivera seis annos em Angola; em 1772 voltou para a Provincia; morreu em Lisboa, em 1781.

1770 (?) — P. FR. JOSE' DE CASTIGLIONE (S. José) falleceu na Bahia em 1770, Ha um Frei Modesto de Castiglione que foi ao Congo em 1765.

1773 — FREI DOMINGOS DE GENOVA — Rio — ficou no Rio 2 annos e voltou para a Bahia de onde viera.

1777 — P. FR. RAYMUNDO DE VENEZA — Bahia; morreu em S. Thomé em 1780.

1777 — P. FR. BENEDICTO DE ROVIGO (Veneza) — Pernambuco — passara pela Bahia; prefeito em 1777, depois de pouco voltou para a Provincia; morreu em Veneza em 1780.

1778 — P. FR. SALVADOR MARIA DE VERCELLI (Piemonte) — Rio — voltou louco em 1783.

1778 — P. FR. PEDRO DE VENEZA — Rio — voltou em 1785; esteve nas ilhas Jonias (1793-95); falleceu em 1811.

1778 — P. FR. VICTORIO DE CAMBIASCA (S. José) nasceu em 1750; entrou na Ordem em 1768; veiu para o Rio; prefeito em 1799; falleceu em S. Fidelis, em Setembro de 1715.

1778 — P. FR. CLEMENTE DE ANDORNO (Piemonte) — Bahia — prefeito em 1795; em 1799 renunciou e voltou para seus indios do Rio Pardo, até a morte; deu uma missão no Tremedal em 1803 ou 1806; falleceu em 1806 (?) em Villa do Rio Pardo, onde é venerado como santo.

1778 — P. FR. GELASIO DE MORETTA (Turim); — Bahia — foi para o Rio em 1779.

1778 — P. FR. ISIDORO DE VIGNALE (Prov. de S. José) — Bahia.

1778 — P. FR. CONSTANTINO DE PARMA (Lombardia) — Pernambuco — Prefeito em 1779.

1778 — P. FR. CLEMENTE DE MORETTA (Piemonte) — Pernambuco.

1778 — P. FR. LOURENÇO DE LOAZZOLO ou BORGOLESIA (Prov. de S. José) — Pernambuco.

1778 — P. FR. PEDRO DE PALERMO — Rio — de passagem para Angola.

1778 — P. FR. LUCAS DE ROCCABIANCA (Lombardo) — Rio — de passagem para Angola.

1778 — P. FR. BERNARDO DE CA-

NICATTI (Palermo) — Rio — de caminho para Angola.

1779 (?) — P. FR. JOSE' DE SPOLETO (Umbria) — esteve na Bahia (1779?) com o P. Apollonio de Todl

1779 — P. FR. ANTONIO MARIA DE VENEZA (Toscana) — Rio — nomeado prefeito em 1777, chegou em 1779; falleceu no Rio em 1789; fôra antes Capellão militar em Napoles.

1779 — P. FR. FERNANDO DE PLACENCIA (Lombardia) — Rio — fôra destinado ao Thibet em 1776; em 1789 foi prefeito; falleceu no Rio em 28 de Julho de 1796.

1779 — P. FR. ADRIANO DE ANCONA (Marcas) — Rio — morreu na missão, em 1787.

1779 — P. FR. JOSE' DE BARBAROLO (Bolonha) — Bahia — voltou para a Provincia.

1779 — P. FR. LUIZ DE SAVIGNANO (Bolonha) — Bahia — veiu como prefeito; missionou nas aldeias altas do Piahy; morreu na Bahia em 1792 (O. P. Fr. Apollonio de Todi escreveu que Frei Luiz de Bolonha voltou para sua terra, e morreu em Modigliana em conceito de santidade, e fizera muitos prodigios).

1779 — P. FR. JOAQUIM DE CEN-TO (Bolonha) — Pernambuco — prefeito de 1795 a 1804 e reeleito em 1804, falleceu em 4 de Agosto de 1815, após 20 annos de governo.

1779 — P. FR. MARIANO DE ISOLA (Bolonha) — Pernambuco.

1779 — P. FR. THOMAZ DE PALO (Bari) — Rio — de passagem para Angola.

1779 — P. FR. BERNARDINO DE POIRIN (Roma) — Rio — de passagem para Angola.

1779 — P. FR. SEBASTIÃO DE TAGLIA (Genova), estivera 20 annos prefeito em Angola, de volta, deteve-se algum tempo no Rio.

1779 — FREI GRACIANO DE SPEZIA — Rio — de volta de Angola, onde esteve 15 annos.

1780 — P. FR. MARCELLO DE GRADISCA (Styria) — Rio — esteve aqui até 1788, em que foi para a missão franceza de Pondichery.

1780 — P. FR. JOSE' LUIZ DE CÁGLIARI (Sardenha) — virtuoso e trabalhador; teve desavenças com o vice-prefeito e voltou para a patria em 1789.

1780 — P. FR. ANGELO MARIA DE LUCCA (Toscana) — Rio — falleceu em S. Fidelis em 26 de Maio de 1811. (14).

1780 — P. FR. FIDELIS DE PISTÓIA (Romano) — Bahia — passou para Lisboa.

1780 — FREI JOÃO MARIA DE CENSINA (Bolonha) — Bahia.

1780 — P. FR. PHILIPPE DE MATELICA (Marcas) — Bahia — prefeito; voltou em 1804; falleceu em Loreto em 1815.

1780 — FREI DOMINGOS DE ARNONE (Umbria) — Bahia; voltou; falleceu em 1824.

1780 — FREI CHRISTOVAM DE RIOLO — Bahia.

1780 — P. FR. VITAL DE FRASCAROLO (Prov. S. José) — Pernambuco — em 1796 missionou Fortaleza, Maranhua até a Serra dos Pereiras; em 1804 fundou as missões de Olho d'Agua de Gameleira, a de Jacaré, Vendé, União e Chocó.

1780 — P. FR. FRANCISCO MARIA DE GRADISCA (Styria) — Pernambuco? 10.º prefeito em 1782 até 1795; esteve na Bahia, de lá, em 1711, foi para o Rio como superior, e em 1812, para Lisboa.

1780 — P. FR. FORTUNATO DE FASANO (Bari) — Rio — veiu doente de Angola; sahio em 1807.

1780 — P. FR. APOLLONIO DE TODI (Umbria) — Bahia — Nasceu em 1747; foi destinado para S. Thomé em 1779; doente, em 1780, veiu para Bahiá, onde trabalhou 40 annos; prefeito de 80 a 85; falleceu em Monte Alegre (Bahia) em 1820.

1781 — P. FR. JOSE' MARIA DE SPOLETO — Bahia.

1782 — P. FR. CAMILLO DE GORIZIA (Styria) — Rio — foi para Lisboa em 1790.

1782 — P. FR. LOURENÇO DE MONTALBODDO (Marcas) — Bahia — fôra para S. Thomé em 1779; prefeito em 1785 e confirmado em 1792; em 1804

passou para Pernambuco, onde morreu em 2 de junho de 1818.

1832 — P. FR. FELIX DE BRISIGHELLA (Lombardia) — Pernambuco — em 1790 passou para a Bahia, sob a dependencia do Arcebispo da Bahia; morreu em Pacatuba, em 1798.

1791 — P. FR. FRANCISCO DE ALBA POMPEIA (Piemonte) — Rio — prefeito em 1795; em 1804 fez visita pastoral no Alto Amazonas; falleceu santamente em Genova, em 1823.

1791 — P. FR. JOÃO ANTONIO DE LUCA — Rio — falleceu a 13 de fevereiro de 1831 em S. Fidelis, no Hospicio da igreja velha, e enterrado por P. F. Florido, na igreja nova.

1791 — P. FR. LUIZ DE MANTARANO (Marcas) — Rio — na Bahia em 1794.

1791 — P. FR. MARIANO DE AREZZO ou IMOLA (Toscana), destinado ao Congo.

1791 — P. FR. RAYMUNDO DE DICOMANO (Toscana), destinado ao Congo. Ambos pararam no Rio. O ultimo morreu na Bahia, a 27 de Março de 1812.

1791 — P. FR. JOSE' MARIA DE FLORENCIA — no Rio — de passagem para o Congo.

1791 — P. FR. BOAVENTURA DE SALINO (Umbria), passou nesse anno pelo Rio, de viagem para as missões do Thibet ou Bengala, onde esteve até 1811; tornou a passar em 1806, na viagem de volta para a Provincia, morreu na Bahia em 1812.

1794 — P. FR. BENEDICTO DE GUALDO (Umbria) — Bahia — em 1795 esteve no Rio e em 1796 voltou para a Bahia e depois para a Provincia.

1794 — P. FR. AMBROSIO DE ROCCA (Marcas) — Bahia — prefeito de 1802-1839; falleceu na Bahia, em 1843

1794 — P. FR. JOÃO AGOSTINHO DE MENTONE (Genova) — Pernambuco — prefeito de 1815 a 1821; morreu em Lisboa a 28 III-1829.

1794 — FREI JOSE' DE MORRO (Romano) falleceu na Bahia em 1825.

1795 — P. FR. LUIZ DE BALESTRINO (Genova) — Rio — foi vigario em Porto Seguro; voltou em 1814 e falleceu em Genova em 1818.

1795 — P. FR. SERAPHIM DE AQUI (Romana) — Rio — de passagem para Angola; doente veio para o Rio em 1805; foi feito aqui em 1807.

1795 — FREI BRUNO DE ANTRONA (S. Lourenço) — Rio — de passagem para Angola.

1796 — P. FR. AMBROSIO DE MIRABELLA — Pernambuco. Voltou.

1796 — P. FR. THOMAZ DA CIDADE DE CASTELLO (Umbria) — Rio — falleceu em S. Fidelis, a 19 de Abril de 1828.

1796 — P. FR. ANGELO MAURICIO DE NIZZA — Pernambuco — insigne theologo; em 1803 substituiu ao P. F. Vital de Frascarolo em Cobreó; em 1809 foi catechizar e aldear os indios Crocós, no termo do Jardim (Ceará); falleceu em 1824, em Baixa Verde (Triumpho), povoação por elle fundada.

1796 — FREI ELIAS DE TURIM — Pernambuco.

1796 — P. FR. ALBERTO DE FONTANA (Bolonha) — Bahia — missionou uns 35 annos — esteve 28 annos entre os indios de S. Felix. Paracatuba, nas margens do Rio S. Francisco; falleceu na Bahia, em 1825; fôra a Angola em 1794.

1797 — P. FR. MIGUEL DE MONTALBODDO (Marcas) — Bahia — depois de alguns annos foi para Angola, onde morreu, em 1823 ou em Bolonha.

1797 — P. FR. ARCANJO DE ANCONA (Marcas) — Bahia — nasceu em 1770; ordenou-se em 93; em 1796 foi mandado para a Africa; em 1797 chegou á Bahia, onde viveu 53 annos. Theologo profundo, moralista, pregador, missionario; falleceu na Piedade a 4 de dezembro de 1849.

1797 — FREI ARCANJO DE SIGIGNANO (Romano) — falleceu na Bahia em 1827; foi mandado em 1796 á missão de Dahomé, na Africa.

1797 — P. FR. MARCELLO DE CARMAGNOLA — Bahia — voltou em 1804.

1797 — P. FR. MARIANO DE BROSASCO ou TURIM — (Piemonte), falleceu na Bahia em 1805.

1797 — P. FR. JOÃO DE NOCERA (Umbria). falleceu em S. Pedro na Bahia em 1807.

1797 — P. FR. DEMETRIO DE

CUNEIO (Piemonte) — Rio — voltou em 1807.

1799 — P. FR. ANTONIO DE CORSINE (Sardenha) — Rio — de caminho para Madrás (Indias).

1800 — P. FR. JOSE' DE COSENZA — Rio — citado só por Castrogiovanni.

1800 — P. FR. URBAN ODE BASTIA (Corsega) — Rio — veio da Bahia; prefeito em 1802; voltou em 1807; em 1796 fôra destinado á missão de Dahomé na Africa.

1800 (?) — FREI BERNARDINO DE CINGOLI (Picena) — Bahia — falleceu na Piedade em janeiro de 1813.

1800 — P. FR. LOURENÇO DE OSTRA (Marcas) — Pernambuco, onde falleceu em 1818.

1802 — P. FR. JOÃO LOURENÇO DE TAGGIA (Roma) — Rio — de passagem para Madrás.

1802 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE S. REMO (Roma) — Rio — de passagem para Madrás.

1802 — P. FR. PEDRO BENEDICTO (Marcas) — Rio — de caminho para as Indias.

1804 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE ACQUI — Pernambuco — fôra a S. Thomé em 1779.

1804 — P. FR. JOSE' DE CODROJANO (Sassari) — Pernambuco — missionou a aldeia de Gamelleira; em 1814 foi chamado para o Rio, como superior; falleceu no Rio, no Hospicio de Santo Antonio dos Pobres, em 1829.

1805 — P. FR. INNOCENCIO DE MONTALBODDO (Marcas) — Rio — seguiu para Angola, depois de 15 mezes.

1806 — P. FR. PEDRO DE S. PEDRO — veio fundar a missão do Gran Pará; vo'tou breve para Lisboa e depois (1808?) foi destinado para o Rio.

1806 — P. FR. BOAVENTURA DE PRATO (Toscana) — companheiro do P. F. Pedro; falleceu em Florença em 1849.

1806 — P. FR. PANTALEÃO DE RENZO (Genova) — foi destinado (1803) ao Congo; veio de lá docnte; em 1808 estava no Rio; voltou para o Congo, e falleceu quando, doente, vinha de novo para o Rio, em 24 de novembro de 1810.

1806 — P. FR. ANTONIO DE LODI (Milão) — Rio — para as Indias; Thibet.

1806 — P. FR. LUIZ MARIA DE ASSIS (Umbria) — Rio — de passagem para Angola.

1806 — P. FR. JULIO CESAR DE CAVARAGGIO (Milão) — Rio — de passagem para o Thibet.

1808 (?) — P. FR. COLUMBANO DE BROSASCO (Piemonte) — Bahia — dirigiu durante uns 15 annos uma aldeia; falleceu em Govedo em 1826.

1810 — P. FR. FRANCISCO JOSE' DE S. SEBASTIÃO (hespanhol) — Rio — sahiu em 1814.

1810 — P. FR. EUGENIO DE FLORENÇA (Toscana) — Rio — destinado para Angola; estava no Rio em 1812; falleceu em Pernambuco a 3 de agosto de 1823.

1812 — P. FR. JOÃO MARIA DE COCHON (francez) — Rio — sahiu em 1814, para passar para o Convento de S. Antonio.

1814 — P. FR. PEDRO DE CARPI (Modena) — Rio — missionario em varias provincias; falleceu no Rio em 1826 e foi sepultado na egreja do Parto.

1814 — P. FR. FERNANDO DE LUCA — Rio — prefeito em 1814; falleceu no Rio no Hospicio da rua dos Borbonos, em 1835.

1814 — P. FR. DANIEL DE NAPOLES — Rio.

1814 — P. FR. BARTHOLOMEU DAS MARCAS — (Marcas) — Rio — illustre por virtudes, missionou varios logares de Minas; falleceu no Rio das Minas, em 1834.

1814 — P. FR. NORBERTO DE CARPINETTO (Piemonte) — Rio — missionou em varias Provincias; falleceu em Porto Seguro (Espírito Santo), em 1834.

1814 — P. FR. LUIZ DE DENTICANE (Napoles) — Rio — falleceu em 1852, fóra da Ordem.

1816 — P. FR. LUDOVICO DE LIORNE (Toscana). Entrou na Ordem em 1794, com 24 annos; partiu para o Brasil em 1815. Foi o missionario dos Camacans. Falleceu, de febre amarella, na Piedade, a 27 de dezembro de 1849.

1817 — P. FR. PEDRO LUIZ DE SERRAVEZZA (Toscana) — Bahia — Nasceu em 1790; professou em 1807; foi prefeito em 1839, examinador synodal, grande missionario. Falleceu na Bahia, em 1853.

1817 — P. FR. LUIZ DE SAN MI NIATO (Toscana) — Rio — nasceu em 1779; professou em 1809; falleceu em maio de 1856, em Jacú, na Bahia.

1817 — P. FR. JOSE' MARIA DE MACERATA (Marcas) — Rio — Nasceu em 1779; professou em 15 de agosto de 1802; chegou ao Matto Grosso; alli grande missionario; Bispo eleito; falleceu em 1845 em Cuyabá.

1820 (?) — FREI JOAQUIM DE VENEZA — Pernambuco — repatriou em 1832.

1820 (?) — FREI GODELINO DE... — falleceu no Rio em 1829; talvez seja um donato.

1820 (?) — P. FR. JOAQUIM DE AFRAGOLA (Napoles) — Pernambuco — prefeito interino de 1825 a 1828; aqui estava ainda em 1832; voltou para a Provincia, em 1844 e morreu em Gaeta, em 1850.

1820 (?) — P. FR. GABRIEL DE MALTA — Pernambuco — aqui estava em 1832; e aqui morreu, a 28 de Dezembro de 1840.

1826 (?) — P. FR. PAULO DE GENOVA — Pernambuco — Entrou na Ordem em 1818 — prefeito de 1829 a 1831; muito estimado, falleceu na Bahia, em 1849, a 10 de Setembro.

1826 — P. FR. NICOLAU DE GENOVA — Rio — Falleceu em 1849.

1826 — P. FR. ALEXANDRE DE GENOVA — Rio — em Fevereiro de 1828 vice-prefeito e em Janeiro de 1829 prefeito; em 1829, quando da expulsão, fugiu para o Espírito Santo, em 1831 para a Europa. Falleceu em 1863 em Voltri (Genova).

1826 — P. FR. FLORIDO DA CIDADE DE CASTELLO — Rio — Nasceu em 1798; entrou na Ordem em 1817. Vice-prefeito da aldeia de Pedra. Falleceu em S. José de Lionissa, a 17 de Novembro de 1871.

1826 — P. FR. BENEDICTO DE GENOVA — Rio — falleceu em 1850.

1826 — P. FR. SERAPHIM DE MONTALBODDO (Marcas) — Rio.

1826 — P. FR. BENDICTO DE GENOVA — Rio — leigo e depois sacerdote.

1837 — P. FR. AMADEU DE CHIAVARI (Genova) — Rio — na Bahia em 1846, onde muito missionou, foi prefeito e falleceu como um justo, aos 73 annos, em 19 de Março de 1869, na Bahia.

1837 — FREI SANTE DE JESI (Marcas) — Bahia — falleceu em 1842, em Monte Alegre.

1837 — P. FR. PAULO DE PANICALE (Umbria) — Pernambuco — prefeito em 54-58; esteve tambem na Bahia e no Maranhão; voltou em 1857 e falleceu em 1864.

1837 — P. FR. JOÃO EVANGELISTA DE POITIERS (Romano) — esteve em Goyaz; falleceu em 1844.

1837 — P. FR. LUIZ DE BELFORTE (Marcas) — prefeito no Pará; em 1845 retirou-se para a Bahia, missionando; director varios annos do Recolhimento das Humildes; morreu em Macerata em 1864.

1837 — P. FR. CANDIDO DE FOGGIA (Romano) — missionou no Sergipe; prefeito, e na Bahia; falleceu na Bahia, a 25 de Abril de 1863.

1837 — FREI MACARIO DE PERGOLA (Marcas) — falleceu em 1873.

1837 — FREI PORPHYRIO DE CAMERINO (Marcas) — Bahia — no anno de 1848 voltou para a Provincia; em 1862 veiu de novo para o Brasil; falleceu em 1867.

1837 — FREI LIBERATO DE ALATRI (Romano); voltou para a Provincia, onde falleceu, em 11 de setembro de 1872.

SEGUNDO IMPERIO

1840 — P. FR. CARLOS JOSE' DE PORTO MAURICIO (Genova) — voltou em 1843.

1840 — P. FR. AGOSTINHO DE BARBERINO (Toscana) — para Pernambuco em 1881.

1840 — P. FR. FRANCISCO ANGELO DE TAGGIA (Romano) — percorreu Minas e Goyaz; em 1850 voltou ao Rio e em 1851 para a Provincia.

1840 — P. FR. PEDRO MARIA DE

BRA' (Piemonte).

1840 — P. FR. LUIZ ALBA POMPEIA (Nápoles) — Bahia — missionou no Maranhão, de 1840 a 1848; em 1848 deve ter voltado para a Europa.

1840 — P. FR. FIDELIS DE MONTESANO (Palermo) — prefeito apostolico no Rio; em 1842 recebeu a Egreja de S. Sebastião; fundou o Hospicio do Morro do Castello; voltou para a Provincia em 1853.

1841 — P. FR. CAETANO DE MESSINA — em 1860 Commissario Geral dos Missionarios Capuchinhos; falleceu em 9 de Janeiro de 1878 em Montevideo; o corpo foi, em 1882, transportado para o Hospicio do Rio.

1841 — P. FR. SEGUNDO DE MANGO (Genova) — voltou em 1842; falleceu em 1866.

1841 — P. FR. FRANCISCO DE MONSAVITO (Marcas) — grande missionario de Goyaz, falleceu em fama de santidade, a 8 de Setembro de 1873.

1841 — P. FR. SERAPHIM DE CATANIA (Messina) — missionario e prefeito em 1864, em Pernambuco; voltou para Catania onde morreu, em 1887.

1841 — P. FR. SEBASTIÃO DE MELLIA (Messina) — Pernambuco — onde missionou, foi prefeito (1860); falleceu santamente na Penha, em 1864.

1841 — P. FR. CAETANO DE GRATTERI (Messina) — missionou em Pernambuco, em 1843 esteve na Baixa Verde; em 1854, estava em Sergipe, depois passou para a Bahia; voltou em 1855.

1841 — P. FR. PLACIDO DE MESSINA, missionario e prefeito em Pernambuco.

1842 — P. FR. DOROTHEU DE DRONERO (Piemonte) — fôra para a Suissa em 1831; missionario e vice-prefeito do Maranhão, cujo Hospicio foi erecto junto á Capella de Sant'Iago, por provisão de Agosto de 1853; falleceu ali, a 21 de Setembro de 1868.

1842 — P. FR. LUIZ DE RAVENNA (Bolonha) — o celebre missionario da Serra da Piedade, em Minas; falleceu a 11 de janeiro de 1871.

1842 — P. FR. SANTO DE CATANIA (Messina), fallecido em Pernambuco, em 1870.

1842 — P. FR. CAETANO DE TROLINA (Messina). Nasceu em 1810; missionou em Mucury, na Bahia e no Rio Grande do Sul; falleceu no Morro do Castello, (Rio), onde estava havia oito annos.

1842 — P. FR. EGYDIO DE CA-REZZO (Piemonte), missionou na Bahia e no Pará; falleceu na Bahia, a 21 de Outubro de 1873.

1842 — P. FR. EUGENIO DE GENOVA, missionou em Minas; falleceu em Uberaba, a 15 de Junho de 1871.

1842 — P. FR. ALEXANDRE DE BENE (Romano).

1842 — P. FR. ANGELO DE GROTTAGLIA (Otrante).

1842 — P. FR. IDELFONSO DE GENOVA, missionario no Pará; depois de muitos annos voltou, por doente, para Genova, onde morreu em 1884.

1842 — FREI BENEDICTO DE PINEROLO (Romano); esteve no Esp. Santo e Bahia.

1842 — P. FR. SERAPHIM DE PENTRALIA (Messina) — Bahia — catechizou nas margens do Mucury; voltou para Bahia 1856, onde ergueu a igreja na aldeia de S. Fidelis, começou outra em Bom Jardim; depois de 1870 voltou para a Europa.

1842 — P. FR. SAMUEL DE LODI (Lombardia) — prefeito na Bahia, de 43 até 1847; depois ao Rio e a S. Paulo, missionou; voltou em Fevereiro de 1855.

1842 — P. FR. FIDELIS DE JESI (Marcas) — missionou no Pará e no Amazonas; em 1850 e 56 esteve em Breves; falleceu em Roma, a 12 de outubro de 1870.

1842 — P. FR. AGOSTINHO DE CASARANO ou OTRANTE (Salerno); missionou muito na Bahia, e depois catechizou os indios de Pedra Branca; em 1870 estava ainda na Bahia.

1842 — P. FR. PEDRO PAULO DE CERTANA (Umbria); missionou, vice-prefeito, no Pará, depois no Amazonas; voltou em 1857 e foi para as Indias.

1842 — FREI BERNARDO DE CERRIANA (Umbria), voltou em 1857; falleceu em 1884.

1844 — P. FR. DANIEL DE NAPOLES; missionou a aldeia Affonsina, no

Espirito Santo; em 1849 voltou para a Provincia, fallecendo em 1850.

1844 — P. FR. PAULO ANTONIO DE CASANOVA (Genova); nasceu em 1813, missionou e foi prefeito 9 annos, na Bahia; 15 annos vice-prefeito em Sergipe; falleceu na Bahia, a 30 de Janeiro de 1891.

1844 — P. FR. RAINERO DE OVA-DA (Genova), catechizou e missionou na Bahia, onde falleceu, em 18 de Fevereiro de 1886.

1844 — P. FR. GAUDENCIO DE GENOVA, parochiou em Tibagy, S. Paulo, falleceu lá, em 14 de Outubro de 1871.

1844 — P. FR. APOLLONIO DE MOLINETTO (Romano), missionou no Piahy, na Bahia e em Sergipe, onde falleceu, em 26 de Novembro de 1855.

1844 — P. FR. ANTONIO DE MOLINETTO (Romano), missionou no Matto Grosso; falleceu em 40 de Junho de 1877.

1844 — P. FR. LUIZ DE GRAVA (Piemonte) — missionou e catechizou em Alagoas, Pernambuco e Bahia; organizou o aldeamento de Cachimbo e a Colonia de Cachoeira (Ilheos); falleceu, banhando-se, afogado, em 19 de Abril de 1875, ao vir da aldeia de Ferradas, á Bahia, no rio Itabaia.

1844 — P. FR. PACIFICO DE MONTEFALCO; catechizou em S. Paulo, Itaporanga, vice-prefeito; falleceu aos 30 de Dezembro de 1862, com 48 annos.

1844 — P. FR. FRANCISCO DE CORIOLANO ou OTRANTE (Salerno); missionou Minas; falleceu em Abre-Campo (Minas), em 10 de Junho de 1863.

1844 — P. FR. GREGORIO MARIA DE BENE (Romano), estivera nas Indias Orientaes; missionou no Espirito Santo e Amazonas; falleceu no Maranhão, a 3 de Novembro de 1861.

1844 — P. FR. SIGISMUNDO DE TAGGIA (Romano); catechizou em Goyaz; falleceu com 79 annos, em 4 de Janeiro de 1879.

1844 — P. FR. JERONYMO DE S. COLUMBA (Marcas); missionou em S. Paulo; falleceu em Sorocaba, no Mosteiro dos Benedictinos, em 30 de Maio de 1870.

1844 — P. FR. EUSEBIO DE SALLES (Romano); missionou em Alagoas e Pernambuco; falleceu em 1855.

1844 — P. FR. HENRIQUE DE CASTEL S. PIETRO ou DE BOLO-NHA; missionou em Alagoas, em 1848, Brejos da Madre de Deus, e em Pernambuco; falleceu em 1854.

1844 — P. FR. PONCIANO DE MON-TALDO (Piemonte); missionou em S. Paulo, vigario de Capão Bonito, suspenso, mas falleceu reconciliado.

1844 (?) — P. FR. MARIANO DE FRASCATI (talvez seja o P. Fr. Mariano de Bagnai).

1844 (?) — P. FR. UBALDO DE NAPOLES (talvez seja o P. Fr. Ubaldo de Civitella ou, antes, o P. Fr. Daniel de Napoles).

1844 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE CASERTA (ou Napoles). estava no Rio em 1848; passou para Tunis.

1844 — P. FR. FRANCISCO DE FAL-ERNA (Cosenza); catechizou Ghéos, na Bahia, Riacho d'Agua, Botocudos e Mongoios; voltou para a Provincia depois de 1870.

1844 — FREI BENEDICTO DE BENE (Marcas).

1844 — FREI ARCHANGELO DE SPEZZANO (Calabria); falleceu no Rio, em 20 de Abril de 1888.

1846 — P. FR. DOMINGOS DE CA-SALE (Toscana), professou em 1825; missionou em Minas, depois na Bahia, onde morreu em 1874, a 9 de junho.

1846 — F. FABIANO DE SCANDIÀ-NO (Modena); esteve 13 annos na Bahia; foi nomeado prefeito e Commis-sario Geral; voltou para Roma, como Procurador das Missões. Falleceu em Outubro de 1884.

1846 — P. FR. LUIZ DE SONNINO (Abruzzos); Rio.

1846 — FREI ARCHANGELO DE NAPOLES — em Uberaba.

1846 — P. FR. CLEMENTE DE GE-NOVA, catechizou em Goyaz; missionou em S. Paulo e Minas; falleceu em Pernambuco, a 5 de Dezembro de 1865.

1846 — P. FR. RAPHAEL DE TAG-GIA — nasceu em 1812; catechizou em Goyaz, Alto Tocantins; falleceu a 5 de Outubro de 1892.

1846 — P. FR. VICENTE MARIA DE ASCOLI (Marcas); prefeito e vice-pre-feito na Bahia; de 1848 a 1858 cate-chizou os indios das Ferradas; em 1860 partiu para a Provincia, onde morreu, em 1895.

1846 (?) — FREI MANOEL POR-TUGUES — ex-certosino — falleceu no Hospicio do Rio, em 1846 e foi enter-rado na Igreja.

1846 — FREI JOAQUIM DE CO-LORNO (Lombardia); falleceu na Ba-hia, a 12 de Outubro de 1865.

1846 — FREI JOSE DE GENGA (Lombardia).

1847 — P. FR. WANDELINO DE INSBRUCK (Tyrol) — capellão da Co-lonia S. Isabel, no Espirito Santo; fal-leceu no Rio, a 27 de Maio de 1868.

1847 — P. FR. BERNARDINO DE LAGONERO (Basilicata); missionou em Minas, Mucury; falleceu em Jacury, a 18 de Maio de 1864, ferido num pé por arma de fogo.

1847 — P. FR. PAULO DE LIMONE (Piemonte) — missionou na Bahia; em 1853 veiu para o Rio onde morreu ful-minado, a 5 de Outubro de 1854.

1847 — P. FR. UBALDO DE CIVI-TELLA DI TRONTO (Abruzzos); mis-sionou no Espirito Santo; vigario de Linhares, em 1849. Falleceu no Rio, de febre amarella, em 18 de Junho de 1850.

1847 — P. FR. DOROTHEU DE LO-RETO (Marcas); catechizou na aldeia de S. Pedro, Sergipe. Falleceu em Ponta', a 30 de Outubro de 1878.

1847 — P. FR. BENEDICTO DE BOB-BIO (Piemonte); nasceu em 1817; ca-techizou em Minas, Mutum e Guandú; fundou a aldeia dos indios de Rio Doce, que governou por 30 annos; falleceu no Hospicio do Rio, em 19 de Junho de 1890.

1847 — P. FR. MARIANO DI BA-GNAIA (Romano); catechizou e mis-sionou no Matto Grosso; captivo dos Paraguayos; fundou nova missão em Paranapanema, onde falleceu, a 9 de Agosto de 1888.

1847 — P. FR. BARTHOLOMEU DE RATOCHRIGIS (Tyrol) — homem il-lustre por santidade, missionou em Minas, onde falleceu, em 1854.

1847 — P. FR. LOURENÇO DE MONTELEONE (Umbria); nasceu em 1811; foi para a Bahia e depois para o Maranhão, onde muito missionou e onde falleceu, em Caxias, em Agosto de 1857.

1847 — FREI FRANCISCO DE NOVI — Rio — voltou para a Provincia em 1858. (Só lembrado por P. Zaverio).

1849 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE CERRETO, voltou para a Provincia em 1849; veiu novamente e novamente foi obrigado a voltar, em 1850.

1850 — P. FR. ANTONIO DE UDI-NE, Bispo e Visitador Apostolico, falleceu em 1850, na viagem, antes de chegar ao Brasil.

1851 — P. FR. TIMOTHEO DE CASTELNUOVO (Genova); nasc. 23; ingressou na Ord. em 1841; catechizou em S. Paulo, vice-prefeito de S. Pedro de Alcantara (Paraná); falleceu lá, em 18 de maio de 1895.

1851 — P. FR. LUIZ FRANCISCO DE VOLTRI (Genova); morreu no Rio, de febre amarella, a 2 de Abril de 1852, foi sepultado na Igreja do Hospicio do Rio.

1851 — P. FR. BONIFACIO DE TAGLILOLO (Genova); morreu, no Rio, de febre amarella, a 8 de Abril de 1852, em casa particular, em S. Christovam e enterrado em S. Francisco Xavier; seis annos depois, seus ossos foram levados para o Hospicio do Rio.

1851 — P. FR. MATHIAS DE GENOVA, parochiou em São Paulo e no Paraná; falleceu a 22 de julho de 1873.

1853 — P. FR. ANGELO DE CARAMANICO (Abruzzos); catechizou no Matto Grosso; foi preso e degolado pelos Paraguayos.

1853 — FREI GAUDENCIO DE ROMA, falleceu na Bahia, em 1870.

1853 — FREI MACARIO DE PERGOLA (Lucca); falleceu na Bahia, em 1873.

1854 — P. FR. FIDELIS DE S. JOIRE (Saboia); em 1855 secularizou-se com breve e passou para Montevideo.

1854 — P. FR. EUGENIO DE RUMILLY (Saboia); 1.º Reitor do Seminario de S. Paulo, até 1873, em que desapareceu.

1854 — P. FR. FIRMINO DE CENTELHAS (Saboia); professor do Seminario de S. Paulo; falleceu em 1893.

1854 — P. FR. JOÃO DE AYEGUI (Romano); missionou em Minas.

1854 — P. FR. VENANCIO DE FERRARA (Bolonha); nasceu em 1822; prefeito na Bahia, onde falleceu em 1906.

1855 — P. FR. CONCEZIO DE CARAMANICO (Abruzzos); estava na Bahia em 1857.

1856 — P. FR. LUIZ DE GUBBIO (Umbria); nasceu em 1821; missionou e catechizou na Bahia e no Pará; voltou para a Provincia em Abril de 1882, onde morreu, em 5 de janeiro de 1884.

1856 — P. FR. JOSE DE CALTANISSETTA (Palermo); missionou em Sergipe e na Bahia; aqui esteve de 1856 a 1864, onde abriu cemiterios, reparou egrejas; em 1880 passou por Casa Branca e Poços de Caldas (S. Paulo); falleceu no Hospicio do Rio, em 20 de Fevereiro de 1883.

1856 — P. FR. DAVID DE PERUSA ou UMBERTIDE (Umbria); missionou na Bahia e depois em Sergipe, na missão de Pacatuba; voltou para a Provincia em 1874, onde faleceu, em 1909.

1856 — P. FR. ADRIANO DE LANTSCHNER ou STAMACK (Tyrol), parochiou no Espirito Santo; falleceu na Victoria, a 23 de Dezembro de 1868.

1856 — P. FR. PEDRO DE REGALADO (Tyrol); esteve na Colonia S. Isabel no Espirito Santo, endoideceu por tempos; mais tarde foi destinado para o Mucury.

1856 — FREI PEDRO DE PORTORIA (Umbria); voltou em 1859 e falleceu em 1894.

1857 — P. FR. GERMANO DE ANNECY (Saboia); esteve no Seminario de S. Paulo, depois em Uberaba e na Franca; morreu, com 68 annos, na Bahia, a 1 de Maio de 1890, ao embarcar para a Europa.

1857 — P. FR. FRANCISCO ANTONIO DE VIBONATI (Cosenza); no Seminario de S. Paulo; voltou em 1864, doente.

1857 — FREI CRISPIM DE ANNECY

(Sabóia); no Seminario de S. Paulo; falleceu em 1872.

1857 — P. FR. GAUDENCIO DE STREVA (Romano); falleceu na Bahia em agosto de 1871.

1858 — P. FR. JOÃO JOSE' DE MONTEFIORITO (Marcas); foi professor no Seminario de S. Paulo; em 1865 seguiu como Capellão militar para Montevideo, onde prestou seus serviços nos hospitaes de sangue até 1870; tratou ahi da fundação de uma residencia de capuchinhos, da qual foi superior; em 1874 foi para a missão do Chile, onde morreu, em 1886.

18 — P. FR. GENEROSO DE RUMILLY (Sabóia); no Seminario de S. Paulo; falleceu em 1879, com 50 annos.

18 — P. FR. GONÇALO DE GENELLAS (Sabóia); no Seminario de S. Paulo.

18.. — P. FR. AMBROSIO DE UGINES (Sabóia); fall. em 1890 (?)

18.. — P. FR. JUSTO DE MOYE (Sabóia); no Seminario; morreu em 1895.

18.. — P. FR. CALLISTO DE GRÉNOBLE (Sabóia); no Seminario.

18.. — P. FR. THEODORO DE MOYE (Sabóia); no Seminario.

18.. — P. FR. THOMAZ DE FORLÍ (Bolonha); no Seminario de S. Paulo; doente, voltou e morreu em 1908.

1860 — P. FR. DANIEL DE FRALTE (Umbria).

1861 — P. FR. ARCHANGELO DE SEGNI (Romano); morreu em 1878.

1861 — P. FR. DAMIÃO DE S. SEVERINO (Marcas); voltou em 1874, morreu em 1902.

1861 — FREI JOSE' DE BORDALONE (Romano); na Bahia; voltou em 1875.

1861 — FREI LOURENÇO DE CIANO (Veneza); na Colonia S. Isabel, Pernambuco, até 1887; voltou em 1888, para a Provincia, onde falleceu, em 4 de Maio de 1922.

1862 — P. FR. INNOCENCIO DE APIRO (Marcas); trabalhador incançavel; preféito na Bahia de 1862 a 1872; Procurador Geral, em Roma, em 1872; morreu em Macerata, em 1888.

1862 — P. FR. FIDELIS DE AVOLA (Syracusa); nasceu em 1829; Prefeito; Capellão militar; falleceu no Rio, a 2 de Setembro de 1896, como Vigario Apostolico do Paraguay e Commissario Geral.

1862 — P. FR. LUDOVICO DE MAZZARINO (Syracusa); catechizou no Pará, depois em Minas; foi preféito na Bahia, em 1887.

1862 — P. FR. GABRIEL DE MONSANVITO (Marcas); missionou muito na Bahia, onde falleceu em 23 de Janeiro de 1878, em Itaparica.

1862 — P. FR. JUSTINO DE MONSANVITO (Marcas); esteve na Bahia até 1869, onde pregou 86 missões; foi a Europa e de lá voltou; em 1881 foi mandado para a Italia de novo; falleceu em Roma em 1883.

1862 — P. FR. FIDELIS DE FOGNANO (Marcas); nasceu em 1831; fundou em Pernambuco a Colonia S. Isabel; em 1892 voltou para a Provincia; falleceu a 24 de Maio de 1894.

1862 — P. FR. CASIMIRO DE MITELLO (Syracusa); missionou em Pernambuco, Alagoas e Bahia; trabalhou na Villa S. Rita; egressou da Ordem em Junho de 1883.

1865 — P. FR. ANTONIO DE GANGI (Messina); nasceu em 1835; catechizou Piabanha; falleceu a 24 de Março de 1915 (?).

1865 — P. FR. JERONYMO DE MONTEFIORITO (Marcas); nasceu em 1831; Capellão (Major) militar; missionou no Rio, Ceará, Sergipe, Pernambuco e Bahia, onde morreu em 1900, a 25 de setembro.

1865 — P. FR. JOSE' MARIA DE LORO (Marcas); catechizou Tijuco Preto (S. Paulo) e no Maranhão, onde fundou as aldeias de S. Pedro e Canna Brava; falleceu em 1884, na Barra do Corda.

1865 — P. FR. LUIZ DE CIMITILE (Nápoes); catechizou o aldeamento de S. Jeronymo no Paraná; voltou depois de 1882; escreveu alguma cousa sobre a missão.

1865 — P. FR. SABINO DE RIMINI (Marcas); nasceu em 1835; catechizou

no Araguaya; voltou para a Província; fall. em Fano, em 1918.

1866 — P. FR. CARMELO DE MAZZARINO (Syracusa); catechizou no Pará; falleceu no seu aldeamento, em 25 de Março de 1870, como um santo.

1866 — FREI EGYDIO DE MAZZARINO (Syracusa); na Bahia.

1866 — P. FR. JOSE' MARIA DE BOLOGNA, na Bahia; voltou.

1866 — P. FR. GABRIEL DE BARRA (Napoles); nasceu em 1838; na guerra do Paraguay; falleceu no Rio, em 1915.

1866 — P. FR. SALVADOR DE NAPOLES; prefeito apostolico interino; na guerra do Paraguay, Titular do Imperio, por D. Pedro e depois Bispo de Bovino. em Napoles.

1866 — P. FR. GABRIEL DE APECCHIO (Umbria); no Rio; voltou em 1869 e faleceu em 1900.

1866 — FREI JOÃO BAPTISTA DE COGNA (toscano); nasceu em 1831; esteve na Bahia, onde morreu, em 1896.

1867 — P. FR. VIRGILIO DE AMBLAR (Tyrol); esteve nos aldeamentos de Minas; percorreu o Sul; falleceu em Santa Maria de Sussuahy, entre 1875 e 1878.

1867 — P. FR. PEREGRINO DE PESARO (Marcas); esteve até 1870 na Bahia; depois no Maranhão; em 1882 embarcou em Pernambuco para a Europa; falleceu em Roma, em 1898.

1867 — P. FR. PAULINO DE FOGNANO (Bolonha); nasceu em 1835; esteve na Bahia e em S. Paulo; falleceu na Bahia, em 1899, a 24 de setembro.

1867 — P. FR. AFFONSO DE BOLO-NHA, em Pernambuco; prefeito na Bahia, voltou em 1887.

1867 — FREI FRANCISCO DE ANSALVO (Abruzzos).

1867 — P. FR. SANTE DE BRISIGHELLA (Bolonha); falleceu na Bahia, em Dezembro de 1870, com 38 annos, a 2 de dezembro.

1867 — FREI MIGUEL DE APIRO (Marcas); falleceu em Pernambuco, a 22 de Fevereiro de 1887.

1868 — P. FR. JOAQUIM DE CANICATTI, ou PALERMO; foi Capellão (alferes) na guerra do Paraguay; cate-

chizou em Minas e voltou em 1880; falleceu em 1905.

1868 — P. FR. ESTEVAM DA HUNGRIA, DE VICENCIA (Veneza); director da Colonia do Alto Itajahyassú (S. Catharina, em Maio de 1868); explorou o sertão de S. Catharina em 1869 com P. Fr. Virgilio de Amblar; veio para a Bahia, mui irabalhno no Limoeiro, de onde foi tirado em 1877; falleceu em 1878, 1 de maio, na Bahia.

1868 — P. FR. GREGORIO DE PRATO (Toscano); Capellão da marinha; falleceu no Rio, a 8 de Abril de 1895.

1869 — P. FR. AMERICO DE PRAGA (Tyrol); Capellão (em 1879) dos allemães em Juiz de Fóra. ergueu a igreja de N. S. da Gloria; secularizou-se e falleceu em Juiz de Fóra, em 1885.

1869 — P. FR. CARLOS DE BAGNORE (Lombardia); na Bahia, onde ainda estava em 1881.

1869 — P. FR. JOÃO DE GANGI (Messina); voltou em 1883; falleceu em 1905.

1869 — P. FR. JOÃO EVANG DE MONTE MARCIANO (Marcas); nasceu em 1843; na Bahia em 1872; foi a Cannedos para apaziguar os revoltosos em 1895; morreu na Bahia, a 12 de abril de 1921.

1869 — P. FR. MIGUELANJO MARIA DE TROIINA (Messina); catechizou em Minas; voltou em 1873. doente.

1869 — P. FR. SERAPHIM DE GORIZIA (Milão); nasceu em 1829; catechizou Itambacury, Minas.

1869 — FREI BARTHOLOMEU DE SCURZOLA (Abruzzos).

1869 — FREI BERNARDO DE SAS-SOFERRATO (Marcas); falleceu na Bahia a 1 de Agosto de 1881.

1870 — FREI FRANCISCO DE SALSALBO (Parma); Pernambuco.

1870 — P. FR. CAETANO DE MESSINA (Sobrinho); Pernambuco; chegou a 8 de Fevereiro; grande missionario.

1870 — P. FR. MIGUELANGELO DE BURGIO (Sicilia); esteve no Pará e foi para o Araguaya; voltou doente para a Província, em 1874; e depois foi para a Syria e Canea.

1870 — P. FR. JOÃO DE S. SEVERINO (Marcas); na Colonia Isabel; voltou em 1874 e morreu em Jesi em 1900.

1870 — P. FR. PELINO DE CASTROVAL (Abruzzo); catechizou em Bacabal, no Pará; voltou para a Provincia em 1882.

1870 — P. FR. CANDIDO D'HEREMENCE (Suissa); assassinado no Pará. no anno de 1874, janeiro ou fevereiro.

1870 — P. FR. LOURENÇO DE SAS-SOFERRATO (Marcas); missionou na Bahia, e em 1888 em Pernambuco, 26 annos e morreu em Pernambuco em 1896.

1871 — P. FR. CELESTINO DE PEDAVOLI (Calabria). em 1872 prefeito no Maranhão e em 1876 em Pernambuco; falleceu em 1910.

1871 — P. FR. LUIZ DE PIAZZA (Syracusa); catechizou no Pará; na guerra do Paraguay; falleceu no Rio, em 1909.

1871 — P. FR. ANTONINO DE ALBANO (Romano); talvez viera em 1869; catechizou em Bacabal; voltou em 1880.

1871 — P. FR. BRAZ DE CENTO (Bolonha); missionou no Pará; falleceu em dezembro de 1871.

1871 — P. FR. ANGELO DE SAS-SOFERRATO (Marcas); missionario em Itambacury, (Minas), onde falleceu em 1926.

1871 — P. FR. MARIANO DE VENEZA.

1871 — FREI FRANCISCO MARIA DE VICENCIA (Veneza), voltou em 1879.

18.. — P. FR. DANIEL DE CARDINALE (Calabria); falleceu em 1881.

1872 — P. FR. CASSIANO DE GOMACCHIO (Bolonha); Pernambuco.

1873 — P. FR. PASCHOAL DE VARSOVIA (polaco); em Pernambuco, na Colonia Isabel, depois na Bahia; falleceu em 1902.

1873 — P. FR. CLEMENTE DE LEONISSA (Umbria); em Papacaça, Pernambuco; falleceu na Penha, em 19 de setembro de 1905.

1873 — P. FR. PEDRO DE BORGODE TERZO (Milão); na Colonia S. Isabel, Pernambuco; falleceu em viagem de volta, em Lisboa, a 22 de Dezembro de 1882.

1875 — FREI AGOSTINHO DE BARBERINO (Romano); em Pernambuco, onde falleceu em 1895, 13 de janeiro.

1875 — FREI JOSE' DE BORDALONE (Romano)

1876 — P. FR. BERNARDINO DE NAPOLES, fôra antes para a Grecia; esteve algum tempo em S. Pedro de Alcantara, no Paraná; falleceu no Rio em 18 de Julho de 1881.

1878 — P. FR. SERAPHIM DE FOS-SOMBRONE; catechizou no Pará e em Minas.

1878 — P. FR. ANTONINO DE RESCHIO (Umbria); catechizou Bacabal, Pará; em 1882, voltou para a Provincia; em 1883, foi para o Chile; morreu em 1906.

1878 — P. FR. ARCHANJO DE SEGNI — Para a Bahia com o P. Fr. Reschio.

1881 — P. FR. FRANCISCO DE S. PHILIPPE (Messina); veiu do Chile; na Colonia Isabel, em Pernambuco; voltou para a Provincia em 1882.

1883 — P. FR. SILVERIO DE RABBI (Trentino); Rio e Colonia Isabel; falleceu em S. Paulo, a 16 de Julho de 1918, com 71 annos de idade.

1885 — P. FR. FRANCISCO DE ALATRI (Romno); Pernambuco.

1885 — P. FR. EUGENIO MARIA DE SORTINO (Syracusa); falleceu no Rio em 26 de Maio de 1886.

1885 — P. FR. FAUSTINO DE GRUMES (Trentino); Colonia Isabel; em 1890 estava em S. Paulo com breve de secularização.

1885 — FREI FELIX DE ALATRI (Toscana); Colonia Isabel; falleceu em 1892.

1885 — FREI VICENTE DE S. THIAGO (Trentino); Colonia de Isabel e S. Paulo; falleceu em Taubaté, em 1931.

1885 — FREI PASCHOAL DE BOLO-NHA, veiu da Inghaterra para Pernambuco, onde morreu em 1907.

- 1885 — FREI EGYDIO DE MAZ-ZARINO (Syracusa); no Rio de Janeiro; voltou em 1891; veiu de novo em 1897.
- 1889 — P. FR. FELIX DE LA VALLE (Trentino); para S. Paulo; falleceu a 12 de Setembro de 1903; em São Paulo.
- 1889 — P. FR. LUIS DE S. THIA-GO (Trentino); para S. Paulo; voltou para a Provincia em 1901 e faleceu em 24 de Julho de 1910.
- 1889 — FREI VIRGILIO DE TREN-TO, falleceu a bordo, em 12 de Setem-bro do mesmo anno.
- 1889 — FREI CAETANO DE PIE-TRAMURATA (Trentino); morreu em Piracicaba, em 4 de Maio de 1917.
- 1890 — P. FR. GREGORIO DE RU-MO (Trentino) voltou para a provincia em 1920 e falleceu a 3 de novembro de 1927.
- 1890 — P. FR. MANSUETO DE VAL-FLORIANO (Trentino); morreu em Taubaté, a 1 de Fevereiro de 1921, com 58 annos.
- 1890 — FREI BENJAMIN DE VIGO MEANO (Trentino); voltou para a Provincia em 1911, onde falleceu em 1913.
- 1890 — P. FR. DANIEL DE S. MA-RIA (Trentino).
- 1890 — P. FR. VIRGILIO DE BRE-GUZIO (Trentino).
- 1890 — FREI ANTONIO DE DRENA (Trentino); voltou para a Provincia em 1905.
- 1891 — FREI JOSE' DE CASSANA (Trentino).
- 1892 — P. FR. CHRISPIM D ERAL-LO (Trentino); estivera antes na Me-sopotamia; voltou para a Provincia em 1913, onde falleceu a 24 de Maio de 1916.
- 1892 — P. FR. VITO DE MARTI-NGENGO (Milão); em Pernambuco.
- 1892 — P. FR. MANSUETO DE PE-VERANZA (Milão).
- 1892 — P. FR. SAMUEL DE S. SE-REGNO (Milão).
- 1892 — P. FR. EMILIANO DE BRES-CIA (Milão).
- 1892 — P. FR. CARLOS DE S. MAR-TINHO (Milão).
- 1892 — P. FR. AFFONSO DE CAS-TROLENCO (Milão).
- 1892 — FREI PAULO DE TRES-CORRE (Milão), falleceu em Pernam-buco em 1934.
- 1892 — FREI DANIEL DE CLUSO-NE (Milão).
- 1892 — P. FR. CAETANO DE PO-TENZA (Prov. Picena); na Bahia, fall. na Bahia em 1894.
- 1892 — FREI VICTORINO DE SA-BIETTA (Prov. Picena); falleceu na Bahia, logo em 1892.
- 1894 — P. FR. POLYCARPO DE LE-VICO (Trentino); falleceu em Piraci-caba, em 1923.
- 1894 — P. FR. BERNARDINO DE LAVALLE (Trentino).
- 1894 — P. FR. CELESTINO DE VI-GO BASELGA (Trentino); falleceu em Piracicaba, a 15 de Julho de 1916, com 48 annos.
- 1894 — P. FR. RICARDO DE DEN-NO (Trentino).
- 1894 — FREI PEDRO DE COMA-SINE (Trentino).
- 1894 — FREI JUCUNDO DE MA-LOSCA (Trentino); egressou em 1908.
- 1894 — P. FR. GABRIEL DE GA-GLIO (Picena); Bahia; falleceu aqui a 1 de abril de 1925.
- 1894 — P. FR. CAETANO DE S. LEÃO (Picena); pregou 212 missões, 44 retiros, ergueu capellas, abriu cemite-rios; falleceu na Bahia em 4 de Novem-bro de 1923.
- 1894 — P. FR. FRANCISCO DE RE-CANATI (Picena); voltou em 1896.
- 1894 — P. FR. JOÃO BAPTISTA DE CINCOLO (Picena).
- 1894 — FREI ANGELO DE GAGLIO (Picena), fall. na Bahia em 1913.
- 1894 — P. FR. ESTEVAM DE SEXTO (Milão); Maranhão.
- 1894 — P. FR. ZACHARIAS DE MA-LEGNO (Milão).
- 1894 — P. FR. JOÃO PEDRO DE SEXTO (Milão); construiu a casa de Fortaleza e a de Belém; instituiu as

- Terceiras Franciscanas; deu impulso ao Prata e á casa de Ourem; muito estimado; falleceu em Fortaleza, em 1914.
- 1894 — P. FR. CELSO DE PUDOLDO (Milão).
- 1894 — P. FR. DAVID DE DESENZANO (Milão).
- 1894 — P. FR. RINALDO DE PAULO (Milão).
- 1894 — FREI VICENTE DE S. HOMOBONO (Milão).
- 189 — FREI SALVADOR DE ALBINO (Milão).
- 1895 — P. FR. AGOSTINHO DE S. ANDRE' (Picena), na Bahia; voltou em 1899.
- 1895 P. FR. JOSE' DE MONDAVIO (Picena), falleceu na Bahia em 1897.
- 1895 — P. FR. LOURENÇO DE FRONTALE (Picena); f alleceu em 1897.
- 1895 — FREI SERAPHIM DE CAMPOROTONDO (Picena).
- 1895 — FREI DOMINGOS DE PIETRARUBEA (Picena); falleceu na Esplanada, em Junho de 1927; mui trabalhador; em 1922 inutilizado em uma queda.
- 1896 — P. FR. HILARIO DE LODI (Milão); no Maranhão. Voltou para a Provincia em 1914; falleceu lá em 21 de Julho de 1918.
- 1896 — P. FR. AGOSTINHO DE CARPIGNANO (Milão):
- 1896 — P. FR. VICTOR DE BERGAMO (Milão).
- 1896 — FREI SSERAPHIM DE PISONE (Milão).
- 1896 — FREI ANGELICO DE VILLA QORTESE (Milão).
- 1897 — P. FR. ROSARIO DE NAPOLLES (Napolitano) em Pernambuco.
- 1897 — P. FR. EMILIO DE NAPOLLES (Napolles).
- 1897 — P. FR. CARMELO DE NAPOLLES (Napolles).
- 1897 — FREI SERAPHIM DE NAPOLLES (Napolles).
- 1897 — P. FR. EUGENIO DE COMISO (Syracusa), no Rio de Janeiro.
- 1897 — P. FR. JOSE' DE CASTRO-
- GIOVANNI (Syracusa).
- 1897 — FREI EGYDIO DE MAZZARINO (Syracusa).
- 1897 — FREI FRANCISCO DE MAS-CALUCIA (Syracusa).
- 1897 — P. FR. BOAVENTURA DE ALDENO (Trentino); S. Paulo.
- 1897 — P. FR. FERNANDO DE SEREGNANO (Trentino).
- 1897 — P. FR. DAMIAO DE GRUMES (Trentino); falleceu em S. Paulo em 1927.
- 1897 — P. FR. VICTORINO DE MALE' (Trentino); voltou para a Provincia em 1920 e lá falleceu em Outubro do meamo anno.
- 1897 — P. FR. CASIMIRO DE AN-DILLY (Saboia); Rio Grande do Sul; falleceu em Lousanne com 30 annos, em 1899.
- 1897 — P. FR. EDMUNDO DE NAVES (Saboia).
- 1897 — P. FR. MANUEL DE CHAM-BERY (Saboia)
- 1897 — FREI HILARIO DE LAUS-LEVILLARD (Saboia).
- 1898 — P. FR. ROBERTO DE CASTELLANZA (Milão); Maranhão; Prelado de Grajahú; Bispo de Comacho, fallecido em Novembro de 1927.
- 1898 — P. FR. MATHIAS DE BERGAMO (Milão).
- 1898 — FREI CLER. DANIEL DE SAMARATE (Milão); fallecido em 1924.
- 1898 — FREI CLER. CYRILLO DE BERGAMO (Milão).
- 1898 — FREI CLER. ABEL DE BRIGNANO (Milão).
- 1898 — FREI JOÃO MARIA DE MALEGNO (Milão).
- 1898 — FREI DAMASO DE INSA-GO (Milão).
- 1898 — FREI CYRILLO DE SORAGA (Trentino); S. Paulo, voltou para a Provincia em 1905.
- 1899 — P. FR. CAETANO DE COMISO (Syracusa); Rio de Janeiro; voltou em 1926.
- 1899 — FREI LUIZ DE MAZZARINO (Syracusa).

1899 — P. FR. EUGENIO DE BO-CENAGO (Trentino); S. Paulo; voltou para a Província em 1904.

1899 — P. FR. ROMEDIO DE FONDO (Trentino); voltou para a Província em 1901 e falleceu a 5 de Maio de 1902.

1900 — P. FR. CAMILLO DE VALDA (Trentino); S. Paulo; voltou para a Província em 1928.

1900 — P. FR. SYLVESTRE DE KOSCIENSKO (Prov. Galliciana); Rio Grande.

1900 — P. FR. HONORATO DE PRZEMYSL (Galliciano); Rio Grande.

1900 — P. FR. CAMILLO DE CRISPIERO (Picena); Bahia.

1900 — P. FR. INNOCENCIO DE APIRO (Picena).

1900 — P. FR. FORTUNATO DE TREIA (Picena), falleceu a 19 de ou-

tubro de 1930.

1900 — P. FR. ANGELO DE MONTERUBBIANO (Picena).

1900 — FREI CAETANO DE ASCOLI (Picena).

1900 — P. FR. ANGELICO DE CAMPORA (Napolitano); Pernambuco.

1900 — P. FR. DANIEL DE NAPOLES (Napolitano).

1900 — P. FR. GAUDIOSO DE GIULIANO (Napolitano); falleceu em Garanhuns, em 21 de Novembro de 1922, em visita pastoral; missionario incansavel.

1900 — FREI COLOMBO DE CRAVA (Milão); Maranhão.

1900 — P. FR. FRANCISCO DE PETRAGLIA (Syracusa); Rio de Janeiro; falleceu no Rio em 1902.

1900 — FREI ANTONINO DE GANGI (Syracusa).

Cumpre-me consignar aqui meus agradecimentos aos distintos collegas, R. P. Fr. Placido de Descalvado e R. P. Fr. Agnello de Guimarães os quaes em Roma, muito me auxiliaram nesta humilde homenagem que tentei prestar aos nossos gloriosos missionarios capuchinhos no Brasil.

INDICE

| | |
|---|------------|
| O Brasil missionado | 6 |
| <i>Os Capuchinhos no Brasil</i> | 11 |
| Tentativa de Missão | 11 |
| A viagem para a Missão | 13 |
| Novos missionarios | 19 |
| Lucta e expulsão | 22 |
| <i>Capuchinhos Bretões</i> | 26 |
| Os Hollandezes no Brasil | 26 |
| Da Guiné para Pernambuco | 28 |
| O trabalho desses missionarios | 30 |
| A imagem de N. Senhora da Penha | 32 |
| Capuchinhos entre os patriotas | 33 |
| O trabalho de catechese | 37 |
| Capuchinhos francezes no Rio | 41 |
| O hospicio dos Francezes na Bahia | 48 |
| O juramento de fidelidade ao Rei | 49 |
| Os Francezes deixam o Brasil | 52 |
| O hospicio dos Francezes em Lisboa | 55 |
| <i>Capuchinhos Italianos no Brasil</i> | 58 |
| Ao Congo e Angola pelo Brasil | 61 |
| Apostolado nas viagens | 68 |
| Capuchinhos italianos no Brasil | 70 |
| O primeiro Capuchinho brasileiro | 76 |
| Quantos e quaes os nossos hospedes | 76 |
| Um hospicio na Bahia | 88 |
| Os dois hospicios em Lisboa | 98 |
| <i>Missionarios do Brasil</i> | 104 |
| Nota sobre documentos | 105 |
| Missionarios enviados á Bahia | 108 |
| A igreja e o hospicio da Piedade | 114 |
| Os capuchinhos de Lisboa | 117 |
| Dias amargos para os missionarios | 119 |
| Um Capuchinho abolicionista | 120 |
| Missionarios da Penha | 124 |
| Uma dispersão dolorosa | 132 |

| | |
|---|-----|
| <i>Os Capuchinhos italianos no Rio</i> | 135 |
| Sob a prefeitura da Bahia | 135 |
| A Missão elevada a prefeitura | 141 |
| O novo hospício | 143 |
| Aldeias de S. Fidelis e da Pedra | 148 |
| Os Missionarios mudam residencias | 154 |
| Ultimos annos de prefeitura do Rio | 159 |
| O Missionario do Matto Grosso | 160 |
| A dispersão dos missionarios do Rio | 164 |
| Um Missionario observador | 167 |
| <i>Missão official dos Capuchinhos</i> - (1840) | 170 |
| O trabalho dos missionarios | 174 |
| Reorganisação das Missões | 176 |
| O trabalho dos nossos missionarios | 178 |
| <i>Os Missionarios nas provincias</i> | 180 |
| Missionarios no Rio de Janeiro | 180 |
| Os Missionarios em Minas Geraes | 188 |
| Em busca dos selvicolas | 192 |
| Em Itambacury | 194 |
| Na provincia de S. Paulo | 196 |
| No Seminario de S. Paulo | 200 |
| Missionarios no Matto Grosso | 203 |
| Missionarios em Goyaz | 209 |
| Um Missionario de destaque (Fr. Sabino) | 212 |
| Na provincia do Espirito Santo | 215 |
| Missionarios na prefeitura da Bahia | 216 |
| Na vice-prefeitura de Sergipe | 219 |
| Na Bahia em busca dos selvagens | 221 |
| Os Missionarios em Pernambuco | 224 |
| O P. Frei Caetano de Messina | 227 |
| O glorioso Bispo de Olinda | 234 |
| Os Capuchinhos no Maranhão | 237 |
| Missões no Pará e Amazonas | 239 |
| Na provincia do Ceará | 244 |
| Crepusculo deste periodo missionario | 245 |
| <i>Os Missionarios na Republica</i> | 248 |
| A missão dos Capuchinos Trentinos | 251 |
| No Estado do Maranhão | 253 |
| Os Capuchinhos Lombardos no Ceará | 255 |
| No Estado da Bahia | 255 |
| No Rio Grande do Sul | 257 |
| No Rio de Janeiro | 258 |
| No Estado de Pernambuco | 258 |
| Hontem e hoje | 258 |
| Elenco dos Missionarios Capuchinhos | 260 |
| Indice | 283 |

30-

YC 44590

M519495

BX3114
B8Ps
1937

